

1 2 9 0



UNIVERSIDADE D
COIMBRA

Daísa Rizzotto Rossetto

ATRAÍDA PELO DESCONHECIDO
O SER ANIMAL EU DE *ÁGUA VIVA*

**Tese de Doutoramento em Literatura de Língua Portuguesa
orientada pelo Professor Doutor Osvaldo Manuel Silvestre e
apresentada ao Departamento de Línguas, Literaturas e Culturas
da Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra.**

Março de 2022

Faculdade de Letras
da Universidade de Coimbra

ATRAÍDA PELO DESCONHECIDO

O ser animal eu de *Água viva*

Daísa Rizzotto Rossetto

Tese de Doutoramento em Literatura de Língua Portuguesa orientada pelo Professor Doutor Osvaldo Manuel Silvestre e apresentada ao Departamento de Línguas, Literaturas e Culturas da Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra.

Março de 2022



FACULDADE DE LETRAS
UNIVERSIDADE DE
COIMBRA

DEDICATÓRIA

Para

Caroline Ferri, ou a Carol,

Para que as esperanças não fiquem à porta.

Agradecimentos

Quantos passarinhos socorremos na varanda, Mamma? Quantas vezes você me chamou para ver que os tucanos apareciam, para ver beija-flores e pica-paus, ou o gato dormindo no telhado... Meu pai, curioso, folheou e leu os primeiros livros, quando comecei com essa história de Direito dos Animais. A eles, Mamma e Pai, por serem parte, por me ajudarem a ir com aquilo que sou, por aprenderem a confiar nisso. A eles e aos meus irmãos Diego e Diane, que respeitam as escolhas que fiz, por estarem abertos e curiosos ao meu veganismo e ao meu modo de ser no mundo, por se aventurarem a conhecer a experiência vegana. Obrigada por serem parte da minha vivência e pelos passos trocados, pelos dias e pelas lembranças. Aos meus sobrinhos, Pedro Ricieri, Jorge Luis e Valentim, que me ensinam sobre coisas da vida e sobre brincar e correr e voar.

Aos amigos tantos, que fazem valer a vida só por saber que eles existem.

Entre tantos que devem aqui ser lembrados...

Lauro, obrigada pelo amparo e incentivo no início desta aventura. E obrigada, pela Julieta e por ter podido ser parte dessa história de resgate e lar, de proteção e amor.

Querida Mara, chegando ao fim deste ciclo, eu a vejo ainda naquele primeiro encontro. Você estava lá na primeira vez que falei sobre Direito dos Animais. E desde então tem estado presente como referência de inspiração e de afeto, de esperança e resistência. Você trouxe uma dimensão mais humana para a universidade, porque o conhecimento acadêmico é só uma parte e os elos ainda são maiores. Obrigada por me ensinar tanto, obrigada pela amizade.

As colegas acadêmicas presentes no diálogo desde a graduação, na iniciação científica, em especial a Jéssica. Mas também a todos aqueles que foram cruzando meu caminho e me ensinando e compartilhando experiências.

A cidade e a Universidade de Coimbra pelas vivências, pela experiência e pelo que aprendi sobre ser no mundo. Vinda do direito, aprendi muito com os colegas do doutoramento. Agradeço em especial ao Daniel, que muito me ajudou quando cheguei à Faculdade de Letras. A Sebastiana, mana querida, elo de carinho e afeto, uma amiga da Universidade de Coimbra que levo para a vida. Ao programa de Doutorado em Literatura de Língua Portuguesa e aos professores que dividiram o conhecimento, em especial ao meu

orientador, Professor Osvaldo Manuel Silvestre, por ter acolhido o tema da tese, por ser fonte de inspiração e reflexão sobre o universo das artes. Por suas aulas, que foram sempre, e são, instantes de emoção.

Agradeço a todos aqueles que tem aberto espaço para os animais e que, ao longe dessa caminhada de estudos, tiveram paciência e me ajudaram a construir algumas ideias que aqui trago.

Agradeço infinitamente pela companhia e atenção das bibliotecárias da Faculdade de Letras e do Colégio São Jerónimo, também as senhoras da limpeza. Elas foram e são um vínculo carinhoso e, certamente, tornaram mais alegres e gentis os meses finais do desenvolvimento da tese.

Ao Chico, a Ruska, Zara (na lembrança), a Lu e a Iasmin por serem, em Coimbra, minha casa, meu lar, meu canto de encontro.

Lucas, incansável no contributo como professor e pesquisador. Você abriu espaço para conversar, clarear as ideias. Obrigada por doar seu tempo para a leitura desta pesquisa, obrigada pela amizade.

Ao Tito por, tão solícitamente, responder ao meu pedido de ajuda nos últimos ajustes da tese.

Às queridas amigas Ana Julia, Sandra, Peilin e Ana, pela presença e pela sorte do encontro da amizade. Ao amigo Eliezer, pelas conversas e fotografias. Aos amigos imaginários, Patrícia e Thales dos cafés entre risos e choros e conversas sem fim no bar ao traço da amizade genuína.

Carol, a quem dedico este trabalho e por tudo que fica.

Ao professor Lúcio, com quem aprendo tanto e tanto sobre literatura, arte, filosofia, cinema. Com quem verdadeiramente aprendo sobre olhar a vida, a existência, sobre ter humanidade, afeto e carinho com toda forma de vida. Com você aprendo sobre o respeito, a partilha e a humildade. Obrigada por me lembrar sempre a seguir com o coração e olhar o horizonte com amor.

A Lana, ao Dog, Mel, Pituca, Julieta...

A cada bichinho, cada vivente, cada ser com quem me encontro na vida, que encontro pelo caminho, cada vida que é vida junto comigo.

Pelo caminho da biblioteca para casa, por, tantas vezes, terem sido um encontro de afeto sorridente, agradeço Bê, a Zoe, Lana, Yellow, Zezinho, Clarinha, Romeu e tantos outros, *sem nome*.

A todos os passarinhos do Jardim Botânico, do Rio Mondego, do tempo na Itália, do tempo no Brasil. Aos animais que também são minha dimensão de mundo, que são o voo do meu pensamento.

A literatura por não ser palavras com as quais possa agradecer.

A você Clarice, pelo que continua.

“(…)

Gracias a la vida que me ha dado tanto

Me ha dado el sonido y el abecedario

Con el las palabras que pienso y declaro

Madre, amigo, hermano y luz alumbrando

La ruta del alma del que estoy amando

(…)” (Sosa, 1971)

Resumo

O presente trabalho tem como fio condutor para o seu desenvolvimento, a reflexão curiosa sobre o ser. Naquilo que se considera o ser, de forma mais aproximada, nestas páginas busco pensar sobre o modo como acontece ou se reconhece a relação humano-não-humano. Para isto, parte-se da conjectura cartesiana e, conseqüentemente, como esta, ao longo da história, foi influenciando a modelação do mundo e a vivência entre os seres e a forma como os não-humanos são usados e interpretados pelos humanos. Permeado a tal, observo como esta relação é um estado presente que suscita subjetividades pensantes, ou, em outras palavras, como instiga a arte, o direito, a filosofia e a literatura. Então, no que passa a ser elaborado enquanto um pensar pensante, com Emmanuel Levinas e Jacques Derrida, havemos de considerar a relação do outro e o caráter da alteridade no que se refere ao ser, o totalmente outro, aquele que pertence ao espaço do irreconhecível ou inalcançável do outro e do eu. Por este viés aproximo-me da literatura. E consoante a obra literária aqui referida, esta é fonte central para a reflexão que se irradia a todo trabalho, uma vez que, em seu âmago, está uma perspectiva outra quanto ao ser em sua existência, que acontece nele mesmo. Logo, como sustentação e referência que solidifica e encaminha as reflexões aqui elaboradas, o livro *Água viva* (1973), de Clarice Lispector, faz-se como um universo aberto para observar e deixar-se ser observado pelo ser que acontece para além ou aquém do pensamento. Em *Água viva* encontramos o ser em relação, em condição existencial, que vai muito além da medida interposta pelo antropocentrismo, estruturado na racionalidade expressada pela palavra.

Palavras-chave: Ser; outro; alteridade; humano-não-humano; *Água viva*.

Abstract

The present work has as a guiding thread for its development the curious reflection on being. In what is considered the being, in a more approximate way, in these pages I try to think about how the human-non-human relationship happens or is recognized. For this, it starts from the Cartesian conjecture and, consequently, as this, throughout history, has influenced the modeling of the world, the experience between beings, and the way non-humans are used and interpreted by humans. Permeated with this, I observe how this relationship is a present state that raises thinking subjectivities, or, in other words, how it instigates art, law, philosophy and literature. So, in what happens to be elaborated as a thoughtful thinking, with Emmanuel Levinas and Jacques Derrida, we will have to consider the relationship of the other and the character of alterity concerning to being, the totally other, the one who belongs to the space of the unrecognizable or unreachable by the other and the self. This is why I approach literature. According to the literary work referred to here, this is a central source for the reflection that strays from every work, since, at its core, there is a different perspective on being in its existence, which happens in itself. Therefore, as a support and reference that solidifies and guides the reflections elaborated here, the book *Água viva* (1973), by Clarice Lispector, is made as an open universe to observe and let oneself be observed by the being that happens beyond or below of thought. In *Água viva* we find the being in relation, in an existential condition, which goes far beyond the measure interposed by anthropocentrism, structured in the rationality expressed by the word.

Keywords: Being; other; otherness; human-non-human; *Água viva*.

Índice

Agradecimentos	3
Resumo	6
Abstract	7
Prólogo – Carta conversa para Clarice	9
Introdução	14
1. Ser vivente: Entre coisa e expressão	22
1.1. O animal do animal – Notas breves e escolhas filosóficas	22
1.1.2. A dimensão do outro	33
1.1.2.1. Levinas e alteridade	33
1.1.2.2. Derrida e o totalmente outro	37
1.2. A literatura (pensante) como alteridade	42
1.2.1. O direito: Da interpretação aparente	43
1.2.2. (N)A arte da expressão do outro	45
1.2.3. A literatura como pensamento do ser	50
2. A possibilidade íntima na obra de Clarice Lispector	59
2.1. Literatura: <i>Fuga</i> narrativa? Encontro no outro? Eu?	61
2.2. Alteridade em Clarice Lispector:	70
2.3. Intimidade: Eu animal	80
3. O toque de <i>Água viva</i>	95
3.1. Historicidade da obra: “Atrás do Pensamento” e “Objeto Gritante”	96
3.2. Entre livros: <i>Uma aprendizagem ou o livro dos prazeres</i> e <i>Um sopro de vida</i> , <i>Água viva</i> pelo meio	100
3.3. <i>Água viva</i> na pintura de quem escreve	107
3.4. O título	109
3.5. Desagues de <i>Água viva</i>	110
4. Em mar aberto: <i>Água viva</i>	113
4.1. <i>Água viva</i> e o espaço existencial	113
4.2. A propósito de ser	116
4.3. Ser escrito: O animal eu de <i>Água viva</i>	125
Conclusão para o inconclusivo	141
Bibliografia	149
Apêndice – Texto de apresentação às provas de doutoramento	152
Obras Citadas no texto de apresentação	158

Prólogo – Carta conversa para Clarice

É (e foi) terça-feira, quase 21 horas da noite. Começa a escurecer, a noite surge. Os pássaros ainda cantam, escrevo com as luzes apagadas. Seria este o seu instante? Estar diante do outro?

Não há máquina de escrever, nem letras pousadas ao colo. Ao redor seu nome alastra lombadas e páginas. São livros e a tela que esparramam a forma in-concedida de ditar o mundo, de ditar o indizível por onde duplicam-se modos sequenciais que, de alguma forma, querem pegar, desdobrar, aproximar e compreendê-lo. Mas não há concessão. E a vida que pensa escapa, está lá, atrás.

Permanece o que é incompreensível, instante que diz e mais nada. E as teorias, as análises, críticas e possibilidades interpretativas, da psicanálise à mística, tentam, mas não alcançam. Servem de brisas mansas para o sopro corrente, desfeito de origem ou de chegada – ou de explicação. Sopro inconclusivo, indizível e imemorial que avassala e arrasta a condição existencial. Leio-as, listo os estudos, abro artigos com seu nome e nada parece realmente alcançar o que foi sublinhado, principalmente em *Água viva*. Dito de outra maneira, pelo critério objetivo, lógico e *certo*, aproximo-me das teorias, das análises, das aulas, mas nada, ou quase nada, parece reter ou suportar a expressão da *sua* palavra. Então, seria prepotência demais pensar que chegarei em algum lugar se alinhar um traço objetivo ou uma compreensão.

E limitar uma conclusiva compreensão seria assinar um rótulo vazio que no seu âmago garantiria que não compreendi nada. O que vale ainda é a experiência pela experiência, a aproximação pela curva incorpórea de outro eu em um eu sem eu, que não se estabelece humana-não-humana, e ao mesmo tempo não deixa de sê-las.

Sabe Clarice, acho que sim que você sabe, isso que é saber de sentir... Sobre essas horas valiosas, as horas sem as horas. A observação dos pássaros, as camadas em cores de aquarela e giz e as letras lendo-se, cada encontro lido lendo cada coisa existente ao entorno de nós, de si, ainda de si... Foram em horas assim que se fez a aproximação que flui para, talvez, tocar o entrelace humano-não-humano. Pensando bem, o ser.

Sabe ainda... Com tanto que tenho lido, com tanto que tenho por aí andado entre bichos em mim aninhados, não consigo agarrar nenhuma interpretação ou compreensão, são insuficientes. E isto seria então, de fato, assumir o ser.

Mas pode ser que a questão não vá só por aí. Frente a cada obra que atinge a alma nas páginas, não permanece a explicação na moldura. Incalculável a existência, a

possibilidade do ser cresce na dimensão de sentir, lido e desnudado pelo desconhecido. Vínculo da letra de quem a desenhou em quem a leu.

Você Clarice, continua(-me) sem fazer concessões, desdobrando-se como dobra do tempo e do espaço, o mergulho só. Cair na água e ficar, respirar ali, no âmago do mar existencial e infinito. Sopro sem a razão.

Sabe Clarice, há tanto tenho conversado contigo, me ensaiando sobre o que aparece a seguir.

Mas...

E se fosse contextualizar as andanças individuais nas voltas desse mundo que, dizem, caiu de si de repente? Você consideraria as últimas notícias do Brasil e fora dele? O que sabe sobre pandemia, um mundo fechado e reaberto e outra vez fechado e outra vez aberto? O que diria sobre essas máscaras nos rostos e tudo isso? O que faria do futuro?

...Nisso tudo, parece que você continuou esticando o tempo no tempo. Foi com esta falta de modo que, enfim, parece começar a tentativa... Mas, o que estamos tentando fazer afinal?

É que foi assim: o plano mudou e o que estava proposto, abandonado. Lancei as páginas como asas ao céu e se espalharam, eu não vi onde caíram. Passei a ler *des-criteriosamente*, como quem agarra um pedaço de pano e vaga por aí e só. Lancei-me em mares tantos, das tão várias letras, que quase seria possível fazer o registro em anos, mas martelar ou rotular a caminhada seria poluir a experiência. Pois foi assim, sem critério, que cai percebendo *outro* universo feito das mesmas páginas. Foi como conhecidos que passam na rua, sem se notar. E por acaso, em algum momento, re-enxergam o que já era visto.

Estivera ali, então, um mundo outro, existência no horizonte aberto, os outros animais, todo ser vivente. Ali pedaços instigáveis ruminados no parapeito da janela, sucumbindo a queda de um entre mutável humano-não-humano. O tanto intrincado intrínseco da literatura, máximas mínimas que movimentam intenções descritas, brotam páginas seguintes.

E numa volta andarilha, na quase talvez extensa desordem, sem bater em portas, adentrei em mundos conhecidos e encontrei lá o que ainda era invisível, o não enxergado. Sob o véu principal de alto relevo, latidos, mugidos, miados, ver ser visto. O tempo corroendo roendo o rugir e o que há para considerar em tanto tempo no qual o animal é este que se incorpora diante de mim num instante em que desvio os olhos do café. E ele, silencioso e pleno, negro, olhos densos. Diante de mim, interroga... Como sendo ele enviado de Derrida.

Mas, então, deixa-me dizer ainda...

Porque foram nessas voltas do acaso quando caio em mares que nem sei, um dia, estava eu em *Água viva*. Não tive tempo de chegar à página final. E já estava, entre meus dedos, nas minhas mãos e talvez sob cobertores de um inverno de neve, silencioso e introspectivo de um outro país que me é agora uma nostálgica estada de volta, num canto outro de um mesmo país que você viveu, eu com as mãos molhadas dessa água... Ali era o desdobrado ímpeto oblíquo, palpitando de quase pensar e pouco saber. Era aquele o livro. O livro. De um estranhamento ainda maior, um encontro no desencontro, uma inquietação que se sentia sem nenhuma palavra capaz de redizer.

Li-o, propriamente ao acaso, sem as referências quanto a *história* da história, o que antecedeu a obra publicada, as versões, os contextos de Clarice e as obras paralelas – o que só vim a fazer posteriormente. Até ali era o desnudar-se descoberto no âmago anteriormente pintado, riscado, refeito em versões.

Mas eu já estava afogada respirando. Não pude e não quis lembrar das recomendações sobre não a considerar *objeto de estudo* ou sobre as dificuldades e as sugestões quanto *aos animais de Clarice*.

Mas não é só, porque entre uma face e outra há caminhos interrogativos quanto ao próprio andar. E eu não sei se este é um trabalho sobre você Clarice, pois minha intenção foi sempre cair nos animais, mergulhá-los. Mas, a partir de você, aconteceu, como um instante único, como tudo que me encontra. E esse momento de cair nas águas me aconteceu. E não tem bandeira indicativa de mar, não há demarcações quanto ao eu e o outro, seria mais um *eu outro humano-não-humano* – é um entrelaçamento de tudo ao mesmo tempo agora. E o ser e só.

E agora?

Fui chamando quem poderia ser chamado para entrar junto nesse mar de nadar ao fundo. E com estes, o que dizemos? O que fazer quando um livro começa na vírgula ou quando a frase é o eu que lamenta não ter nascido bicho, Deus, um It, uma planta, um encontro desvelado amor, um encontro nos olhos de um outro, um outro que é eu...?

Clarice, sigo ou seguimos cientes de que vamos pelas beiradas, sem apelo a *condição* – nem mesmo a literária – de compreender, conhecer, alcançar interpretações e significados totais, pois chegar a algum lugar como bônus ou objetivo é permanecer nas bordas.

Água viva lança para além de *alcançar*. Põe para longe da benção canônica, da concretude da sala. Laça-me no que (me) é caro, o desconhecido – tentado e impraticável. *Água viva* acolheu por esse não lugar, desacomodou, desajeitou ainda mais.

E ao final da primeira leitura não havia uma sub-narração dos fatos e temas, havia o indizível do sentido que sentia em ondas e as ranhuras de animais vários, feitos do um sangue indeterminável à espécie, havia o ser acontecendo. *Água viva* arrastou-me e arrasta, sem que, para isso, também houvesse alguma *razão*. O que pode ser é que talvez exista qualquer água funda que ecoa um eco de onda propagada.

E voltando para você Clarice, desde então falamos muito. Às vezes, preciso e peço distância, noutras vezes é você que se afasta. Mas a tenho escutado e não sei se percebeu quando disse sobre esse não entender, sobre não ser demasiadamente percebida a forma de cada frase, cada ato escrito de vida inenarrável. Escapa e atinge ao mesmo tempo. É o instante e é antes de se pensar.

É Clarice... eu a leio e procuro nas telas e quase lamento haver uma única entrevista – mas poderia ser de outro modo, Clarice? Conhecê-la é ler, com sopro de vida. E estar com você ali, respirando a entrelinha.

E entre pássaros e andares de páginas da vida, começo a escrever em atraso com a *realidade* e o suposto tempo feito de *idade* e centenário. Penso em sua entrevista de 1977, para a TV Cultura. Penso nos seus dedos longos, nos olhos caídos, na boca oblíqua e curta, me transformei no cigarro indiferente entre os lábios, lançando para dentro do ar, queimado e tornado cinza em dedos também queimados – quanta arrogância minha, mas foi um lastro para ler em outro modo, uma vez.

Daqui seguimos... talvez mais *encaixáveis*, traçando a rota suposta por onde pode(ría)mos andar – havia escrito que seguiremos de modo prático, mas soou um tanto falso. É melhor que sejamos de verdade, pois também aqui será preciso coragem, não é?

Mergulhemos em *Água viva*. No risco assumido de cair num mar sem fundo e sem borda. Refaço as braçadas que continuarão se repetindo, treinando uma aproximação que não chega, o mergulho é a tinta de um eu mesclado, refeito e desfeito – impúblicável – e transbordante. Talvez o quê escrito daquele em quem é escrito.

Há um rompante e a insinuação não é insinuada, senão escancarada. Interessa que seja escrito, livremente e genuinamente, na escrita totalmente desabituada ao predeterminado da condição, do raciocínio. Eu sei Clarice, eu lembro o que você lembra, “*não interessa a literatura, senão o escrever*”. E onde foi mesmo que você me escreveu isso? Será que eu anotei?

É Clarice... eu reconheço o ser vivente balançando em *Água viva*. Eu reconheço que há a experiência da continuação, não da conclusão. E a continuidade do ser vivente, do animal que batemos asas lambendo focinho.

Os animais estiveram sempre em você, não é? Mas tem notado nestes bichos tantos que nos acompanham? Às vezes a noite é funda, escura de silêncio, e de repente um canto dos ossos ocos canta do telhado, nas antenas de uma televisão que não funciona. Antenas de uma borboleta de desenho infantil, asas invisíveis paradas ao sol do meio dia, no jardim. As cores do gato preto nos olhos dos cães tantos abanando rabos, rindo de nós quando dizemos “entendemos”...

É, eu sei, os animais são parte da sua jornada existencial. E você aceitou humilde ser deles quando eles são do próprio caminho, do próprio instante. Os animais acontecem, estão, agora:¹

¹ Nota: “É que me sinto atraída pelo desconhecido. Mas enquanto eu tiver a mim não estarei só. Vai começar: vou pegar o presente em cada frase que morre. Agora:” (Lispector, 2019a, p. 85).

Introdução

De antemão, havendo necessidade de dar um fundamento como justificação para o acolhimento deste trabalho, então, devo dizer que o prólogo bem representa o condão, sincero e substancial, sobre aquilo que se alterou e se redirecionou na feitura desta pesquisa.

Menciono o prólogo, pois em meados do ano de 2021, com o relógio batendo o tempo irreal, comecei a registrar as palavras daquilo que, àquela altura, parecia ser a única maneira possível. Era como alguém que fazia passos aprendendo a andar. E eu andava então sobre as ondas desse mar de palavras, do humano-não-humano.

Destes ou nestes passos fui encontrando caminhos de conciliação e de encontro enquanto jornada legítima naquilo que mais fortemente parece representar o enlace com esta obra e com os elementos que a ela se unem para a reflexão. Mas a amarração entre os assuntos e questões foi intuitiva, surgindo pela fluidez da condição ou permanência da interrogação. É porque tenho morado neste trabalho.

Quanto à latência da pulsação de onde ressoou o desenvolvimento da trama, ainda se ouve o bramido de um pássaro bicando o vidro, seus ossos ociosos. Ainda abrindo asas e nadando no ar. Há ecos da batida do livro na janela ou nos olhos, no âmago, durante o frio branco do inverno italiano.

Água viva chegou como um fragmento, dizendo, “está aqui o que há tanto tem andado a pensar”. Refletindo, buscando conhecer e ler e saber, e pensar e construir e desconstruir sobre a existência dos animais, sobre a existência da vida no ser. Eis aqui um tanto do que tenho buscado observar e ser-me observada na literatura. E tudo o que não havia encontrado até então. Não de maneira tão genuína, substancial, tão livre e tão fora do padrão utilitário de dizer os animais ou *dizer* a existência.

O invólucro de palavras de tantos anos em que os animais são pensados e colocados a caber num espaço do que é dito: pelas leis, pela sabedoria filosófica, pelo instante imaginário da criação do mundo de um coelho de óculos, de um “era uma vez”, ou pela linguagem.

Neste caminho, no ânimo que o livro de Clarice Lispector despertou, assumi o risco de alterar – drasticamente – o corpo de análise. Ler *Água viva*, desde o primeiro momento, foi um encontro com a possibilidade de, mais do que observar os animais, deixar-me ser observada por eles, de descobrir-me pelo animal eu, batendo asas, neste instante de uma página. Sem com isso correr leituras para dar um sentido e interpretações, numa quase

obrigação pragmática de achar a razão, um objetivo, um fim aos animais ou para dizer o animal, o ser, dizer o eu.

Por outro lado, foi encontrada a redenção de, ao fim, um talvez. Um estar criança-mente crescida ao ponto de aceitar (ou de aceitarmos): Eu não sei. E quanto a ser? Bem, sejamos francos, tentamos o que não será palavra dita:

(...) *Não entendo*. Isso é tão vasto que ultrapassa qualquer entender. Entender é sempre limitado. Mas não entender pode não ter fronteiras. Sinto que sou muito mais completa quando não entendo. Não entender, do modo como falo, é um dom. Não entender, mas não como um simples de espírito. O bom é ser inteligente e não entender. É uma bênção estranha, como ter loucura sem ser doida. É um desinteresse manso, é uma doçura de burrice. Só que de vez em quando vem a inquietação: quero entender um pouco. Não demais: mas pelo menos entender que não entendo. (Não entender in Lispector, 2013a, p. 242)

Água viva deu a mim a permissão explícita de ser ou estar encontrada naquilo que não entendo. Eis a dimensão do ser em si, o âmago da vida que pulsa sem que seja dada a explicar da pulsação.

A partir daí então, vejamos algumas nuances que perpassam o interesse pelo tema em questão.

A intenção de saber sobre os animais começou no direito. E ali ganhou espaço num jorro de leituras filosóficas, referentes à ética, conjecturas práticas, considerações e reconhecimentos, problemáticas socioambientais. Mas, a cada chegada no ponto em que dizia “então é isso”, o modo se refazia logo, numa nova face do mesmo ser, que crescido, não cabia na gaiola em que fora enquadrado como ser circunscrito.

Talvez a maturação pela humildade tenha feito notar o quão arrogante pode ser desconsiderar o espaço da não revelação. Aquilo que o conhecimento quando feito de conhecimento pode encaminhar ao não conhecido e a aceitação do que não sei e não entendo.

Por este mesmo viés, consoante ao que se unirá neste espaço de pesquisa, devo dizer que não sou partícipe do grupo daqueles que inscrevem Clarice Lispector como ídolo. O que tenho é a consideração profunda ao seu universo e a noção do impacto que dele pode ser gerado. E como isso conversa com tons subjetivos, singulares e íntimos do leitor. Pois, meu interesse é por esta palavra que acontece no ser que acontece *sem* a linguagem – a repetição do termo é proposital.

Quanto a caminhada dentro do espaço de pesquisa, minha instigação curiosa, talvez a mais pungente, esteja nos animais e na relação que encontro ou encontramos, que estabeleço ou estabelecemos com eles. Esta é a pedra de toque que tem acompanhado o

tempo de atenção ao espaço existencial enquanto diálogo e relação com o totalmente outro, tão outro que é o próprio eu, desconhecido.

A partir daí, como uma projeção in-sabida, dada ao acaso do encontro com *Água viva*, descortinou-se o âmago de muito do que, sem saber, buscava e refletia sobre esse desconhecido animal como animal em mim. Não fiquei imune a isso, já que o instante se faz no que não se esgota nem com a pesquisa, nem com o grau, nem com o tempo. Mas que de todo modo é um tanto do que se revela no que é escrito como continuação.

Nesse sentido, se for preciso elencar uma justificação para a escolha da obra, então diria que esta não seria a principal ou a óbvia fonte para as investigações sobre a questão animal – do ponto de vista dos estudos literários, como figuras narrativas ou personagens. Entretanto, este livro escancara ou pede atenção ao estado mais latente da existência.

Substancialmente, *Água viva* elabora-se pela expressão do ser. Trata a dimensão do ser em si, sem o elenco pragmático da vida enquanto espécie ou hierarquia condicionante, atrelado como ente que detém o pensamento na palavra enquanto extensão medida do seu pensar: “Será que isto que estou te escrevendo é atrás do pensamento? Raciocínio é que não é. Quem for capaz de parar de raciocinar – o que é terrivelmente difícil – que me acompanhe.” (Lispector, 2019a, p. 45)

Através da intraduzível palavra, *Água viva* mergulha na fonte de dizer tudo, dizendo então o que não será dito, ou não será metrificado pela palavra dita. O ser em si ultrapassa-se na palavra em que é feito ser:

Há uma continuidade que é a vida. Mas este silêncio não deixa provas. Não se pode falar do silêncio como se fala da neve. O silêncio é a profunda noite secreta do mundo. E não se pode falar do silêncio como se fala da neve: sentiu o silêncio dessas noites? Quem ouviu não diz. Há uma maçonaria do silêncio que consiste em não falar dele e de adorá-lo sem palavras. (Lispector, 2013b, p. 30)

No caminho do que é existencial há o vislumbre sobre o desconhecido intrínseco e o encontro com este totalmente outro capaz de observar e antever o eu no desconhecido de mim mesmo. Este é um dos pontos de tão profunda consideração no livro *Água viva*, pertencimento do outro em relação, vinculação entre aquilo que estabelecemos, ou (des)estabelecemos como medida fragmentada entre humano-não-humano.

Por tal viés, este livro afasta qualquer noção conceito do ser. Na contramão desvela o instante de acontecimento sem que seja o *próprio* do humano, mas o que se descobre ou leva a descortinar o *núcleo essencial* do ser. O é.

Eis a tônica onde humano e não-humano, ou talvez seja melhor considerar, humano-não-humano, perdem-se das noções estabelecidas e montadas desde a ascensão do racionalismo e do coroamento da racionalidade como fator de elevação humana. Eis também aí o arrogante empobrecimento da vida. Eis o aspecto que torna tão forte e importante *Água viva*, como diálogo existencial da relação com o outro, para dimensões de mundos e horizontes do ser vivente: “(...) Sou uma árvore que arde com duro prazer. Só uma doçura me possui: a convivência com o mundo (...)” (Lispector, 2019a, p. 50)

E da latência ou da pulsação do que é vivo: “(...) Não encontro resposta: sou. É isto apenas o que me vem da vida. Mas sou o quê? A resposta é apenas: sou o quê. Embora às vezes eu grite: não quero mais ser eu!! Mas me grudo a mim e inextricavelmente forma-se uma tessitura de vida.” (Lispector, 2019a, p. 36)

Feitas as notas devidas quanto ao contexto em que surge a necessidade de conversação ao tempo aqui proposto. Passo a descrever rapidamente como o trabalho será organizado:

No primeiro capítulo, direciono a atenção ao que dá entrada para conversar com as vozes da literário, especificamente com a obra de Clarice Lispector, à conjectura histórica da relação humano-não-humano. Preponderantemente, no que já é bastante conhecido do racionalismo cartesiano e da pragmática consolidação da vida em termos escalonáveis de quem é mais ser que o ser. Trata-se da métrica mecânica da existência e a racionalidade como fatores determinantes na consideração existencial e no afastamento entre seres viventes, humanos-não-humanos.

Aqui, Levinas e Derrida são lidos como elos para um caminho que vai além do que foi e do que ainda está posto na relação com o outro – Levinas – e na relação com o outro animal – Derrida:

Se eu sigo esta seqüência, e tudo no que me preparo a dizer deveria reconduzir à questão de o que “seguir” ou “prosseguir” quer dizer, e “ser depois”, e à questão do que faço quando “eu sigo”, e digo “eu sou”, se eu sigo esta seqüência, aí então me transporto dos “fins do homem”, portanto dos confins do homem, à “passagem das fronteiras” entre o homem e o animal. Ao passar as fronteiras ou os fins do homem, chego ao animal: ao animal em si, ao animal em mim e ao animal em falta de si-mesmo, (...). (Derrida, 2002, pp. 14-15)

Ainda no primeiro capítulo, toco de forma quase incerta em aspectos que comungam da percepção fora da moldura pragmática ou conceitual da vida, da existência. Tocamos na arte, num sopro de liberdade capaz de gerar a experiência do ser e do ser outro

– em direções diversas, quando o animal pode ser sentido enquanto o ser que nada, a mim, responde. É o ser de si mesmo.

Considerarei ainda aqui, talvez por recordação dos primeiros estudos no âmbito das leis e por lembrar a motivação de Clarice² em estudar direito, a conversação entre direito e literatura, aproximo estas áreas pelo viés da interpretação. E também por aquilo que Derrida irá tocar como espaço legítimo da literatura, a efetivação da alteridade. Que outras instituições, por aquilo que devem corresponder, não são capazes de tocar ou ir além. Aqui, o dizer do ser vivente.

Para Derrida, a literatura ultrapassa o direito ou a filosofia, por possuir a liberdade desta responsabilidade que se faz capaz de dizer o animal no plano verdadeiramente democrático, na consumação do seu poder de dizer tudo – que não significa um poder irresponsável de dizê-lo, do contrário é de uma responsabilidade absoluta. Este espaço efetua a alteridade.

Nessa caminhada, no segundo capítulo, a alteridade ganha a dimensão da obra de Clarice Lispector, que passa a ser apresentada de maneira ampla, estreitada aos aspectos de encontro e de relação com o outro. Aliam-se nuances da sua história, suas vivências, a presença dos animais e o modo como experimentou tais relações e a forma como estes seres viventes fizeram-se inteiros em seu imaginário. Antevêm-se inúmeros exemplos e significações daquilo que se alcança em mundos deslocados do padrão dado como modo de ser. Há, em contrapartida, os primeiros laços e sopros do que comunga na força existencial, da vida em acontecimento, sem objetivo, sem linha de chegada, sem o pragmatismo de responder a algo.

Refiro-me a experiência de existir na fluidez de uma caminhada que não se afasta do encontro com o outro, tão outro que quebra as noções de humano e animal, coisa e não coisa, vida animada e inanimada. Através da obra de Clarice, será possível visualizar tal perspectiva.

Assim, do que será referenciado no segundo capítulo quanto ao horizonte de Clarice Lispector e de seus escritos, e como isto segue em conversação aos animais:

O animal começa ser entrevistado como um dos mais óbvios e indispensáveis signos numa caracterização da escrita de Clarice Lispector, cuja fundamentação podemos encontrar no ovo, figura fundadora. Falar em Clarice Lispector é falar da barata ou da galinha ou do cavalo e poder-se-ia, seguidamente, continuar com um extenso rol: o cão, o búfalo, um mico, uma esperança, etc. (Sousa, 2000, p. 235)

² Nota: Mesmo que academicamente o mais adequado seja a utilização do sobrenome do autor, pelo tom no qual este trabalho é desenvolvido, preponderantemente, estarei aqui referindo Clarice, pelo nome.

O reflexo a partir daí irá desandar para a essencialidade deste trabalho, o sopro motivador de toda esta caminhada de busca, de participação, de experiência e de vontade de sentir, de abrir-se para esta maneira de bater as asas ou trotar o ar.

Amplia-se a noção de como Clarice assumia a escrita ou sentia a escrita, como condição existencial. E para muito além dos psicologismos, das explicações teóricas ou da busca de uma medida certa à escrita, digo que a essencialidade escrita andava por esse silêncio de diálogo com a vida e com o mundo. Não necessariamente lógico.

Ainda aqui, será visto como a escrita se relaciona ao ser que quer alcançar o puro âmago de si. E como tal ensejo se propaga para a matéria escrita, rompendo com a estrutura formal e desvinculada de uma articulação do texto *pensado*. Além disso, observarei a intersecção entre aquilo que é denominado e colocado como ficção e não-ficção.

Feitas as reflexões quanto a tais assuntos, parte-se para *Água viva*. No terceiro capítulo são apresentados alguns dos principais aspectos da obra. Preponderantemente, ao que se refere a peculiaridade historiográfica e, nomeadamente, a ruptura material que a obra traz à sua época e a caracterização do texto fragmentário feito pelo pensamento fluído, sem uma história montada entre início, fim e meio, ou, ainda, como o livro foi (des)estruturado numa espécie de colagem do antirromance; a amálgama do fazer artístico; a alternância e o ressurgimento de partes do texto que dividem ou recriam o espaço da crônica e do romance; o deslocamento entre vida pessoal e escrita – considerando que seja possível a separação –; o animal tocado no título e o espaço que a obra ganhou no diálogo com outras expressões artísticas. E como tudo isso se revela numa libertação do ser que ressurgem num silêncio cantado ou contado. Que nasce pela palavra distraída de animal no seu instante:

O que diz este jazz que é improvisado? Diz braços enovelados em pernas e as chamas subindo e eu passiva como uma carne que é devorada pelo adunco agudo de uma águia que irrompe seu voo cego. Expresso a mim e a ti os meus desejos mais ocultos e consigo com as palavras uma orgiaca beleza confusa. Estremeço de prazer por entre a novidade de usar palavras que formam intenso matagal. Luto por conquistar mais profundamente a minha liberdade de sensações e pensamentos, sem nenhum sentido utilitário: sou sozinha, eu e a minha liberdade. (Lispector, 2019a, p. 38)

Este é o capítulo mais curto do trabalho. Entretanto dá entrada para *Água viva* numa abordagem que se realiza ou se derrama no quarto capítulo, que se fará pelo contorno do que, essencialmente, suscitou esta experiência: a observação atenta do deixar-se – deixar-me – observar pelo animal de *Água viva*. De tal maneira, talvez, a visão de encontro poderá se estabelecer, não por este ao qual se denomina sendo o animal, mas que é o ser, simplesmente.

E sendo o ser sendo, (talvez) já não haverá raio circunscrito como coisa dicotômica do humano ou do não-humano:

Li o livro sobre as abelhas e desde então tomo conta sobretudo da rainha-mãe. As abelhas voam e lidam com flores. É banal? Isto eu mesma constatei. Faz parte do trabalho registrar o óbvio. Na pequena formiga cabe todo um mundo que me escapa se eu não tomar cuidado. Por exemplo: cabe senso instintivo de organização, linguagem para além do supersônico e sentimentos de sexo. Agora não encontro uma só formiga para olhar. Que não houve matança eu sei porque senão já teria sabido. Tomar conta do mundo exige também muita paciência: tenho que esperar pelo dia em que me apareça uma formiga. (Lispector, 2019a, p. 68)

No quarto capítulo, *Água viva* é banhada pela abordagem específica quanto a dimensão do ser e o espaço existencial desta que está escrevendo por sentir a necessidade da palavra. Esta vontade surge por demanda de vida de ser batendo asas, que não quer ser gente e lambe o focinho. É referente ao centro intrínseco de acontecer pela ou na palavra:

(...) Fantástico: o mundo por um instante é exatamente o que meu coração pede. Estou prestes a morrer-me e constituir novas composições. Estou me exprimindo muito mal e as palavras certas me escapam. Minha forma interna é finalmente depurada e no entanto o meu conjunto com o mundo tem a crueza nua dos sonhos livres e das grandes realidades. Não conheço a proibição. E minha própria força me libera, essa vida plena que se me transborda. E nada planejo no meu trabalho intuitivo de viver: trabalho com o indireto, o informal, o imprevisto. (Lispector, 2019a, p. 51)

O que parece surgir a partir disso é uma certa dimensão sobre o vivente que surge ou faz-se – torna-se – por uma palavra animal. Uma palavra animalizada? A não palavra?

Aqui deixo-me levar pelo modo como o animal é sentido na escrita, na necessidade da palavra. Batendo as asas, lambendo o focinho, trotando o ar, livre, solto.

Feita a descrição da estrutura do trabalho, devo então dizer que este, por um preceito de ordem acadêmica, está montado em capítulos e tópicos. Entretanto, por se tratar de um trabalho autoral, a escrita *acontece* também de modo autoral e a leitura mais adequada para o texto aqui apresentado, seria ao modo de Derrida, por punções e idas e vindas dialogadas e continuadas entre si, fluidas através de um fazer pensante que vai *sendo* ao tempo de se pensar pensando nas questões propostas, como um texto aberto e elementos que se aproximam àquilo que está no centro da questão. Um texto que, no respingo de Clarice, é fragmentado, associado e dissociado, que não para de se pensar, sem concluir. Isso para dizer que, o que vem em análise não se sustenta como sequência ou consequência de vetores amarrados e terminados. Senão que são nuances que devem ser lidas lado a lado, refletidas de maneira integrada.

Ainda, sobre a bibliografia, menciono que tenho comprometimento com cada nome e pensamento aqui trazidos, de modo que tentei vivenciar cada leitura como um encontro de alteridade e responsabilidade de compreensão do pensamento. Rodeando as referências aqui apontadas, há um mundo de leituras feitas desde a graduação, elas caminham entre filosofia, arte, direito, literatura e que, indiretamente, colaboram para o esboço de um pensamento que segue sendo em construção, que continua. Assim, os títulos e as referências aqui mencionados são um recorte de um mundo de compreensões maiores, que pedem sempre retorno e re-observação.

Assim, falar em existência, neste trabalho, é referir-me à vida a partir de uma atitude de alteridade, um vínculo entre um eu e um outro no acontecimento do ser, singular e único, que se percebe também como um infinitamente outro, singular e único.

Este é o percurso proposto a caminhar, no sentido de atentar e deixar-se atentar por compreensões fluídas da vida, de estar e ser no mundo.

E o que busca concluir o trabalho? A que conclusão se chega com *Água viva* e com Clarice?

A resposta verdadeira: Não sei. Vamos ver onde chegamos.

De qualquer modo, a intenção é ampliar o horizonte sobre o que pode ser a vida e a existência (é verdade) infinita. E o caminho que se descortina para fazê-lo é pela humildade de reconhecer a dimensão do outro por ele mesmo, que não se alcança do outro em mim quando o digo. O infinito do outro em mim.

É deste modo que não quero aqui apontar para uma linha objetiva de chegada. A importância do trabalho se fará pela experiência da caminhada, ou do nadar em águas vivas, olhando de maneira genuína para a dimensão sincera do outro, na vida. Do animal que sou.

1. Ser vivente: Entre coisa e expressão

Para o desenrolar deste trabalho, a princípio, o ímpeto era recorrer a todas as formas de argumentação *apenas* através de textos literários. Mas não seria fácil afastar Levinas e, principalmente, Derrida tão presente em sua extensão de mundo. De modo que não os quero afastar, nem os demais pensadores aqui trazidos.

Digo isso, pois este capítulo talvez seja o mais amplo em termos de abordagens teóricas e conceituais, uma vez que pontualmente vai tocar na perspectiva histórica, na conjectura e no desenvolvido da hierarquização da existência dado pelo critério da capacidade do raciocínio desenvolvido pela palavra – instrumento de sua efetivação.

Entretanto, também influenciada pelos pensamentos gerados como interrogações e reflexões dos textos literários, abro espaço para o diálogo entre os escritos teóricos e a literatura. Neste sentido, pretendo pontuar algumas fissuras da existência humana-não-humana.

Dizendo então, o capítulo parte da afirmação histórica do racionalismo como critério de eleição da vida. A partir daí, avança a dimensão do outro que está em relação nessa rota demarcada e eleita. Mas os passos dados são com Levinas e Derrida, para um caminho que leva além de um enredo pronto e finito. Elenco algumas vias que possibilitam a ampliação do leque de *entendimentos* quanto a relação entre humano-não-humano. A intenção é instigar o pensamento e aquilo que, comumente, se toma como estado permanente. Pensemos na concepção do ordenamento jurídico, por exemplo. E pela direção oposta, tomemos a lente da arte, particularmente, a literatura, que aparece ou que dá a aparecer a possibilidade outra para o infinitamente outro, que no indizível da palavra diz o animal não dito do ser, do ser vivente – estou aqui no pensamento de Derrida.

1.1. O animal do animal – Notas breves e escolhas filosóficas

O andar da carroça da história foi tornando o cavalo – que a puxa – um estranho cada vez mais estranhado. Os princípios dão sinais de que existiram legítimas relações entre os humanos e os não-humanos, pelas representações, como sinais de divindades e prelúdios, crenças e magias, ou por questões de necessidades de cada época. A aproximação moderna

deu motor à carroça, bateu hélices e o cavalo puxando a carroça se converteu na credível peça tracionada, de freio puxado, uma carcaça de peças sem óleo.

O caminhar do tempo foi afastando existências. Mas na mesma medida, foi se fazendo uma quase intrínseca necessidade de dizer, ou tentar dizer, o outro. O totalmente outro. A história respinga a tinta sobre o animal encontrado num mistério, um mesmo mistério que envolve a figura humana. Partindo disto e retomando o que os pensadores vão refletindo da relação entre viventes, Berger lembra que

Se a primeira metáfora foi animal, foi porque a relação essencial entre o homem e o animal era metafórica. No interior dessa relação, aquilo que os dois termos – homem e animal – tinham em comum revelava o que os distinguia. E vice-versa. (Berger, 2020, p. 28)

O sangue feito tinta, as patas nas pedras, o ritual gritando a voz. E a metáfora que escandaliza em tons que a poética retoma. Uma dança entre diferenças e semelhanças, possibilidades de aproximações desfeitas pela métrica que estabelece a fronteira total do eu e do outro. A rasura na palavra. E uma palavra que mesmo depois de apagada, permanece como sinal, marca do papel – apagado (indizível?).

Seguindo na mesma direção, quanto a observar sobre o uso que tomamos da natureza, consideremos o pensador Ailton Krenak:

Quando falo de humanidade não estou falando só do *Homo sapiens*, me refiro a uma imensidão de seres que nós excluímos desde sempre: caçamos baleia, tiramos barbatana de tubarão, matamos leão e o penduramos na parede para mostrar que somos mais bravos que ele. **Além da matança de todos os outros humanos que a gente achou que não tinham nada, que estavam aí só para nos suprir** com roupa, comida, abrigo. Somos a praga do planeta, uma espécie de ameba gigante. (Krenak, 2020a, pos. 21) (grifo meu)

As pegadas que deixamos continuam, estão aí, não para serem apagadas, mas encaminhadas por outra direção. E que isto possa nos fazer pensar além de pensar, pensar além do que está pensado.

Então olhemos para trás. Tentemos, como se fosse a primeira vez, enxergar um animal, um outro diante de mim. Vejamos as nuances daquilo que é dado como a condição certa da inscrição que faz e *te* faz humano. Tentemos considerar a figuração da máquina, a existência, a vida.

Encontramos, face a isso, o tom dado pela literatura, quando então Kundera nos diz:

(...) Sim, porque, na verdade, o direito de matar um veado ou uma vaca é a única coisa que a humanidade, no seu conjunto, nunca contestou, mesmo durante as guerras mais sangrentas.

É um direito que só nos parece natural porque quem está no topo da **hierarquia** somos nós. Bastava que entrasse mais outro parceiro no jogo, por exemplo um visitante vindo de outro planeta cujo Deus tivesse dito “Tu reinarás sobre as criaturas de todas as outras estrelas”, para que todas a evidência do Génesis ficasse logo posta em questão. Talvez depois de um marciano o ter atrelado a uma charrua ou enquanto estivesse a assar no espeto de um habitante da Via Láctea, o homem se lembrasse das costeletas de vitela que costumava comer e apresentasse (tarde de mais) as suas desculpas à vaca. (Kundera, 2011, p. 220) (grifo meu)

Não vou entrar pela dimensão utilitária quanto aos animais. Entretanto, consideremos a vida, ou aquilo que elegemos como existência. Talvez tenhamos a sensibilidade de notar como adotamos a herança pobre que circunscreve a diferença entre coisa e não coisa (como se tudo aquilo que, em nós, é tomado como poder para dizer coisa fosse efetivamente a totalização da coisa em si, objeto da nossa vontade).

Mesclado a isso, tomemos de outras lentes para ler a humana interpretação de mundo. Kundera afronta, com seu feitio literário, as agruras cartesianas, atingindo a condição que o cartesianismo sustenta.

Então, se formos nós a direção deste cão que se escora feito de afeto, ainda assim manteremos o aspecto da máquina?

Descartes deu o passo decisivo: fez do homem “dono e senhor da natureza”. O que não deixa de ser uma coincidência interessante é o fato de ser precisamente esse mesmo Descartes que nega categoricamente que os animais tenham alma. O homem é proprietário, e dono, enquanto, segundo Descartes, o animal não passa de um autómato, de uma “*machina animata*”, ou seja, de uma máquina animada. Quando o animal geme, não quer dizer que se queixe: só quer dizer que tem uma peça a ranger. Quando a roda de um carro de cavalos chia, isso não quer dizer que a charrete tenha uma dor: é só falta de óleo. As queixas dos animais devem ser interpretadas da mesma maneira, e é perfeitamente estúpido lamentar a sorte de um cão dissecado em vida num laboratório. (Kundera, 2011, p. 221)

De algum modo vejo Chaplin apertando a peça³, repetidamente. Isto, para então dizer, como a engrenagem da máquina contaminou a vida para além do que já havíamos separado entre o eu e o infinitamente outro. O princípio racional que pede ou exige objetivo da vida, razão, fim. Ao que parece, máquina sobre máquina, a realidade se refez batendo martelo, escalonando...

(...) O mundo deu razão a Descartes.
Ainda tenho nos olhos a imagem de Tereza sentada num tronco, a afagar a cabeça de Karenine e a meditar no fracasso da humanidade. Ao mesmo tempo, aparece-me outra imagem: a de Nietzsche a sair de um hotel de Turim. Vê um cocheiro a vergastar um cavalo. Chega-se ao pé do cavalo e, sob o olhar do cocheiro, abraça-se à sua cabeça e desata a chorar.

³ Nota: Referência ao filme *Tempos modernos*, de 1936, de Charles Chaplin.

A cena passava-se em 1889 e **Nietzsche, também ele, já se encontrava muito longe dos homens**. Ou, por outras palavras, foi precisamente nesse momento que a sua doença mental se declarou. Mas, na minha opinião, é justamente isso que reveste o seu gesto de um profundo significado. Nietzsche foi pedir perdão por Descartes ao cavalo. **A sua loucura (e portanto o seu divórcio da humanidade)** começa no instante em que se põe a chorar abraçado ao cavalo. E é desse Nietzsche que eu gosto, tal como gosto da Tereza que tem ao colo a cabeça de um cão mortalmente doente e que a afaga. **Ponho-os um ao lado do outro: tanto um como o outro se afastam da estrada em que a humanidade, “dona e senhora da natureza”, prossegue a sua marcha sempre em frente.** (Kundera, 2011, pp. 222-223) (grifo meu)

Sempre em frente... O argumento comove e por isso parece-me um justo. Expressa-se pela emoção, sem, com isso, ser menos verdadeiro ou condizer de maneira menor. Também pela emoção, a literatura brota como fonte e sentimento de questionar o cenário, pensar o entorno e o impensável, o mundo que foi montado – para além da ficção-não-ficção.

Mas deixemos que Descartes mostre seus argumentos, andemos em seu mundo. Demos passagem ao discurso que moldou e que, em grande medida, ressoa até hoje. Em certa passagem, no livro *Discurso do Método*, mais especificamente na parte cinco, Descartes vai falar sobre Deus, sobre a natureza. A partir de práticas de vivissecção, relata, supostamente, suas conclusões sobre a diferença entre o animal humano e o animal não-humano. Basicamente, considerando que humano e não-humano, naquilo que os constitui *matéria material*, são semelhantes. A grande diferença acontece quando Deus transmite ao humano uma *alma racional*, a qual decorre da capacidade que este tem de pensamento (Descartes, 2001, p. 53).

Descartes passa a discorrer sobre essa engrenagem montada do animal em suas funções de organismo, uma semelhança entre qualquer animal – humano ou não-humano. Daí faz o recorte para a divisão ou a hierarquização entre espécies.

Agora, notemos como esse lastro, ainda que tenha correspondido a um desenvolvimento natural da humanidade e do nosso percurso enquanto história, nos alcança ainda hoje. Mas também como tal conjectura pode ser considerada para ir além do que está:

(...) O que não se parecerá de modo algum estranho aos que, sabendo quantos *autômatos* diferentes, ou máquinas que se movem, o engenho dos homens pode fazer só empregando muito poucas peças, em comparação com a grande quantidade de ossos, músculos, nervos, artérias, veias, e todas as demais partes que há no corpo de cada animal, considerarão esse corpo como uma máquina que, feita pelas mãos de Deus, é incomparavelmente mais bem ordenada e tem em si movimentos mais admiráveis que qualquer uma das que podem ser inventadas pelos homens.

E detivera-me particularmente neste ponto mostrando que, se houvesse máquinas assim que tivessem os órgãos e o aspecto de um macaco ou de qualquer outro animal sem razão, não teríamos nenhum meio de reconhecer que elas não seriam, em tudo, da mesma natureza desses animais; ao passo que, se houvesse algumas que se assemelhassem a nossos corpos e imitassem as nossas ações tanto quanto moralmente é possível, teríamos sempre dois meios muito certos para reconhecer que, mesmo assim, não seriam homens

verdadeiros. **O primeiro é que nunca poderiam servir-se de palavras nem de outros sinais, combinando-os como fazemos para declarar aos outros nossos pensamentos.** Pois pode-se conceber que uma máquina seja feita de tal modo que profira palavras, e até profira algumas a propósito das ações corporais que causem alguma mudança em seus órgãos, como por exemplo ela perguntar o que lhes queremos dizer se lhe tocarmos em algum lugar, se em outro, gritar que a machucamos, e outras coisas semelhantes, mas não é possível conceber que as combine de outro modo para resolver ao sentido de tudo quanto dissermos em sua presença, como os homens mais embrutecidos podem fazer. E o segundo é que, embora fizessem várias coisas tão bem ou talvez melhor do que algum de nós, essas máquinas falhariam necessariamente em outras, pelas quais se descobriria que não agiam por conhecimento, mas somente pela disposição de seus órgãos. Pois, **enquanto a razão é o instrumento universal, que pode servir em todas as circunstâncias, esses órgãos necessitam de alguma disposição particular para cada ação particular; daí ser moralmente impossível que haja uma máquina a diversidade suficiente de órgãos para fazê-la agir em todas as ocorrências da vida da mesma maneira que nossa razão nos faz agir.**

Ora, por estes dois meios também se pode conhecer a diferença que há entre os homens e os animais. Pois é uma coisa fácil de se notar que não há homens tão embrutecidos e tão estúpidos, sem excetuar nem mesmo os dementes, que não sejam capazes de combinar diversas palavras e de com elas compor um discurso no qual possam expressas seus pensamentos; e que, pelo contrário, não há outro animal, por mais perfeito e bem nascido que seja, que faça o mesmo. Isto não acontece por lhe faltarem órgãos, pois as pegas e os papagaios podem proferir palavras como nós; entretanto **não podem falar como nós, isto é, atentando que pensam o que dizem;** (...). (Descartes, 2001, pp. 62-64) (grifo meu)

A citação é longa, mas importante porque atrela ao que convirá, no tempo, para o diálogo em *Água viva*, onde a noção do pensamento ou do que é o atrás do pensamento vincula-se a um animal eu que tem o movimento justo de se afastar do ato pensante ou, em outras palavras, daquilo que o constitui *definidamente* humano. Ou na *medida* dada por Descartes, é o que faz o homem: “(...) E isto não prova somente que os animais têm menos razão que os homens, mas que não têm absolutamente nenhuma.” (Descartes, 2001, p. 65). Eis o critério de aferimento da vida pela racionalidade, servindo como parâmetro para dimensionar a existência.

Neste enlevo, há dois pontos que considero importante notar: O primeiro diz respeito a lente que o pensador usa. A primazia é dada pela noção material da constituição corpórea. Tanto que a leitura que se desenha até ali é baseada na fragmentação e nos mecanismos funcionais do corpo. Logo, e como segundo ponto, já à partida há a inscrição da *lógica* pragmática de compreensão daquilo que pode ser medido, pesado por justificações e objetivos, ou que pode ser lido enquanto compreensão provada pela materialidade da coisa – o pensamento estruturado pela palavra. Nessa perspectiva, considera a dissonância existencial – homem e animal – pelo pensamento racional, lógico, que se exprime pela palavra.

É o condão do pensamento, daquilo que pode ser dito, expressado na palavra (e o que eu faço com o indizível, o indizível da palavra?)⁴. De acordo com a noção dada por Descartes, o pensamento é a tônica de referência deste espírito racional que só o homem possui:

(...) de modo que o que fazem melhor que nós não prova que tenham espírito; pois desta forma, tê-lo-iam mais do que qualquer um de nós, e agiriam com mais acerto em todas as outras coisas; mas, pelo contrário, prova que não o têm, é que é a natureza que neles opera de acordo com a disposição de seus órgãos, assim como se vê que um relógio, composto apenas de rodas e de molas, pode contar as horas e medir o tempo com muito mais exatidão que nós, como toda a nossa prudência. (Descartes, 2001, pp. 65-66)

Desta matéria estrutural, a extensão do homem no topo da hierarquia é confirmada pelo raciocínio pensante, diferença assinada por Deus. E a quem duvida disso: “(...) não há outro que afaste mais os espíritos fracos do caminho reto da virtude do que imaginar que a alma dos animais seja da mesma natureza da nossa, e que, por conseguinte, nada temos a temer nem a esperar depois desta vida (...)” (Descartes, 2001, p. 66)

Vejamos bem, não se trata de desconsiderar Descartes, suas intenções e sua época. Entretanto, as métricas da atualidade ainda se constituem pelos mesmos aspectos, quando já somos capazes de estender o lastro e modos outros de considerar a existência, ou de reconhecê-la. Em grande medida, a relação que desenvolvemos hoje com os animais, já insinua para uma outra conjectura muito mais adequada aos novos tempos. A arte e da literatura demonstram como a racionalidade é uma forma de compreensão do mundo, mas não é a única.

Por outro lado, pelo caráter substancialmente material e pragmático de consideração da vida ainda supervalorizamos a racionalidade. Por quê? (E esse porquê já deveria ser relativizado).

E se optarmos por caminhos fluidos, sem métricas? Se pudermos pedir perdão ao cavalo e enxergarmos a grandeza da vida por ela mesma, deslocando-nos nós desse estado de defesa da racionalidade condoída?

Ressalto a importância das pontuações em Descartes para demonstrar como estamos caminhando para outros horizontes, como já há aberturas a existências que vão além do que fora um discurso preponderante de racionalidade como possibilidade única do ser – que já não é.

⁴ Nota: Mantenho tal pensamento entre parêntesis e ao meio do texto pois a ideia alinha-se ao que, ao longo do trabalho, irá encaminhar-se, convergindo na condição pensamento que o livro *Água viva* traz consigo.

Há caminhos. E uma das direções possíveis para ir além do enraizamento coisificado da vida é reconhecer o abismo que separa. E na coragem de assumi-lo, notar que na diferença do todo outro é possível alcançar um lugar que se faz por afeto (ou afetar-se), amor e diálogo entre seres viventes. Não sabemos e não teremos a dimensão do outro, ainda assim, estamos diante dele e ele nos vê (Derrida, 2002). A afirmação é ampla, mescla um tanto de Derrida e um pouco de Levinas.

Mas, abrindo parênteses. Antes de dizer sobre o animal vivente, influenciada pelo ensejo de dizer o não dito: quando de antemão o tomo para dizê-lo, coloco-me em dúvida se tal referência de dizer – do poder de dizer do outro – por si mesmo, na carga do poder dizer o outro, de algum modo, não estaria representando a mecanização do animal, através do dizê-lo a partir de mim – isto levando na memória o pensamento que vai elaborar Derrida, sobre o animal outro que sou (Derrida, 2002). Isto porque as implicações cartesianas, em grande medida, limitam a possibilidade para se colocar diante do outro e ser pensado por ele, pelo vivente diante de mim. Inviabilizando o animal com quem se dá o encontro e, conseqüentemente, desfazendo, antes de fazer, o vínculo:

Na ideologia subentendida, os animais são sempre os observados. O facto de poderem observar-nos perdeu qualquer significado. Eles são os objectos do nosso conhecimento em constante expansão. O que deles sabemos é um indicador do nosso poder, e portanto um indicador do que deles nos separa. Quanto mais sabemos, mais longe eles estão de nós. (Berger, 2020, p. 45)

Mas, o que verdadeiramente sabemos? O que essencialmente sabemos? Sabemos, talvez, aquilo que achamos que sabemos... E no fundo, o que isso quer dizer? Aquilo que sabemos é aquilo que dizemos que sabemos. Novamente, a métrica do pensamento que se estrutura pela palavra, na materialidade. Mas que, em si, desconhece o outro por não reconhecê-lo parte do desconhecido, indizível, um próprio mundo infinitamente outro. O animal não é a redução de um cálculo da alma racional cartesiana que observa, mas não se considera observação do outro. O animal é em sua singularidade.

O racionalismo, que em grande medida, atualmente, deveria ser atrelado à crise das humanidades, rege-se face ao que não permite desconhecer, não saber. Segue numa demanda de responder a uma finalidade. As questões se desdobram em modos tantos quanto ao que se refere ao pensamento para o e do animal – que não se alcança. Fecho parênteses. Retomo.

Descartes apontou argumentos para a elaboração do animal máquina. O cartesianismo evoluiu como um exemplar de espécie darwinista, o mais forte se sobrepõe ao mais fraco. O efeito dominó bateu peça a peça. O animal máquina, então quem é? A

coisificação da vida estendeu seu lastro propagando-se sem limites, *como um vírus* que se difunde. Já não será unicamente o não-humano, mas a existência mecanizada, fragmentada até os ossos, *reificada*. A coisificação da vida:

O animal-máquina, de acordo, mas em pé de igualdade com o próprio homem que não passa também de máquina, destinada a produzir e a ordenar ações, pulsões e reações que constituem as sensações de calor e frio, fome e satisfação digestiva, os impulsos sexuais, bem como a dor, o cansaço, o terror, que os animais experimentam da mesma forma como nós. **O animal é máquina; o homem também**, e foi sem dúvida o temor de blasfemar contra a alma imortal que impediu Descartes de ir abertamente mais longe nessa hipótese, quando teria estabelecido as bases de uma fisiologia e de uma zoologia autênticas. (Yourcenar, 1981) (grifo meu)

A consequência da observação aponta para o limite não limite da espécie coisa na espécie escolhida. O que dá a entender como a relação humano-não-humano se absorve na vinculação humana. Ou entre viventes e viventes de e em toda ordem. Relacionado a isto,

O pensamento de Darwin era uma resposta criativa à imensidade aterradora que acabava de ser aberta. E a tristeza do darwinismo – por nenhuma outra revolução científica transmitiu tão pouca esperança quando foi concebida – derivou, penso, da desolação das distâncias envolvidas.

A tristeza, a desolação, está lá na última frase de *The Descent of Man*, publicado em 1871: «Devemos, contudo, reconhecer, tal como me parece, que o homem, com todas as suas nobres qualidades, ainda carrega na sua estrutura corpórea a marca indelével da sua origem inferior.» (Berger, 2020, p. 68)

O que estou querendo chamar atenção refere-se ao fato de que, nem mesmo quando há a separação entre a vida humana e a vida animal há propriamente uma divisão. Aquilo que foi considerado sobre o outro animal estende-se numa lógica mecanicista para todo modo de existência, inclusive a vida humana. Há coisificação da vida. O estado reificado (Lukács, 2003) de existir concretou a fissura. Ao fundo, o mesmo corte do animal humano-não-humano. Agora o outro é o mesmo desvelado na sua existência coisificada. Lembre-se do animal Fabiano de *Vidas Secas* (Ramos, 2014), lembre-se da humana Baleia...

– Fabiano, você é um homem, exclamou em voz alta.

Conteve-se, notou que os meninos estavam perto, com certeza iam admirar-se ouvindo-o falar só. E, pensando bem, ele não era um homem: era apenas um cabra ocupado em guardar as coisas dos outros. Vermelho, queimado, tinha os olhos azuis, a barba e os cabelos ruivos, mas como vivia em terra alheia, cuidava de animais alheios, descobria-se, encolhia-se na presença dos brancos e julgava-se cabra. (...)

– Você é um bicho Fabiano.

Isto para ele era motivo de orgulho. Sim senhor, um bicho, capaz de vencer dificuldades. (Ramos, 2014, pp. 18-19)

A constituição da capacidade humana como força *antropocêntrica* que dá vida e tira, que nomeia e carimba, talvez tenha sido um movimento, em algum período, necessário,

condicionante para fazer andar a humanidade. *Evoluir*. O efeito do darwinismo, por sua vez, com sua dança evolutiva, acentuou ainda mais a distinção das espécies, elegendo os preteridos e o preferível, separando existências em caixas. Tais aspectos interpelaram a condição de mundo numa escala supostamente racional e lógica – que, particularmente falando, parece cada vez mais insana.

E a carroça ainda tracionada, e a produção em escala, e o grito no fundo do olho. E a linguagem e o poder de palavrear, surdos. Não se falou em sensibilidade e capacidade de observar com lentidão, não se fala em afeto, em ser afetado, em emoção, ou em se deixar ser parte da linha dos olhos do outro. O antropo acelerou o passo e ergueu solidamente a hierarquia das cores e das formas, das patas e das mãos. Cada passo foi remarcando o afastamento, quando as diferenças poderiam ser assumidas e integradas. Este aspecto permeou e permeia a realidade. Há uma esquizofrenia de sentidos quando se pensa nos animais, digo animais em sentido amplo.

Atualmente, estamos, parece, usando truques de ilusão pelos quais tomamos os animais para responder a interesses específicos e momentâneos, como se ali estivesse realmente o animal. Mas que nada ou pouco tem a ver com a relação propriamente dita do eu para com o outro. É ainda uma imagem totalizada no dizer racional. Assim, para demonstrar que o animal está presente na vivência humana: alimentação, vestuário, desenvolvimento científico, desenvolvimento do vínculo e do afeto, educação, entretenimento. Facetas através das quais o animal foi condicionado ao poder da observação do indivíduo humano. E se tomarmos especificamente o exemplo em que os animais são utilizados para fins de entretenimento, deparamo-nos, preponderantemente, com o ser observado (em sua jaula selvagem – o ser visto, *admirado(?)*)⁵:

Qualquer que seja o modo como se olham estes animais, mesmo se o animal está colado às grades, a menos de meio metro de ti, olhando para o exterior, na direção do público, *estás a olhar para algo que foi tornado absolutamente marginal*. E por maior que seja a concentração que consigas reunir, nunca será suficiente para voltar a dar-lhes um lugar central. Porque é que isto acontece?

Dentro de certos limites, os animais são livres, mas tanto eles quanto os seus espectadores partem do pressuposto do seu estrito confinamento. (Berger, 2020, pp. 55-56)

Se houver capacidade, que seja para ir além do próprio argumento. Porque o que tais questões suscitam não se reduz ao animal, nem o animal, referem-se a a relação com a natureza, a existência em rede, o entorno, o contorno. E tudo aquilo que se pode pensar hoje,

⁵ Nota: Questiono sobre que espécie de admiração é esta, quando o animal, preso ou presa da admiração humana, não é o animal que é, existência da própria existência, em sua natureza.

em um dia hoje, talvez 30 de junho de 2021, quando o mundo deveria, mais do que apontar escadas ou escalas, refletir no âmago as integrações do mundo e transfigurar o que foi adotado como padrão até aqui. Lembro Krenak: “Penso naqueles versos do Carlos Drummond de Andrade: ‘Stop./ A vida parou/ ou foi o automóvel?’. Essa é uma parada para valer. O ritmo de hoje não é o da semana passada nem o do ano novo, do verão, de janeiro ou fevereiro. O mundo está agora numa suspensão.” (Krenak, 2020b, pos. 85). Existe vida e tudo que se faz neste papel ou fora dele refere-se a existência. Daí para ir além...

E ir além é recordar que:

Na sua maioria, os pensadores do século XIX raciocinavam mecanicamente, porque o seu era o século das máquinas. Pensavam em termos de cadeias, ramificações, linhas, anatomias comparativas, mecanismos de relógio, grelhas. Tinham conhecimentos sobre potência, resistência, velocidade, competição. Consequentemente, fizeram muitas descobertas sobre o mundo material, sobre instrumentos e produção. Aquilo que conheciam menos é aquilo que ainda não conhecemos tanto assim: o modo de funcionamento dos cérebros. (Berger, 2020, p. 69)

E se somos constituídos de uma herança histórica que foi evoluindo e se aprimorando, a capacidade de pensar ou de sentir, entre tantas outras capacidades, permite o arbítrio na reflexão e na eleição do que está ao nosso entorno e de como as significamos, como passamos a interagir com elas. Ato que me leva a olhar o canto desfocado, o que está depois do primeiro plano nítido. Isto é pôr-se num lugar pensante, pensar além do que é pensado, do que possa ser pensado.

E então, se neste momento grande parte do todo ao redor é ainda coisa inanimada e preterível, por outro lado é amplo e sem margem o mundo que se abre ao absolutamente outro. Ética, capacidade, consciência, vontade, direitos, são algumas lentes possíveis. O próprio fazer literário passa a *observar os animais* como assunto de relevância contemporânea, com mais frequência. Todos estes pensares são necessários. Entretanto, o caminho que pretendo tomar aqui não vai nestas direções, assim como não se apresentará qualquer linearidade de pensamento racional – voltemo-nos a um suposto animal eu.

Mas antes, consideremos. Nas últimas décadas também a ciência alargou a compreensão sobre a consciência e a inteligência dos animais, reiterando o argumento para respeitá-los e tomá-los em nossas considerações, ampliando o que parecia ser referência apenas aos primatas, os mais próximos. Vejamos o exemplo:

Uma pesquisa publicada recentemente na *Science* descobriu que os corvos são capazes de abstrações sobre suas próprias ações, e que podem até ponderar sobre o conteúdo de suas próprias mentes, o que é definitivamente uma manifestação de inteligência e pensamento analítico — algo há muito creditado como exclusivamente humano.

As experiências subjetivas humanas são acessadas conscientemente a partir da ativação do córtex cerebral. A consciência é um fenômeno muito explorado pela filosofia da mente, psicologia e neurociência. Existe consciência fenomenal, que é a experiência propriamente dita, e consciência de acesso, que é o processamento das coisas que vivenciamos durante a experiência. Em neurobiologia, a consciência sensorial é equivalente a consciência de acesso, visto que as experiências dependem dos estímulos sensoriais. Não se sabe se tal nível de consciência também pode surgir de cérebros organizados de forma diferente, por exemplo, em um córtex cerebral dividido em camadas, como o cérebro dos pássaros. (Fernando, 2021)

Logo, se o argumento fosse por inteligência e capacidade de pensar como meio para existir, a máquina já estaria quebrada. O cavalo já não parece puxar o freio da carroça por ser máquina. Mas e se não houvesse esse tipo de argumentação? Sustentariamos uma consideração pela sensibilidade, por um deslocar-se ao outro, ser a ele disponível?

Fomos, durante muito tempo, embalados com a história de que somos a humanidade. Enquanto isso — enquanto seu lobo não vem —, fomos nos alienando desse organismo de que somos parte, a Terra, e passamos a pensar que ele é uma coisa e nós, outra: a Terra e a humanidade. (Krenak, 2019, pos. 67)

Pretendo de algum modo amarrar o que ainda está colocado em um e outro. Pois os argumentos já não soam suficientes, o raciocínio e o motivo lógico de um porquê não alteram o âmago. Existe o ovo na mão de um *louco* na tela do cinema e o conto de uma mulher mistério e a pintura que na imaterialidade da palavra e no descompromisso não são mais do que a expressão de expressar. A expressão que sente. A expressão inexplicável em si, que desmonta a condição antropocêntrica, aparente, a logicidade da lógica do raciocínio. Uma condição total que só é total enquanto forma simulada.

E veja lá, o que foi dito até aqui, não é nada do que não se saiba ou do que cotidianamente não se vive como se vida fosse. Mas há um rol crescente, cada vez maior, que se apresenta como argumentação sólida sobre o animal, sobre a necessidade de reencaminhar o que foi posto até aqui. Certamente, seria medida para elencar desde filosofias animalistas até a força da lei. Mas não bastariam. Lembrando Clarice, se não toca não toca (TV Cultura, 1977). Pois, quanto a este âmago indizível não seria ainda o bastante, o suficiente.

Então o caminho que devo tomar... O ímpeto é pessoal. Opto por Derrida, e antes dele, Levinas. Breves traços feitos da poética da alteridade e o pensar sobre o outro.

Mover de águas que movem, seja lá o que movem ou para onde.

1.1.2. A dimensão do outro

Dentro daquilo que é colocado como notas teórico-filosóficas, neste tópico pretendo, como passagem ao que mais tarde será aprofundado pela literatura de Clarice Lispector, introduzir a compreensão do outro.

Trago aqui dois principais apontamentos filosóficos. Primeiramente Levinas, reconhecido como o filósofo da alteridade. E caminho, a partir dele, até Derrida, o filósofo poético que há tanto vem acompanhando-me nesse infinitamente outro.

1.1.2.1. Levinas e alteridade

No que tange o pensamento de Derrida, este estende a dimensão do outro assinalando lugares não pensados, sem com isso chegar a uma resposta certa ou definitiva. Perpassa a condição do animal ao longo da filosofia e assinala uma esfera para o ser vivente naquilo que não o alcança.

Levinas, por sua vez, é considerado filósofo do outro. Mas este outro, demarcado no pensamento de Levinas, refere-se ao outro humano, *um igual*. No limite de sua época, ao seu contexto, heranças e condições sociais, Levinas teve a desenvoltura do pensamento sobre o outro numa atitude radical de alteridade. Pois o ser é inteiro em si, infinito.

De modo a dizer, não se trata de cair numa figura de um ente mazelado, fatigado, minguido e – mecanicamente – pronunciado como sendo um denominado outro (Derrida, 2004, p. 59). Levinas marcou um pensamento que, de algum modo, deu um passo a frente. Neste sentido, Derrida explica que o desenvolvimento filosófico trazido por Levinas tratou de repensar a tradição da filosofia e deu maior amplitude à compreensão sobre a relação que o *eu* estabelece com o outro. Entretanto, seu pensamento, sobre determinado aspecto, manteve-se circunscrito sob a égide cartesiana de entendimento, motivo pelo qual, Levinas não pode ser buscado, sem as devidas atenções, quando se trata do animal não-humano. (Derrida, 2004, pp. 60-61)

Na obra *Totalidade e Infinito*, Levinas desdobra considerações sobre o que circunscribe o âmbito do outro, marcando o lugar do eu que vai ao encontro. Eu diante do outro vou vazio, nu. É desse modo que se dá o *alcance* infinito da alteridade:

A ideia do Infinito *revela-se*, no sentido forte do termo. Não há religião natural. Mas esse conhecimento excepcional já não é por isso mesmo objectivo. O infinito não é «objecto» de um conhecimento – o que o reduziria à medida do olhar que contempla – mas o desejável, o que suscita o Desejo, isto é, o que é abordável por um pensamento que a todo o instante *pensa mais do que pensa*. (Levinas, 2008, p. 50)

Pensar mais do que pensar. Pensa mais do que pensa. Pensamento que está – talvez – atrás do pensamento, não se alcança, não se diz, não pode ser tomado. Não é traço de um pensar projetado ou dado ao tempo de pensar, conjecturado enquanto pensamento – estruturado. O outro é um outro em precipício, em queda livre, só em parte passível ou possível de ser também teorizado, de caber no filosoficamente teorizado, biologicamente compreendido. A alteridade absoluta pede pela aceitação do que desconheço do outro, na perspectiva do encontro. O estar diante de... significa estar face a face. O rosto imediato:

Para Levinas, a noção de respeito, antes de ser um mandamento, descreve a situação de distância infinita de que falávamos; o respeito é o olhar, o olhar a distância. E como você sabe, Levinas redefine a pessoa, o eu e o outro como rostos. **Aquilo a que ele chama o rosto ao mesmo tempo na tradição judaica e segunda uma nova terminologia, tem direito ao respeito.** A partir do momento em que estou em relação com o rosto de outrem, a partir do momento em que estou outrem, abre-se a dimensão do respeito. É necessário em seguida naturalmente fazer com que a ética se adeque a esta situação e resista a todas as violências que consistem em reprimir o rosto, em ignorar o rosto ou em reduzir o respeito.” (Derrida, 2004, p. 62) (grifo meu)

Para isso, para a *verdadeira* relação, feita com respeito, a alteridade é o elemento de efetivação. É o que se determina enquanto morada ao outro.

Ir ao mundo do outro acontece sem instância prévia, um antes, um requisito anterior. É imediato. A partir do encontro se estabelece o vínculo de responsabilidade frente ao limite daquilo que não se alcança. A magnitude do outro é evocada enquanto parte de algo que desconheço, do que não sei e que também é parte minha. É parcela fragmento trecho texto do eu. Neste sentido, no cruzamento entre o espaço entre o eu e o outro,

por referência ao simples bom-senso se assim se pode dizer, não pode haver amizade, hospitalidade ou justiça senão onde a alteridade do outro, como alteridade infinita uma vez, absoluta, irreduzível, é tomada em conta, embora seja incalculável. Levinas lembra que a linguagem, quer dizer a **interpretação do outro**, é na sua essência amizade e hospitalidade. E isso não eram por parte dele pensamentos fáceis: quando dizia amizade e hospitalidade, não cedia aos “bons sentimentos”. (Derrida, 2004, pp. 60-61) (grifo meu)

Reparo como, através deste trecho, Levinas já deslocou a projeção do outro, através da interpretação da linguagem. A concepção da alteridade, em absoluto estado, conflui a este percurso. Na mesma linha, a correspondência da responsabilidade assumida diante ou para com o outro se fará sob o crivo da minha liberdade. A alteridade assim não impõe medidas pré-feitas para sua efetivação, já que este que está no movimento deslocamento em mim ou

comigo não é demarcado, dito ou conhecido naquilo que eu estabeleço enquanto definição a ele. É também o ser em sua indefinição:

É preciso para tal que um ser, ainda que parte de um todo, tenha o seu ser a partir de si e não das suas fronteiras – não da sua definição –, exista independentemente, não dependa nem das relações que indicam o seu lugar no ser, nem do reconhecimento que Outrem lhe traria. (Levinas, 2008, p. 49)

Ainda,

A responsabilidade por Outrem – na sua anterioridade em relação à minha liberdade – na sua anterioridade em relação ao presente e à representação –, é uma passividade mais passiva que toda a passividade – exposição ao outro sem assunção desta mesma exposição, exposição sem reserva, exposição da exposição, expressão, Dizer. (Levinas, 2011, p. 36)

A fluidez infinita. O outro pensando num pensamento de asas em voo de mistério do ser. Um texto que escreve a letra que se apaga e permanece, que se escreve e não se conhece. É projeção de um mundo singular, único. O outro não é reflexo, não pode ser carregado de dizeres, vestimentas, caixas, não pode ser exercido em um *mas*. É infinito e sem reservas. Para chegar até ele é preciso estar nu, face a face, estar nos olhos sem a cor:

Ao olhar o olhar do outro, diz Levinas, deve-se esquecer a cor de seus olhos, dito de outra maneira, olhar o olhar, o rosto que vê antes dos olhos visíveis do outro. Mas quando ele lembra que "a melhor maneira de encontrar o outro, é nem mesmo notar a cor dos seus olhos...", ele fala então do homem, do próximo enquanto homem, do semelhante e do irmão, ele pensa no outro homem, e isso constituirá para nós, mais tarde, o lugar de uma grave inquietação. (Derrida, 2002, p. 30)

A inquietação será sentida no tópico seguinte. Pois, talvez de fato o lugar (in)definido será sempre, ou quase sempre, inatingível, desmedido, inexplicável. E aqui caberia um outro talvez, já que estamos falando sobre existência, singularidade. Pensemos em Clarice correndo no papel de estar sendo, que não é palpável ao pensamento:

E quanto a não entender os outros... Bem, isso já não teria sequer importância. Porque **havia um modo de entender que não carecia de explicação**. E que vinha do fato final e irreduzível de se estar em pé, e do fato de outro homem também ter a possibilidade de ficar de pé – pois com esse mínimo de se estar vivo já se podia tudo. Ninguém teve até hoje mais vantagem que esta. (Lispector, 1998, pos. 4360) (grifo meu)

“Pensar o infinito, o transcendente, o Estrangeiro, não é pois pensar um objecto. Mas pensar o que não tem os traços do objeto é na realidade fazer mais ou melhor do que pensar.” (Levinas, 2008, p. 36) Pensar – ou sentir – mais do que pensar...

(...) a verdade foi feita para existir! E não para sabermos. A nós, cabe apenas inventá-la. A verdade... – bem, simplesmente, a verdade é o que é, pensou Martim com uma profundidade que o depôs exatamente no vazio. A verdade nunca é aterrorizante, aterrorizantes somos nós. E também, como que a “a verdade acontecerá”. Quem não acreditar que a verdade acontece que veja uma galinha andando por força do desconhecido.” (Lispector, 1998, pos. 4586)

O ato de alteridade acontece no abismo que assumo frente a estranheza do outro. Naquilo que não circunscrevo como o ser do outro, mas na perspectiva infinita do que não será a definição limite em que o esboço, pois é aí que o suporte – ou o carrego. Como dizer, tomo a responsabilidade pela responsabilidade do outro. Logo, para o encontro é preciso ir sem limitar este estrangeiro ao mero reflexo de espelho. O outro deve ser a expressão de si mesmo, para além do que eu posso fazer como fronteira a ele.

E aqui, abro espaço para a latência do diálogo no que se refere a literatura de Clarice Lispector, e a ela retomo. Durante um tempo a escritora entrevistou várias personalidades brasileiras. Algumas perguntas aparecem em quase todas as entrevistas. Entre estas: “qual é a coisa mais importante do mundo?”, “o que é o amor?”

Em uma das entrevistas, a Hélio Pellegrino, encontramos a exemplificação do encontro com o outro:

Hélio, diga-me agora, qual é a coisa mais importante do mundo?

A coisa mais importante do mundo é a possibilidade de **ser-com-o-outro, na calma, cálida e intensa mutualidade do amor. O Outro é o que importa, antes e acima de tudo. Por mediação dele, na medida em que o recebo em sua graça, conquisto para mim a graça de existir.** É esta fonte da verdadeira generosidade e do entusiasmo – Deus comigo. O amor genuíno ao Outro me leva à intuição do todo e me compele à luta pela justiça e pela transformação do mundo. (Lispector, 2015a, pos. 790) (grifo meu)

Através do amor ao outro, a possibilidade de transformação do mundo. A cristalina relação, assinalada pela alteridade que acontece pelo sentimento de amor ao outro:

Que é o amor?

Amor é surpresa, susto esplêndido – descoberta do mundo. Amor é dom, demasia, presente.

Dou-me ao Outro e, aberto à sua alteridade, por mediação dele, recebo dele o dom de mim, a graça de existir, por ter-me dado. (Lispector, 2015a, pos. 799)

Este trecho pode bem exemplificar sobre o que se trata a alteridade, o deslocamento sobre a grandeza existencial face uma profusão de experiências e perspectivas existenciais.

Pensando em Levinas, encontramos a infinitude do desconhecido e a indefinição: “Olhemos simplesmente para nós mesmos em nossos espelinhos de bolso. Então, o que é visto será idêntico ao que vê. Uma profundidade que olha dentro de si mesma.” (O estranho in Gaarder, 2001, pos. 2682)

O lastro entre o eu e o outro desse outro que é a face do eu no eu outro. À luz da alteridade passo a pensar – ou despensar – sobre o não limite do limite que me atravessa de ser eu o outro e ser o outro o eu. E aceitar o estranhamento diante do mundo, quando cada um é um mundo...

O altruísmo dos outros existirem. Nós que vos somos. Que coisa estranha: até agora eu parecia estar querendo alcançar com a última ponta do meu dedo a própria última ponta do meu dedo – é verdade que nesse extremo esforço, cresci; mas a ponta de meu dedo continuou inalcançável. Fui até onde pude. Mas como é que não compreendi que aquilo que não alcanço em mim... já são os outros? Os outros, que são o nosso mais profundo mergulho! Nós que vos somos como vós mesmos não vos sois. Assim, muito concentrado no parto dos outros, num trabalho que só ele podia fazer, Martim estava ali tentando fazer corpo com os que nascerão.” (Lispector, 1998, pos. 4597)

Inalcançável resposta, o desencontro na linha e todo enigma que escreve o que não alcanço em mim. A percepção do mistério diante do que não alcanço do outro que dá a dimensão para aquilo que está em mim. Na não resposta, a rendição se faz por não compreender e por, justamente, não precisar da compreensão para existir, ou para ser o ser existente.

Eis, pois, algumas notas sobre o modo como Levinas estrutura a relação que devemos exercitar com o outro, de modo mais genuíno, através da alteridade.

1.1.2.2. Derrida e o totalmente outro

Considerarei importante fazer algumas notas sobre o pensamento de Levinas pois o modo como nos dá a ver a habitação de seu pensamento conversa com muito do que pode ser visto em outras esferas aqui tocadas, principalmente no que concerne a escrita de Clarice Lispector e os exemplos que dela podem ser tomados.

Mas, aproximemo-nos deste não-humano, o animal. Vertendo de um genuíno afeto no início do que será o pensamento do *O animal que logo sou* (Derrida, 2002), Derrida diz: “(...) Gostaria de eleger palavras que sejam, para começar, nuas, simplesmente, palavras do coração.” (Derrida, 2002, p. 11). Poeticamente livre, Derrida emaranha-se do vivente por palavra do coração do mesmo modo que o faz para desdizer o que seja a poesia (Derrida, 2003), quando interrogado quanto ao que é a poesia.

Ainda estamos face a face – deveríamos estar. No entanto, se a carroça continua sendo puxada, pode ser para outro lugar, pode ser para ir além da carroça puxada.

Olhar e deixar-se ser olhado. Estar diante de, mesmo que numa face *inventada*, filosoficamente rearranjada, poeticamente encontrada. Penso no que Derrida nos diz e tento bater à porta e sair à rua. Percebendo o meu movimento, ele me impede. A tentativa de dar comida como *isca* não funciona. Chico se estende diante de mim e quando me percebo já estou no chão, diante dele. Em silêncio.

Às vezes, cerco-o de conversa, noutras ele adentra, pula para a cadeira que deveria ser meu estado de estudo, mantém-se ali. Mas hoje – ou ontem – não. Chico sustentou seu olhar sobre meus olhos e ali estivemos. Resignei-me. Estivemos ali, até que Chico se levanta em direção a qualquer coisa outra mais interessante do que estar diante de mim, em frente a porta, no chão, com os olhos sobre meus olhos.

Chico é. Gato de Derrida.

É o transposto do animal, é o vivente, é o outro que me vê e que me tem nu, é o pensamento não pensado ou não pensando de Derrida. O gato ao qual é dado o nome. O gato que se distancia pela palavra que não é resposta, a nada. Chico é, sem que eu diga o quê. É quem interroga a existência misteriosa de ser, que me interroga. Chico não é um gato, não é um animal. Ou um enquanto. É o Chico, o gato único que impede a saída, estaqueando-se em frente a porta, rendendo meus olhos. Chico é o gato que, desconstruído em Derrida, não é figura ou figuração nenhuma da literatura, não é a herança filosófica até ali construída, não é o animal dos direitos (Derrida, 2002, p. 32). Chico não é um exemplar da espécie. É um vivente único, singular, infinito.

É o outro ao qual dou palavra – eu – e dou nome, é o outro que observo, que olho. Mas é muito além disso. É o profundo, o ser vivente que me olha, no olhar ao qual transpõe e assinala o mistério incalculável, que esboça a profunda diferença. Chico me vê, não é apenas através de mim, Chico vê-me. E é quem me faz desconstruída no eu que pergunta quem sou. Quem sou? O mistério do eu nu diante do olhar do outro:

Diante do gato que me olha nu, teria eu vergonha como um animal que não tem o sentido de sua nudez? Ou, ao contrário, vergonha como um homem que guarda o sentido da nudez? Quem sou eu então? Quem é este que eu sou? A quem perguntar, senão ao outro? E talvez ao próprio gato?

Devo precisar imediatamente, o gato do qual falo é um gato real, efetivamente, acreditem-me, um gatinho. Não é uma figura do gato. Ele não entra silenciosamente no quarto para alegorizar todos os gatos do mundo, os felinos que atravessam as mitologias e as religiões, a literatura e as fábulas. Há tantos.” (Derrida, 2002, p. 18)

Ser diante de um outro. O pensamento ampliado no pensamento veloz e impensado *pensa* sobre estar diante de, e estar diante pode ser de qualquer coisa, qualquer mínima coisa e cada coisa ser o mistério do eu detido ou impalpável na verdade da própria existência. Ser

diante do outro reconhecendo o des-limite do céu e da possibilidade de dizer o limite do outro, do ser. Estar ou ser diante de um outro é então reconhecer o mistério ou o desconhecido, o desconhecimento. Parte que também é parte de mim. “O que é esta matéria viva que nos cerca por todos os lados e da qual somos uma parte viva? Para pessoas com tendência a isso, ver a própria mãe pode ser um choque. Isso sem falar nada sobre *ser visto*.” (O estranho in Gaarder, 2001, pos. 2669)

Ao ser visto no outro, quando este se desvela num total outro, a condição de pensar fragmenta-se e a expressão esparrama a poesia, um texto que é texto intrínseco, não por quem o diga. E na tinta rabiscada, no traço que fica atrás, antes, depois, escapa à explicação, o conceito definitivo. Neste espaço, efetiva-se genuinamente a *concretude* da indefinição. A abertura sem sobreposições para o desconhecido, assume-se a parte desconhecida do outro e do outro em mim. Este que toma o eu e observa, ele por ele nele mesmo, sem aderir a mim como a fonte de pensar:

Os animais me olham. Com ou sem rosto, justamente. Eles se multiplicam, eles me saltam cada vez mais selvagememente aos olhos à medida que meus textos parecem se tornar, como quiseram fazer-me crer, cada vez mais "autobiográficos". (Derrida, 2002, p. 67)

Revela-me pelo outro, não a revelação da descoberta, senão a revelação do desconhecimento de mim mesmo. O ser vivente desconstruído é instigado na fissura, na tentação de ser pensado pensando além da *aparência*, além de uma filosofia constituída no pensar já concretado. Pensa-se o animal e a coisa mínima, mas pensar pede que a *compreensão* se faça para além de pensar (“pensar mais do que pensar”), e que se faça considerando a incompreensão.

Para Derrida, é um erro tentarmos de todos os modos ignorar o animal como diferença, desprezando que existe a ruptura entre (Derrida, 2002, p. 58). Para ele devemos assumi-lo, olharmo-nos diante dele como este mistério que interroga “quem sou eu?” (Derrida, 2002, p. 92). E seguirmos na pergunta a qual não obtemos resposta.

Para Berger,

Os animais nascem, são sencientes e são mortais. Assemelham-se aos humanos em tudo isso. Na sua anatomia superficial – menos na sua anatomia profunda –, nos seus hábitos, no seu uso do tempo, nas suas capacidades físicas, são diferentes do homem. Tanto são parecidos quanto são diferentes. (Berger, 2020, pp. 22-23)

Pois, embora se tome do animal como figura, representação, símbolo, um *como se...*, mais profundamente sentido, este a quem dou nome e palavra, só o é na medida que assim o faço. No âmago do que não toco é um pouco mais, um tanto além, a total diferença

em relação a mim. Neste campo escrito, diante de tudo que desconheço e não sei do outro, a alteridade se faz.

Dei passos atrás, fui ao outro de Levinas e depois voltei para a gata de Derrida e a dimensão sem dimensão, sem fronteira ou limite. Se aqui fizesse a síntese final de uma resposta por Derrida em Clarice, seria a de justamente – contrapondo tantos e tão amplos textos literários – a inscrição do animal não enquanto figura, senão enquanto desconhecido em mim, desconhecido eu, que em algum lugar antes (ou depois?) do pensamento vê e vê-me. No eu desconhecido, o animal vê. Por ser, não um animal – pois aqui é o eu quem diz – , mas um vivente reconhecido no desconhecido do ser o totalmente outro, nu. Este eu que não se sabe, que talvez tente responder e que, no entanto, não se conclui.

Resiste a fenda de chegar a uma resposta, a um dizer palavreado sobre o animal em face de um pensamento escrito e conjecturado enquanto dizer animal. “Um elefante! O que é isso? Que espécie de profundidade incompreensível é esta que olha para dentro de nós?” (O estranho in Gaarder, 2001, pos. 2677)

Mas, e então... E diante destes livros nos quais estou diante, com olhos meus... (Diante de um livro sou um outro? O livro passa a também me ler. É um outro? Reflexo ou precipício...)

Nem sempre os escritores são senhores do mundo que criam. Às vezes, esse mundo começa a trabalhar por si só. No nosso caso, quem desencadeou o processo foi uma das personagens, que, de repente, tomou a palavra logo depois do pôr-do-sol. E o que essa personagem disse foi de uma tal força que suas consequências se fizeram sentir por todo o resto do romance. (A visita do escritor in Gaarder, 2001, pos. 3112)

Em algum rascunho ou nota de pensamento feito na mão, escrevi que falar ou tentar falar sobre o animal, ou melhor dizendo, o vivente, poderia seguir por diferentes direções e conjecturas. Contemporaneamente, cada vez mais há quem *olha*, a procura de respostas e conceitos conclusivos, para os animais. E os encontra. Inclusive há cada vez mais textos literários que interpelam – *certeiramente* – a *figura* animal.

Mas como somos – ou sou – incerta e insegura prefiro seguir pelo caminho da dúvida e do desconhecido. Se estou rendida na impossibilidade de atracar na conclusão, que, ao menos flua outro ou tantos outros e se des-pense alguma coisa que se dissolva entre sentir e pintar. Escrevi o pressuposto de partida... (veja bem... – localizar o pensamento).

Derrida vasculhou a história da filosofia, desdobrou hipóteses e argumentos, perguntando mais do que respondendo. Seu traço mais sensível e de maior profundidade não foi ali que se deu. Foi deixando-se ser sendo interrogado pelos olhos da gata, diante de si.

Ali, aprendeu a respeitar aceitando a descontinuidade continuada do espaço que alcançamos na continuidade do que é infinitamente desconhecido e inalcançável, que não se constituirá como resposta, que não caberá naquilo que dizemos nós sobre este, o outro:

Porém, antes mesmo dessa identificação, ele vem a mim como *este* vivente insubstituível que entra um dia no meu espaço, nesse lugar onde ele pôde me encontrar, me ver, e até me ver nu. **Nada poderá tirar de mim, nunca, a certeza de que se trata de uma existência rebelde a todo conceito.** E de uma existência mortal, pois desde que ele tem um nome, seu nome já sobrevive a ele. Ele indica seu desaparecimento possível. O meu também – e esse desaparecimento, daqui até lá, *jort/da*, se anuncia cada vez que, nudez ou não, um de nós sai de onde estamos. (Derrida, 2002, p. 26) (grifo meu)

E na impossibilidade admitida, Derrida *conhece* o animal como poesia, literatura: “(...) a literatura no sentido estrito é uma instituição indissociável do princípio democrático, quer dizer da liberdade de falar, de se dizer ou de não se dizer o que se quer dizer.” (Derrida, 2004, p. 24) Para ele,

O dom do poema não cita nada, não tem nenhum título, não faz mais histrionices, ele sobrevém sem que tu o esperes, cortando o fôlego, cortando com a poesia discursiva e sobretudo literária. Nas próprias cinzas desta genealogia. Não a fenix, não a águia, o ouriço, muito baixo, bem baixo, próximo da terra. Nem sublime, nem incorpóreo, talvez angélico, temporariamente. (Derrida, 2003, p. 9)

E sendo assim, “(...) entre cidade e natureza, um segredo partilhado, a um tempo público e privado, absolutamente um e outro, absolvido de fora e de dentro, nem um nem outro, o animal lançado na estrada, absoluto, solitário, enrolado em bola junto de si.” (Derrida, 2003, p. 5). O ouriço no jardim escondido entre folhas, por detrás das flores azuis. O imóvel ouriço que se perdeu perdido num canto de jardim no meio da cidade. Envolto de receio – que dou a dizer que seja – mostrou os espinhos como proteção da rosa.

Derrida está diante e no espaço que é próprio ao dizer dos animais ditos. A literatura se revolta, reveste, investe, rompe e desvela-se como entidade, instituição, como lugar, hospitalidade, eco de alteridade. E através dos animais ou deste animal, o ouriço, se alude o desdizer da poesia, a impossibilidade de dizer a poesia enquanto registro pensado, apanhado, engaiolado, preso como na lente sob o correr de um risco – assim como o animal:

Há cerca de dez anos, dei a palavra ou dei lugar a um pequeno ouriço, um bebê ouriço, talvez, diante da questão *O que é a poesia?* Pois o pensamento do animal, se pensamento houver, cabe à poesia, eis aí uma tese, e é disso que a filosofia, por essência, teve de se privar. É a diferença entre um saber filosófico e um pensamento poético. O ouriço de *O que é a poesia?* Ele respondia também, à sua maneira, ao chamado do ouriço de Alice. (Derrida, 2002, pp. 22-23)

O pensamento do animal será o pensamento poético, que se pensa na literatura – sem pensar. Na caneta que foi pega pela mão. Sobre a folha o vivente escreve, livre, poeticamente livre, sem nada a responder. Na paixão singular o que ensina o coração (Derrida, 2003, p. 10) – só do coração o coração poderia ensinar. Derrida leva-se pela poesia e na poesia... (a estranha avassaladora e perpétua perda da busca por conceituar):

Não há poema sem acidente, não há poema que não se abra como uma ferida, mas que não abra ferida também. Chamarás poema a uma encantação silenciosa, à ferida áfona que de ti desejo aprender de cor. Ele ocorre, então, no essencial, sem que tenhamos de o fazer: ele deixa-se fazer, sem actividade, sem trabalho, no mais sóbrio pathos, estranho a qualquer produção, sobretudo à criação. O poema chega-me, benção, vinda do outro. Ritmo mas dissimetria. Nunca há senão poema, antes de toda a poiese. (Derrida, 2003, p. 9)

A poesia para escrever o animal, o pensamento do animal mergulhado no universo de mistério vasto e impalpável. No que é aprendido de cor, *cuore*, na cor – talvez – do coração, a expressão do ser, a expressão artística, da palavra escrita e a escrita como pulsação do coração que não se solidifica na objetivação do objeto. É nela e por ela mesma. O risco de luz e sombra. A sombra do gato, o espinho preso na poesia de um filhote de ouriço. Um texto mínimo que, antes de figurar o animal emoldurado no que o é, esconde através do animal que *não fala* o pensamento de um eu que se esconde por detrás – (eu?). Água de mar, o mergulho imediato e infinito.

Do que suscita dizer que é do *cuore* ou que escapa do pensamento, pensemos no que virá a ser o animal desencontrado de *Água viva*. Um objeto gritante, escondido atrás do detrás do pensamento. O ser vivente que olha, interroga e nada responde. E na profusão do outro e eu, quem é eu, quem é o outro do eu?

Também é correto que a vida das pessoas e dos animais tem suas raízes numa série de mistérios ainda não elucidados. Mas nos últimos tempos o velho crítico de arte não vinha se dedicando com excessiva frequência a essas questões? Será que ele não estava de qualquer forma um pouco tenso demais? (O crítico in Gaarder, 2001, pos. 2350)

Feitos os primeiros passos no que se refere a soltar o pensamento e pensar sobre o outro, vejamos no tópico seguinte como a literatura relaciona-se com a alteridade e é representação do ir ao encontro.

1.2. A literatura (pensante) como alteridade

Naquilo que passo a observar pela literatura, neste tópico três aspectos serão desenvolvidos. O primeiro refere-se à relação entre direito e literatura. Este assunto é aqui abordado pelo que se estabelece entre as duas áreas enquanto espaço de debate do animal e como cada uma destas concebe-o. Além disso, pelos princípios que regem o direito – não falo do direito enquanto apanhado de leis –, de acordo com Derrida, será na capacidade de dizer da literatura que se constituirá a justiça e a democracia que faltam ao direito. Nisto a interpretação é o elo entre as duas esferas.

Condicionante a relação que leva a pensar além de pensar, pensemos na arte como expressão de tal movimento. A arte que pensa – sem pensar – o animal. E dela faz pensar a intersecção do vivente na expressão do eu. Este segundo tópico surge por influência dos encontros que vão acontecendo no decorrer da pesquisa, sem necessariamente ser reflexo de uma busca. Mas porque assim mesmo, acabam gerando o pensamento sobre como os animais circundam a existência, relacionam-se em nós sem dar uma resposta, sem justificar seus olhares parados em nós.

Por fim, abordarei especificamente a literatura como espaço de alteridade e *afirmação* do outro, que Derrida dirá ser o lugar que, por meio da capacidade de dizer tudo, efetivará genuinamente a justiça democrática do ser vivente.

1.2.1. O direito: Da interpretação aparente

Embora pareça desfocado e sem sentido, considerarei relevante instigar ainda mais o pensamento e trazer o direito para o diálogo. Aqui é tomado naquilo que conjuga o repensar essencial do animal, como contraste ou contraponto, ou mescla, à filosofia, a arte, a literatura, a escrita de Clarice.

Por outro lado, também chamo atenção pois Clarice parece integrar este labirinto, como estudante de Direito que foi, por *querer mudar as coisas, reformar os velhos cenários* da sociedade. Se há determinados padrões como critérios lógicos para escrever um trabalho, por outro lado, em ondas, mais evidente é o universo impalpável que Clarice elevou. Certamente, não há motivos diretos para falar sobre a relação entre direito e literatura aqui e, no entanto, há.

Do ponto de vista historiográfico, pode-se lembrar o percurso de Clarice enquanto estudante de direito. Mas se o foco se der sob a égide da ética para o animal, fonte de estudo,

então estaríamos de volta, outra vez, em Derrida e no espaço em que o direito não alcança o outro em sua grandeza. O que, em contrapartida, reflete o retorno à literatura como alteridade.

Para quem deu os primeiros passos e fez os primeiros estudos com base na referência do direito e da força aplicada na esfera jurídica, em algum momento, pareceu credível que a *força da lei* fosse o caminho de resposta para mudanças práticas a partir do reconhecimento do direito dos animais.

Mas voltar-se à filosofia e ao pensamento sensível de quem pensa, pôs também em causa as considerações e mudanças práticas com relação aos *sujeitos*. Agarrar-se à poética e ao espaço de dizer tudo, preferir o lugar ou a instituição estranha da literatura (Derrida, 2014). Para Derrida, o direito parece não cumprir seu papel de desconstruir e repensar (Derrida, 2010). Agora, veja-se bem que aquilo que Derrida irá tratar como sendo o poder de dizer tudo da literatura, não é descredenciado da responsabilidade daquilo que seja dito. O poder de dizer refere-se ao que as instituições deveriam efetivar mas não efetivam. Por sua vez, a expressão literária alcança e efetiva. O caso dos animais parece ser um exemplo bastante nítido. Tomemos da lembrança textos que escrevem os animais, ou a relação entre humanos e não-humanos. Não parecem ser estes muito mais genuínos e certos se comparados com os artigos de leis que ainda assinalam para o animal enquanto bem protegido?

Estes argumentos, então, são reforçados por outro aspecto, o da interpretação. A interpretação no centro da não resposta da solicitação social, paradigmaticamente aceita como, é como é.

Dworkin traçou, a partir da interpretação, um diálogo entre direito e literatura, assinalando aspectos de aproximação e afastamento. A multifacetada interpretação:

A literatura tem (primária ou substancialmente) um propósito cognitivo? A arte é melhor quando é, de alguma maneira, instrutiva, quando aprendemos com ela alguma coisa sobre como são as pessoas ou como é o mundo? Se é assim e a psicanálise é verdadeira (desculpe-me pela maneira crua de expressar isto), então uma interpretação psicanalítica de um texto literário mostrará por que ele é uma arte bem-sucedida. A arte é boa na medida em que é comunicação bem-sucedida no sentido comum? Se for, então uma boa interpretação irá concentrar-se no que o autor pretendeu, porque a comunicação só tem êxito quando expressa o que um falante quer expressar. **Ou a arte é boa quando é expressiva em um sentido diferente, na medida em que tem a capacidade de estimular ou inspirar a vida daqueles que a desfrutam? Se for, a interpretação colocará o leitor (ou ouvinte ou observador) no primeiro plano.** Indicará a leitura da obra que a torna mais valiosa – melhor como obra de arte – nesse sentido. (Dworkin, 2000, p. 225) (grifo meu)

Olhando a perspectiva da literatura como capacidade de aprofundar e ultrapassando a margem, observamos que o direito, de modo contrário, ainda é vinculado a uma noção geral de lei (entretanto o direito não é a lei, é muito mais do que o limite ou a força da lei), logo responde a um critério bastante pragmático e reduzido, conseqüentemente, não ultrapassa a condição aparente a qual responde, não alcançando então o estado intrínseco da coisa. Neste sentido, talvez não seja ensejo do direto o espaço da alteridade – mas não poderia ser?

Embora este não seja o foco de atenção, trago tal elemento de passagem pois aqui novamente se estabelecem vinculações entre os temas tratados. Veja-se, retomando a Derrida, que, assim como a filosofia não alcança de todo o animal, também o direito, ao manter-se fixado no que está construído, não possibilita desconstruir-se pensando o impensado ou para além do que é pensado.

Por outro lado, pensar o impensado, sinaliza Derrida, acontece pela literatura, que se esparrama como espaço capaz de dizer. Essa afirmação se evidencia de maneira importante ao abrir as páginas de *Água viva*, pela forma como ali discorre o animal eu (quando vai além ao fazer-se pelo não dizer, o acontecimento do eu-outro-eu indizível ou sem palavra). A fragmentação frente a uma condição que foi dita sobre o humano e sobre o animal. A desconstrução da aparência.

Mas deixemos para mais tarde a reflexão sobre a literatura como alteridade.

1.2.2. (N)A arte da expressão do outro

Revedo o que já foi tratado aqui, notamos uma vez mais como a memória antropocêntrica deu a moldura dissimulada sobre o animal. Quando, contrariando o argumento, todo ser vivente ainda é genuinamente o ser único. O eu visto nu, interrogado pelo animal que, diante de mim, carrega mesmo que eu não veja – se crente no papel de observador – a expressão que não é imposta ou pensada. Senão é como é o que é.

Ainda há uma certa preponderância desta aparência animal enquanto apêndice do ser humano, legitimado por ele, dependente e servidor, descrito e caracterizado, redundado na palavra que a ele emprega-se, ali circunscrito como completude totalizante do seu ser *conhecido* – finito. Tal movimento, que se convence capaz de conhecer e de dar a conhecer integralmente o outro, mas que só o é na medida de chegar a uma conclusão que não é outra

senão o limite do nosso desencontro. Em outras palavras: é o animal outro sem o outro, destituído de alteridade. Reduzido ao espelho do eu inerte.

Existem infinitas aparências sobrepostas a infinitas coisas destituídas delas mesmas, que passam a ser dadas como coisas outras (des-essencializadas). Máscaras, relevos, caracteres, conceitos, respostas espelhos. No caso do animal, ficamos na aparência vista, enquanto não somos capazes de nos vermos observados por ele – e é intencional aqui dizer o animal e não o ser vivente. Este que parece ser no que só superficialmente é, uma vez que pego em uma lente antropocêntrica e centralizadora.

Tenho feito voltas aos entornos. É que pensar o animal, ou imaginar-se ou ser pensada pelo vivente, transpõe espaços. Cada esquina nutre novo aspecto, característica, consideração, escreve a nota de rodapé, anota um passo de pensar, frase que tira o sono. Nuances que lembram Clarice, que levam ao diálogo com a dimensão humana, e que, por vezes, se desdobram no tempo espaço como horizonte não tão humano assim.

E aqui agora pego o fio da tinta para pensar o animal pela arte. Digamos. Anos atrás, para refletir a relação entre direito e literatura, *As meninas* de Velázquez e as pinceladas por trás das pinceladas que absorveram Foucault, serviram para inquietar-me sobre o *visível* das coisas, a superficialidade, ou aquilo que subsiste âmago da coisa sob a coisa aparente – (pensemos a interpretação dada pelo direito aos animais):

O pintor olha, com o rosto ligeiramente voltado e a cabeça inclinada para o ombro. Fixa um ponto invisível, mas que nós, espectadores, podemos determinar facilmente, pois que **este ponto somos nós mesmos: o nosso corpo, o nosso rosto, os nossos olhos**. O espectáculo que ele observa é, portanto, duas vezes invisível, pois não está representado no espaço do quadro e se situa precisamente nesse ponto cego, nesse esconderijo essencial em que o nosso olhar se subtrai a nós mesmos no momento em que olhamos. (...) O alto rectângulo monótono que ocupa, toda a extremidade esquerda do quadro real, e que figura o reverso da tela representada, restabelece, sob a forma de uma superfície, a invisibilidade em profundidade daquilo que o artista contempla: esse espaço em que estamos, esse espaço que somos. Dos olhos do pintor até ao que ele vê há uma linha imperiosa que não poderíamos evitar, nós, os que olhamos: ela atravessa o quadro real e sai da superfície do quadro para vir dar ao lugar onde nós vemos o pintor que nos observa; essa linha atinge-nos infalivelmente e liga-nos à representação do quadro. (Foucault, 2014, p. 68) (grifo meu)

Nessa inquietação que não se sossega nos dizeres ditos, recordo que o debate que está fluindo nas páginas e na página por vir refere-se ao Ser. Aquele quem que está sendo. Que submerge da superfície, que acontece na interseção do outro, também este, ser instante acontecimento acontecendo. O entrelaçamento do eu no outro, como indissociáveis, ocorre no campo visível da invisibilidade que a arte *rabisca* plano em cores das formas sem formas.

É um talvez, mas pode ser o reflexo de nós pintados enquanto *personagens* observados no quadro supostamente imóvel, diante de nós, parados. No quadro pintado, na pintura além da pintura, onde a densidade porosa prende-se ao profundo, desconhecido ou inversão da recíproca:

(...) é um lugar de reciprocidade; olhamos para um quadro de onde um pintor, por sua vez, nos contempla. **Nada mais que um face a face, uns olhos que se surpreendem, dois olhares frente a frente que se cruzam e se sobrepõem.** E, no entanto, esta subtil linha de visibilidade envolve toda uma complexa rede de incertezas, de permutas e de rodeios. O pintor só dirige os olhos para nós na medida em que nos encontramos no lugar do seu motivo. Nós, os espectadores, estamos a mais. Acolhidos por esse olhar, somos ao mesmo tempo expulsos por ele, substituídos por algo que ali sempre esteve antes de nós: o próprio modelo. Mas, inversamente, o olhar do pintor, dirigido para um ponto vazio, fora do quadro, aceita tantos modelos quantos os espectadores que lhe apareçam; nesse lugar preciso, mas indiferente, **o contemplador e o contemplado permutam-se incessantemente.** Nenhum olhar é estável, ou antes, no sulco neutro do olhar que trespassa a tela perpendicularmente, o sujeito e o objeto, o espectador e o modelo invertemos seus papéis permanentemente. (Foucault, 2014, p. 69) (grifo meu)

Na troca de papéis, o estado das coisas *inanimadas* move-se rompendo a imagem superficial delas mesmas. O reflexo refletido, o espelho no trecho quebrado do espelho, a imagem por trás. O espelho que passa a mover não a aparência, mas o que está submerso, submerso (talvez dali movendo), o que transcende. A fissura se abre sobre a superfície: “(...) não sabemos quem somos, nem o que fazemos. Somos vistos ou somos nós que vemos? O pintor fixa um lugar que, de instante a instante, não cessa de mudar de conteúdo, de forma, de rosto, de identidade.” (Foucault, 2014, p. 69). E então a definição do indefinido.

Instrumentalmente a arte serve de analogia ao argumento, lenta e sem as formas do tempo e dos quadros – sou observado ou sou o observador?

Tentemos colocar a leitura fora da moldura, resvalar para o desconhecido, para além da resposta (a resposta habita o espaço do aparente). E por liberdade, pensando na poesia (no que é a poesia) de Derrida como lugar do animal, reparamos nas variantes que ultrapassam fronteiras e pragmatismos.

Sabemos pouco, conheço pouco. Mas já deste pouco a arte desloca e torna mais vasta e ampla a existência do ser. Há espaço para a completude incompleta da existência, do vivente *eu* que não moldura a figura estanque da tela. A tela move-se e movente move o estado de *quem* observa.

Ir além da definição, daquilo que parece nos alcançar. Além do modo como nós a alcançamos, permeados de preceitos e argumentos e condições que quase nos roubam da experiência em si, da existência por ela mesma.

Reparemos que tal aferição pode atrelar-se ao texto literário, quando a um específico texto não abrimos a possibilidade de encontro com nós mesmos diante dele, pois já estamos maculados de interpretações, caracteres e elementos, feitura prévias. Então penso em Clarice, na devassidão, na vastidão do texto. No texto tomado pelo título e nada mais. Lendo, ser lido, encobrendo o descoberto. Levado, tomado por. Ser sido sendo.

A expressão sem fronteira e sem limite ao que possa expressar. É por um instante, no inesperado estado de estar, lá está, outra vez, o ovo, ou o pássaro raro, o cavalo alado, a galinha mágica e o coelho pensado pensante. O pincel parado na pintura da obra, quietamente inquietante. Interroga, interrogando-me. Interroga-se...

“É belo o ovo, não é Teo? Também eu sou assim, cada vez que vejo um ovo fico observando por horas e me pergunto como faz a natureza lançar coisas assim tão perfeitas.” (tradução livre) (Fellini, 1973). Eis Fellini, em 1973, na obra cinematográfica considerada, por alguns, autobiográfica, *Amarcord*. Ali, na linha horizontal da tela. O *louco*, que toma o ovo na ponta dos dedos, ergue-o, eleva-o, torna-o centro. O centro perfeito, o próprio ovo que esconde o mistério perfeito de ser. O ovo pensado? Pensante? Pensamento. A contemplação.

Para Rodin,

Art is contemplation. It is the pleasure of the mind which searches into nature and which searches into nature and which there divines the spirit by which Nature herself is animated. (...) Art is the most sublime mission of man, since it is the expression of thought seeking to understand the world and to make it understood. (Rodin, 2009, pos. 86)

Tornar a incompreensão compreensível na medida de captar ou ser algo que risca e molda, desenha e pinta. Que expressa a inquietação e a beleza, o estranhamento e a falta de desenvoltura com o mundo, o mistério do desconhecido que, expresso através da arte, encontra um modo para ser fora do que se molda ser. Eis uma das perspectivas que esparrama o ser que acontece. Que não é dito.

Estes aspectos são pontuações que não se rendem a uma conclusão definição do ser. Esfera onde o eco oposto do humano ao não-humano perde-se. O que estou chamando atenção – e por isso estou abrindo janelas para as vozes e os enlaces da arte – é para a grandeza da vida que não cabe no limite fronteira no qual a reduzimos. De algum modo, é escrever dizendo como um exercício de percepção da existência de cada coisa, existente na própria existência (pensemos em como nos relacionamos com nosso entorno, cada partícula, uma pedra, uma caneta, um prato, a porta).

Numa projeção deste pensar, reflito com Marguerite Yourcenar: “E dizer que o amor aos animais é tão antigo quanto a raça humana. Milhares de testemunhos escritos ou falados, de obras de arte e de gestos visíveis dão prova disso.” (Yourcenar, 1981)

Na veia da arte, no pulso do impulso, o animal. Levemos em consideração as primeiras manifestações daquilo que então denominamos como a expressão artística do ser humano. Os desenhos nas pedras e nas paredes, a representação nas formas: “O primeiro tema na pintura era relativo ao animal. Provavelmente, a primeira tinta foi o sangue do animal. Antes ainda, não será extemporâneo supor que a primeira metáfora tenha sido animal.” (Berger, 2020, p. 27)

Quer dizer, como espaço de similitude e diferença, observação, observador e observado se mesclam, misturam-se. Não há a definição definitiva de um e outro, embora exista a diferença e a presença.

Como *intenção* do ser, também na arte, quando se trata de *tentar* traçar o pensamento sobre, não haverá uma conclusão fixa. Curioso, o que vai se permeando entre o animal no humano, o humano no animal e como a arte, a sua própria forma, da vazão a isto.

Exemplo, *Ai Weiwei: Never sorry* (Klayman, 2012) é um documentário que joga para a tela um tanto da vida de um dos principais artistas contemporâneos. Weiwei, artista chinês, faz de sua arte um ativismo *radical*, escapa dos receios. Parece abandonar-se, instigando e provocando a condição da coisa posta.

Nos primeiros minutos do documentário sobre a mesa está um gato caramelo e peludo *brincando* com estruturas do que parece ser um projeto. As primeiras frases de Weiwei são sobre o gato que ronda seu pensamento, está instigado pelo gato no gato. Na sequência, questiona o tanto de cães e gatos que estão aí, ao seu entorno. Questiona-se, outra vez, sobre o fato de apenas um, entre todos aqueles, ser capaz de abrir a porta. Ai Weiwei interroga-se de onde vem essa inteligência. O artista reconhece que o gato observa, olha...: “**os gatos veem como nós abrimos portas.**”, “a grande diferença entre gatos e humanos é que ele consegue abrir, mas não fechar.” (Klayman, 2012) (grifo meu)

Abrindo nova porta, salto para Clarice, que em 1968 traduziu, de Struthers Burt:

«(...) O que é arte? Será a expressão humana consciente, controlada e dirigida em todas as suas miríades de manifestações, em nível alto ou baixo, movimentado ou parado, com ou sem valor, permanente ou efêmero? E o que é realismo?

«**Esta é uma pergunta grande, porque o que nós estamos perguntando é o que é a vida?** E tendo decidido – o que não conseguimos – estamos fazendo a nós mesmos uma pergunta igualmente grande. **Qual é a relação entre a arte e a vida? Qual a conexão? o cordão umbilical? E por que a arte pula da vida? e quase no mesmo tempo e inevitavelmente?** Porque nada é mais claro, ou mais provado pela História e pela

Antropologia, que o homem, mal começa a sê-lo, exhibe a urgência de se exprimir artisticamente. **Não estava satisfeito com a forma das coisas como são, e começava a moldá-las cruamente.** Depois de um tempo – em comparativamente o pequeno espaço de algumas centenas de milhares ou milhões de anos – tornou-se bastante bom, começou a pontar em paredes, a escavar intrincados desenhos em ossos.» (A irrealidade do realismo in Lispector, 2013a, pp. 90-91) (grifo meu)

Pensar a infinitude da arte é pensar sobre a vida, a existência do ser que acontece no instante de estar acontecendo. E acontecendo não se pensa acontecendo, é. O ser que é vai além. É sobre existir. E novamente a figura do observador se relativiza ou se pulveriza, pois é também observado, disposto a sê-lo naquilo que mais profundamente comunga da vida.

Dito isso, entre o ovo e o gato, a arte preconiza um eco possível que leva para além da fragmentação antropocêntrica da vida, quando o animal é e em sua face não inviabiliza a relação comigo, seu outro, expressão sem limite, diferença que acolhe pela diferença, separado como um abismo e mesmo assim infinito em mim. A partir disso: ver-me vista, ver-me observar que ele, o animal vivente, observa, olha, enxerga e abre a porta.

1.2.3. A literatura como pensamento do ser

Parte do que vem a ser elaborado neste tópico já está posto nas páginas antecedentes, com Derrida, em *O animal que logo sou* (Derrida, 2002), e seu pensar sobre o lugar dos animais e a gata que o interroga. Além dela, o filhote de ouriço e a possibilidade de tocar a poesia para o que é (ou não) a poesia na interrogação.

Então, quando falo de literatura do que falo? Do que sou, de quem é a voz escrita de quem fala? O que é a literatura ou esses quadros quadrados interpretados e reinterpretados com toda a tradição de todas as psicologias e sociologias e filosofias e teorias variadas, com as métricas e as medidas, os pesos e sobrepesos? Que forma é esta? O efeito se põe também pela questão da crise – das humanidades – e tudo o que leva a questionar sobre humanidade e a institucionalização das coisas.

Pensar na literatura, recordando o cinema – “São tempos difíceis para os sonhadores” (Jeunet, 2001) –, mas mais que isso, e retomando a estranha instituição de Derrida, não me afasto de Krenak ao dizer que “o tipo de sonho a que eu me refiro é uma instituição. Uma instituição que admite sonhadores.” (Krenak, 2020a, pos. 147). Talvez a

literatura seja um dos percursos que nos permita isso: ser fonte de sonhadores que se arriscam para além de pensar o que se pensa.

Derrida e a ponta espinhenta deixada pelo ouriço que passou, ficou na pele e incomoda. Incomoda o pensamento de pensar a literatura num relato mecânico e pragmático, como critério fechado e estanque. Já que, talvez, o que seja a parte mais ampla da literatura condiga com a entrega ao que vem do *cuore* – pensemos no âmago de Clarice, sua inscrição escrita. A isto, então, a responsabilidade das letras. Papel aos ares e o espaço sem margens e sem fronteiras. Será? Deve a literatura responder, obrigatoriamente, a algo? Deve ter um papel mais do que o papel escrito?

Não quero me deter em tais aspectos, não de forma a concluir. Entretanto, antes de propriamente dizer da literatura enquanto habitat dos animais, vou ainda a Derrida:

Insisto em geral na possibilidade de **“dizer tudo” com direito reconhecido em princípio à literatura, para marcar não a irresponsabilidade do escritor**, de quem quer que assine literatura, **mas a sua hiper-responsabilidade, quer dizer o facto de a sua responsabilidade não responder perante as instâncias já constituídas**. (Derrida, 2004, p. 21) (grifo meu)

Eis a tônica a qual as voltas deste trabalho tenta alcançar, o ensejo que abre a perspectiva para pensar além do que se está pensando. A literatura é este ir além, já que a responsabilidade *de dizer tudo* não corresponde a aparência daquilo que se institui – e se institucionaliza como estado das coisas, imutáveis. Pensemos nos animais e o modo como podemos relacionar-mo-nos por meio da literatura. Comparativamente, entreolhamos pela ótica do direito, um animal coisa, um património protegido.

Daí perceber a escrita literária como alternativa, como lente para o animal que se pronuncia agora e na objeção do tempo e das demandas do tempo. Isto tendo em consideração a ruptura que Clarice assinala, dando vazão ao ápice infinito da existência. Noto, neste caso, que a hiper-responsabilidade significa ultrapassagem, abertura ao dizer do indizível, o impossível, o imaginado inimaginável. A possibilidade de desconhecer.

Atrás da frase sussurra Clarice, sua voz penetrante do indizível – e a hesitação em publicar *Água viva*. É neste aspecto que Derrida compreende a literatura como lugar de dizer tudo. Pois a ela não há limite: “Por nunca ter havido uma única função para essa estranha instituição que se chama literatura, ela comparece na obra de Derrida sob o signo da alteridade. A literatura e a escrita/escritura sempre serão *outras*, diferentes, como efeito e causa da *différance* (...)” (Nascimento in Derrida, 2014, pp. 17-18)

O aspecto do poder de dizer demarca então sua condição democrática, que pressupõe a grandeza de alcançar esse além do dito, que se incorpora a dimensão infinita do outro reconhecido no ato de alteridade de reconhecê-lo outro:

(...) a **literatura no sentido estrito é uma instituição indissociável do princípio democrático**, quer dizer da liberdade de falar, de se dizer ou de não se dizer o que se quer dizer. (...) o conceito de literatura construiu-se sobre o princípio do “dizer tudo”. Ela interroga portanto o acontecimento, o que é chamado a suceder através de simulacros e de ficções, e assim a estrutura de ficção que pode constituir todo o discurso, em particular os discursos performativos, os que produzem direito e normas. (Derrida, 2004, p. 24) (grifo meu)

E o princípio democrático ultrapassa as normas e as regras (jurídicas ou literárias). Como reflexão, voltemo-nos aos animais e ao direito e ao que ainda é a lei instituída. Questiono pois, se a lei realmente representa a justiça e/ou uma condição democrática aos animais e – ampliando um pouco mais a questão – a natureza das coisas.

É desta interrogação que, diante do quadro depois da aparência, o quadro sob o quadro, as tintas, o risco, a pincelada, a luz de um alguém indizível, penso em Clarice, que se acreditava não feitora de literatura, mas da coisa escrita. Um meio para dizer que, a escritura é a coisa pura, a essencialidade.

Quanto a alteridade – como voz da literatura –, entenda-se a aceitação do outro assumido em seu mundo. Genuinamente, o lugar do outro e a des-acomodação do inalcançável, do inconclusivo:

Se os poetas fazem da poesia um espaço possível para que essas possibilidades se tornem plausíveis, ainda que na esfera da ficção, **Derrida, por sua vez, também não se furta aos recursos da poesia para tentar desconstruir os chamados “próprios do homem” e, pela via do paradoxo e da transversalidade, evidenciar que a travessia das fronteiras entre as esferas humana e não humana consiste em reconhecer, ao mesmo tempo, as diferenças que distinguem os homens dos outros animais e a possibilidade de essas diferenças serem mantidas como instâncias excludentes, uma vez que os humanos precisam se aceitar como animais para se tornarem humanos.** (Maciel, 2016, p. 47) (grifo meu)

Logo, é assinalada a diferença não como impossibilidade, mas como reconhecimento do lugar dos animais. A partir daqui, como argumento recorro à própria literatura para pensá-la naquilo que é impensável:

(...) a questão é a seguinte: *Marion Bloom nunca existiu*. Marion Bloom é uma criatura da imaginação de James Joyce. Se sou capaz de pensar a existência de um ser que nunca existiu, sou capaz de pensar a existência de um morcego ou de um chimpanzé ou de uma ostra, de qualquer ser que participe comigo do substrato da vida. (Coetzee, 2002, p. 43)

E ao substrato da vida, a literatura em seu poder de dizer o que não existe – aqui o digo relativizando o que digo. É via para dar e criar a possibilidade de admitir o que parece ser o impossível, o dizer tudo que não foi ainda dito. Isso ocorrerá ao assumirmos uma nova perspectiva também sobre o ser, que possa ser aceito e venha ser aceito pela diferença, por ser o outro. Tão outro que não cabe ou não se reduz ao – meu – dizer de ser o outro.

E continuar dizendo o que não é aceito e fazendo-se questionar ou alfinetando um pouco mais a fundo esse espinho do ouriço que é incômodo, que suscita qualquer coisa que não se sabe ao certo o que é em *quem se deixa afetar*. Ao que me inclino, reconheço a literatura como poder de afetar e isso já é a força do dizer tudo, é um passo para essa justiça democrática do ser, não inscrita na força da lei. Por outra lado, trata-se de uma latência, deixar-se afetar.

Então, com Clarice, os animais sussurram as curvas da palavra. Os animais abriram a porta, as portas, as janelas, e na literatura (ou na arte, de modo geral) descobrimos um lugar do ou no outro, na expressão que vai além do pensamento cerebral. Ali, o animal pode nos ver, falar, gritar, dizer e nos assumir enquanto observados. É puro, real, possível.

Na emoção que a arte expressa e não explica – não precisa explicar – há o rompante rompido de que “o saber que os homens julgam possuir se aloja, assim, nos limites do conhecimento racional, no enquadramento específico de uma percepção instituída, servindo, inclusive, para justificar os processos de marginalização e coisificação desses outros.” (Maciel, 2016, p. 42). Assim, lembremos o que foi elaborado nos primeiros tópicos deste trabalho e o caminho que estamos tomando.

Afinal,

(...)se a poesia é capaz de nos levar ao mundo incógnito (e espinhoso) da animalidade, (...) a escrita de tal coisa só pode se manifestar enquanto um “fingimento”, aqui tomado na acepção de Fernando Pessoa, como uma ficção poética. **Pensar, imaginar e escrever o animal não deixa, portanto, de ser uma experiência que se aloja nos limites da linguagem, lá onde a aproximação entre os mundos humano e não humano se torna viável**, apesar de eles não compartilharem um registro comum de signos. E, ainda que sempre falhe tal experiência de traduzir esse “outro mais outro que qualquer outro”, que está fora e dentro de nós mesmos, a poesia deixa sempre um resto, um rastro de saber sobre ele.” (Maciel, 2016, p. 46) (grifo meu)

Esse viés viável, a alteridade. Que agora passar a ser também campo aberto do ouriço no limite da linguagem enquanto relação. Se numa volta, a linguagem é modo de compreender a existência, alcançá-la, na continuação de seu giro, não é a sua totalidade – (*ecco*, eu dizendo o que alguém já disse, “a linguagem não dá conta da existência”). A vida, ou a relação entre seres vivos não acontece apenas, talvez nem mesmo

preponderantemente, na medida da linguagem. *Água viva* assim o demonstra ao anunciar o indizível no âmago desconhecido de um ser.

Para Derrida, a alteridade que existe pela literatura responde a demanda do outro, que interpela o desejo de justiça, que a lei e as filosofias não verdadeiramente alcançam (Derrida, 2014). A demanda do outro: “Eu amo porque o outro é outro, porque seu tempo jamais será meu.” (Derrida, 1987, p.522-523 in Derrida, 2014, p. 33). Neste sentido, para o filósofo, a literatura é espaço político e ético. (Nascimento in Derrida, 2014, p. 27)

Respirando nas entrelinhas. Encontrados nas esquinas, nas ruas, puxados em guias, nos jardins, por entre as árvores, gaiolas, abanando-se, abandonados, enroscando-se, nos ares. É o cotidiano sem concluir o texto que reescreve o pensamento do animal. Há os versos e as prosas, a escritura no desdobramento de tantos mundos. E o animal singular com nome – título (?). Animais invisíveis na lente da coisa superficial ou aparente. Mas estão lá, nas entrelinhas, não no pensamento pensado desde Descartes. Estou tentando aqui pensar além de pensar.

Os olhos debruçados no animal enredado, falado, chorando e camuflado ou solto e livre de pensamento, um ser existente antes de ser um pensamento sobre o animal restrito ao que se diga ser o animal. Mais do que buscar convencimento na sagração teórica da questão, façamos da literatura, ou do texto, simplesmente, da escrita ou da escritura, o próprio argumento:

(...)

Toda a expressão deles mora nos olhos — e perde-se
a um simples baixar de cílios, a uma sombra.
Nada nos pelos, nos extremos de inconcebível fragilidade,
e como neles há pouca montanha,
e que secura e que reentrâncias e que
impossibilidade de se organizarem em formas calmas,
permanentes e necessárias. Têm, talvez,
certa graça melancólica (um minuto) e com isto se fazem
perdoar a agitação incômoda e o translúcido
vazio interior que os torna tão pobres e carecidos
de emitir sons absurdos e agônicos: desejo, amor, ciúme
(que sabemos nós?), sons que se despedaçam e tombam no

[campo

como pedras aflitas e queimam a erva e a água,
e difícil, depois disto, é ruminarmos nossa verdade. (Um boi vê os homens in Andrade,
2012, p. 20)

A diferença se assinala pela mescla do eu no outro. Esta *forma* de conceber a existência pede sensibilidade para sair de nós e enxergar o outro no não visível. Se ainda for difícil o exercício em relação aos animais, pensemos no cotidiano. O que fazemos? O que

consideramos além das bolhas existenciais? Que consideração tomamos pela vida que não seja a nossa?

Em alguma medida, será necessário (re)enxergar, reler, enxergar outra vez. E lá estão (ou estarão), sendo, acontecendo neles mesmos. Seres viventes, humanos e não-humanos, animais. (E entre parêntesis, num exercício particular que se enrosca na carroça deste pensamento lento, riscado, arriscado, considero a reflexão: enquanto leitores, também estamos cegos aos animais? Não os encontrando para além de textos em que estão em referência e destaque material, em que são figuras, personagens em alto-relevo, são nomes dados, utilitários humanos, “como se...”, pois nem sempre conseguimos enxergar as ranhuras e nuances que estão sob as aparências. Muitas vezes não encontramos no texto nossa sensibilidade pura e cristalina que permite o encontro com o outro, sem um antes, sem um pré-estabelecido, sem a ideia inicial. A interrogação torna ainda mais difícil não pensar na potência da literatura e no horizonte individual que se estabelece através dela. Será que só alcançamos – também em literatura – aquilo a que nos dispomos alcançar?).

Porque está ainda lá:

(...)
Olhava-nos com uns olhos que havia
nos seus olhos
mas não se via o que ele via,
nem se nos via e nos reconhecia
de algum modo essencial
que nos escapava

ou se via o que de nós passava
e não o que permanecia,
o mistério que nos esclarecia.

Onde nós não alcançávamos
dentro de nós
o cão ia.

E aí adormecia
dum sono sem remorsos
e sem melancolia.

Então sonhava
o sonho sólido que existia.
E não compreendia.

Um dia chamámos pelo cão e ele não estava
onde sempre estivera:
na sua exclusiva vida.
(...) (O nome do cão in Pina, 2015, pp. 238-239)

E de repente, como um segredo, a linha abre-se como se nunca fora lida. E a fonte literária dá a enxergar aquilo que não se desfez ou não se reduziu pelo pragmatismo, não é

limitada a afirmação cartesiana, não sintetiza o animal pela capacidade racional de pensar o pensamento em palavras. Os exemplos que aqui vão sendo dados encontram ecos do animal que reflete a intenção do ser que acontece. Estes ecos estão no depois – ou no antes – da dizível palavra, não carrega a insustentável resposta finita e conclusiva do ser. O animal está em mim onde não está – ou não estou? O encontro do outro aparece há muito, em versos e prosas que cintilam o animal além da compreensão humana.

Com Mário Quintana a doçura do verso expande o encontro, no poeta encontramos tonalidades daquilo que aqui estamos inclinados a pensar, ou, levando em consideração Clarice Lispector, ser mais do que pensar ou pensar no que é atrás de pensar. E o poeta Quintana diz:

(...)
E mesmo que o cão que está ladrando agora
É mais humano do que todas as máquinas.
Sinto-me artificial como esta esferográfica. (Lunar in Quintana, 2012, pos. 221)

O mesmo Mário Quintana escreve,

(...)
A que mundo
Pertença?
No mundo há pedras, baobás, panteras,
Águas cantarolantes, o vento ventando
E no alto as nuvens improvisando sem
cessar.
Mas nada, disse tudo, diz: “existo”.
Porque apenas existem... (Olho as minhas mãos in Quintana, 2012, pos. 285)

E *existo* é onde converge o ser que não responde e não registra o registro de sua existência. É o ser que, ao princípio de si, está acontecendo como ser nele mesmo, existente pelo ser que é e não enquanto medida dita de existir. Então, peguemos nosso guarda-chuva, caminhemos por Dublin, a gata está miando entre os cômodos da casa, falante...

A gata andou toda esticada com a cauda erguida em volta de uma das pernas da mesa.
– Minhau.
– Ah, você está aí – disse o Sr. Bloom, se virando de costas para o fogo.
A gata respondeu miando e toda esticada se aproximou rastejando miando novamente em volta de uma das pernas da mesa. Exatamente do jeito que ela rasteja em cima de minha escrivaninha. Ronron. Coce minha cabeça. Ron.
O Sr. Bloom observou, gentilmente inquisitivo, a forma negra flexível. Graciosa de ver: o brilho do seu pêlo lustroso, o botão branco sob a base de sua cauda, os olhos verdes cintilantes. Ele se inclinou para ela, com mãos apoiadas nos joelhos.
– Leite para a gatinha – disse ele.
– Minhau! – gritou a gata.
Eles as chamam de tolas. Elas entendem o que dizemos melhor do que nós as entendemos. Ela entende tudo que quer. Vingativa também. Cruel. A natureza dela.

Curioso os camundongos não chiam nunca. Parecem gostar disso. **Eu me pergunto o que é que eu pareço para ela. Altura de uma torre? Não, ela pode pular por cima de mim.**

– Medo dos pintos ela tem – disse ele zombeteiramente. – Medo dos chukchuks. Eu nunca vi uma gatinha tão tola como essa gatinha.

– Miinhau! – gritou alto a gata. (Joyce, 2010, pp. 90-91) (grifo meu)

Daqui é possível esparramar trechos a todos os lados, enxurradas literárias ou como queiram – zooliteratura. Exemplos que, antes de Derrida costurar seu pensamento entre animais e literatura, já estavam lá. Sendo, vivendo, existindo para além de qualquer coisa explicada.

Amava os animais o autor do *Eclesiastes*, ao perguntar para onde ia a alma dos bichos; Leonardo, libertando os pássaros prisioneiros num mercado de Florença, ou ainda a chinesa que, há mil anos, encontrando num canto do pátio uma gaiola enorme com centenas de pardais (seu médico recomendara comer todos os dias miolos da ave ainda mornos), abre as grandes portas do viveiro, dizendo: “Quem sou eu para me preferir a esses bichinhos?” As opções que temos de tomar a cada instante, outros já tomaram antes de nós. (Yourcenar, 1981)

Venho a notar através da confluência das reflexões que o reconhecimento da vida, a existência do ser vivente, do animal, comunga da capacidade sensível, ou como já mencionei, a capacidade – ou poder que ousar ter – de deixar-me afetar. Neste aspecto, rememoro o debate sobre a crise das humanidades, os ecos. Por outro lado, há ainda a sensivelmente consciente – humana – para conceber a existência para além de nós mesmos, para ir além e ver – ou ser – de coração, ou para considerar a vida em outras nuances.

(...)

Mas se a forma da consciência é ter consciência, que há nisso?

A planta, se falasse, podia dizer-me: e o teu perfume?

Podia dizer-me: tu tens consciência porque ter consciência é uma qualidade humana

E eu não tenho consciência porque sou flor, não sou homem.

Tenho perfume e tu não tens, porque sou flor... (Pessoa, 2001, pos. 1057)

A relativização dos argumentos e a consideração das capacidades outras, que não estão ao crivo da racionalidade. Eis uma dimensão do ser que não está na hierarquia que foi sendo estabelecida e que, conseqüentemente, refletiu na coisificação da vida. Eis a responsabilidade da literatura de dizer o que, por outra via, não será. Esta é a possibilidade de dizer tudo, é a desconstrução de uma máxima que serviu durante um período do tempo, mas que não é o limite, não é uma condição total nem estanque. Pensar mais do que pensar sobre o infinito do ser leva-me a ampliar o entendimento sobre a vida, não reduzi-lo.

Deslocando lugares, o vivente existe para além de mim. A literatura tem me feito exercitar o pensamento de pensar além de pensar, ensinando-me sobre isto, através da

abertura de mundos que até então passavam como inexistentes e que, no entanto, estão lá, existem para além de mim. Eis a consideração da alteridade:

Enquanto encaravam um ao outro, pensaram: aqui estou eu. Então, sentiram: mas que diferente! O rosto dela era pálido, de uma inválida, afastado de ar, da luz, da liberdade. O dele era o rosto saudável e afetuoso de um animal jovem, cheio de saúde e de energia. [...] **Entre os dois existia o maior abismo que pode separar um do outro. Ela falava. Ele era mudo. Ela era uma mulher; ele era um cão. Assim, intimamente ligados; assim, imensamente separados, um encarava o outro.** Então, de um salto, Flush subiu no sofá e se acomodou no lugar em que permaneceria para todo o sempre – sobre a manta aos pés de Senhorita Barrett. (Woolf, 2010, p. 93) (grifo meu)

Agora, reparamos: onde um encara o outro e mergulha no mistério desconhecido do outro em mim, Clarice extrapola esta perspectiva e a esparrama para além da palavra, cria palavras do indizível:

(...) Você não sabe que revelação foi para mim ter um cão, ver e sentir a matéria de que é feito um cão. É a coisa mais doce que eu já vi, **o cão é de uma paciência para com a natureza impotente dele e para com a natureza incompreensível dos outros...** E com os pequenos meios que ele tem, com uma burrice cheia de doçura, **ele arranja modo de compreender a gente de um modo direto.** Sobretudo Dilermando era uma coisa minha que eu não tinha que repartir com ninguém. (Lispector, 2015b, pos. 1187) (grifo meu)

A autora de *Água viva*, dos romances, contos e crônicas, teve uma vida em conversa e contato mútuo com os animais. A partir deles olhou para si mesma, estendeu a dimensão da existência, questionou-se, abriu-se à consciência de ser, do outro. Seguiu em frente, sempre sem concessões. Teve a solidão e um cão aos seus pés e o pensamento fora do medo de ser pensado além do pensamento – o que era o atrás do pensamento.

Se olharmos pela alteridade que a literatura incita, então será possível encontrar Clarice para além da literatura. Ou ainda, ousando, será possível considerar que Clarice Lispector não fez literatura (como ela mesma disse), mas fez e viveu uma vida escrita: “Esta noite um gato chorou tanto que tive uma das mais profundas compaixões pelo que é vivo. Parecia dor, e, em nossos termos humanos e animais, era. Mas seria dor, ou era «ir», «ir para»? Pois o que é vivo vai para.” (Ir para in Lispector, 2013a, p. 39)

Dito isto, estão feitas, neste primeiro capítulo, as principais considerações – dentro de um universo muito maior – sobre a interseção entre animais, literatura e alteridade. Nos caminhos seguintes, andemos pelo mistério de Clarice e as vozes outras, os olhares outros dos outros nos outros.

É o mergulho.

2. A possibilidade íntima na obra de Clarice Lispector

O capítulo primeiro desenhou um percurso entre alguns elementos que logo mais irão confluir em *Água viva* (1973). Com Levinas e Derrida, o sentido buscado foi de melhor reconhecer a alteridade e a passagem ao mundo do outro. Consequentemente, quanto a isto, ainda se fez algumas conversações e convergências entre áreas que, por sua vez, se coadunam como esferas perceptivas quanto ao dispor-se ao outro.

Aproximando a lente, o próximo passo ou o próximo traço tem a intenção de refletir sobre o universo narrativo de Clarice Lispector, mergulhando em compreensões e representações possíveis aos aspectos que circundam e motivam o caráter central deste trabalho, que se refere a mais latente relação entre mundos, idas aos toques mais profundos do outro (quem?), o deslocamento entre humano-não-humano. O ser nele mesmo.

Deste modo, talvez como problematização, começo por fazer uma nota de cunho pessoal em relação aos estudos sobre Clarice, pois ao me deparar com esta conjectura, de início, senti incômodo, como se algo soasse *errado*, houvesse equívocos. Explico: tendo em mente alguma percepção sobre o outro e de como o aspecto do encontro ou da entrega ao seu mundo, em Clarice, é marcadamente forte – a condição da alteridade –, deparei-me com uma certa dissonância ao tomar as leituras críticas e interpretativas sobre a autora. Há muitos modos e caminhos e possibilidades e, no entanto, em grande medida, parecia faltar a dimensão maior, dada por ela mesma na escrita. E, de fato, neste momento, são muitos estudos e pesquisas em torno da obra de Clarice, as interpretações são as mais variadas. Entretanto, para mim, pessoalmente, em muitas destas abordagens falta, substancialmente, ela.

Vejamos: das leituras sobre o que era ou o que é dito sobre Clarice e sobre seus livros senti estranhamento, uma vez que, se na via inversa, lia e continuo lendo-a, nua, sem um antes, sem um conhecimento prévio – foi deste modo que se deu o encontro com *Água viva*; uma folha em branco, pura; o título na primeira página aberta, nada mais, no outro lado, num verdadeiro manancial de querer dizer, estão as interpretações e as caracterizações geniais que perpassam a psicanálise, os estudos clássicos, a metafísica, a mística e que se desdobram tanto que se perdem e chegam a conclusão de querer dizer. Tudo é esmiuçado no menor dos pormenores. Paradoxalmente, acaba por dar uma certa limitação à dimensão de mundo, pelos modos possíveis de ler ou como se deve ler Clarice. Muitas vezes, reduzindo-se a uma busca de querer dizer que no fundo pode não querer dizer nada. Ou então e ainda,

pode se reduzir a uma leitura que pretende, como fim total, entender objetivamente o que quis dizer a autora.

Mas em Clarice, quem lê, deve considerar a liberdade consciente de não entender, de não poder entender ou de não querer entender. Porque entender, racionalmente, já não é necessário, ou ao menos não é substancialmente necessário. Não é a única forma possível de estar ou de alcançar o texto. Lembro que ela teve coragem para dizer “não sei”.

Rompendo com uma conjectura sobre o modo de fazer ou dizer a literatura, ela abre a possibilidade de estar diante de um texto em outras concepções. Lembremos da entrevista que concedeu a TV Cultura (TV Cultura, 1977). Ao ser questionada sobre ser uma escritora popular ou hermética, comentou sobre isto a partir de um professor que a procurou, pois este dizia não entender seu texto. Contrapondo, menciona uma jovem estudante que a tinha como livro de cabeceira. Concluiu o caso dizendo: “ou toca ou não toca.” (TV Cultura, 1977)

Pois bem, esta é a profundidade que as explicações não alcançam. Como leitores ou como pesquisadores sensíveis – que podemos ou deveríamos ser –, que também nós nos permitamos, diante da amplitude do outro, ser tocados. E a partir daquilo que toca ou não toca, deixemo-nos ser lidos.

Deixar-se ser parte do outro. Pois, mais do que a busca objetiva e concreta da compreensão, aquilo que genuinamente alcança a existência, a grandeza da existência – inclusive a humana –, nem sempre caberá nas medidas das palavras compreendidas.

Adentremos Clarice:

Se uma pessoa perfeita do planeta Marte descesse e soubesse que as pessoas da Terra se cansavam e envelheciam, teria pena e espanto. Sem entender jamais o que havia de bom em ser gente, em sentir-se cansada, em diariamente falar; só os iniciados compreenderiam essa nuance de vício e esse refinamento de vida. (A imitação da rosa in Lispector, 2013c, p. 34)

Com o que aqui coloco, não quero desconsiderar as interpretações em torno da autora e da sua obra, considero-as ricas e valiosas para o seu acervo e memória. Mas, ao mesmo tempo, reforço a noção de que neste trabalho, especificamente, não poderia ser assim. Se quero verdadeiramente respeitar o outro, então o movimento que devo pessoalmente fazer é de ir integralmente a este mundo, respeitando suas bases e seus movimentos, dando vazão principalmente através dele, fixando-me ainda mais na voz da própria autora. Assim, buscarei apoiar-me preponderantemente nos próprios textos dela.

Logo, neste segundo capítulo pretendo ampliar a jornada através do universo de Clarice Lispector, observando-a enquanto face de alteridade e engajamento para um outro

que se encaminha na mesma medida em que se desloca para a busca de si mesmo. E que, neste movimento, também se enrosca e se envolve numa mescla, não propriamente separável, entre um estado de ser humano e ser animal. Já que, em Clarice, muitas vezes, a figura do animal não é propriamente uma figura, não significa um *como se*.

Passemos à observação destes elementos.

2.1. Literatura: *Fuga* narrativa? Encontro no outro? Eu?

Clarice, quando foi que você chorou? Quem foi que a viu chorar?, perguntei diante das crônicas que descobriram o mundo. Foi feliz? Encontrou o amor que tanto almejou na vida e para a sua vida? Deu, a escrita, conta de todos os anseios existenciais, os felizes e os não felizes?

Da janela, o mundo se anuncia. Nos ouvidos há o ruído das ruas misturado a canção⁶:

(...) Eu sei, sei que é penoso. Mas qual é a busca que em si mesma não traga sua pena? Se uma pessoa se perguntar durante meia hora a palavra 'eu', essa pessoa se esquece quem é. Outras podem enlouquecer. É mais seguro não fazer jamais perguntas – porque nunca se atinge o âmago de uma resposta. E porque a resposta traz em si outra pergunta. O que é que eu sou? (Lispector in Borelli, 1981, p. 14)

Para Olga Borelli, amiga e secretária pessoal, que esteve em relação próxima com a escritora até os últimos momentos de sua vida,

Denifi-la é difícil. Contra a noção de mito, de intelectual, coloco aqui a minha visão dela: **era uma dona-de-casa que escrevia romances e contos.** Dois atributos imediatamente visíveis: **integridade e intensidade.** Uma intensidade que fluía dela e para ela refluía. Procurava ansiosamente, lá, onde o ser se relaciona com o absoluto, o seu centro de força – essa convergência a consumia e fazia sofrer. Sempre tentou de alguma maneira solidarizar-se e compreender o sofrimento do outro, coisa que acontecia na medida da necessidade de quem a recebia. O problema social a angustiava. Sabia o quanto doíam as coisas e o quanto custava a solidão. (Borelli, 1981, pp. 14-15) (grifo meu)

Trazer aqui tal passagem, tomando em conta as leituras que tenho feito em Clarice, não pretende agarrar-se a uma perspectiva convencional sobre a figura de uma dona de casa. A medida desta afirmação, frente ao que passa a ser indicado no universo clariciano, refere-

⁶ Nota: A partir daqui algumas citações aparecem em itálico, assim estão por consonância ao modo como estão nos textos dos quais foram retiradas.

se muito mais a um pertencimento aos coisas cotidianas. Sua escrita acontece no simplório, no corriqueiro ou no *banal*, ganhando aí a projeção extraordinária e de profundo pensar para além do óbvio, é nesta medida que o argumento se afirma. Ainda, ressaltar ser este o tom para a escrita não escrita em parâmetros intelectualizados ou intelectuais. A voz de Clarice em sua grandeza pensante assim revela.

Portanto, entre Clarice escrita e aquela lembrada por quem *esteve* em proximidade, a conhecemos afora do querer dizer, sem atropelos, sem reduções. Aos poucos se pode redescobrir um ser vivente através do que escreveu – lugar vivência, onde está, onde existiu ou existe com maior força, com completude. Afinal, “*Meu drama: é que sou livre.*” (Lispector in Borelli, 1981, p. 44). E, de fato, sua liberdade era transposta pelo modo como escreveu e se fez existir na vida.

Não seguiu um padrão, uma doutrina, uma lógica. Escreveu quando era o momento de escrever. Sem qualquer intenção de obediência, sem qualquer vínculo de obrigação. Respirou o cotidiano, não teve influências – isso não quer dizer que não pensou e sentiu o que foi tomando durante a caminhada (lembramos do impacto que o livro *O lobo da estepe* gerou nela) (TV Cultura, 1977) –, respeitou o âmago, a força de suas palavras e sofreu por isso. Para si, manteve-se consciente – mesmo sem se saber consciente – de que a vida se faz numa grandeza maior do que é tomada em rédeas de explicações. Rompeu os limites e seu texto revela uma confluência sobre existir, que já não poderia caber nas palavras que separam o cotidiano do desenho das letras ou da tinta na tela. Há uma mescla total e pensante de todo ao todo. Ali onde, seu compromisso, se houve algum, foi, de fato, com a vida:

E morre-se, sem ao menos uma explicação. E o pior – vive-se, sem ao menos uma explicação. (...) E por que, só porque eu escrevi, pensam que tenho que continuar a escrever? Avisei a meus filhos que amanei em cólera, e que eles não ligassem. Mas eu quero ligar. Queria fazer alguma coisa definitiva que rebentasse com o tendão tenso que sustenta meu coração. (*Dies Irae* in Lispector, 2013a, p. 47)

Tratam-se de textos não totalmente definíveis a um gênero literário. A moldura do enquadramento, olhando para a Clarice no texto, não existe, não é uma preocupação. Seria, talvez, um depois nomeado, não necessariamente por ela. Enquanto vida escrita, deixou entregue a quem interessasse ou precisasse dos quadros das diretrizes da literatura, da forma do cânone ou da formatação específica de cada gênero. Assim como, também aquilo que leu, leu como encontro, por busca e experiência.

De um outro tempo, talvez mais do que agora, Clarice não se fez influenciar pelo dizer literário, uma vez que a escrita em si mesma a antecedia e foi a sua essencialidade – é.

Como dizer que não houve uma intenção racionalmente buscada e defendida para definir-se como escritora. Contudo ali estava o meio para fazer-se mundo, existência humana, mistério da vida, acontecimento de si.

Na mesma direção, pontuo que além da indiferença quanto à forma ou ao gênero, também há uma espécie de câmbio, um movimento de mutação, um ir e vir, uma troca quanto ao que se interpelaria conjecturar como biográfico e não-biográfico:

Minhas intuições se tornam mais claras ao esforço de transpô-las em palavras. É neste sentido, pois, que escrever me é uma necessidade. De um lado, porque **escrever é um modo de não mentir o sentimento** (a transfiguração involuntária da imaginação é apenas um modo de chegar); de outro lado, **escrevo pela incapacidade de entender, sem ser através do processo de escrever**. (Aventura in Lispector, 2013a, p. 335) (grifo meu)

Através deste trecho, a (des)medida da escrita. O cunho ou punho do que permeia essencialmente o escrever de Clarice e que poderia, de algum modo, representar seu descompromisso com o feitio literário – em termos de instituição. Deixando por perceber o aprofundamento do sentir existencial, que se lança entre os textos num movimento de amálgama entre aquilo que é lido como relato pessoal, como as crônicas, e aquilo que supostamente se entenderia como a criação de seus personagens e seus cenários.

Daqui lembro de sua dúvida quanto ao mostrar-se mais nas coisas do seu cotidiano através das crônicas do jornal: “E também sem perceber, à medida que escrevia para aqui, ia me tornando pessoal demais, correndo o risco daqui em breve de publicar minha vida passada e presente, o que não pretendo.” (Ser cronista in Lispector, 2013a, p. 154)

Este enlace, por si só, caberia ser aprofundado. No sentido de que, parece ser, toda a obra da autora uma confluência rompedora ou desconsiderada entre o que é ficção e o que é biográfico. Textos feitos com personagem em nome, contexto montado, cenário erguido, não seriam menos existentes – reais. Não estão falando *menos* do mais íntimo para o mais íntimo da alma humana, da existência infinita.

No caso das crônicas publicadas no Jornal do Brasil, Clarice hesitava quanto ao que poderia ser sabido de si através delas. Talvez, também por isso, a insegurança ante a publicação de *Água viva*, a enigmática obra considerada de viés substancialmente não literário, a narrativa sem meio, fim, início. A fuga não fugidia da menina criança que não tinha seus textos publicados no jornal local por escrever sensações e não histórias que começavam com “era uma vez...”: “Mandava seus trabalhos para o *Diário de Pernambuco*, que publicava contos infantis. Nunca publicaram nada seu. E ela sabia por quê. Os que

apareciam no jornal começavam sempre: ‘Era uma vez...’ Os dela eram apenas a anotação de suas sensações.” (Borelli, 1981, p. 66)

Todos estes aspectos levam-me a conjecturar o que, verdadeiramente, poderia significar “a possibilidade íntima” na obra de Clarice. Tomando a mão da pergunta e indo ao encontro, havemos de ouvi-la dizendo:

Quando não sei onde guardei um papel importante e a procura se revela inútil, pergunto-me: se eu fosse eu e tivesse um papel importante para guardar, que lugar escolheria? Às vezes dá certo. Mas muitas vezes fico tão pressionada pela frase «se eu fosse eu», que a procura do papel se torna secundária, e começo a pensar. Diria melhor, **sentir**. E não me sinto bem. Experimente: se você fosse você, como seria e o que faria? Logo de início se sente um constrangimento: a mentira em que todos nos acomodamos acabou de ser levemente locomovida do lugar onde se acomodara. No entanto já li biografias de pessoas que de repente passavam a ser elas mesmas, e mudavam inteiramente de vida. Acho que se eu fosse realmente eu, os amigos não me cumprimentariam na rua porque até minha fisionomia teria mudado. Como? Não sei.
(...) E se eu fosse eu daria tudo o que é meu, e confiaria o futuro ao futuro.
«Se eu fosse eu» parece representar o nosso maior perigo de viver, parece a entrada nova no desconhecido. No entanto tenho a intuição de que, passadas as primeiras chamadas loucuras da festa que seria, teríamos enfim a experiência do mundo. (Se eu fosse eu in Lispector, 2013a, p. 219) (grifo meu)

O derramamento de si mesma diante da amplitude de ser-se, o mistério no qual mergulhou. A fonte de água viva na qual bebeu: “Sabia que estava fadada a pensar pouco, raciocinar me restringia dentro de minha pele. Como pois inaugurar agora em mim o pensamento? e talvez só o pensamento me salvasse, tenho medo da paixão.” (Lispector, 2015c, pos. 96)

Trata-se do atravessamento da dúvida existencial, da coragem diante da coisa desconhecida que é. Daquilo que instiga através do pensamento, atrás do pensamento, há uma constante interrogação. Mas que, no entanto, não parece adequar-se, propriamente, a um enredo filosófico:

Por que então a literatura de C.L. não deve ser considerada “filosófica”? Porque a filosofia, qualquer uma, mesmo a mais ambiciosa, ainda é um discurso parcial sobre o que há (e o que não há). No fundo, é uma disciplina ocidental, formatada pelos gregos, engendrando uma tradição de reflexão e cultura como a matriz do Ocidente mesmo. (...) Não há saber sem domínio, sem reserva de mercado e atribuição de competências, como sinalizam desde a década de 1960 Foucault e Derrida, cada um com seus variados dispositivos discursivos e transdiscursivos, disciplinares (história, filosofia, literatura, etnologia) e transdisciplinares, no limite entre um saber rigoroso e aquele que se **deslimita mais além desse saber, provisoriamente nomeado como não saber.** (Nascimento, 2012, p. 105) (grifo meu)

A escritora, ao assumir-se pela escrita no princípio do que é escrever – sem margens para a literatura – anda para uma inscrição do não saber, fazendo-se também pelo não sabendo. Abrindo portas e tateando o escuro. Claro – já disseram –, Clarice leu textos

filosóficos e de herança filosófica, leu clássicos e, supostamente, conheceu as *grandes* letras de sua época. No entanto, diretamente, não houve influência que recaísse no seu texto que não fosse a nascida substancialmente desta espécie de desconforto e profundo silêncio sobre ser parte e ser um ser indimensionável na inscrição dimensionável do que seja um ser:

Na verdade, nenhum autor a influenciou. **Sua linguagem era fruto de uma experiência direta dela consigo própria e com o mundo**, sem a intermediação disso que se chama – enquanto sistema organizado de textos de uma determinada cultura de ‘Literatura’. **Escrever era experimentar** – assim como um cientista experimenta, testa, comprova ou refuta suas hipóteses quando as submete ao rigor de seu método e sua teoria. **Nela, a matéria a pesquisar eram os sentimentos, as sensações, as intuições provocadas pelo simples fluir da vida**. Seu único método: manter-se perplexa, em ‘estado de pergunta’, no oco da vida. (Borelli, 1981, p. 67) (grifo meu)

Para nós então, se for preciso encaixotar ou dar qualquer característica a sua obra, poder-se-á sim denotar os ares filosóficos existencialistas, mas apenas se for necessário martelar a moldura. Pois, “(...) as necessidades de uma vida são as coisas mais bonitas de uma vida. As necessidades de uma vida não têm nada a ver com os deveres de uma vida. As necessidades são verdadeiras inspirações.” (Lispector, 2015b, pos. 2096). E existir sentindo pensando era uma necessidade, escrever era uma necessidade que respondia ao que era viver para Clarice.

Deste enredar-se de palavras íntimas o eu clariciano ganha voz na proposição de ser, com a liberdade de alguém que não respondeu nem correspondeu a concessões:

Assusta a visão talvez irremediável e que talvez seja a da liberdade. O hábito de olhar através das grades da prisão, o conforto de segurar com as duas mãos as barras, enquanto olho. A prisão é a segurança, as barras o apoio para as mãos. Então reconheço que a liberdade é só para muito poucos.” (Paul Klee in Lispector, Para não esquecer, 2020, pos. 171)

“Que mistério tem Clarice?” Perguntou Caetano Veloso (Veloso, 2006). Que mistério tem alguém, um ser vivente transposto vivo nas palavras que são a sua extensão de mundo? Que é próprio um animal que escapa pelas mãos, que é nas páginas, água viva, bebível e impalpável. Que se torna, sente-se palpável no horizonte de pensar sentir, que se fez para fora de pensar. Segundo Olga Borelli, “Escrevia, portanto, para viver, e não para sobreviver. Escrever era a sua vida.” (Borelli, 1981, p. 46)

A *função* (e esta é uma expressão ruim) da escrita como elemento de compreensão de mundo é a sua própria condição subjetiva. Ao mesmo tempo, é tangível e real – objetiva. É de grande liberdade e intensa fruição. Ainda Olga Borelli diz:

Raramente – repito – falava sobre literatura. Claro, não conversava da mesma forma que escrevia. Quando discorria sobre suas preocupações fundamentais, não mudava de tom, nem procurava outro vocabulário. Falava da vida e da morte com a mesma voz com que informava sobre suas cores preferidas... (Borelli, 1981, p. 49)

Respeitando esta projeção e confiando no que estabeleceu como prática e discurso, Clarice não se vinculou a um conceito fixado da ou na literatura, assim como não buscou ser escritora naquilo que, geralmente, se condiciona como rótulo. Escreveu porque escrever era a sua possibilidade para viver. Não elegeu, não fez do caminho métrica:

Nem toda pessoa que escreve está necessariamente a par das teorias a respeito de literatura e nem todos têm boa formação cultural: é o meu caso. Nem sempre o ficcionista está inclusive à altura de falar até sobre ficção. Ou é capaz de uma objetividade que resultaria numa visão panorâmica do que se faz nos diversos setores da literatura. Ou sabe estabelecer suas relações com as outras artes, a fim de poder dar uma ideia de um todo orgânico, cujas raízes são diversas e nem sempre imediatamente visíveis. E, de novo, este é o meu caso. (Literatura de vanguarda no Brasil in Lispector, 2015d, pos. 1086-1092)

A escrita, ou a arte de modo geral – uma vez que se referia a pintura e a música como elementos de engrandecimento do seu modo de ser (“A música também. Por que não tocava sozinha todas as músicas que existiam? – Ela olhava o piano aberto – as músicas lá estavam contidas... Seus olhos se alargavam, escurecidos, misteriosos.” (Lispector, 2019b, pos. 328)), e também o cinema –, tenha sido o viés de salvação e de entrega, através da qual, de fato, deixou-se ser, singela e cristalina, parte integralmente desconhecida do outro, o totalmente outro – que vai além do humano. Esta experiência de busca não coube em um preceito de compreensão intelectualizada:

Nunca tive, enfim, o que se chama verdadeiramente de vida intelectual. **Até para escrever uso minha intuição mais do que a inteligência.** Pior ainda: embora sem essa vida intelectual, eu pelo menos poderia ter tido o hábito ou gosto de pensar sobre o fenômeno literário. Mas também isso não faz parte do meu caminho. Apesar de ocupada, desde que eu me conheço, com o escrever – eu já escrevia quando tinha sete anos de idade –, apesar disso, infelizmente faltou-me encarar também a literatura de fora para dentro, isto é, como uma abstração. **Literatura para mim é o modo como os outros chamam o que nós, os escritores, fazemos.** E pensar agora em termos de literatura no que nós fazemos e vivemos, foi para mim uma experiência nova. (Literatura de vanguarda no Brasil in Lispector, Outros Escritos, 2015d, p. 1095) (grifo meu)

A própria literatura, nas palavras dela, representa uma simbolização de fora, usada para dizer algo que nela é anterior. É a matriz, a matéria orgânica, é a escrita que, por sua vez, representa o âmago existencial:

Literata também não sou porque não tornei o fato de escrever livros «uma profissão», nem uma «carreira». Escrevi-os só quando espontaneamente me vieram, e só quando eu realmente quis. Sou uma amadora?

O que sou então? **Sou uma pessoa que tem um coração que por vezes percebe, sou uma pessoa que pretendeu pôr em palavras um mundo ininteligível e um mundo impalpável.** Sobretudo uma pessoa cujo coração bate de alegria levíssima quando consegue em uma frase dizer alguma coisa **sobre a vida humana ou animal.** (Intellectual? Não in Lispector, 2013a, p. 208) (grifo meu)

Neste sentido, é interessante observar como os animais vão sendo colocados no mesmo grau de intenção que os humanos. A hierarquia da vida não entra em Clarice. Tudo converge num todo, cada coisa é detentora de si mesma. Por si só, essa condição já pulsa no pulso de um ser livre – pensou livremente, sentiu livremente, eis a revolução. Pulsando a intensidade de querer sentir e captar a pulsação da vida, onde o mistério é admitido e acolhido, o desconhecido não é apagado, o insabido não é ignorado, não se é indiferente a força de sentir, a intuição, o âmago: “Não sei nem como me perdoar a inconveniência de escrever. Mas já me baseei toda em escrever e se cortar este desejo, não ficará nada. Enfim, é isso mesmo.” (Lispector, 2015b, pos. 2274)

É isso mesmo. A coragem de dizer não sei numa palavra escrita sem amarração, por vezes quase sem lastro para a veracidade voraz de arremessar-se num mergulho ao mistério. Clarice não limitou as conclusões, os registros, não se agarrou a um feitio de sucesso ou de alcance, de espera de aplausos ou de companhias grupais. Clarice é o palavreado de seu mundo. E na observação de Olga Borelli, “O acontecimento maior, o ‘fato’ notável, para ela, sempre foi o Texto.” (Borelli, 1981, p. 99). E de fato, o acontecimento ou a aventura reflete-se no texto.

Bem sei o que é o chamado verdadeiro romance. No entanto, ao lê-lo, com suas tramas de fatos e descrições, sinto-me apenas aborrecida. E quando escrevo não é o clássico romance. No entanto é romance mesmo. Só que o que me guia ao escrevê-lo é sempre um senso de pesquisa e descoberta. Não, não de sintaxe pela sintaxe em si, mas de sintaxe o mais possível se aproximando e me aproximando do que estou pensando na hora de escrever. Aliás, pensando melhor, nunca *escolhi* linguagem. O que eu fiz, apenas, foi ir me obedecendo. (O «verdadeiro» romance in Lispector, 2013a, p. 435)

Algumas passagens aqui trazidas dão a ver a habitação existencial da autora. Uma espécie de marcação dos tons que a escrita tem em sua vida, o modo de ser e compreender o mundo, que não se caracteriza por uma premissa substancialmente racional ou pragmática. Seria uma espécie de elo que a une a vida, transcendendo a medida do dizer da palavra escrita. Escrever referia-se ao seu estado natural de existir, possibilidade de admitir o que não se compreende, era a maneira *mais real* de estar na realidade.

De costas a linha estreita ou estreitada, Clarice deu-se dentro do que denomino então fora da realidade, passando a caneta sobre as letras, seria dizer: “Essa coisa

sobrenatural que é viver. O viver que eu havia domesticado para torná-lo familiar.” (Lispector, 2015c, pos. 135). A plenitude de viver, a possibilidade, o infinito do ser:

Sinto que já cheguei quase à liberdade. A ponto de não precisar mais escrever. Se eu pudesse, deixava meu lugar nesta página em branco: cheio do maior silêncio. E cada um que olhasse o espaço em branco, o encheria com seus próprios desejos. Vamos falar a verdade: isto aqui não é crônica coisa nenhuma. **Isto é apenas.** Não entra em gênero. Gêneros não me interessam mais. **Interessa-me o mistério.** Preciso ter um ritual para o mistério? Acho que sim. Para me prender à matemática das coisas. No entanto, já estou de algum modo presa à terra: sou uma filha da natureza: quero pegar, sentir, tocar, ser. E tudo isso já faz parte de um todo, de um mistério. Sou uma só. Antes havia uma diferença entre escrever e eu (ou não havia? Não sei). Agora mais não. Sou um ser. E deixo que você seja. (Máquina escrevendo in Lispector, 2013, p. 494)

Como caracterização historiográfica poderia se reproduzir o que já está dado sobre quem foi Clarice, num mosaico de características que formam a figura da escritora no imaginário de seus leitores. Todavia, se opto seguir através dela mesma, sem necessidade de dizer escritora, mas simplesmente Clarice – na abordagem de uma prática de alteridade –, então não será necessário nem preciso tantos elementos que não sejam aqueles que ela entrega pela sua infinitude existencial costurada no que escreveu. Nos mundos que construiu e vivenciou através das palavras. O que buscou alcançar, ser e sentir através da entrega à palavra como meio para se fazer existência *real*. Nas páginas, na feitura de seus personagens e de todos os elementos que observou e vivenciou está Clarice. Este é o modo, de repente o mais intenso, de conhecê-la.

Noto que, obediente de si mesma, escreveu e foi escrita, viveu cada grão de palavra, inclusive aqueles necessários para suportar o que, talvez, a *realidade* negava ou apagava: “Eu não queria meu modo de dizer. Queria apenas dizer. Deus meu, eu mal queria dizer.” (Estilo in Lispector, 2013a, p. 198). Ela se dissolve nos elementos desse dizer existencial pleno de ânsia por vida, interage e ganha fluidez.

A extensão para isso foi além do entregar-se a um esboço humano. Sua face, seu estado, sua busca, seu estar diante do desconhecido é sem espécie – ou está fora da condição estritamente humana. É a entrega e uma certa aceitação de todo e qualquer elemento feito de existência. É o ser.

Assim, o desenho que se dá é de uma interseção e vivência com todo e qualquer elemento disposto ao diálogo sentido, pensado e escrito. O animal, por exemplo, surge nesse enredo, não propriamente como eleição consciente ou escolha. Mas, enquanto presença que se revela no instante em que está face a face, quando ela se descobre neste momento de revelação. Conjectura de uma atitude de alteridade.

Para aqueles que vivenciaram Clarice Lispector de perto, havia a certeza de uma mulher outra, peculiar, diferente, imprevisível e improvável e, muitas vezes, difícil de manter próxima: “Ambicionava viver numa voragem de felicidade, como se fosse sonho. Teimosa, acreditava, porém, na vida de todos os dias.” (Borelli, 1981, p. 14). A mesma mulher que escrevia livros e escrevendo dirá: “Mas com a obstinação de um mundo que avisa com os olhos impotentes sobre o perigo, ela sentia sem mesmo compreender que o lugar onde se foi feliz não é o lugar onde se pode viver.” (Lispector, 2019c, pos. 3462)

No discorrer pensante de *Água viva*, a obra anti qualquer coisa, talvez seja um tanto mais latente o vislumbre sobre tantas características, ambições e sentimentos. A característica íntima e também fugidia, frente a uma concepção certa sobre a forma literária.

Mas é necessário andar lentamente em Clarice e em seu universo, alcançar aos poucos, também aos poucos ir rompendo com as linhas retas, com as leituras prévias, com as sinopses ou os comentários. Talvez ela possa estar nas entrelinhas. De um lustre, por exemplo: “Que demônio faz com que eu queira me parecer comigo mesmo.” (Lispector, 2019c, pos. 3003). Para isso, o mergulho no risco do desconhecido e a visão em outros pedaços da escrita: “Repito por pura alegria de viver: a salvação é pelo risco, sem o qual a vida não vale a pena.” (Aprendendo a viver in Lispector, 2013a, p. 227)

Clarice talvez não tenha tido o interesse de compreender as bordas do mundo. Senão que tenha assumido a busca pelo âmago, o mistério de viver e de ser, não negando a força do desconhecido. Clarice viveu e, em grande medida, fez a vida acontecer através de todos os seus textos: “– Não fazendo absolutamente nada – cheguei ao mais fundo do viver. Não esperar nada de mim, me dá tal riqueza. É que eu estava cansada de exigir que eu fosse uma pessoa. Eu sou o resultado e não um começo.” (Lispector in Borelli, 1981, p. 59)

Por meio da sua obra deparo-me com a criação de seu universo e sua vivência. Da nossa parte cabe aceitar o enigma e o risco de adentrar a tal mundo sem estar agarrado a nada, já que, como disse Evando Nascimento, “A ficção clariciana sinaliza uma experiência (no sentido etimológico de “risco” ou “perigo”, cujo rastro o *peri* mantém) diferencial para o humano.” (Nascimento, 2012, p. 28). Estamos lendo seus modos e seu feitio de um jeito além das possibilidades compreensíveis e explicáveis de enquadrar a autora. Por estas linhas e através dos aspectos historiográficos, aprofundamos:

Sinto que viver é inevitável. Posso na primavera ficar horas sentada fumando, apenas sendo. Ser às vezes sangra. Mas não há como não sangrar pois é no sangue que sinto a primavera. Dói. A primavera me dá coisas. Dá do que viver. E sinto que um dia, na

primavera é que vou morrer. De amor pungente e coração enfraquecido. (Eu sei que é primavera in Lispector, 2013a, p. 196)

O risco voraz de viver. Unindo-se a isto, havemos de notar que há o momento em que, atrelado a si, está o animal alado, correndo também, como ela. Como modo de caracterização, dir-se-ia o encontro entre um eu humano num eu animal não-humano:

Só que ela não queria ir de mãos vazias. E assim como se lhe levasse uma flor, ela escreveu num papel algumas palavras que lhe dessem prazer: «Existe um ser que mora dentro de mim como se fosse casa dele, e é. Trata-se de um cavalo preto e lustroso que apesar de inteiramente selvagem – pois nunca morou antes em ninguém nem jamais lhe pusera rédeas nem sela – apesar de inteiramente selvagem tem por isso mesmo uma doçura primeira de quem não tem medo: como às vezes na minha mão. Seu focinho é úmido e fresco. Eu beijo o seu focinho. Quando eu morrer, o cavalo preto ficará sem casa e vai sofrer muito. A menos que ele escolha outra casa e que esta outra casa não tenha medo daquilo que é ao mesmo tempo selvagem e suave. Aviso que ele não tem nome: basta chamá-lo e se acertar com seu nome. Ou não se acerta, mas, uma vez chamado com doçura e autoridade, ele vai. Se ele fareja e sente que um corpo-casa é livre, ele trota sem ruídos e vai. (Lispector, 2013b, pp. 22-23)

Esse cavalo, poderia ser agora um querer dizer. E se dissesse, o que diria? Eu não quero escrevê-lo numa representação descritiva de quem o seria na obra de Clarice. Eu sei que o movimento aqui proposto incute-se na intencionalidade de esculpir um pouco do que seja possível esculpir em água, de uma possibilidade outra daquilo que nos é passagem ou cruzamento entre humano-não-humano, que amplia o horizonte do ser. Trata-se, de algum modo, da inebriante e vertiginosa condição sem palavras onde se intrincam animal humano-não-humano. O aspecto da porosidade de um ser ou outro, por vezes, desenha a distância pela diferença, mas é justamente em tal disposição que acontece o encontro indescritível, que ultrapassa o limite em relação ao outro – na linguagem. O aprofundamento deste prisma, em específico, será feito nos capítulos seguintes, ao tratar de algumas facetas possíveis em *Água viva*.

Por hora, como encaminhamento e intermediação entre o íntimo eu e o outro do animal, no próximo tópico observaremos com maior atenção a característica da alteridade na obra de Clarice Lispector.

2.2. Alteridade em Clarice Lispector:

Por ela mesma, tímida ousada. Também vista, dita, lida ou compreendida como uma dona de casa ou fazedora de livros. Continua sentada no sofá da sala, com a máquina

ao colo. A janela aberta. Materialmente falando, se diria que é dali que se dá a passagem para o mundo. Mas no silêncio da contemplação, a janela não precisa estar aberta, não é preciso nem mesmo existir uma janela para que, de fato, uma janela se faça em Clarice, para “(...) olhar com força para uma pedra, para um pássaro, para o próprio pé, oscilar de olhos fechados, (...)” (Lispector, 2019c, pos. 246). A máquina, as letras, a formação das palavras ao colo, como poderia ser um filho embalado até dormir. O embalo é de mundo:

Sem saber por que, detinha-se no entanto, abanando os braços nus e finos; ela vivia à beira das coisas. A sala. A sala cheia de pontos neutros. O cheiro de casa vazia. Mas o lustre! Havia o lustre. A grande aranha escandescia. Olhava-o imóvel, inquieta, parecia pressentir uma vida terrível. Aquela existência de gelo. (Lispector, 2019c, pos. 99)

Do que pode ser lido como uma total banalidade de situações corriqueiras e simplórias, permeadas de poeira e pó, das migalhas e filigranas do nada, passa-se a uma ventania, vida em pulsação. Uma barata no seu estalo de morte, a vida gelada de um lustre, a selvageria de um cabelo solto, um cavalo, uma cidade vaga. O confete de um carnaval, o sal lambido da pele. Todas as coisas existentes delas e por elas mesmas. Todas estas mesmas coisas integradas a partir de alguém que se fez parte e interagiu com a vida das coisas, mas que o fez respeitando a compleição do que é o outro, com desengessar-se da concepção antropocêntrica e pragmática. Em muito, a alteridade em Clarice é lida a partir da construção de seu mundo, uma vez que ali ela amplia-o, dando espaço a tudo com que interage, reconhecendo e sendo parte do pensamento de todas as coisas. Assim, tão logo considerando a teorização do que não é teorizado, Evando Nascimento elabora que:

Uma literatura pensante como a de Clarice possibilita **pensar o impensável**; e só pode haver pensamento ali **onde se dá o advento da alteridade** enquanto tal, **o outro como outro, em sua radical diferença**. Por exemplo, uma **animalidade irreduzível ao antropocentrismo**; ou uma humanidade totalmente afim da questão animal e do vivo em geral, e não sua inimiga predadora. **Pensar o mundo é, pois, possibilitar o próprio pensamento**, no limite da impossibilidade e de forma aporética. **Como ensinaram Derrida e Lévinas, só há pensamento efetivo nesse encontro com a alteridade radical**, alteridade que talvez (o “perigoso talvez” de Nietzsche, sublinhado por Derrida) já esteja em nós mesmos, ou no mesmo simplesmente. (Nascimento, 2011, p. 129) (grifo meu)

E ainda:

Pondo-nos em contato com o mundo, fazendo-nos redescobrir a força da terra em suas relações com a transcendência, textos como a lindíssima “Doçura da terra” (DM, p.252-253) promovem a intertroca do humano com seus outros, tão próximos mas mal considerados em nossa escala de valores. É essa estranha proximidade que Emmanuel Lévinas aponta como o imperativo do respeito ao outro ou, como prefere, a Outrem. **Esses outros e outras que não se deixam compreender na lógica da consciência hegemônica**, pois tais outros e outras se vinculam ao indizível do Dizer. (Nascimento, 2012, p. 37) (grifo meu)

Este aspecto diz respeito ao que se estabelece como marca ou ponto de reconhecimento⁷ ou teorização quanto a alteridade e a dimensão da alteridade nos enlevos da literatura. Na escrita de Clarice acontece uma espécie de deslocamento, há o estar nu. Neste sentido, cito como passagem de referência que, “Sim, sim, decerto somos os leitores de Joyce, como podemos ser os de Clarice, os de Machado, Woolf, Rosa, segundo a demanda do outro ou da outra, sempre por vir.” (Nascimento in Derrida, 2014, p. 41)

Assim, no instante de ultrapassar o pensamento – o que está além ou atrás do pensamento, que é além do limite do dizer –, a escritora pessoa ou a pessoa escritora depõe-se translúcida lúcida para o papel e o que vai então ali prevalecer é um diálogo que acontece no limite fora da palavra. O infinito contínuo do outro que se descortina no indizível eu, o desconhecido eu do outro.

Como reflexo, vejamos, que mesmo sem ser inscrita como uma autora que exaltava as preocupações de sua época, Clarice sentia profundamente as mazelas do seu tempo – pela vinculação que estabelecia. Tão logo, seu deslocamento faz-se num estado mais profundo, pois não toma os fatos pela superfície dos estereótipos, mas pelo ser. Ela teve a destreza da intenção para com o outro que é além de uma resposta definitiva ou padronizada, respondeu pela escuta atenta de alguém que se deixou afetar pela experiência existencial, em acontecimento. Sua literatura assim nos aponta.

Com isso quero dizer que Clarice foi sensível na compreensão e na relação com o outro, ao ponto de perceber que as ranhuras de época são uma parcela da existência, mas que, para tanto, escutar ou ser no outro não é dizê-lo, nem mesmo a sua dor. É deixar que o outro, para além das camadas, possa se pronunciar, dizer as suas ranhuras e inspirações. O outro é um todo vasto e infinito, não um lugar comum que o eu diz.

Se tomarmos em conta o espaço da literatura – como observou Derrida – enquanto lugar para dizer tudo, e ainda, cientes do papel ou da função ou da preponderância de mundos que se coadunam em um dizer sobre alteridade, poder-se-á então ressaltar que Clarice Lispector, embora não tenha feito ou buscado criar conscientemente, maquinal ou mecanicamente uma literatura que se denominaria engajada, manteve-se explicitamente atenta aos aspectos de sua época, não desconsiderando o que se passava naquele momento. Entretanto ela olhava para a alma, a existência no seu âmago, conseguia perceber que a vida ultrapassa o nosso dizer. Foi por esta perspectiva que escreveu uma literatura radical.

⁷ Nota: Uso aqui o termo reconhecimento sem propriamente uma conotação teórico-filosófica.

Desse modo, pensar uma literatura engajada em Clarice Lispector é, mais uma vez, sair da zona de conforto, mudar as bases de compreensão, esparramar o horizonte do pensamento, pensar além do pensar, ou ir além daquilo que é pensado até aqui. Esta literatura que existencialmente conversa na base da alteridade profunda do outro, onde “Minha experiência maior seria ser o outro dos outros: e o outro dos outros era eu.” (A experiência maior in Lispector, 2020a, p. 243)

A condição latente de engajamento alheio, de vida, de existência. Em aspecto amplo, profundo, impalpável e ainda pouco compreendido, já que para isso seria preciso expandir as considerações dos dias de hoje – “*Eu digo ‘eu’ porque não ousou dizer ‘tu’ e ferir teu sagrado e protetor anonimato. Mas eu sou o és-tu.*” (Lispector in Borelli, 1981, p. 49)

Conseguimos perceber a grandeza do fenômeno? Genuinamente perceber além dos aspectos que são geralmente elencados e aceitos e pronunciados do outro – geralmente moldados nas *minhas* condições? Consegue entender a imensidão que é existir e sentir e pensar além?

E receber o telefonema de um amigo, e a comunicação de vozes e alma ser perfeita? Quando se desliga: que prazer de os outros existirem e de a gente se encontrar nos outros. Eu me encontro nos outros. Tudo que dá certo é normal. O estranho é a luta que se é obrigado a travar para obter o que simplesmente seria o normal. (Os prazeres de uma vida normal in Lispector, 2013a, p. 191)

Daquilo que se aprofunda entre o fazer literário e a vida, (aqui supondo que pudessem ser coisas separadas e deslocadas uma da outra; o que não acredito seja possível no caso de Clarice Lispector), uma das lições é esta:

*Me dá um carinho pela raça humana.
Nasci para amar os outros, nasci para escrever e nasci para criar meus filhos. O ‘amar os outros’ é tão vasto que inclui até perdão para mim mesma, com o que sobra. Amar os outros é a única salvação individual que conheço: ninguém estará perdido se der amor e às vezes receber amor em troca.* (Lispector in Borelli, 1981, p. 55)

Neste sentido, a transcendência do amor entregue – doado – é um dos caminhos da alteridade – amor que não é escambo. Sensível e sinceramente pouco observado, Clarice escolheu, ou foi escolhida, pelo sentimento de amor. Esta característica é tocada em muitos dos seus textos. Em grande medida, acredito que foi com esse sentimento que transpassou a logicidade métrica e pragmática da existência e se derramou por todos os elementos e enlevos que envolveu seu modo de ser, devotou este sentimento também aos animais por uma aproximação legítima.

E caminhando ao lado disso – apenas para dar a mostrar mais um exemplo da sua singularidade de mundo –, está a figura da criança. Com ela também se dispôs a conversação, num diálogo não infantilizado, mas vivenciado de igual para igual. Trata-se do vínculo que estabeleceu com Andréa Azulay (Manzo, 1997, p. 167), uma menina de nove anos, com quem trocou cartas e conversou e pediu ajuda para entender os sonhos que tinha, com a menina expressou suas impressões sobre a vida. De modo que: “É curioso como, numa época em que lhe era difícil a comunicação com o outro, Clarice voltava com facilidade sua atenção para uma menina de nove anos.” (Manzo, 1997, p. 170). Também na conformação do que se refere a criança, revela-se, outra vez, a caminhada para a busca de ser, em estado livre, íntimo e profundo.

Para Lícia Manzo, quanto ao envolvimento da autora com aquilo que se denominaria o universo da criança, “Clarice parecia também ambicionar *‘tornar-se inocente’* em sua literatura.” (Manzo, 1997, p. 186). A inocência que anseia o fundo cristalino, puro, incorruptível. Esta intenção poderia se dar pela forma com que “A busca de uma autenticidade cada vez maior com relação a ‘ser’, essencial para Clarice, encontra seu contraponto nas crianças, seres ainda em formação, e, por isso mesmo, livres de todas as máscaras sociais que nos são impingidas.” (Manzo, 1997, p. 171)

Em síntese, o que pode ser notado a partir de tal característica diz respeito a uma experiência de busca que permeou Clarice, com a ruptura de enclaves e chaves, nas quebras de convenções e no feitiço do inesperado. Trata-se também de uma espécie de reconhecimento de si no mistério do desconhecido que acontece consoante ao reconhecimento do totalmente outro. Como disse Lícia Manzo, que, “O simples ato de ‘ser’, que para Clarice parecia constituir todo um projeto de vida, parecia tão ao alcance **das crianças e dos animais** que talvez a partir daí se justificasse seu enorme interesse por ambos.” (Manzo, 1997, p. 171) (grifo meu)

Interesse que se derramou pelos romances, pelos contos, pelos seus *textos mais íntimos*, as crônicas ou as cartas trocadas com as irmãs ou os amigos. Por onde se espalha o reflexo de sua intenção e de sua busca. Sinalizando como era afetada por isso, como era intenso e essencial o lastro do afeto, Clarice naturalmente acontece acolá das relações humanas, a própria conjectura humano-não-humano perde seu invólucro. Não é mais essencial notar as quebras ou as diferenciações entre o que é corpóreo e não corpóreo, humano e não-humano, animado ou inanimado. O ser que acontece para além do que dizemos ou descrevemos do ser: “Quem sou eu? perguntou-se em grande perigo. E o cheiro do jasmineiro respondeu: eu sou o meu perfume.” (Lispector, 2013b, p. 115)

Em outras palavras, a expressão da alteridade estampada na escrita, caracteriza-se pelo afeto ao outro. Mas, vejamos ainda que a subjetividade do outro também fala em relação a mim, trata-se também de observar a responsabilidade do outro em mim, de mim em mim:

Olhando o prato vazio, pensou então como se pensa de um cachorro: ele é cruel porque come carne. Mas talvez a impressão de crueldade viesse de que, diante do alpendre, ele estava com fome e no entanto sorria: via-se a fome na sua cara mas ele, numa capacidade de crueldade feliz, sorria. **Não ter carinho por si mesmo era o começo de uma crueldade para com tudo.** Ela o sabia em si mesma. Mas ela, ela pelo menos possuía tudo o que sabia. (Lispector, 1998, pos. 857) (grifo meu)

É difícil a tentativa de dar uma dimensão a um trecho para onde verte todo um dizer indizível, que interpela entre o outro e o eu como criatura unitária. Às vezes, é o ímpeto de não se saber pensando e de repente se perceber que este outro, lá disposto, corre em mim, dentro de mim. E é dentro de mim que tenho a possibilidade de acarinhar a parte do outro que não alcanço, que não consigo alcançar.

Estes movimentos vão constituindo o diálogo natural formador do texto que acontece (também o texto) fora do lugar localizável do dizer. É muito mais abstrato introspectivo. Muitas vezes é marcado pelo pensar sobre a morte e pela intensidade da vida. E entre morrer e viver e continuar vivendo, e agarrar e soltar-se a uma liberdade outra que, radicalmente, passa a escrever a literatura na constância inconstante do outro.

Em resumo, o caráter do afeto e do movimento de deixar-se afetar derramam-se por muitas das interações de sua vida, são características de alteridade. Aproximando um pouco mais o assunto, a dinâmica se mantém também com relação aos animais. Pois através deles desvela um descobrir-se desconhecida, encontra-se desconhecidamente.

O que estou tentando dizer é que, a partir do encontro que estabelece com os animais, a pessoa encontra-se para além dela mesma conhecida e explicável pessoa. É por este tom que a delimitação do ser – demarcado em ser alguma coisa – se perde. E nesta perspectiva que a inscrição da diferença se desfaz, não para negá-la, mas para concebê-la como compreensão que aproxima pelo reconhecimento do ser além do limite a ele dado. Então lembremos o enigmático ovo pensante, ainda observável observado observante: “O ovo me vê. O ovo me idealiza? O ovo me medita? Não, o ovo apenas me vê. É isento da compreensão que fere. – O ovo nunca lutou. Ele é um dom. – O ovo é invisível a olho nu. De ovo a ovo chega-se a Deus, que é invisível a olho nu.” (O ovo e a galinha in Lispector, 1981, p. 50)

A prática natural de deslocar e confundir-se não temendo o incompreensível do que não vem a compreender jamais – mesmo depois de escrito –, não se reservando a arrogância

do eu. São alguns dos aspectos que representam a experiência de Clarice, que continua sendo refletida na escrita que acontece:

A que pensou que o prazer lhe era um dom, sem perceber que era para que ela se distraísse totalmente enquanto o ovo se fazia. A que não sabia que “eu” é apenas uma das palavras que se desenham enquanto se atende ao telefone, mera tentativa de buscar forma mais adequada. A que pensou que “eu” significa ter um si-mesmo. As galinhas prejudiciais ao ovo são aquelas que são um “eu” sem trégua. Nelas o “eu” é tão constante que elas já não podem mais pronunciar a palavra “ovo”. (O ovo e a galinha in Lispector, 1981, pp. 53-54)

A escritora, a pessoa ou, *simplesmente*, o ser Clarice tem a marca da existência rompida de uma lógica fácil, ou ao menos, mais facilmente percebida. Do contrário, viveu – ou vive – pedindo ar, vida, escrita viva, texto vivo, acaso e encantamento. Adentramos e participamos da dúvida: “Mas sobretudo donde vem essa certeza de estar vivendo? Não, não passo bem. Pois ninguém se faz essas perguntas e eu... Mas é que basta silenciar para só enxergar, abaixo de todas as realidades, a única irreduzível, a da existência.” (Lispector, 2019b, pos. 125). A existência.

Filosoficamente, a afirmação, por si já encaminharia a uma infinidade de reflexões ou páginas que poderiam explicar o que, talvez, num futuro próximo venha a ser melhor sentido e percebido como reflexo mais intenso do que aquilo que foi tornado o absoluto do humano e do outro, não-humano. Este trabalho, se anda como anda, se se faz como se faz, é por ensejo de admitir o desconhecido além palavra de quem, ou do que, está frente ao outro e dele quer participar inteiramente. É por – tentar – não esquecer a grandeza da vida e do que dela não caberá nas páginas e nas citações. Argumento com Clarice:

Era um momento extremamente íntimo e estranho – **ela reconhecia tudo isto, quantas vezes, quantas vezes o ensaiara sem saber; e agora, extraordinariamente quieta, purificada das próprias fontes de energia, entregando mesmo as possibilidades futuras** – ah, não ter então reconhecido aquela espécie de gesto, quase uma posição do pensamento, a cabeça inclinada para um lado, assim, assim... não lhe ter dado importância então... como se assustaria se o tivesse compreendido – mas agora não estava assustada, o impulso era inferior à qualidade mais secreta do ser, na gelada penumbra nascendo uma nova exatidão; não! não! não era uma sensação decadente! mas desejando obscuramente, obscuramente interromper-se, a dificuldade, a dificuldade que vinha do céu, que vinha. O primeiro acontecimento real, o único fato que serviria de começo à sua vida, livre como jogar um cálice de cristal pela janela, o movimento irresistível que não se poderia mais conter. Também procurara ensaiar quando buscava perceber o cheiro nas construções ensaiara o cheiro na meia penumbra, cal, madeira, ferro frio poeira assentada espreitando.... como pudera esquecer: sim.... O campo vazio de ervas ao vento sem ela, inteiramente sem ela, sem ela, sem nenhuma sensação só o vento, a irrealidade se aproximando em cores iridescentes, em velocidade alta, leve, penetrante. Névoas se esgarçando e descobrindo formas firmes um som mudo rebentando da intimidade adivinhada das coisas o silêncio comprimindo partículas de terra em escuridão e negras formigas lentas e altas caminhando sobre grossos grãos de terra, o vento correndo alto adiante, um cubo límpido pairando no ar e a luz correndo paralela a todos os pontos, era

presente, assim fora, assim seria, e o vento, o vento, ela que fora tão constante. (Lispector, 2019c, pos. 3568)

Constante a sua sensibilidade atenta, podemos conhecer o que é alteridade na autora. Onde a névoa é detentora da capacidade de adivinhação e nos adivinha. Onde o vento é admirável pela capacidade de chegar, de ir. Onde observamos e nos desconhecemos e todas as coisas não são deslocadas para nós, mas são reconhecidas nelas, sem o eu ou a vontade exclusiva do eu.

O que há é fruição e porosidade, Clarice mistura-se como tinta por todas as coisas. E ao misturar-se não há mais um eu distante ou um outro que não seja eu. Clarice vai as flores e se faz flores. Vai ao mar e se faz mar. Vai ao cão, ao pássaro, ao cavalo, ao homem, a barata, a cartomante e se faz cão, pássaro, cavalo, homem, barata, cartomante, mulher. Sendo a vivência no âmago, do âmago:

Aí estava o mar, a mais ininteligível das existências não-humanas. E ali estava a mulher, de pé, o mais ininteligível dos seres vivos. Como o ser humano fizera um dia uma pergunta sobre si mesmo, tornara-se o mais ininteligível dos seres onde circulava sangue. Ela e o mar. (Lispector, 2013b, p. 62)

No texto, o entrelaçamento de mundos, de sentimentos e de sensações que conversam observações e caminhos. Ir ao mundo do outro não se refere exclusivamente ao outro humano. O encontro face a face, em Clarice Lispector, é a ampliação do horizonte em continuidade. Ela vertia as formas e parece ter sentido a intensidade viva de tudo. Tudo era, tudo é vivo:

O mar, além das ondas, olhava de longe, calado, sem chorar, sem seios. Grande, grande. Grande, sorriu ela. E, de repente, assim, sem esperar, sentiu uma coisa forte dentro de si mesma, uma coisa engraçada que fazia com que ela tremesse um pouco. Mas não era frio, nem estava triste, era uma coisa grande que vinha do mar, que vinha do gosto de sal na boca, e dela, dela própria. Não era tristeza, uma alegria quase horrível... (Lispector, 2019b, pos. 301)

Por este feitio, não se trata de autorizar ou deter o poder diante das coisas, não se trata de conceituar ou denominar. Clarice permitiu-se ouvir e ser ouvida, ser e deixar-se ser pelos mundos que a circundaram e que são admitidos como mundos por eles mesmos. A conversação que estabelece assumindo que tudo refere-se a vida e que tudo está vivo contribui para a afirmativa do que agora chamados de uma literatura pensante, focalizada na intermediação do outro, na sua mais radical possibilidade e experiência:

Às vezes, quando vejo uma pessoa que nunca vi, e tenho algum tempo para observá-la, eu me encarno nela e assim dou um grande passo para conhecê-la. E essa intrusão numa

pessoa, qualquer que seja ela, nunca termina pela sua auto-acusação: ao nela me encarnar, compreendo-lhe os motivos e perdão. Preciso é prestar atenção para não me encarnar numa vida perigosa e atraente, e que por isso mesmo eu não queira o retorno a mim mesmo.

Um dia, no avião... ah, meu Deus – implorei – isso não, não quero ser essa missionária! (Encarnação involuntária in Lispector, 1981, p. 158)

Escutemos as vozes de tantos, as vozes que se interpelam partícipes da partilha, da hospitalidade, da integridade, onde existe um tornar-se mútuo:

Outras confusões ainda. Assim lembrava-se de Joana-menina diante do mar: a paz que vinha dos olhos do boi, a paz que vinha do corpo deitado do mar, do ventre profundo do mar, do gato endurecido sobre a calçada. Tudo é um, tudo é um..., entoara. **A confusão estava no entrelaçamento do mar, do gato, do boi com ela mesma.** A confusão vinha também de que não sabia se entoara “tudo é um” ainda em pequena, diante do mar, ou depois, relembrando. No entanto a confusão não trazia apenas graça, mas a realidade mesma. (Lispector, 2019b, pos. 383) (grifo meu)

O enlevo sobre a realidade mesma e de um todo que é um, me leva a considerar sobre o que é a leitura da realidade e, conseqüentemente, como a subjetividade de alguns atrela-se a outra forma de realidade. Assim o digo, levando em conta aquilo que reparo em Clarice (mas também em outros escritores e outros pensadores), vou me atentando às concepções de realidades. Desta maneira, passo também a matutar o indizível e aquilo que, de alguma forma, argumento como o dizível que não se diz, ou o que acontece sem haver um modo para existir, talvez aquilo que existe em não existir. Então, metaforicamente imagino uma história incrível que nunca chega a ser lida – sua inexistência invalida sua existência? Ou ela conta por ela mesma? Eis-me pensar o impensado. Eis o ser de *Água viva*, que está pensando o impensável ou o infinito no ser.

Aqui, é interessante perceber também como a autora, em certos aspectos, esteve antes de seu tempo. Melhor dizendo, esteve sem o recorte do tempo. Isto porque, se embora hoje se construa uma literatura mais facilmente percebida em aspectos de alteridade, de idas a mundos e conversações com outros, também cabe dizer que, embora não tenha sido a única a fragmentar-se no tempo, ela deu vazão a outras formas de diálogos. Clarice o fez como uma característica sua que não foi construída ou pensada conscientemente para a representação, senão que simplesmente a permeou, no seu cerne:

Não podia acalantar-se dizendo: isto é apenas uma pausa, a vida depois virá como uma onda de sangue, lavando-me, umedecendo a madeira crestada. Não podia enganar-se porque sabia que também estava vivendo e que aqueles momentos eram o auge de alguma coisa difícil, de uma experiência dolorosa que ela devia agradecer: quase como sentir o tempo fora de si mesma, abstraindo-se. (Lispector, 2019b, pos. 243)

A experiência não acontece por um ponto de chegada, senão pelo percurso. Ela vivencia as coisas: “Por Deus, a marca da existência... Mas isso não deveria ser buscado uma vez que tudo o que existia forçosamente existia... É que a visão consistia em surpreender o símbolo das coisas nas próprias coisas.” (Lispector, 2019b, pos. 377)

Estamos diante do reconhecimento existencial. Nesta dinâmica atendo-me ao movimento de interação, sem estabelecer hierarquia de valores ou importância, mas de entrega ao encontro. Ato de alteridade que, parece-me, conversa com o que Levinas e Derrida pensaram sobre. Esta fluência foi latente em Clarice. O que, de fato, constituiu-a como plenitude, como sendo a sua realidade:

O horrível dever é ir até o fim. E sem contar com ninguém. **Viver a própria realidade.** Descobrir a verdade. E, para sofrer menos embotar-me um pouco. Pois não posso mais carregar as dores do mundo. Que fazer, se sinto totalmente o que as outras pessoas são e sentes? Eu vivo *na delas* mas não tenho mais força. Vou viver um pouco *na minha*. Vou me impermeabilizar um pouco mais. – Há coisas que jamais direi: nem em livros e muito menos em jornal. E não direi a ninguém no mundo. (Ao correr da máquina in Lispector, 2013a, p. 483)

Num parêntesis de conversação, lembremos Saint-Exupéry: “Em um mundo em que a vida se une tanto à vida, em que as flores amam as flores no leito dos ventos, em que o cisne conhece todos os cisnes só os homens constroem a sua solidão.” (Saint-Exupéry, 1946, p. 83). E pelo não dito, não dizendo, entregando sem se entregar, uma vez mais, ao que não é mais o outro e também não é mais o eu. Então o que é?: “E não quero formar a vida porque a existência já existe. Existe como um chão onde nós todos avançamos. Sem uma palavra de amor. Sem uma palavra. Mas teu prazer entende o meu. Nós somos fortes e nós comemos. Pão é amor entre estranhos.” (A repartição dos pães in Lispector, 1981, p. 92)

Nestas páginas procuro estabelecer ou, melhor seria dizer, deixar-me pensar sobre essa alteridade que Levinas soprou no horizonte e Derrida esparramou e que quando nos aquietamos em nós mesmos e deixamos ser observados, podemos encontrar nas minúcias, no mínimo mais mínimo da vida de cada coisa que existe no mesmo instante que nós acontecemos. E que então, em Clarice, encontro como exemplo vivo escrito para estes infinitos encontros. Deparo-me com uma perspectiva viva e latente, que está vibrando em cada texto, em cada instante de vida que acontece agora.

Efeito do mergulho até aqui, no tópico seguinte, pretendo aprofundar a abordagem, dando atenção a interação com o outro ou com os outros. Os animais que falam, agem e interagem nas tantas páginas de Clarice Lispector. Veremos como se movem no seu texto ou a partir dele.

2.3. Intimidade: Eu animal

O aspecto que se estabelece como intenção ou fio condutor para o desenvolvimento deste trabalho não é o de conceber os animais de forma mecânica ou objetiva, no sentido de ser capaz de, ao fim, chegar a uma conclusão, um conceito, um lugar definitivo – dentro da literatura –, uma terminação que desconjuntaria a parcela intocável desses tantos animais que vão andando entre páginas pensantes, sem deixar de arrancar a dúvida de que existem de alma. O laço é por reconhecer legitimamente a resposta que será uma meia resposta, que, por sua vez, suscita sempre, mais e mais, o vasculhar do desconhecido, o andar em direção ao outro, o exercício da alteridade.

A intenção é refletir, como quem se senta no último degrau e espera que, enquanto o sol escorre, a vida passe em maneiras infinitas, em infinitos jeitos de ser e em nenhuma delas restará recluso, o horizonte. E diante deste infinito, observo que o observador é também o ser observado. Íntegro, reconhecido e desconhecido, inalienável a vida que não se prende em critérios concentrados num *é assim*. O ensejo intrínseco e indissociável é sair do lugar comum – é porque não está ou nunca esteve no mesmo lugar, na sala onde a ideia está posta do mesmo jeito para todas as cadeiras.

E já lançando ou já lançada no pensamento instigante de Clarice: “Era pouco o que ele era agora: um rato. Mas enquanto rato, nada nele era inútil. A coisa era ótima e profunda. Dentro da dimensão de um rato, aquele homem cabia inteiro.” (Lispector, 1998, pos. 383). Desta passagem recolho uma das aproximações que, enquanto linguagem sublinha humano e não-humano distintamente, e que enquanto lastro escrito de um pensamento, faz-me questionar o suposto e preliminar limite dissociável de um e outro. Há interpelação ao outro no qual sou mais eu do que no próprio eu.

Como elo característico, em Clarice, o prisma da alteridade é a dinâmica entre os entes, que vão se fazendo e perfazendo de um em outro. Então, como grau de influência ou de confluência, a separação entre realidade e ficção se perde. A conotação, o sentido, ou a sensação a ser dado será de outro feitio. O que há é transmutação, tão pouco cabível de fazer caber separada de uma coisa ou outra.

Por aí, quase na mesma linha, se se buscar ir ao encontro da escritura pela alteridade, então os animais que encontraremos, também eles, quase nunca estarão facilmente

engaiolados como figuras do imaginário ou animais da realidade, do seu convívio cotidiano. A referência é feita pela possibilidade de problematização argumentativa de que: “Nem se pode confiar em tudo o que a narradora-Clarice afirma, já que ela por vezes **dissimula e inventa.**” (Gotlib, 2013, p. 65) (grifo meu)

Reparo que, embora já se tenha discorrido sobre este aspecto no primeiro tópico do capítulo, a afirmação é retomada aqui, pois o gancho da desconstrução dá suporte para pensar que diante das novas reflexões que o tempo presente permite, é possível ultrapassar o argumento e observar melhor a partir da pessoa Clarice. E porque este fundamento é trazido na obra de Nádia Battella Gotlib (Gotlib, 2013) ao biografar a escritora em relação com os animais, desde a infância.

O sentido é de caminhar para além do preceito moderno cartesiano que risca, corta e separa criaturas e situações, que estabelece o que é realidade, o que é ficção, que dá nome e condições definitivas às coisas – tomo do risco e ocupo cada palavra deste trabalho, ao exemplo do que ela fez. Observando e absorvendo-me a partir dela a condição de não concessão deve ser total também para dizê-la ou quase dizê-la.

Pois contraria a definição do estado da coisa, a alma humana ou a condição humana responde no que é mais íntegro e singular, no infinito de um ser – sem trégua e sem espécie. E daquilo que é tomado como invenção e dissimulação, considerando a existência de Clarice Lispector, percebo propriamente como não dissimulação ou inverdade, pois esta era talvez a realidade mais latente. Para fortalecer o argumento:

Havia, porém, períodos de grande dinamismo: (...) Esses períodos vinham acompanhados do desejo de viajar. Examinava então cuidadosamente suas finanças, com a esperança de que houvesse folga para um passeio à Europa.

Ligava para agências de turismo, marcava entrevistas, idealizava roteiros e devaneava dias e dias sobre os lugares que visitaria: contemplava paisagens, ouvia o zumbido dos insetos nas tardes ensolaradas do verão da Itália; ou ficava em êxtase, vendo a neve cair e transformar com tons violáceos o que antes tremulava no amarelo-ouro do outono europeu. Via elevar-se a fumaça das chaminés e ouvia a chuva cair pesadamente nos telhados e rolar nas pedras da rua. Caminhava delicadamente pelos floridos jardins de Rosegarten, na Suíça, a caminho do museu com obras de Paul Klee...

Tudo era tão real que, de repente, nada restava para ser visto ou vivido; sobrevinha-lhe uma inelutável preguiça ante a perspectiva de pôs seus sonhos em prática. Exausta, cancelava a viagem. (Borelli, 1981, p. 42) (grifo meu)

Mas a viagem, a ida já estava sendo vivida e naquilo que consiste o existir de Clarice, sim, era real. Portanto, confiemos. Afinal, o que há, seja enquanto ficção ou realidade, é o exercício de deslocar-se pelo mundo e fazer-se ser presente do outro no outro: “Tudo olha para tudo, tudo vive o outro; neste deserto as coisas sabem as coisas.” (Lispector, 2015c, pos. 662).

Consideremos ainda, “Será preciso coragem para fazer o que vou fazer: dizer. E me arriscar à enorme surpresa que sentirei com a pobreza da coisa dita. Mal a direi, e terei que acrescentar: não é isso, não é isso! Mas é preciso também não ter medo do ridículo (...).” (Lispector, 2015c, pos. 158).

Na curvatura de um tanto outro, volto para os animais em Clarice Lispector, suas vozes aos ecos, rugidos, penas soltas, latidos e miados nas compreensões mais íntimas e intrínsecas.

Pôs sua capa cinzenta, de lã, foi ao jardim zoológico. Os macacos nada faziam, catavam-se, olhavam, prendiam-se às grades piscando, faziam sinais, olhavam como doces prostitutas. Aproximava-se do tigre respirando a quentura e o vício do cheiro da jaula; vencendo o próprio destino forçava-se a olhar sozinha no mundo para os olhos do tigre, para seu caminhar ondulante, elevando-se acima do terror, até que dele saía uma espécie de verdade, algo que a apaziguava como uma coisa, ela suspirava franzindo os olhos. (Lispector, 2019c, pos. 2077)

A partir deste trecho pensante, adentramos ao propósito deste tópico. Vejamos como sua história é habitada, sua convivência, sua trajetória, seus dias e seu cotidiano são presentemente vividos com os animais, desde a infância: “O casarão velho em que morava era mesmo grande, em Recife, na praça Maciel Pinheiro, onde vai desembocar a rua da Imperatriz. E tinha quintal, onde criava... bichos. Teve um macaco, na infância. E muitos gatos.” (Gotlib, 2013, p. 64). Estes animais não estiveram estanques e congelados a períodos ou a lugares, com eles estabeleceu interseção ao longo da vida. Carregou-os consigo no pensamento, na memória, nas histórias. Com eles foi criando a sua *realidade*:

Clarice recorda todos os seus animais de estimação – *Dilermando*, que tinha ficado abandonado em Nápoles, aparece –, fazendo uma lista quase exaustiva dos que teve e daqueles sobre que escreveu. Como se já não conseguisse pensar em mais nada sobre o que escrever, entra em grandes detalhes acerca das suas flores preferidas. (Moser, 2017, p. 425)

Em diferentes textos, escreveu sobre os animais que andaram pelo seu entorno. Germinados, atravessaram seu imaginário e criação, ultrapassados pela distinção de ser uma coisa, um animal.

Eu não deixei o jornal saber tudo. Mas agora é a hora da verdade. Também você tenha a coragem de ler. É um cachorro que só lhe falta escrever. Come caneta e estraçalha papel. Melhor que eu. Ele é filho animal. Nasceu de instantâneo contato da Lua com uma égua. Égua do sol. Ele é uma coisa que Brasília não é. Ele é: bicho. Eu sou bicho. Tenho tanta vontade de me repetir, só para chatear. Meu Deus, voltei atrás no tempo. São exatamente vinte para as seis. E respondo à máquina: yes. A máquina monstruosa. É um telescópio. Que ventania. É ciclone? É. (Lispector, 2020a, pos. 671)

Estes mesmos animais foram cruzando espaços, revelando sua intimidade, sua convivência. Por eles mesmos e através da abertura dada por Clarice, estabeleceram-se criaturas:

Além de gatos e galinhas, haverá os bichos com nomes: o cachorro italiano Dilermando, o cachorro americano Jack, a miquinha Lisete, todos pertencentes a Clarice. E haverá outros bichos, de outras pessoas: a rata Maria de Fátima, o cão Bruno Barbieri de Monteverdi e a cadela bolinha. Alguns não serão identificados pelo nome e aí o repertório será farto: coelhos, leão, girafa, macacos, peixes, búfalos, baratas, pombos, lagartixa, pintos, periquitos, ratos, cavalos, patos, quati, cães, **eles também “seres” com verdadeira carga instintiva, selvagem, pura.** (Gotlib, 2013, p. 66) (grifo meu)

A carga pura, selvagem e instintiva, também Clarice, tão íntima do outro que, por vezes, dificulta a distinção do que não seja, também este outro, o eu, ou que o eu também não seja este outro. Digo, pois, próxima, afetiva e efetiva, forte e *real*, deu-se aos animais e neles considerou igualdades e diferenças como extensões de singularidades. Os animais a habitaram do mesmo modo como também ela os habitou e os fez seus amigos, familiares, seus conhecidos desconhecidos. Seus diferentes, seus outros, seu cerne.

Dentro do enquadramento que posteriormente se demarca como aspecto de reflexão teórica – e que, de todo modo, em Clarice é estado natural –, observo que

A ficção de Clarice desloca a ontologia da consciência (“consciência do ser”) em proveito de todo um território que escapa à imanência antropocêntrica, ou seja, ontológica e subjetiva – assujeitadora também. Sinaliza, assim, para um território ilimitado, nem imanente nem puramente transcendental, de uma ética inaugural, mais além de qualquer moral antropológica e metafísica. (Nascimento, 2012, p. 38)

Por esta perspectiva, retomando a Derrida diante de um animal, consideramos uma vez mais o espaço de cristalino encontro com o outro. Isto, para dizer que a ação motivada pela alteridade pede por um desnudamento efetivo daquilo que nos transveste e precipita diante deste, *estranho desconhecido*. Ir, caminhar em direção ao vivente é percurso que não o desconsidera em seu mistério, em sua projeção desconhecida. É ali que se amplia e, talvez, se torne evidente aquilo que não alcançaremos em nós mesmos.

Agora, aproximemos a conversação entre Derrida, em *O animal que logo sou*, com Clarice Lispector:

Haveria, em primeiro lugar, os textos assinados por pessoas que sem dúvida viram, observaram, analisaram, refletiram o animal mas nunca se *viram vistas* pelo animal; jamais cruzaram o olhar de um animal pousado sobre elas (para não dizer sobre sua nudez); mas mesmo que se tenham visto vistas, um dia, furtivamente, pelo animal, elas absolutamente não o levaram em consideração (temática, teórica, filosófica); não puderam ou quiseram tirar nenhuma consequência sistemática do fato que um animal pudesse, encarando-as, olhá-las, vestidas ou nuas, e, em uma palavra, sem palavras

dirigir-se a elas; absolutamente **não tomaram em consideração o fato que o que chamam “animal” pudesse olhá-las e dirigir-se a elas lá de baixo, com base em uma origem completamente outra.** (Derrida, 2002, p. 32) (grifo meu)

Trago esta passagem por dois aspectos de considerável importância no que me proponho a pensar, refletir, questionar, ou sentir e fazer sentido ou qualquer coisa que o valha. O primeiro, diz respeito ao *observar* os animais e através da literatura pensá-los como personagens – *figuras* – em ato ou engajamento à *causa*. E que, no entanto, não se efetivam numa relação genuína de alteridade. É como diz Derrida (Derrida, 2002), observa-se, olha-se, reflete-se o animal, mas não se permite ser observado, visto e refletido por ele, permanecendo a barreira do desencontro, tão logo haverá um dizer animal, mas não a existência do ser. O mesmo aspecto também pode ser tomado, alterando os animais por Clarice Lispector – *agarrá-la como objeto* de estudo não é propriamente conhecê-la. Cair na experiência efetivamente de Clarice é deixar-se conhecer, deixar-se ser tomada, e isto irá requerer a admissão da parcela que escapa, que se faz desconhecida de todo, que não se mede pela aplicação de matrizes teóricas ou conceituais, que não ocorre totalmente pela palavra, mas na falta dela. O que haverá, por sua vez, é o perceber-se desnudado, sem ter onde se agarrar, sem ter onde se sustentar. De modo que, aquele que vai a ela nu, de face a face, passa a ser lido, observado, colhido num desconhecido e misterioso estado que não responde, não é dizível. Enquanto lê é lido e não se sabe, não sabe dizer como.

O segundo aspecto, refere-se a afirmativa de Derrida que dialoga diretamente com Clarice, e que é referência para a proposta tomada como lente de compreensão no trabalho. Vejamos: Ela, Clarice Lispector, um ser vivente, se deslocou em direção ao mundo do outro – animal. Através dele foi absorvida, observada, deixada para ser. Pensada e conjecturada em mistério, vozes e silêncios do desconhecido, do não sei, do não saber:

(...) Gostei mesmo foi do cavalo preto do filme. Tem uns movimentos de libertação do longo pescoço e da cabeça manchada de branco que são uma beleza. O fato é que me identifiquei mais com o cavalo preto do que com Barbara Laage. Inclusive eu costumava ter um jeito de sacudir os cabelos para trás que significava exatamente isso: uma tentativa de libertação. Hoje felizmente não preciso mais do gesto. Não, às vezes preciso. (Um encontro perfeito in Lispector, 2013a, p. 60)

Há certa aura de uma tal liberdade encontrada em si escapando de um constituir-se humana ou de uma única forma para ser. A perspectiva da inscrição humana é rompida em *Água viva*, quando justamente naquele outro tão outro, indizível, ela se considera, ela mesma, o ser que pode acontecer. No descobrir-se pelo outro, recorda Olga Borelli, e retoma, Lícia Manzo, o assunto acerca da relação que Clarice estabeleceu com alguns animais e a constante entrega ao momento, para ser absorvida por eles. Lembra Lícia Manzo que,

“Segundo Olga, Clarice gostava de ficar horas esquecida, dedicando-se exclusivamente a observar seu cachorro. Às vezes, ela dizia: ‘*Que inveja eu tenho de você, Ulisses, porque você só fica sendo*’.” (Borelli; Depoimento a Lícia Manzo; 04.12.96 in Manzo, 1997, p. 171)

A pesquisadora Lícia Manzo ainda aproxima do que concerne, e aqui já foi trazido anteriormente, ao universo infantil. É nesta dinâmica que pontua que o cão Ulisses chega na vida da autora na mesma altura em que esta, mais frequentemente, dialogou com crianças e relacionou-se, como uma amiga igual, com Andréa Azulay (Manzo, 1997, p. 171). Logo, a face infantil e a face animal parecem ser tentativas de se entregar além. O que será quase uma evidência da coisa na forma escrita. É uma fonte para ultrapassar-se e deixar-se ser parte integrante de outros mundos. Para Manzo, então: “Procurar escrever com os sentidos ‘alertas e puros’, assim como a criança que ainda não ‘civilizou’ seu olhar? Fazer reviver seu coração ‘selvagem’ parecia ser agora seu principal desafio.” (Manzo, 1997, p. 168)

O entrelaçamento destes universos confluiu em uma literatura dirigida aos pequenos e onde os animais ressurgem:

(...)

Pois Laura é uma galinha.

É uma galinha muito da simples.

Peço a você o favor de gostar logo de Laura porque ela é a galinha mais simpática que já vi. (Lispector, 1999, p. 5)

Suas histórias infantis são permeadas por animais em suas vozes, com seus modos singulares, seus feitos, pensamentos e intenções. A alteridade em Clarice, revela-se – também – através das histórias em que se dirige ao leitor e coloca-se no lugar deste. Ela aproxima-se e fala de animais:

Pensar o leitor como parte fundamental e ativa de seus livros era um recurso utilizado exclusivamente em suas histórias infantis, ou ela passaria também a incorporá-lo em sua literatura para adultos? Na verdade, em **Objeto Gritante**, segunda versão de **Água Viva**, já era possível entrever esse formato: dirigindo-se diretamente ao leitor, (...). (Manzo, 1997, pp. 178-179)

Em outro modo de expressar, muitos escritos são conversas. O espaço de afetividade, por vezes, intercede pelo animal que quer ser querido, que dá a dizer o ser que, por esquecimento, matou o peixe, de fome. A conversa que Clarice conduz de uma coisa à outra dá forma a uma liberdade escrita, que ultrapassou sua época. Enquanto escritora, colocou-se em liberdade para dialogar com os animais. Também o fez com plantas, com o sol, com cada elemento. Transcendeu a possibilidade da margem ou da superfície:

(...) ela seria uma mancha difusa dos instintos, doçuras e ferocidades, uma trêmula irradiação de paz e luta, como era humanamente, mas seria de forma permanente: porque se o seu mundo não fosse humano ela seria um bicho. Por um instante então desprezava o próprio humano e experimentava a silenciosa alma da vida animal. (Lispector, 2013b, pp. 34-35)

É reflexo desta liberdade, a marca de *Água viva*, enquanto busca por captar esse animal clariciano, que continua rondando textos e respiros, infâncias e tempo passando e dele, nele, por ele deparando-se animal. O eu que está diante de um outro eu animal.

Ainda em Lícia Manzo, encontramos que

É possível, em especial a partir de **Água Viva**, encontrar na obra de Clarice Lispector produzida para adultos, ecos bastante nítidos de uma liberdade que fora primeiramente experimentada por ela em sua ficção infantil. Em **Quase de Verdade**, ela se propõe a ‘falar’ por Ulisses e escreve: “- *Au, au, au*”. **Mas é possível pensar que também Ulisses talvez estivesse, numa certa medida, falando por Clarice, ao emitir seus desconexos latidos.** (Manzo, 1997, p. 187)

Conjectura que, relembro Derrida, refere-se a capacidade de deixar-se ser pelo outro, pelo animal que olha nu, que me olha (Derrida, 2002). Tal precipitação condiz a naturalidade, singular e autêntica com que escreveu seu jeito de ser e de estar diante das coisas. Fugidia da compreensão antropocêntrica da vida, indiferente a ser-se descoberta face a face, também ela, primitiva ou selvagem: “Depois, por um altruísmo de identificação, foi que ele quase tomou a forma de um dos bichos. E foi assim fazendo que, com certa surpresa, inesperadamente pareceu entender como é uma vaca.” (Lispector, 1998, pos. 1317)

Neste dinamismo surge e ressurgue, como água que corre, o reflexo que a maturação do tempo vai confluindo nas coisas que foram sendo condicionadas, coagidas, reduzidas. Mas reparemos o engano. Pois, no nosso ato ou na nossa vontade não estão consumadas as coisas. O deslumbre passa a ser a quebra do efeito, ainda é possível enxergar com outras lentes, por outro viés que, agora, melhor condiga à verdade das coisas. Assim,

A literatura de Clarice tem ajudado a **questionar os limites do humano**, na medida mesma em que traz para seu espaço formas concorrentes em relação à tradição, tais como animais e objetos, texturas, paisagens, cores, trechos musicais, ruídos e silêncios. (Nascimento, 2012, p. 25) (grifo meu)

Nesta tônica, tomo como exemplo o trecho do conto “Perdoando Deus”, da obra *Felicidade Clandestina* (edição 1981):

Porque o rato existe tanto quanto eu, e talvez nem eu nem o rato sejamos para ser vistos por nós mesmos, a distância nos iguala. Talvez eu tenha que aceitar que antes de mais nada esta minha natureza que quer a morte de um rato. Talvez eu me ache delicada demais apenas porque não cometi os meus crimes. (Perdoando Deus in Lispector, 1981, p. 43)

Eis a esfera inquietante de quem são os animais em Clarice Lispector, ou quem é a Clarice nos animais. Não há um ou outro, separáveis, derradeiros. Ela arrasta, conflui, admite nossa animalidade selvagem, escancara nossa fome de barata, nossa detenção da morte, nossa inocência inofensiva. Clarice faz eco ao que, em Derrida, teoriza-se como espaço próprio da literatura (Derrida, 2014), esse amplo mundo onde cabe o dizer de tudo. O dito no indizível.

Esta abordagem, no labirinto de dizer o animal principalmente no que, mais tarde, irá desaguar em *Água viva*, pede que seja mencionado, que

(...) não se trata tampouco de analogismo, pois a **experiência ficcional e biográfica no plano da animalidade questionadora do humano não se faz por mera comparação**. Não é *como* o homem se sentiria no lugar do animal, mas sim de que forma ocorre uma travessia inevitável pelo tornar-se-animal do humano, com todo o *perigo* que a experiência remete. (Nascimento, 2012, p. 32)

Logo, olhemos para Clarice e veremos o animal que nos despe. Ele não é enquanto figura ou figuração, exemplo à caracterização do humano. Não se trata, tampouco, do enredo enredado de um personagem. É, ou pode ser, qualquer coisa lida que se escapa a palavra ou por entre as palavras. Os animais se tornam uma ideia íntima. É intimidade e intimidante. É sobre ser ou estar sendo ou deixar-se ser, ou deixar de ser.

Quanto a isto, Maria Esther Maciel, considera que,

(...) o encontro/interação com o animal aponta para um movimento que não é necessariamente o da imitação, da alegoria ou o da transformação física do humano em animal não humano, mas um trespassamento íntimo das fronteiras, um salto radical à outra margem. Disso pode-se depreender a potencialidade inerente ao espaço poético de se tornar não apenas um ponto de encontro possível com a outridade animal, como também um *topos* da travessia para o que chamamos de animalidade. (Maciel, 2016, p. 110)

Este é um dos assuntos definitivos da insônia questionadora quanto ao ser vivente e do transbordamento deste para tantos outros indizíveis. É a ranhura lida, sentida e percebida e, no entanto, não possível de se fixar em um *entendi*, *é o quer dizer*. Mesmo assim, continua ali, como uma palavra que ainda não existe. Este é o ponto de inquietação de *Água viva*, do que está nestas páginas postas para o animal pintado, escrito, falado para fora, para além e que, no entanto, não.

A reflexão não se esgota, a insônia cresce. É tentadora a não finitude do não compreender. Ainda mais forte é perceber ou sentir a força viva das águas por onde nadou e se fez Clarice, onde estão esses animais impalpáveis e, ao mesmo tempo, acarinhados.

É verdade que, “No que tange à literatura, por exemplo, sabe-se que as tentativas de sondagem da alteridade animal nunca deixaram de instigar a imaginação e a escrita de poetas e escritores de diferentes épocas e procedências.” (Maciel, 2016, p. 14). No entanto, este traço para com a existência em toda a sua forma, assume, em Clarice, um grau raro. Talvez por significar um momento que transcende ou antecede uma condição pensada sobre os animais, sobre pensá-los ou considerá-los – ainda mecanicamente –, sobre fazê-los sinônimos aproximativos do humano. Mais do que isso, talvez simbolize o momento em que se desprende de um rasgo histórico que a limita no limite do dizer ser-se humana. Antes da face humana ou não-humana, o ser. Clarice rompe com a lógica do querer dizer, do como dizer, do *como se*. É *como se* escancarasse o fato de que no nosso dizer há qualquer coisa que não se pode dizer, ou que não se consegue alcançar. E esta, talvez seja uma nota pessoal, uma ranhura filosófica que questiona sobre este outro. Se não seria ainda um outro a partir de nós, a partir do que nós o dizemos dito por nós. A questão está aberta.

Mas tão logo, se houver sensível atenção na observação, o que se insinua é que, com centro aos animais, há vivência, intuição, ato, afeto e sentir. E não propriamente um pensar anterior, estruturado e alinhado ou que encaminhe instrumentalmente ao vivente:

Ainda quando existe cálculo, o tornar-se-animal do homem, ou o tornar-se-homem do animal (sem antropomorfismo, contudo), se dá por um encontro totalmente inesperado, um *cruzamento*, por meio do pensar-sentir clariciano. Tudo ocorre nesse momento inevitável em que **duas naturezas distintas se chocam por força do amor, sempre a motriz que em Clarice instaura a experiência do outrar-se (...)**. (Nascimento, 2012, p. 32) (grifo meu)

De alguma forma, o que está atrás do pensamento é o que vem antes. Como se o pensamento se fizesse como construção posterior, consequência de um ato repentino, incontrolável, de deixar-se estar sendo, de levar-se sem nenhuma parte ainda raciocinante e constituída ou reconstituída de animalidade ou humanidade. Pois, “Eu nunca tinha visto a boca de uma barata. Eu na verdade – eu nunca tinha mesmo visto uma barata. Só tivera repugnância pela sua antiga e sempre presente existência – mas nunca a defrontara, nem mesmo em pensamento.” (Lispector, 2015c, pos. 561)

Pego o fio, a caneta, o choro miado do gato na compaixão, a forma sem a forma do pensamento de uma barata, o indefinível. Repenso os passos dados até aqui e nas formas que o tempo trouxe para ler Clarice através das quais escaparam, por desconhecer, as espetaculares e profundas teorizações intelectualizadas sobre sua obra – ela não as negaria, no entanto possuía o que lhe importava verdadeiramente. Porque ela, esse ser infinito, construiu-se e foi constituída de fluidez. Seu estado de ser é não intelectualizado, mas sentido

e experienciado, provado, criado de amor e de busca, da transcendência, da mais íntima e profunda condição humana que ela não teve receio de se lançar através de algo inconcreto.

Por conta disso, sua intensidade não se reflete como seria refletida na grande maioria, medida por ações, atos, encontros, situações estruturadas, praticáveis ou explicáveis. A intensidade da vida imensa em Clarice acontece no âmbito do mundo interior e no diálogo com as coisas mais singelas e banais do cotidiano, aquelas que, na maioria das vezes, passam despercebidas. Este é um dos aspectos que, ao ser deslocado para a observação dos animais, torna notável a peculiaridade da dinâmica que está rugindo dentro dela. Afinal, seu encontro não está na superfície. É, talvez por isso, que tão difícil será pegar e engaiolar o animal de *Água viva*. Mas aqui não há de se engaiolar nada, do contrário, soltar-se.

Clarice, deu espaço para as coisas e palavras para aquilo que as palavras não encontram, não sempre. De acordo com Evando Nascimento, “Com Clarice, a palavra *pensamento* perde sua condição exclusivamente filosofante para ser um dado do sentimento-experiência que a proximidade com os bichos, por exemplo, possibilita.” (Nascimento, 2012, p. 36). Esta característica ressoa na completude diante da essencialidade do ser que se derrama através da obra, de sua escrita – ou da sua literatura, se assim se queira dizer.

Conforme vão se costurando aspectos de sua personalidade, mais se percebe como todas estas questões eram de cunho estrutural ou, essencialmente, dela mesma. Caminhando por aí, em Clarice, com Clarice, não consigo dizer que houve um interesse despertado, uma vontade alimentada de escrever e, conscientemente, entender-se interessada em escrever sobre um animal. O que há é um eco existencial que não difere nem localiza, separadamente, espécies, estados ou condições. Do contrário, há interesse pelo que é da vida. Para ela,

Eu estou sendo, disse a aranha e imobilizou a presa com o seu veneno. Eu estou sendo, disse uma criança (...). Mas a luz se aquietava para a noite e eles estranharam, a luz crepuscular. Lóri estava fascinada pelo encontro de si mesma, ela se fascinava e quase se hipnotizava. (Lispector, 2013b, p. 57)

Inscribe-se a vivência da coisa. Provavelmente isto alcança tamanha força que, ao ser lida, muitas vezes, ela causa desconforto pelo desnudamento, pelo que gera no leitor que se deixa envolver ao que não compreende de suas palavras. Um lugar incomum do eu, do outro, do eu no outro, do outro eu. E também do sentimento, enlevo que circundou e respirou em toda sua existência. O amor que existe e persiste, através do qual cria a capacidade de entendimento daquilo que não pode, propriamente, ser explicado.

Considero então, que nas escrituras claricianas há o sopro do sentimento de amor e a intuição de escrever simplesmente, mais do que pensando, sentindo, entregue.

Mais uma vez, antecipando certos argumentos de *Água viva*, as palavras não encontram caminho para descolar o animal do humano, separando-os, fragmentando a compleição do existir. Não se trata nem mesmo de ser ora um, ora outro. Evando Nascimento diz que, várias obras de Clarice, assim como o “(...) excepcional *Água Viva*, ficcionalizam certo não humano não como aquilo que ameaça o homem, mas, ao contrário, contribui para o ultrapasse das barreiras impostas pela civilização dita ocidental no avanço estágio de seu desenvolvimento tecnológico.” (Nascimento, 2012, p. 25)

Ultrapassar os limites mecânicos de regem épocas, já é sinal reflexo de uma transcendência. Está desfeita a pirâmide de quem é quem e de qual será o valor dado conforme o rótulo da espécie. É aspecto de uma alteridade que se esparrama para além do olhar do outro humano. Clarice desapegou ou não reconheceu conscientemente hierarquias. A vida fluía do cotidiano mais banal, dali submergiram as experiências mais impactantes – onde as coisas não são coisas contidas no baú da herança cartesiana. Do vazio do nada, do silêncio à existência plena, onde, “(...) uma vez um pássaro desabrochou da campina para o ar em voo súbito, fez o coração bater depressa num susto pálido. E isso era livre e leve como se alguém andasse ao longo da praia.” (Lispector, 2019c, pos. 223)

Estar em encontro e entrega. Há desenvoltura para intrincar-se ao outro, quando também aí está ou é o animal do encontro impensável e intrínseco de mim. Clarice percorre esta estrada de encontros nem sempre percebidos:

E ele sentiu no corpo todo que seu corpo estava sendo experimentado pelas vacas: estas começaram a mugir devagar e moviam as patas sem ao menos olhá-lo – com aquela falta de necessidade de ver para saber que os animais têm, como se já tivessem atravessado a infinita extensão da própria subjetividade a ponto de alcançarem o outro lado: a perfeita subjetividade que não precisa mais ser demonstrada. Enquanto ele, no curral, se reduzira ao fraco homem: **essa coisa dúbia que nunca foi uma margem a outra.** Num suspiro resignado, pareceu ao homem lento que “não olhar” também seria o seu único modo de entrar em contato com os bichos. (Lispector, 1998, pos. 1309) (grifo meu)

Sem precisar olhar, está. E o sentimento de amor, mesmo quando sem a palavra *amor*. E palavras profundas de afeto e contemplação de tudo e para com tudo. Nos animais deixou-se estar, vivia-os e os integrava não por uma condição de lá e cá, de mais ou menos, mas de experiência, de sopro de vida de quem se torna o que sempre fora o animal de sua animalidade, em sua integridade de sê-lo. Não os tomando para fazer parte do que não sejam, não os reduzindo em caráter reificante, ou a seres inferiores, por não sermos nós capazes de admitir a parcela de mistério que envolve a relação, o diálogo-não-diálogo ou a intersecção entre humanos-não-humanos:

Seu afeto pelos animais era enorme: **amava-os, como dizia, porque não lhe pediam nenhuma lógica.**

Os animais foram feitos para que os homens soubessem. Faço o possível para meu cachorro saber que é cachorro. Faço o impossível para a gente saber que é gente. (grifo meu) (Lispector in Borelli, 1981, p. 55)

Aproximando um pouco mais, o cão Ulisses é um dos representantes desta relação com o outro em sua singularidade. E na parcela da diferença – não é espelhamento – acontece o encontro pelo acolhimento, pelo afeto, pelo amor. Olga Borelli, lembra que: “Para Clarice, Ulisses se constituiu numa espécie de ponto convergente de afetividade em estado puro. Falava com ele em voz doce, e inventava-lhe sempre outros nomes, como ‘Vicissitude’, ‘Pitulcha’, ‘Pornósio’. (Borelli, 1981, p. 97)

É ainda Clarice Lispector quem diz:

Somente quem teme a própria animalidade não gosta de bicho.

Mágico é como eu e meu cachorro nos entendemos sem palavras: nossos olhos se cruzam e há uma compreensão que nasce e que é incompreensível pela minha consciência e pela consciência dele: há um entendimento que é nosso mas que nos ultrapassa e que não captamos. Mas existe. (Lispector in Borelli, 1981, p. 55)

Eis o eco dissonante para pensar o animal. E a importância de Clarice para se deixar estar neste animal que a literatura tem buscado cada vez mais escrever. A atenção à vida escapa ou ultrapassa preceitos de época, não há como caber nas envelhecidas práticas utilitárias, cartesianas, consideradas unicamente pela lógica racional.

Eis também aí outro modo de compreender a relação com os animais, tão presente em seus escritos. Pela alteridade, esta que não se molda na possibilidade definidora de dizer, não chega a um lugar ou a uma conclusão, do contrário aceita o espaço infinito. O dizer do – ou no – animal se inscreve como um preceito antes de ser um preceito ou uma condição prévia. Diz respeito a uma vivência anterior, um estado que não pede licença a lógica, que está num constante estado de face a face, que acontece sem que se pense. Este movimento repentino e sem volta, iguala reconhecendo a diferença. Dada a este vínculo de encontro com os animais, Maria Esther Maciel, a partir de Octavio Paz, naquilo que renomeio como encontro face a face, ou como coloca, *Olhos nos olhos* (Maciel, 2016, p. 106), irá dizer:

Essa passagem da mulher que toca a serpente vencendo o asco e o medo poderia inclusive nos remeter obliquamente à cena da barata (sem dúvida, bem mais ousada e radical) do romance mais poético de Clarice Lispector, *A paixão segundo G.H.*, em que a mulher enfrenta a outridade, digamos, monstruosa de uma barata, levando esse enfrentamento a um processo de interação visceral com o inseto. O primeiro contato entre as duas ocorre também através do olhar: a mulher vê a barata, fecha os olhos de pavor, abre-os e se perturba pelo olhar do inseto (...). (Maciel, 2016, pp. 108-109)

Há o estado constante do encontro a partir do olhar visto enxergado do outro animal, que leva ao ápice de comer a barata: “Ela entra em crise com sua própria humanidade (...), reconhece que desejar o inumano dentro da pessoa não é perigoso e encontra no ato de comer a barata a revelação da vida.” (Maciel, 2016, p. 110). É a volição, o borbulhante e confluyente estado de vida em sua magnitude, sua transcendência na ampliação da possibilidade de inter-relação com a vida, que responde por alteridade.

Por este aspecto, embora o centro de atenção aqui sejam os animais, digamos que, com Clarice, poderiam ser as flores, o vento, uma máquina de escrever, uma janela, uma cidade fria, um táxi, a fome diante de uma plateia que debate sobre sua escrita.

Ela atenta-se aos animais, assim como observa todas as outras coisas do mundo à sua volta, além do que é palpável, integrando-se. Mais do que isso, ela deixa-se ser observada por todas essas coisas, ela nota-se e faz-se relação com o cotidiano simples e riquíssimo. Transcende a si mesma e encontra-se no outro, deixando-se ser deste, sem distinção:

Cada planta úmida, cada seixo, os sapos roucos aproveitavam a silenciosa confusão para se disporem em melhor lugar – tudo no escuro era muda aproximação. Caídos na cilada, eles se olhavam aterrorizados: fora saltada a natureza das coisas e as quatro figuras se espiavam de asas abertas. Um galo, um touro, o demônio e um rosto de moça haviam desatado a maravilha do jardim... Foi quando uma grande lua de maio apareceu. (Mistério em São Cristóvão in Lispector, 2013c, p. 103)

Em resumo, seu interesse era pela vida. Ouso dizer que inclusive nos momentos de maiores dificuldades e de melancolia, Clarice alimentou-se de vida e de amor. A eleição de suas palavras – cartas, crônicas ou romances –, soam como um intenso gesto e busca pelo amor.

Sinto que viver é inevitável. Posso na primavera ficar horas sentada fumando, apenas sendo. Ser às vezes sangra. Mas não há como não sangrar pois é no sangue que sinto a primavera. Dói. A primavera me dá coisas. Dá do que viver. E sinto que um dia, na primavera é que vou morrer. De amor pungente e coração enfraquecido. (Eu sei que é primavera in Lispector, 2013a, p. 196)

Com referência a isto, há uma fotografia em que Clarice aparece entre outras pessoas. Todas estão na lente, menos ela. Clarice tem os olhos fechados, o rosto dado ao sol, ao calor e ao vento que chegam juntos sobre sua face, a diferença quase selvagem de quem se deixa aproximar de bicho ou sentir a vida num raio de sol (Gotlib, 2012). É uma expressão diversa, destoante. Registro de uma característica, em sua historicidade, do modo como interage com o seu entorno. Reflexo que se percebe pela maneira como concebe e entende o humano-não-humano, humanidade animalidade, o eu outro:

Você não sabe que revelação foi para mim ter um cão, ver e sentir a matéria de que é feito um cão. É a coisa mais doce que eu já vi, o cão é de uma paciência para com a natureza impotente dele e para com a natureza incompreensível dos outros... E com os pequenos meios que ele tem, com uma burrice cheia de doçura, ele arranja modo de compreender a gente de um modo direto. Sobretudo Dilermando era uma coisa minha que eu não tinha que repartir com ninguém. (Lispector, 2015b, pos. 1187) (grifo meu)

E então, relembro através da crônica “A explicação que não explica” (A explicação que não explica in Lispector, 2013a, p. 338), quando fala, a partir de um evento cotidiano, dessa proximidade com o animal ou esses animais que vão rondando seu sentir pensante, seu afeto e seu estado de ser:

«A menor mulher do mundo» me lembra domingo, primavera em Washington, criança adormecendo no colo no meio de um passeio, primeiros calores de maio – enquanto a menor mulher do mundo (uma notícia lida no jornal) intensificava tudo isso num lugar que me parece o nascedouro do mundo: África. Creio que também este conto vem de meu amor por bichos; **parece-me que sinto os bichos como uma das coisas ainda muito próximas de Deus, material que não inventou a si mesmo, coisa ainda quente do próprio nascimento; e, no entanto, coisa já se pondo imediatamente de pé, e já vivendo toda (...).** (A explicação que não explica in Lispector, 2013a, p. 340) (grifo meu)

Encaminhando este capítulo ao fim, volto a chamar atenção ao que foi tratado no primeiro capítulo, sobre como a dinâmica engessada a um noção antropocêntrica e mecanicista minou tantos aspectos da vida. O estreitamento das compreensões existenciais limita não apenas o animal, preso a correntes e engrenagens, mas a tantas coisas que foram sendo apagadas de suas existências. Ainda assim, existe Clarice que nos dá uma possibilidade de enxergar ou reparar a inexatidão do instante que existe agora. Ainda está Clarice, a máquina ao colo, o cão dormindo aos seus pés:

Mas ambos haviam nascido com a palavra poesia já publicada com o maior despudor nos suplementos de domingo dos jornais. Poesia era a palavra dos mais velhos. E a desconfiança de ambos era enorme, como de bichos. Em quem o instinto avisa: que um dia serão caçados. (A mensagem in Lispector, 1981, p. 130)

Quando ao fim...

É nítido que embora estejam determinados os assuntos dos três tópicos deste capítulo, há elementos de um saltando ao outro. O que, por si, representa e caracteriza o entrelaçamento vivente, entre viventes, humano-não-humano, a interseção entre seres, coisas, vida. O que também demonstra que em Clarice Lispector não acontece esta separação (aqui está a escritora, lá está o outro). Muitas vezes, falar de um é falar de outro.

Certo estamos sobre as palavras que ainda não existem para expressar ou significar a totalidade do ser. Ainda assim, reafirma-se o ser dele mesmo. Inventivamente ou não, com

o lábio sangrando a mordida ou não, a relação se constitui viva e escrita, o eu e o outro. Não, necessariamente, respondendo a algo, já que a condição é existencial. E existencial também foi a relação que ela, Clarice, viveu, experimentou e conheceu com os animais.

Dando seguimento a isto, no capítulo seguinte, adentramos em *Água viva*.

3. O toque de *Água viva*

Após termos visto sobre como os animais habitam e estão representados no universo de Clarice, de modo a romper parâmetros estreitos sobre o dizer do eu e do outro, especificamente o dito humano e o não-humano, adentramos, a partir desta perspectiva, no capítulo terceiro e em *Água viva*.

Aqui começamos a andar pelo livro e, aos poucos, talvez sejamos capazes de não chegar a uma compreensão definitiva, mas consigamos, de leve, tocar o âmago ou enxergar mais longe. Digo assim para lembrar que o interesse maior deste estudo é alcançar as luzes deste animal de *Água viva*.

Considerando os assuntos que convergem a um ponto central, penso que seja relevante passar por determinados aspectos e ouvir o que alguns teóricos e estudiosos da obra de Clarice já abordaram sobre o livro.

Pelo caráter da observação e pela extensão que este horizonte – da vida – representa, e pela proposta aqui abordada, pondero três perspectivas em *Água viva*. Sendo estas: a historicidade da obra; o possível diálogo existencial com as obras *Uma aprendizagem ou o livro dos prazeres* e *Um sopro de vida*; e o espaço da arte como expressão do ser, preponderantemente no que se refere à pintura. Estas abordagens confluem para aquilo que, posteriormente, encaminhará a perspectiva humano-não-humano, o animal ou, em outras palavras, o ser.

No entanto, aliado a isto outros dois aspectos a dar atenção: O animal no título e o efeito dominó que a obra teve para outras expressões artísticas. Aqui já sinalizando como todos estes elementos não acontecem de forma des-concatenada. E mesmo que soem dispersos, referem-se a características que ressoam um lugar em comum: o ser em seu estado de ser.

Quanto ao que irá derramar-se ao animal, diga-se uma vez mais que não se trata de continuar pelo espaço conhecido, ou seja, o eco ao que tenha sido dito sobre quem é o animal ou sobre quem é o humano. Faço a referência, tendo em mente as lições de alteridade, e como essa abertura infinita ao mundo do outro pode significar um caminho para ir além do que já foi transcrito enquanto pensamento sobre o animal.

Logo, pelo significado e expressão subjetiva do ser vivente em *Água viva*, neste capítulo elaboro os tópicos mencionados tendo em conta as pesquisas feitas. Para então, no momento seguinte, mergulhar por conta própria na obra.

3.1. Historicidade da obra: “Atrás do Pensamento” e “Objeto Gritante”

Foi no ano de 1971 que Clarice colocou nas mãos de Alexandrino Eusebio Severino a primeira versão do que se perfaria como *Água viva*. Na altura, a razão para isso era traduzir o manuscrito para o inglês (Vasquez; Entre *Objeto gritante* e *Água viva* in Lispector, 2019a, p. 14):

Na ocasião o manuscrito não tinha sequer o nome pelo qual veio a ser mais conhecido na esfera acadêmica, *Objeto gritante*. Possuía a denominação pouco atrativa, porém esclarecedora das reais intenções da autora, de: *Atrás do pensamento: Monólogo com a vida*. (Vasquez; Entre *Objeto gritante* e *Água viva* in Lispector, 2019a, p. 14)

Um aspecto que já ali aparecia, pela fluidez do pensamento, a característica de uma escrita por fragmentos, pedaços de si entregue às letras, aos pedaços de papéis. A abordagem não deve ser superficializada, quando do dizer de “a escrita do pensamento fragmentado” (Manzo, 1997, p. 141) – e aqui as aspas são minhas. Afinal, mais fortemente, não seria um reflexo de uma reflexão ampla, vasta... Sobre existir? Que, por sua vez, acontece para além do tempo de se constituir na *história*?

Do primeiro manuscrito, intencionava a tradução mas esta não aconteceu e Clarice optou por interromper o livro. Segundo ela, por não estar alcançando o que queria. (Clarice Lispector apud Severino; As duas versões de *Água viva* in Lispector, 2019a, pp. 141-142). Mas, do não alcance, o monólogo verteu um grito: “Segundo a autora nos confidenciou, esse título seria substituído por outro: *Objeto*.” (Severino; As duas versões de *Água viva* in Lispector, 2019a, p. 141)

Assim, a versão modificada de “Atrás do pensamento” converteu-se em “Objeto Gritante”, manuscrito que aparece com vários cortes do primeiro texto, principalmente de algumas crônicas publicadas no Jornal do Brasil. (Manzo, 1997, p. 141)

Os estudiosos de sua obra, quando analisam um manuscrito e outro, fazem notar o entrecruzamento de trechos destes com as crônicas publicadas em jornal. (Manzo, 1997, p. 142). Não sendo possível estabelecer a origem, se no manuscrito ou no texto da crônica. Não se aferindo então se são os fragmentos do que se tornou o desenvolvimento de livro que migraram para as crônicas ou se são das crônicas que colheu tais passagens para serem integradas ao que mais tarde se faria livro.

O que é sabido é que, de um modo ou de outro, “Atrás do pensamento” e “Objeto Gritante”, marcam-se profundamente pelo caráter fragmentário de anotações, passagens, ímpetos pensantes que sempre lhe foram surgindo desmedidamente. Na costura destes fragmentos pensantes está feito *Água viva*. Que, por sua vez, é a essencialidade de narrar narrando-se:

Para Clarice Lispector, a impossibilidade é de narrar qualquer coisa sem ao mesmo tempo narrar-se – **sem que, à luz baça de seu realismo ontológico, não se exponha ela mesma, antes de mais nada, ao risco e à aventura de ser**, como o *a priori* da narrativa literária, como o limiar de toda e qualquer história possível. (Nunes, 1989, p. 159) (grifo meu)

A revelação no que a permeou como criatura vivente aproxima-se ao momento em que almeja, escrevendo, chegar mais perto daquilo que se abre como verdade. Mas que, no entanto, não se revela. Conforme Lícia Manzo, foi com ajuda de Olga Borelli que Clarice ganhou força para ir se fazendo e se desfazendo com as partes e pedaços de textos que eram deixados de fora e pensamentos sentidos e repintados ali. (Manzo, 1997, p. 143)

Obra de caráter incerto quanto a própria certeza da publicação: “*Objeto gritante* foi o único livro que Clarice hesitou longamente em editar, chegando a pensar em nunca editá-lo.” (Vasquez; Entre *Objeto gritante* e *Água viva* in Lispector C. , 2019a, p. 10)

Em carta de 1972, o amigo José Américo diz:

Difícil julgar *Objeto gritante* (...).
Tentei situar o livro: anotações? Pensamentos? Trechos autobiográficos? Uma espécie de diário (retrato de uma escritora em seu cotidiano)? No final achei que é tudo isso ao mesmo tempo. (...) Tive a impressão de que você quis escrever espontaneamente, ludicamente, **a-literatura**. Verdade? **Parece que, depois de recusar os artifícios e as artimanhas da razão (melhor talvez – das racionalizações), você parece querer rejeitar os artifícios da arte. E despojar-se, ser você mesma, menos disfarçada aos próprios olhos e aos olhos do leitor**. Daí o despudor com que se mostra em seu cotidiano (mental e de circunstâncias) não se incomodando em justapor trechos de diversos níveis e sem temer o trivial. Falar de Deus e de qualquer coisa, **sem selecionar tema, sem rebuscar forma. Sem ser “escritora”**. Ser apenas mulher-que-escreve-o-que-(pré)pensa-ou-pensa-sentindo? (Pessanha; O conselho de um amigo – Carta à Clarice Lispector in Lispector, 2019a, p. 134) (grifo meu)

Esta passagem da carta do amigo dá o esboço do que é a própria *narração* de *Água viva*. Aqui, entretanto, a leitura é feita na face da autora, no livro, pela imagem daquela que está escrevendo – sigo sem a intenção de conceber a personagem –, que comunga de um mesmo estado de ser que sente e se narra assim como vive-se.

Pelo mesmo caráter, a nitidez quanto a ser uma obra que *desrespeita* o critério da forma. Considero que a expressão escrita acontece por fruição, ou por intuição. Logo o livro desestabiliza a noção de tempo e espaço e segue de encontro ou de mergulho ao cerne, no

mais profundo estado do ser. Clarice tenta, através da palavra, ir ao encontro, dizendo o indizível.

A veracidade desse instante só se efetiva na medida em que se liberta da figuração conhecida:

Ao violar certos protocolos artísticos e ao incorporar em “Objeto gritante” termos (...) que para vários críticos e escritores de sua geração eram um “afrontamento” ao decoro literário e moral, Clarice questiona a instituição da literatura (segundo os critérios dos críticos da sua época) e, em particular, sua própria obra. Além disso, o conteúdo autobiográfico de “Objeto gritante”, bem como a inclusão nesse texto dos vestígios das circunstâncias externas de sua produção problematizam outros pressupostos artísticos de sua geração, como, por exemplo, o ideal de sublimação ou distanciamento do autor em relação a sua obra. (Roncador; Clarice Lispector esconde um objeto gritante: notas sobre um projeto abandonado in Lispector C, 2019a, p. 159)

Não considerarei os crivos institucionais, uma vez que não acredito que estes parâmetros estivessem, efetivamente, na ordem das preocupações mais latentes de Clarice Lispector. Podem ter-lhe gerado algum ressoo, mas nenhum fundamental. Seu compromisso existencial assumiu todos os riscos e vontades, a escrita revela sua intensidade e intimidade com a vida:

“Objeto gritante” é uma espécie de relato da vida pessoal de Clarice Lispector como escritora. Parte desse relato corresponde ao registro dos dias e das horas em que Clarice escreve o manuscrito: fatos que ocorrem em sua vida no momento mesmo em que está escrevendo “Objeto gritante”. (...) constituindo assim uma espécie de relato antinarrativo, ou seja, sem direção ou objetivo, e desprovido de qualquer clímax ou desfecho. (Roncador; Clarice Lispector esconde um objeto gritante: notas sobre um projeto abandonado in Lispector, 2019a, p. 155)

Nesta perspectiva, com Lícia Manzo encontramos uma das anotações de “Objeto Gritante” não presente em *Água viva*:

De novo não sei qual será a próxima frase: é imprevisível. (...) E também estou atrapalhada com o “modo de dizer”. Não se deve ter modos de dizer. A coisa tem que ser. Estou tão revoltada que é por isso que escrevo o que me vem à cabeça, sem conexão. Não consigo respeitar mais ninguém e a mais nada. (Lispector; Objeto Gritante (versão manuscrita) in Manzo, 1997, p. 145) (grifo meu)

No modo como Clarice diria – e disse: “Sabe, ‘Objeto gritante’ é uma pessoa falando o tempo todo...” (Lispector apud Roncador; Clarice Lispector esconde um objeto gritante: notas sobre um projeto abandonado in Lispector, 2019a, p. 156). Uma pessoa rompendo e assumindo-se no que, como reflexo, se consolidará como *Água viva*. Que pode ser tomado pela maneira que: “(...) dadas as afinidades de ‘Objeto gritante’ a uma conversa informal, esse manuscrito escapa às convenções de gêneros narrativos, tais como o conto, o

romance, ou a biografia.” (Roncador; Clarice Lispector esconde um objeto gritante: notas sobre um projeto abandonado in Lispector, 2019a, p. 156). E, de fato, o aspecto da conversa íntima, próxima e de cunho latente-mente existencial, caracteriza estas páginas.

Todavia, assim como já vinha sendo desde “Atrás do Pensamento”, “Objeto gritante” também passa por muitas alterações no texto. Referente ao ofício daquela que está escrevendo também é, nesta altura, *alterado*:

Optou então por cortes radicais e pela reescritura de muitas passagens, além de transformar a protagonista e escritora em pintora. Ao cabo desta operação, que resultou na eliminação de uma centena de páginas da primeira versão. Clarice rebatizou de *Água viva*, autorizando enfim sua publicação.” (Vasquez; Entre *Objeto gritante* e *Água viva* in Lispector, 2019a, p. 10)

Para Pedro Karp Vasquez, *Água viva*, o livro que veio a ser publicado:

(...) é ao mesmo tempo a mais autobiográfica e a mais misteriosa obra da bibliografia clariceana.

Livro sem precedentes ou sucessores na literatura brasileira, *Água Viva* é uma pérola barroca, singular, fascinante e inimitável. Editado em 1973, somente em fins da década de 1980 é que veio a público o fato de que esta obra chamava-se originalmente *Objeto Gritante*. (Vasquez; Entre *Objeto gritante* e *Água viva* in Lispector, 2019a, p. 9) (grifo meu)

O grau de *mistério filosófico existencial* perpassa toda a feitura de *Água viva*, assim como a própria grandeza do texto, por vezes parece desprender-se enquanto palavra passível de compreensão – lembrando o intuito de Clarice na busca por um modo de dizer – dizer o indizível (?). Existe então a tentativa para alcançar esse dizer que quer, que intenciona ir além do limite ou da possibilidade de fazer-se dito.

O que vem a se tornar *Água viva* faz nó nas compulsões escritas em qualquer pedaço de papel, é um pouco das crônicas publicadas no jornal, é o não mais saber escrever, é o que é preciso escrever, é o instante e a pulsação.

Daquilo que não se desprende e que pode ser tomado na medida da teorização – já que é o próprio fazer escrito de Clarice que desfaz esta concepção –, diz-se: “**O texto de Clarice repõe um problema para a crítica enquanto fazer racionalizante**. Implícita ou explicitamente, na ficção e nos depoimentos dela afirma a supremacia de um ‘processo’ que nos ultrapassa a todos (...).” (Sant’Anna, 1990, p. 181) (grifo meu)

A afirmação é do crítico e amigo pessoal de Clarice, Affonso Romano de Sant’Anna, e está presente no livro *Análise estrutural de romances brasileiros*, quando toma para análise *Laços de Família* e *Legião Estrangeira*. Entretanto, tal afirmação serve para

toda uma elaboração do horizonte clariciano e que, por sua vez, não seria menos condizente também com *Água viva*.

De maneira geral, “no século XX brasileiro, nenhum escritor levou tão longe esse caráter inquieto da literatura quanto Clarice Lispector. Um romance como *Água Viva* nada mais é que uma sucessão de perguntas; perguntas sem resposta ou que não suportam uma só resposta.” (Castello, 2013, pos. 486)

Para Alexandrino E. Severino, no entrelaçamento entre as versões riscadas e reescritas, “O resultado é *Água viva*, uma obra cuja importância é salientada pela justaposição das duas versões, de onde se depreende que a escritora aqui atingiu um dos pontos mais altos de **sua ficção.**” (Severino; As duas versões de *Água viva* in Lispector, 2019a, p. 143) (grifo meu)

Quanto ao que resguarda como aspecto que se mantém entre manuscritos e livro publicado, leia-se: “Tanto *Água viva* como a primeira versão *Objeto gritante* representam, apesar de algumas diferenças no processo de execução, **tentativas de chegar até um ponto inefável, um ‘it’, para além do raciocínio** e para além mesmo da imaginação.” (Severino; As duas versões de *Água viva* in Lispector, 2019a, p. 142) (grifo meu)

E quando se efetiva o ultrapassar de uma noção racionalizável do modo dizível, realiza-se um processo livre e fragmentado de uma conversa refeita em colagem que chega a *Água viva*, o antirromance. O livro que não é um livro porque não é uma história. Não tem início, nem meio, nem fim. Tem um animal, um it gritado em Deus, um estado que seja talvez o estado sempre do que é – no sentido de que existe – atrás do pensamento ou é sem pensamento. Há um sopro que grita ou abre as asas na tessitura do pincel entre tinta e fundo. Lugar onde concentra-se o centro aberto de tudo?

Talvez, o que existe desta construção desconstruída e quase não publicada é um livro que de alguma forma alcança a máxima ditada por ela, Clarice: “toca ou não toca” (TV Cultura, 1977). Daquilo que toca, vejamos a conversação entre *Água viva*, com os livros *Uma aprendizagem ou o livro dos prazeres* e *Um sopro de vida*.

3.2. Entre livros: *Uma aprendizagem ou o livro dos prazeres* e *Um sopro de vida*, *Água viva* pelo meio

Uma das experiências buscadas pelo desenvolvimento do trabalho foi de deixar conhecer e deixar-me conhecer pelo próprio mundo de Clarice mais do que por qualquer instrumento. De modo a existir com ela, fiquei para conhecer a extensão de sua obra.

Através de uma leitura de alteridade torna-se possível reconhecer as condições, os atos e as ações que vão se avolumando e se revelando pelos livros. O horizonte que se precipita para, com e pelo outro.

Ao observar a vida e a dimensão do outro, *Uma aprendizagem ou livro dos prazeres*, obra publicada pela primeira vez em 1969, risca um caminho a isto, para transcender pelo amor aos outros:

Existir é tão completamente fora do comum que se a consciência de existir demorasse mais alguns segundos, nós enlouqueceríamos. **A solução para esse absurdo que se chama «eu existo», a solução é amar um outro ser que, este, nós compreendemos que exista.** (Lispector, 2013b, p. 124) (grifo meu)

Recordemos Levinas e, conseqüentemente, Derrida para o estreitamento do outro animal. E logo, influenciada, talvez subjetivamente, por determinadas sensações, observo certas correlações entre as obras *Uma aprendizagem ou o livro dos prazeres* e *Um sopro de vida*, tendo *Água viva* pelo meio. As três podem, de algum modo, reportar ao que se chamaria a fase final de sua produção literária.

No sentido de fazer notar a conversação entre elas, Benedito Nunes elabora:

Água viva é uma continuação e um recomeço: continuação da experiência de esvaziamento consumada em *A paixão segundo G.H.* – esvaziamento do sujeito narrador, que de desagrega, e da narrativa, que conta a errância desse mesmo sujeito – e também recomeço, porquanto o texto parece retomar o “realismo novo” anunciado em *Uma aprendizagem ou O livro dos prazeres*, mas como aprendizagem das coisas humanas pelo processo de escrever transformado em busca aleatória, ao mesmo tempo conquista e perda de tempo, criação de sobrevida e aproximação da morte.(...) (Nunes, 1989, p. 156)

De alguma maneira, tomando a passagem do amor ao outro, presente em *Uma aprendizagem ou o livro dos prazeres*, pensemos naquilo que alguns consideram como leitura para a obra, consoante a preparação da personagem para a vivência deste sentimento. Mas que amor é – ou seria – este? Questiono, pois a leitura deste sentir, em Clarice, não parece caber nas métricas do tempo socialmente colocado. Este sentimento é reconhecido através da alteridade, ao fazer-se pelo outro em sua busca pelo ser:

(O paradoxo é que deveria aceitar de bom grado essa condição de manca, porque também isto fazia parte da sua condição.) (Só quando queria andar certo com o mundo é que se estraçalhava e se espantava.) E de repente sorriu para si própria com um sorriso amargo,

mas que não era mau porque também ele era de sua condição. (Lóri se cansava muito porque ela não parava de ser.) (Lispector, 2013b, p. 16)

Neste trecho encontramos a extensão e a volição do ser que é. Além disso, em termos materiais da escrita, chama atenção a marcação entre parênteses. Já ensaiando a desconstrução de um texto em bases conhecidas e usuais.

Os pontos que vão se desfazendo da normalidade material da escrita dão parecer a alterar a visão existencial estrita, na contramão ampliam-se outras dinâmicas de compreensão. Crescendo, por vezes, na medida em que as palavras vão rareando: “Deviam ser seis horas da manhã. O cão livre hesitava na praia, o cão negro. Por que é que um cão é tão livre? Porque ele é o mistério vivo que não se indaga. A mulher hesita porque vai entrar.” (Lispector, 2013b, p. 62)

Vejam os elementos de escrita no tom da conversação do ser que se pergunta sobre ser. Que é também o ser que desconhece, ou desconheço. Aquele que ela desconhece e que participa dela no espaço do que é o desconhecido.

Talvez haja humanamente uma palavra para isto. Mas a questão continua a andar para este animal que existe sem limite ou que nos arrasta para o outro lado, para atrás do pensamento onde está o ser sem uma palavra capaz de sustentar o que é dele dito – (nota pessoal: é uma das nuances daquilo que quero ou gostaria de dizer, ou melhor, que estou pensando até aqui). O mistério da existência naquilo que talvez seja um depois, o que notadamente foi escrito:

Lóri não sabia explicar porque, mas achava que os animais entravam com mais frequência na graça de existir do que os humanos. Só que aqueles não sabiam, e os humanos percebiam. **Os humanos tinham obstáculos que não dificultavam a vida dos animais, como raciocínio, lógica, compreensão. Enquanto os animais tinham esplendidez daquilo que é direto e se dirige direto.** (Lispector, 2013b, p. 108) (grifo meu)

Eis aqui um ponto de referência ao que em *Água viva* irá derramar-se como o “It”, aspecto chave de todo livro. Em outra aproximação deste mesmo dinamismo: “A mais premente necessidade de um ser humano era tornar-se um ser humano.” (Lispector, 2013b, p. 26)

Para além do caráter existencial humano-não-humano, outro ponto aproxima *Uma aprendizagem ou o livro dos prazeres*. Diz respeito aos trechos reencontrados em outros textos, como nas crônicas do jornal:

(...) alguns extratos de **Uma aprendizagem ou o livro dos prazeres** apareceriam anteriormente no jornal, sem qualquer modificação, sempre com o seguinte subtítulo:

“*Trechos*”. Apenas o nome “Lóri” não aparece em nenhuma das crônicas e, desse modo, os trechos frequentemente dizem respeito a um misterioso ‘ela’. (Manzo, 1997, p. 106)

E, como já mencionado, esta é uma característica presente na historicidade de *Água viva*:

Água Viva, assim como **Uma Aprendizagem e Felicidade Clandestina**, aparecia também intimamente ligado a seus escritos publicados em jornal. Mas, dessa vez, a conexão entre ‘crônica’ e ‘livro’ se tornaria problemática para Clarice. Pelo fato de serem suas crônicas, a cada dia mais, íntimas e confessionais, é natural que um ‘romance’ elaborado diretamente a partir delas se tornasse igualmente revelador. **Água Viva**, na verdade, começaria a ser construído três anos antes de sua publicação, e passaria por três versões distintas até chegar à sua forma final. (Manzo, 1997, p. 139)

Continuando, observo certos enlaces destas três obras num (in)definitivo membro-desmembramento da não definição, do que não se descortina em ficção-não-ficção. Afinal, a questão parece encaminhar-se para interrogações de mundos, a vastidão mundo de ser.

Por este viés de reflexão, pensemos quando da referência que empregamos na leitura de um texto. O caráter do que (me) alcança é existencial e de acolhimento de mundo, quando o texto possui a força ou o magnetismo que é dele, e que dele faz tocar o leitor. E a partir dele me faço parte e adentro a correnteza de um pensamento pensante de existir, estar, ser-me e ser-me nele, quando passo a ser a reflexão, a inflexão do sentir que permanece. Constância do que me instiga...

Assim, algumas nuances aparecem nas três obras: o estado da vida, da alma, da dimensão humana, do ofício mais intrínseco da escrita, do estado de existir feito de sentimentos e sensações para com o mundo. Nascer, viver, morrer, ser a escrita, o autor, a pintora, um cão. As palavras. O livro que acontece. Daí observo o que vem, o transcendente, o intransponível, a palavra que *rimane* – permanece – indizível. A vinculação entre as obras dá-se também pelo caráter confessional – íntimo de ser. E que é condição de toda, ou de quase toda, palavra que Clarice Lispector riscou.

Neste sentido, o querer, por vezes, descobrir-se por uma palavra que não chega, vai se alastrar por *Um sopro de vida*, de 1978 – publicação póstuma –, livro onde acontece o fluxo influxo dialogável entre o Autor e Ângela:

É um livro como quando se dorme profundo e se sonha intensamente – mas tem um instante em que se acorda, se desvanece o sono, e do sonho fica apenas um gosto de sonho na boca e no corpo, fica apenas a certeza de que se dormiu e se sonhou. **Faço o possível para escrever por acaso. Eu quero que a frase aconteça. Não sei expressar-me por palavras. O que sinto não é traduzível. Eu me expesso melhor pelo silêncio.** Expressar-me por meio de palavras é um desafio. Mas não correspondo à altura do desafio. Saem pobres palavras. E qual é mesmo a palavra secreta? Não sei e por que a ousou? Só não sei porque não ousou dizê-la? (Lispector, 2020b, pos. 248) (grifo meu)

Por esta linha, o silêncio narrado em *Água viva*, que sucede pela palavra que escreve. Para alguns estudiosos, *Um sopro de vida* aproxima-se de *Água viva* justamente por esse ajuste central e admitido definitivamente da palavra que já não faz correspondência a uma logicidade ou a precisão da coisa racionalizável e fixa:

Mas talvez o principal desse livro, que ela chama de “pulsações”, seja exatamente esse seu caráter de texto impermeável a qualquer classificação tradicional (...), tal como em *Água Viva*, atinge um ponto mais próximo do clímax do sumo da linguagem ou do silêncio, estilhaçadamente. (Gotlib, 2013, p. 590)

A marcação da obra como pulsação é característica. A pulsação da escrita, a palavra pulsante, que pulsa, que impulsiona a tentativa de ser – “Tudo o que sei eu não posso provar. O que imagino é real, (...)” (Lispector, 2020b, pos. 204)

Também *Um sopro de vida* sopra-se sem enredo. Estabelece um diálogo indo e vindo entre o eu e o outro, entre autor e tentativa: “‘Escrever’ existe por si mesmo? Não. É apenas o reflexo de uma coisa que pergunta. **Eu trabalho com o inesperado. Escrevo como escrevo sem saber como e por quê** – é por fatalidade de voz. O meu timbre sou eu. Escrever é uma indagação.” (Lispector, 2020b, pos. 61) (grifo meu)

Lícia Manzo diz, sobre *Um sopro de vida*:

Em primeiro lugar, o livro não apresenta nenhum resquício de trama ou conflito, construindo-se inteiramente a partir de um diálogo entre ‘Ângela’ e ‘O Autor’. Além disso, como os poucos dados que nos são oferecidos a respeito de Ângela nos remete diretamente à pessoa de Clarice, a estrutura do livro acaba apontando para a seguinte fórmula: ‘O Autor’ escreve ‘Ângela’, ou ainda, ‘O Autor’ escreve ‘Clarice Lispector’. (Manzo, 1997, p. 223)

Com esta passagem, pontuo a evolução dessa desfragmentação do texto estruturado por uma métrica convencional, já sinalizada em *Água viva*, o antiromance⁸. E reitero uma vez mais sobre como o caráter existencial perpassa a expressão da arte como caminho de busca do ser.

⁸ Nota: Segundo o Dicionário de Termos Literários Carlos Ceia: “O conceito de anti-romance está ligado a todas as formas experimentais que rompem com os métodos tradicionais de construção do romance. (...) A distinção assegura-se pela dissimulação do fio da história narrada, pelos constantes recuos e avanços na acção, pela inclusão de episódios estranhos a essa acção, pelas caracterizações sumárias das personagens, sem análises psicológicas, pelo trabalho vocabular, sobretudo quando se trazem para o romance gírias singulares ou muito cerradas, pela sintaxe revolucionária, pela subversão da estrutura tradicional do romance (um princípio, um desenvolvimento, um final à vários princípios, vários desenvolvimentos, vários finais, ou simples anulação de qualquer estrutura lógica), inclusão de hors-texte, desconstrução da página em branco, etc. Estas características podem ajudar hoje a classificar, sem imposições históricas ou sem limitações de escola, como anti-romance qualquer obra de ficção que comece por negar a sua própria natalidade.” (Ceia, 2009)

A título de demonstração do emaranhado entre uma coisa e outra, aqui resvalo pela arte, pela pintura especificamente: “(...) os desenhos das nervuras são como que a língua em que se escreve, e o cavalo entrevistado por Ângela é já a outra língua, a própria escrita. O animal irrompe das nervuras e com ele, nessas dobras, pretende fazer-se emergir o que não pode ser dito.” (Sousa, 2013, p. 155). Nota-se como o movimento é contínuo, no sentido de que uma coisa vai se aliando a outra, ou como algo continua em outra coisa.

Pelo encaminhamento das reflexões que vão surgindo, digo então que, de algum modo, a palavra é animal, enquanto lastro que me interroga infinitamente. A palavra – dimensão humana – o desconhecido do ser, animal que me questiona. E estar diante e numa confluência ou volição da conjugação ser (qual?), que demonstra certa interligação entre a escrita e o animal que, talvez possa dizer, ser que escreve:

Este livro é um pombo-correio. Eu escrevo para nada e para ninguém. Se alguém me ler será por conta própria e autorrisco. Eu não faço literatura: **eu apenas vivo** ao correr do tempo. O resultado fatal de eu viver é o ato de escrever. Há tantos anos me perdi de vista que hesito em procurar me encontrar. Estou com medo de começar. Existir me dá às vezes tal taquicardia. Eu tenho tanto medo de ser eu. Sou tão perigoso. Me deram um nome e me alienaram de mim. (Lispector, 2020b, pos. 67) (grifo meu)

Daqui, chamo atenção para a possibilidade de aliança entre os textos pelo aspecto da improvisação. Mas o que seria o improvisado em Clarice? A passagem de algo total suscitado no âmago de quem se escorre pela vida? O impulso impulsionado da pulsação total?

A termo de amarrar as obras, feito numa tentativa breve e a título de pontuação naquilo que mais fortemente dedica-se este trabalho – que se endereça ao ser (e qual ser?):

– (...) **Nós, os que escrevemos, temos na palavra humana, escrita ou falada, grande mistério que não quero desvendado como o meu raciocínio que é frio.** Tenho que não indagar do mistério para não trair o milagre. Quem escreve ou pinta ou ensina ou dança ou faz cálculos em termos de matemática, faz milagre todos os dias. É uma grande aventura e exige muita coragem e devoção e muita humildade. Meu forte não é a humildade em viver. Mas ao escrever sou fatalmente humilde. Embora com limites. (Lispector, 2013b, p. 74) (grifo meu)

Então, para Clarice, o mistério não pode ser alcançado na frieza do raciocínio. O mistério do desconhecido pede por humildade para deixar-se ser aceito. E, havendo possibilidade de desfazê-lo, será pela fruição do âmago. Este espaço que o raciocínio não tem como alcançar:

Tudo o que aqui escrevo é forjado no meu silêncio e na penumbra. Vejo pouco, ouço quase nada. Mergulho enfim em mim até o nascedouro do espírito que me habita. Minha

nascente é obscura. Estou escrevendo porque não sei o que fazer de mim. Quer dizer: não sei o que fazer com meu espírito. O corpo informa muito. Mas eu desconheço as leis do espírito: ele vagueia. Meu pensamento, com a enunciação das palavras mentalmente brotando, sem depois eu falar ou escrever – **esse meu pensamento de palavras é precedido por uma instantânea visão, sem palavras, do pensamento – palavra que se seguirá, quase imediatamente – diferença espacial de menos de um milímetro. Antes de pensar, pois, eu já pensei.** Suponho que o compositor de uma sinfonia tem somente o “pensamento antes do pensamento”, o que se vê nessa rapidíssima ideia muda é pouco mais que uma atmosfera? Não. Na verdade é uma atmosfera que, colorida já com o símbolo, me faz sentir o ar da atmosfera de onde vem tudo. O pré-pensamento é em preto e branco. O pensamento com palavras tem cores outras. O pré-pensamento é o pré-instante. O pré-pensamento é o passado imediato do instante. Pensar é a concretização, materialização do que se pré-pensou. **Na verdade o pré-pensar é o que nos guia, pois está intimamente ligado à minha muda inconsciência. O pré-pensar não é racional. É quase virgem.** (Lispector, 2020b, pos. 85) (grifo meu)

E por aquilo que não acontece através da lógica escrita, as pontuações marcadas dentro de parâmetros do raciocínio já estão sopradas no ar. Talvez por isso a dificuldade gerada aos críticos e teóricos. O que toma passagem tão fortemente em Clarice carrega a existência sem máculas, onde as previsões já não estão previstas.

Por fim, pontuo que não abordei especificamente passagens que tange a união entre as obras no que se refere ao animal. Tomei como apoio a possibilidade existencial em amplo sentido e como este estado vaza pela escrita enquanto compreensão de existir.

Não quero estender demasiado as possibilidades de encontro entre as obras, uma vez que já está assinalado este aspecto fonte sobre uma (in)consciência indizível de sentir e que na arte ecoa este pensar (ou pré pensar) sentir, algo que transgride a racionalidade dizível.

Sinalizo para a profundidade íntima de um eu que não será suficientemente biográfico. Mas um ser tal, selvagemmente solto e agarrado ao âmago, que tem a ânsia de tocar o intocável, de dizer o indizível, indissociável da palavra. Talvez uma palavra impossível.

De existir o ser que é, estas obras fluem da descoberta de um animal existencial, o ser. Este que, mesmo sem nomear ou dizer pode levar ao animal que desnuda a animalidade humana, que quer saber-se um ser, onde o clímax se dará ao reconhecer a dimensão do não dimensionável. Que ultrapassa a palavra e pede por ela, que dela precisa para dizer ou para tentar nela aprender a dizer.

Qual será a palavra rompida da palavra para inventar a imaginação do ser?

No tópico seguinte, vejamos o impacto da pintura e a confluência existencial gerada na escrita.

Passemos às tintas de *Água viva*.

3.3. *Água viva* na pintura de quem escreve

A expressão da arte ganha uma projeção considerável na obra *Água viva*. A música é um elemento aparente, mas é a pintura que mais profundamente desenvolve-se amalgamada pela escrita. Neste sentido, a historicidade da obra faz conotação a quem está escrevendo, na alteração viés do ofício – de escritora para pintora:

Em vez de alguém que escreve, o eu agora é de uma pintora que se inicia no ato de escrever. A intenção é a de reproduzir com a palavra aquilo que na pintura se consegue pela arte abstrata, a tentativa de captar uma realidade pra além dos limites da forma. (Severino; As duas versões de *Água viva* in Lispector, 2019a, p. 146)

Clarice tem uma história marcada pela curiosidade, percorreu com ela a arte. De modo que a expressão artística ocupa seu espaço e dialoga no seu cotidiano e em suas convivências e, conseqüentemente, atrela-se a sua escrita: “A preocupação com o domínio artístico tem o seu culminar na explicitação de *Água Viva*, onde uma pintora, a todo o momento, refere a sua actividade.” (Sousa, 2000, p. 283)

Ainda sobre o espaço da arte, conforme Carlos Mendes de Sousa, “É precisamente *Água viva* a obra que vai mais longe no campo dos diálogos interartísticos e que abertamente incorpora a terminologia sobre a arte de escrever e de pintar.” (Sousa, 2013, p. 105)

Vejamos que, sem a demarcação de um fora e dentro, quanto a vida e a produção escrita, ou entre ficção-não-ficção, em muitas cartas ela, Clarice, escreveu sobre a música, idas ao cinema, conversas com amigos e amigas pintores, inclusive que fizeram retratos seus. No diálogo do tempo, na mesma altura do *desenvolvimento* de *Água viva*, Clarice iniciou uma aventura pintada: “(...) começara a arriscar-se diretamente na pintura por volta de 1972, ano em que concluía a versão final de **Água Viva**.” (Manzo, 1997, p. 156). Entretanto, como foi apontado por Carlos Mendes de Sousa, o período de desenvolvimento da pintura, de maneira mais significativa, ocorreu a partir de 1975.

Quanto ao livro, este deságua muito desse ânimo que borbulha da arte e da intermediação de expressões artísticas, e que ela toma não como um propósito de chegada a um resultado, mas como meio para alcançar este além que não alcança: “Tudo converge para a junção dos três domínios artísticos: a pintura, a escrita, a música, numa confluência onde se vai encontrar aquilo que equivale ao ‘it’. Esta convergência contém em si um impulso desterritorializador.” (Sousa, 2000, p. 300)

Desta experimentação, lembremos o próprio caráter da escrita de *Água viva*. Lido também a partir da experiência pessoal de pintar que se mescla a expressão escrita, através do livro:

Água viva configura um exemplo de antecipação pela escrita de uma vivência empírica experienciada posteriormente, situação que Clarice nos está sempre colocando diante dos olhos, em outros planos. Se o conjunto das pinturas dos anos 1970, se pode explicar como resultado de um dado estado vivencial, a existência de quadros anteriores conduz-nos a uma interrogação. Já existia o impulso que de certa forma surge registrado na figuração expressa em *Água viva*? (Sousa, 2013, pp. 152-153)

Não sabemos. Entretanto, é possível dizer que Clarice está riscando a tela entre cor e letra. A abstração não se refere apenas à pintura. A intenção talvez não se fixe na moldura ou no fim da página. A pintura escrita, a escrita pintada, vai dando algum ou um novo modo para redescobrir a dimensão do ser. Que então poderá acontecer na livre arte que fala ao desconhecido:

A pintura entra no texto, isto é, o texto faz-nos ver a pintura por dentro. A narradora que escreve uma carta ou uma espécie de diário mostra-nos a escrita em ato como pintura. Vemos o processo de elaboração, os esboços, a mistura das tintas, vemos as mãos que mexem com as cores e com os traços e vemos as palavras adquirindo forma, devindo texto. (Sousa, 2013, p. 104)

Na perspectiva da pintura, na arte acontecendo, também desvela ou revela-se um animal que coabita, que é também ele espaço de integração. Digamos: “(...) Os confrontos com o outro levam-na a essa matéria da coisa (o ‘it’, ‘o neutro’, a ‘massa branca da barata’), inlocalizável e não categorizável (humana e inumana) expressão do ser.” (Sousa, 2013, p. 63)

Em termos práticos, tanto pela pintura quanto pela escrita é possível antever a quebra da lógica e o desenvolvimento dessa liberdade, que é total: “(...) o pintar e o escrever passam a ser perspectivados no mesmo plano, apresentando-se na enunciação sem nenhuma espécie de dependência.” (Sousa, 2013, p. 103)

Para Carlos Mendes de Sousa, que observou de perto a dimensão da pintura em Clarice,

Podemos mesmo aproximar, em termos globais, a escrita de Clarice Lispector de um modelo de pintura não figurativa, onde ocorre uma adequação às descrições de estados interiores. O pendor essencialmente abstrato fica bem vincado em passagens de *Água viva* que se reportam à *fixação do incorpóreo*; refira-se a insistência nessa **vertente abstracionista quando se leem expressões como “pinto ideias”, “pinto o indizível”, “pinto pintura”, (...)**. (Sousa, 2013, p. 99) (grifo meu)

Fixação do incorpóreo ou desvelamento do it, da essencialidade do ser que não se faz ser pela medida da palavra. Ou, melhor dito, no núcleo do ser em si não é preciso palavra que o faça ser, que possa torná-lo ser pela palavra.

Vejam os ainda Carlos Mendes de Sousa, sobre *Água viva* e o caráter da pintura nas páginas da obra: “Este livro é o marco que torna decisiva a presença da pintura na obra da escritora. Pode-se dizer que *Água viva* também assume uma feição singular do ponto de vista da adequação entre a forma e o conteúdo.” (Sousa, 2013, pp. 83-84)

Demonstrando então, pelo menos no que tange o universo de Clarice, que os elementos não são desvinculados um do outro, mas pelo contrário se ampliam um no outro, quase como auxílio.

Quanto ao impacto da pintura para o livro, logo na entrada está a epígrafe, com citação de Michel Seuphor, traduzindo a intencionalidade dessa artista que não quer a “arte figurativa (...)” (Lispector in Gotlib, 2013, p. 512). Recordamos então a citação do pintor:

Tinha que existir uma pintura totalmente livre da dependência da figura – o objeto – que, como a música, não ilustra coisa alguma, não conta uma história e não lança um mito. Tal pintura contenta-se em evocar os reinos incomunicáveis do espírito, onde o sonho se torna pensamento, onde o traço se torna existência. (Seuphor in Lispector, 2019a, p. 25)

Clarice recorre ao pintor para expressar algo que era pessoal nesta que está escrevendo *Água viva*, pela perspectiva de estar sendo pelo traço, já que converge ao âmago, atrás ou anterior ao pensamento. A partir disso, podemos observar esta que se faz para além, parte incomunicável e expressão de si mesma.

Aqui estão feitas algumas considerações sobre os entrelaçamentos da obra *Água viva*. Vejamos agora, de maneira breve, sobre o animal que se anuncia no título.

3.4. O título

Este tópico chega como uma necessidade de menção, suscitada pela curiosidade surgida durante uma conversa sobre Clarice e o livro *Água viva*, entre amigas que falam sobre literatura, letras, mundo e modos. Essas conversas livres que nos lançam luzes e pensamentos. O tópico é brevíssimo, ajusta apenas o reconhecimento de uma outra abordagem do animal.

Menciono que quem estava em interlocução havia pensado na obra a partir do animal que aparece como anunciação do texto. Este fato deixou-me intrigada e curiosa sobre a subjetividade dos acontecimentos, uma vez que tal concepção não me havia ocorrido antes. Eu não havia *reparado* no animal do título.

Este que, por si só – o título –, poderia fazer um desdobramento da análise quanto ao ser animal água-viva em *Água viva*. Considera Alexandrino Severino, que aquilo que se firma no livro é a subjetividade que também se evidencia como marca desta condição já no título. (Severino; As duas versões de *Água viva* in Lispector, 2019a, p. 143)

Para ele, “(...) todas as indagações sobre o mundo e a natureza do ser, que levam à descoberta do ‘it’, partem do ponto de vista de um eu em *brasa*, em completa incandescência. O título *Água viva* reflete esse estado de espírito do narrador:” (Severino; As duas versões de *Água viva* in Lispector, 2019a, p. 143)

O emaranhado dessa natureza que queima, do ser que até ser *Água viva*, fora “Atrás do pensamento: monólogo com a vida” e “Objeto gritante”. Todos talvez sinônimos de uma mesma disposição – nem humano nem não-humano. O lugar do ser que é. Metáfora dessa água existente e impalpável que escorre pela mão como tinta banhada.

Na interpretação dada por Benedito Nunes: “Nem ‘recado de idéias’ (sic), nem confissão íntima, esse livro, **cujo título funde a conotação orgânica à conotação espiritual**, analógica – *Água viva* tanto pode ser a medusa marinha (água-viva) quanto a água de vida, batismal –, (...)” (Nunes, 1989, p. 158) (grifo meu)

Continuo pensando sobre *Água viva*. Não sei se toco a água-viva. Entretanto, ainda o irreconhecível interesse de deixar-se pensar neste animal como fonte de um início atrás do pensamento, ecoando como um objeto gritante. Que flui, reflui ou conflui... Para onde?

A interrogação permanece e *Água viva* ecoa com outras manifestações artísticas como demanda do ser.

3.5. Desagues de *Água viva*

Estamos tocando em alguns aspectos de alinhamentos possíveis para a obra. Uma vez que um texto pode ser tomado por diferentes parâmetros e no caso de *Água viva*, quero fazê-lo de uma forma específica. Ainda assim, abro espaço para algumas pontuações, de âmbito teórico e também consoante aos ecos que o livro suscitou.

Água viva entoa, intrínseca e explicitamente a vontade de encontrar uma forma para dizer (“*Tenho Olga, que arranjar outra forma de escrever. Bem perto da verdade (qual?), mas não pessoal.*” (Lispector in Manzo, 1997, p. 143)). E o fragmento, o tempo, o instante, a ruptura, a vida e a morte, o diário. A liberdade através da qual Clarice fluiu: “A maior liberdade alcançada por Clarice Lispector através de **Água Viva**, parecia ser justamente a que a desobrigava de pensar a si mesma com uma ‘escritora’.” (Manzo, 1997, p. 151)

Estava entregue à vazão de uma arte sem tamanho, condizente com a intensidade da vida: “A matéria-prima da vida é incluída no texto tanto por via do conteúdo da experiência exclusivamente (e aparentemente) quanto por meio de expedientes de ficcionalização diferentes.” (Abrantes; Escrita elástica in Lispector, 2019a, p. 199)

Esse caminho se fez pela escrita como trajetória que denota alteridade e entrega absoluta ao outro. Exemplo é a expressão de *Água viva*.

No mundo artístico, a obra então foi tomada e esparramada, pronunciada em voz alta. Lembremos do espetáculo *Rosa do Ventos*, com a interpretação de Maria Bethânia (Maria Bethânia, 1971), ou o impacto que gerou em Cazuza que, por sua vez, musicalizou trecho do livro (Cazuza, 1989).

Com Cazuza, Maria Bethânia, Fauzi Arap (Monteiro; *Água viva*: antilivro, gravura ou show encantado in Lispector, 2019a, pp. 182-183), entre outros, o livro transpassa-se a uma interseção com outras formas do ser-se artístico, revelando em si mesmo e no movimento a própria feitura da arte ou das artes no livro. Mas e depois então, Caetano ainda está arrebatado, perguntando “que mistérios tem Clarice?” (Velo, 2006)

A obra também veio a ser adaptada e serviu como fonte de inspiração para espetáculos e concertos: “*Água viva* tornou-se força inspiradora no diálogo com outros campos artísticos.” (Monteiro; *Água viva*: antilivro, gravura ou show encantado in Lispector, 2019a, p. 183)

O que se move a partir desta escrita? O que faz essa escrita?

A escritura autodilacerada, conflitiva, atingida como limite final de uma necessidade perturbadora, é agora a contingência assumida de transgressão das representações do mundo, dos padrões da linguagem, dos gêneros literários e da fantasia protetora, num escrito simplesmente qualificado de *ficção*, que já não ostenta mais as características formais da novela ou do romance.

À falta de melhor palavra, ficção é o nome equívoco desse texto fronteiro inclassificável, que está no limite entre literatura e experiência vivida. Fluído quanto à matéria, *Água viva* não tem outra história senão a do fluxo de uma meditação erradia, apaixonada, ao sabor da variação de certos temas gerais. A maneira que a romancista chamara de “estilo de humildade” torna-se aqui um *improviso*, no sentido musical do termo. (Nunes, 1989, pp. 156-157) (grifo meu)

Para Carlos Mendes de Sousa,

(...) em relação a *Água Viva*, a trajetória que explica a gênese do livro. Os depoimentos da autora e as rasuras e cortes nas anteriores versões dão conta das dúvidas e apreensões do que se poderá chamar de ‘parto difícil’ (...): vão ser incorporados no tecido textual de *Água Viva* vários (curtos) fragmentos anteriormente publicados: o texto placentário é o texto que alimenta o devorador e o devorado. Tudo se associa à ideia de nascimento, **do nascer do texto ao nascer do ser, ou às tentativas de perceber o que está por detrás do ser** (...). (Sousa, 2000, p. 264) (grifo meu)

Puxo então a tônica para o animal a ser lido ou que possa vir a ser. Quero o depois da aparência sabida do que está dito e teorizado e racionalizado e posto em bons termos sobre um animal, um humano, um ser. Amparar-me no feitio racionalmente lógico me manteria na linha certa e segura. Que não percorro. Porque o que tenho na cabeça, repetindo dia após dia, sobre o ser e a linguagem...

Com os alicerces erguidos até este ponto e ciente da experiência das leituras feitas e do diálogo com Clarice, a partir daqui, sou eu no mergulho. Para a última e mais importante reflexão deste trabalho, não quero, de todo, corromper a dimensão que a obra tem, por ela mesma, em mim. Nem corromper por preâmbulos do já dito, já dado e interpretado.

Guiada pela fluidez do livro, quero considerar a aproximação natural enquanto possibilidade de compreensão do ser – o ser infinito. No qual há grito e há silêncio, animal-humano-humano-animal. A tentativa é no risco, mas também é do texto e de todas as gradações do ser em Clarice que juntei até aqui. É a escritura dela. É seu pensamento de cavalo solto a mais alta referência ou justificativa. *Água viva* em liberdade para ser.

De agora em diante, os animais estão soltos, damos passagem a eles. Damos passagem ao animal que sou e é. Portanto, também aqui as citações e referências ficam na margem, esperam na areia. Ponho as pilhas de livros abertos de lado, fecho as abas de artigos, vídeos, aulas e comentários. Volto quando tiver algum sinal sobre o que está acontecendo.

Sigo e tenho somente *Água viva* nas mãos.

4. Em mar aberto: *Água viva*

Já caminhamos muito na inflexão de observar as dinâmicas entre o eu e o outro. Numa conjuntura, em que o eu e o outro estão despregados da hierarquia de uma existência condicionada a dizer do eu e do outro. A literatura de Clarice tem suscitado possibilidades de descobertas pelo desconhecido da vida e pelo vasto da existência.

Após termos considerado a presença dos animais em sua escritura e termos pontuado algumas abordagens da obra, no que já foi sinalizado por muitos teóricos e estudiosos, no capítulo quatro adentramos *Água viva* de outra maneira: pela dimensão do ser e do ser-eu-animal, experiência instantânea do acontecimento.

A título de organização, separei o capítulo em três tópicos que são, na verdade, tônicas de uma mesma essência.

4.1. *Água viva* e o espaço existencial

As páginas anteriores aproximaram a extensão do mundo clariciano por aspectos e características que surgem e se desdobram ao longo de sua obra. A extensão existencial talvez seja uma das características mais fortes e relevantes em *Água viva*.

Entretanto, a partir de uma estada bastante longa da escrita da autora, ao tomar novamente *Água viva* nas mãos, a afirmação quanto ao que se refere ao livro parece profundamente cristalina, tão cristalina que pode caber numa única frase simples. Mas que só submerge simples pela genuína participação de mundo em todos seus aspectos. Tão logo, trata-se da singela admissão quanto ao ser que não é demarcado numa condição que o diga.

Parto nessa jornada existencial que não levará, propriamente, a um ponto de chegada, pelo contrário, acalenta pelo ímpeto da experiência e descoberta. Com a expressão da própria autora: “O que me guia é o senso da descoberta. Atrás do atrás do pensamento.” (Lispector, 2019a, p. 71)

Em grande medida, a escrita por detrás de *Água viva* irá se fazer como traço libertário, que nasce não como intencionalidade do pensamento, senão como reflexo do que é atrás do atrás do pensamento. Aquilo que a racionalidade não segura. Cerne do ser que está sendo no instante que escreve sobre si desconhecido. Nesta mescla onde o ser é sentido ao âmago de ser, *Água viva* desvela estados do tempo, da morte, da arte, do pensamento e o

antes dele, do sentir primordial e primitivo – que os animais não perdem, não esquecem –, do amor, sentimento pelo qual se transcende todos estes aspectos e através do qual culmina o ser disposto ao encontro com o outro.

Então, mesmo que seja possível chegar a certas nuances quanto à proposta de refletir a relação humano-não-humano, por se tratar de uma tentativa respeitosa e profunda quanto ao outro, não há pretensão de circunscrever uma redoma conclusiva também à obra, uma vez que aceitamos seu gene indizível: “A criação me escapa. E nem quero saber tanto. Basta-me que meu coração bata no peito. Basta-me o impessoal vivo do it.” (Lispector, 2019a, p. 72)

A humilde lição foi aprendida com Clarice. É com ela que assumo a posição quanto a capacidade da escrita para dizer e ser sem compreender, sem o pensamento pensado ou a explicação interpretativa dos significados. Mas que, por outro lado, faz-se face à sensibilidade de reconhecer o quão amplo é existir. Tão amplo que escapa do que a racionalidade pensante circunda. Nesta ampla realidade – de existires – não há como findar ou alcançar uma conclusão que não venha a ser superada. Trata-se do ser sendo, ou no reflexo de lembrar Levinas, trata-se do infinito do ser na parcela daquilo a que não chegamos.

Ainda do ponto de vista existencial, há uma característica deste relevo que recai inclusive na dinâmica material do livro: “**História não te prometo aqui. Mas tem it. Quem suporta? It é mole e é ostra e é placenta.**” (Lispector, 2019a, p. 49) (grifo meu). O que faz ponto para a característica do *antirromance* – como foi considerada a obra –, ou de uma história que falta e que dá lugar a fruição do que é sentir, se faz livre, acontecendo neste instante em que escreve como nascendo, a vida sendo gerada. Nasce, assim, a *história* quebrada do tempo: “Capta essa coisa que me escapa e no entanto vivo dela e estou à tona de brilhante escuridão.” (Lispector, 2019a, p. 31)

Sobre estes ensejos, poderíamos coadunar na ideia do fluxo de consciência⁹, entretanto, a inscrição nomeada dos elementos não bastam. O que encontramos aqui alude ao mergulho profundamente existencial, que flui do ser e que a própria *condição material* do livro vai corresponder a isso. Despindo-se então, soltando-se da perspectiva de um tempo narrado ou de uma linha narrativa.

Na verdade, o livro lança-se contrário a tudo que converge numa disposição da escrita. Inquieta justamente por corromper a capacidade de compreensão por raciocínio e

⁹ Nota: De acordo com o Dicionário de Termos Literários Carlos Ceia, Fluxo de consciência refere-se: “(...) a um método narrativo relacionado com momentos significativos de introspecção, que se podem combinar, em muitos casos, com monólogos interiores. (Tavares, 2009)

lógica, ou pela formatação da linha narrativa. O livro faz-se, em silêncio grito, libertação do ser.

Nesta espécie de fragmento-colagem, os assuntos vão ressurgindo em monólogos profundos, costurados um ao outro e entre eles vão se mesclando: “E quero a desarticulação, só assim sou eu no mundo. Só assim me sinto bem.” (Lispector, 2019a, p. 84). Esta característica, muitas vezes, torna improvável a descrição dos espaços definitivos dos temas, bem como a própria consideração quanto ao gênero da obra. Exemplo é quando esta que escreve, aborda: “Que mal porém tem eu me afastar da lógica? **Estou lidando com a matéria-prima. Estou atrás do que fica atrás do pensamento.** Inútil querer me classificar: eu simplesmente escapulo não deixando, **gênero não me pega mais.**” (Lispector, 2019a, p. 30) (grifo meu). E todo esse aparato de dizer, reparamos, corresponde a quem está buscando o instante do ser em si. O ser é. Sendo.

Assim, a reunião fragmentada, de alguma maneira, pode ser lida como uma carta endereçada a quem a lê disposto a ser descoberto como face da existência, numa conversa *despropositada*. Disposto a deixar-se ser lido sem compreender uma localização para si ou para o livro, que nasce broto de uma total necessidade de expressar pela palavra:

Quando vieres a me ler perguntarás por que não me restrinjo à pintura e às minhas exposições, já que escrevo tosco e sem ordem. É que agora **sinto necessidade de palavra** – e é novo para mim o que escrevo porque minha verdadeira palavra foi até agora intocada. **A palavra é a minha quarta dimensão.** (Lispector, 2019a, p. 28) (grifo meu)

Na sua quarta dimensão, o compromisso da vida: “(...) só me comprometo com a vida que nasça com o tempo e com ele cresça: só no tempo há espaço para mim.” (Lispector, 2019a, p. 28). Ainda, quanto a tal compromisso: “(...) sou inopinadamente fragmentária. Sou aos poucos. **Minha história é viver.** E não tenho medo do fracasso. Que o fracasso me aniquile, quero a glória de cair.” (Lispector, 2019a, pp. 76-77) (grifo meu). E na glória de cair, de fragmento em fragmento, o ser se revela, nasce pela palavra da qual tem necessidade. Esta palavra não se endereça objetivamente a ser palavra, mas aquilo que ultrapassa e é ainda algo por dizer.

Revelando des-conhecida-mente, na dinâmica pela vida, a percepção de estar no mundo é latente: “Você há de me perguntar por que tomo conta do mundo. É que nasci incumbida.” (Lispector, 2019a, p. 67). Ao observar o mundo acontecendo no instante, ela verbaliza-se silêncio transposto ao seu entorno, na entrega ao outro aprofunda a ranhura que limita, pela palavra, o ser em mim do outro.

A desenvoltura é tão extensa que ultrapassa a categórica esfera humana como centro de medida para o ser existente. A realidade das flores, dos animais, dos objetos, do ar e do vento, do sol. Isso tudo é tão real e tão existente quanto os olhos tristes ou profundos que encontra pelo caminho, em seu cotidiano. Eis a pulsação de *Água viva*.

Dito isto, convido a notar, outra vez, que o embate entre a leitura individual e as conversações teóricas está posto de forma explícita no terceiro capítulo. Aqui o tomamos de forma indireta, conjuntamente com as impressões colhidas em três páginas da última leitura feita da obra. As referências e descobertas, por agora, devem atrelar-se exclusivamente a *Água viva*, respirando com a obra. É um mergulho, sopra.

Para isto, logo digo, o animal é o animal que é. Isto soa como uma colocação solta, desconexa. Mas, façamos o esforço, lembrando de tudo o que vem sendo elaborado até aqui. Com os olhos à condição que Clarice emprega ao ser em si, ao ser que é, torna-se mais verdadeiro percebê-la. Ela atentou-se, de maneira profundamente lúcida, aos animais em seus “é”. Por isso o *animal é* na mesma medida em que diz: “Vim te escrever. Quer dizer: ser.” (Lispector, 2019a, p. 47). Isto bastaria, mas ainda não.

Este ser que tem a palavra “é” como a palavra mais bonita, assente em si o ser enquanto palavra indizível e escrita, ao mesmo tempo em que é assinalado seu ânimo de liberdade. Seu núcleo não é propriamente a lógica circunscrita pela capacidade de pensamento, como o que a legitima humana. Escrita alcança-se ser – nasce ou faz-se – quando consegue ultrapassar o que é atrás do atrás do pensamento: it (?). Está sendo seu acontecimento – existe simplesmente, não é preciso dizer-se. Neste eco indizível encontra o animal. Este, por sua vez, está em desencontro do ser que é enquanto feitura na palavra – ou da linguagem.

Ao alcançar isto, Clarice desprende-se de uma face que a sinaliza humana. Ela tem a nostalgia de bicho, a necessidade de estar perto de bicho, ela não quer ser a humanidade. Ela quer o it.

Vejamos o lastro ampliado deste horizonte do ser.

4.2. A propósito de ser

Quase que de bilhete em bilhete, Clarice rabisca o ser em busca do infinito. Que é, quando salva pelo encontro da escrita: “O que salva é escrever distraidamente.” (Lispector,

2019a, p. 36). A escrita que não se pensa, surge como fluxo próprio e singular, correspondente ao ser que é. E assim dizer ou assumir, basta. Pois acontece, agora. Afinal: “O mundo não tem ordem visível e eu só tenho a ordem da respiração. Deixo-me acontecer.” (Lispector, 2019a, p. 39)

Há uma forte inferência do íntimo que sopra em algo que não se traduz nem se produz como resposta: “Não há resposta: Sou” (Lispector, 2019a, p. 36). Assim como não há a necessária correspondência com um destino, um objetivo, algo que o justifique, senão aquilo que revela como o it:

Quero perguntar porquê, pode-se perguntar sempre por que e sempre continuar sem resposta: será que consigo me entregar ao expectante silêncio que se segue a uma pergunta sem resposta? Embora adivinhe que em algum lugar ou em algum tempo existe a grande resposta para mim. (Lispector, 2019a, p. 31)

Através destas perspectivas vão se des-afirmando o ser exclusivamente demarcado pelo pensamento pensado e projetado numa realidade exclusiva. A noção aqui é o redimensionamento da realidade de alguém que tem o próprio mundo para existir e ser, não havendo registro para habitar uma medida padrão: “Não quero ter a terrível limitação de quem vive apenas do que é passível de fazer sentido. Eu não: quero é uma verdade inventada.” (Lispector, 2019a, p. 37)

A verdade que inventa, em outras palavras, é aquela que não responde a lógica do raciocínio. Mas que, em contrapartida, encontra seus ecos no que está atrás do pensamento, a vida em seu âmago, a verdadeira realidade. Ela mora num pensar sem pensamento limite, mas de voo aberto, em céu aberto.

Clarice explicita que o ser em plena liberdade do instante é sem pensamento, ou, é ultrapassando o limite da característica do que se denota ao humano.

Na proporção de tal, este ser descobre-se pela expressão que alcança na pintura e na escrita:

Quero na música e no que te escrevo e no que pinto, quero traços geométricos que se cruzam no ar e **formam uma desarmonia que eu entendo. É puro it.** Meu ser se embebe todo e levemente me embriaga. Isto que estou te dizendo é muito importante. (Lispector, 2019a, p. 71) (grifo meu)

Caminhamos para uma disposição existencial que acontece de forma mais ampla, fluida e porosa. Para este movimento, a racionalidade estrutural não serve. Caminhar para a alteridade e percepção do existir, pede por sensibilidade, ou por um pensar-sentir sensível. O que coloca uma nova abordagem sobre o comunicar, mais amplo do que consideramos:

E tudo isso não implica necessariamente no problema da existência ou não existência de um Deus. **Estou falando é que o pensamento do homem e o modo como esse pensar-sentir pode chegar a um grau extremo de incomunicabilidade** – que, sem sofisma ou paradoxo, é ao mesmo tempo, para esse homem, o ponto de comunicabilidade maior. **Ele se comunica com ele mesmo.** (Lispector, 2019a, p. 90) (grifo meu)

A tentativa de comunicar-se consigo mesmo, talvez, como diz, seja a tônica mais rara ou difícil de encontrar, já que é o incomunicável. Resvala pela palavra mas não comunica, necessariamente, com ela, como um espectro do desconhecido no ser que ecoa em si, incomunicável. Através disso, nota-se que estar sendo é de toda coisa que existe espontaneamente. O ápice deste ser, faz-se em relação ao outro. De modo que, há o espaço em que se comunga, em que a descoberta de ser, ou do it, dá-se pela interlocução do outro – esta é a face da alteridade (reconheço-me no outro que não conheço em mim, ou quando não sei o eu de mim). O outro se torna um modo de ser, seja planta, animal, ser humano, seja pedra, silêncio ou espelho:

De novo estou de amor alegre. O que és eu respiro depressa sorvendo o teu halo de maravilha antes que se finde no evaporado do ar. **Minha fresca vontade de viver-me e de viver-te é a tessitura mesma da vida?** A natureza dos seres e das coisas – é Deus? Talvez então se eu pedir muito à natureza, eu paro de morrer? Posso violentar a morte e abrir-lhe uma fresta para a vida?
Corto a dor do que te escrevo e dou-te a minha inquieta alegria. (Lispector, 2019a, pp. 77-78) (grifo meu)

Assim, para quem assume o ato de alteridade diante de *Água viva* e da autora, será descortinado o vasto ser que já não se faz pela demanda do significado: “(...) Renuncio a ter um significado.” (Lispector, 2019a, p. 40), mas concebe uma mescla entre as coisas, entre a fruição de sua existência na existência do outro, reconhecido em sua parcela desconhecida. Este outro é aberto e é infinito. E isto é dizer que o é-se de *Água viva* centra-se no que é ser. E, portanto: “(...) a palavra mais importante da língua tem uma única letra: é. É.” (Lispector, 2019a, p. 41)

Na beleza do é, abro um parêntesis para uma – outra – leitura possível sobre a morte ou o horizonte da morte, partindo do título do primeiro manuscrito, “Atrás do pensamento – **monólogo com a vida**” (grifo meu):

Re-entrando *Água viva* para (re)dimensionar este prisma, o que alcanço de forma mais latente, ecoando, é a morte enquanto sopro existencial ou continuidade do vivente. Já que condiz com a passagem ou com o elo da vida e não propriamente com um fim. Até o final desta tese, isso será visível. Ainda assim, trago a abordagem deste aspecto porque, para muitos, *Água viva* é uma obra que fala ou pensa a morte – e por isso, referencio o título do

manuscrito –, pois mesmo que seja lida como uma reflexão total da morte, dá a entender sobre a morte como parte do acontecimento do ser. Mesmo que se trate da morte, instante do fim, ainda assim é o diálogo da vida que continua: “Tenho falado muito em morte. Mas vou te falar no sopro da vida.” (Lispector, 2019a, p. 69). Lembremos:

O que te escrevo é um “isto”. **Não vai parar: continua.**
Olha pra mim e me ama. Não: tu olhas para ti e te amas. É o que está certo.
O que te escrevo continua e estou enfeitiçada. (Lispector, 2019a, p. 94) (grifo meu)

Assim, o desconhecido próximo instante é a morte? Ou seria, melhor visto, o ápice da vida máxima? A volta total ao âmago, a transcendência? De qualquer dos modos, o que está é que, mesmo em face da morte, o eco que submerge do fundo da gruta é vida que nasce e continua. E aquilo que escreve... Isto continua:

Este instante é. Você que me lê é.
Custa-me crer que eu morra. Pois estou borbulhante numa frescura frígida. Minha vida vai ser longínqua porque cada instante é. A impressão é que estou por nascer e não consigo.
Sou um coração batendo no mundo. (Lispector, 2019a, p. 48)

Água viva desmonta as beiras visíveis do vislumbre. No mundo de Clarice, nem mesmo a morte pode caber numa conjectura montada socialmente sobre o que é morrer e o que é viver. Também aqui está o desague, a mistura das águas sob a superfície. O instante próximo, que talvez seja a morte, é a entrada para uma vida total onde o ser é. (É-se). É uma perspectiva do ser. Assim como o amor. Outro aspecto de *Água viva*, este pouco reparado talvez.

Assim o digo tendo em mente que Clarice não foi a única que optou por seguir com sua própria jornada, despregada daquilo que é puramente o racional ou o pragmático da vida, ou a condição de uma vida humana. Refiro, porque ela e outros trazem a perspectiva de considerar a existência em outros parâmetros, mais amplos. E neste sentido, pelo amor, por exemplo, pode-se ir de encontro ao outro, é possível alcançar o instante para falar novamente a propósito do ser que é. E isso vai além da morte.

Logo, se a tentativa é por alcançar o ser, através do amor isso pode acontecer. E aqui é interessante pontuar como o amor, enquanto transcendência, é fator presente em toda a sua obra e como este elemento conversa com os animais em seus textos. Ainda, como, em *Água viva*, nesse inebriante estado de pensar-sentir a vida, o amor representa uma força que ultrapassa o instante da morte e dá a tônica daquilo que continua. O amor transcendência, matéria do instante, além da sua própria subjetividade, cria-se matéria objetiva:

Eu te digo: estou tentando captar a quarta dimensão do instante-já que de tão fugidio não é mais porque agora tornou-se um novo instante-já que também não é mais. Cada coisa tem um instante em que ela é. Quero apossar-me do é da coisa. Esses instantes que decorrem no ar que respiro: em fogos de artifício eles espocam mudos no espaço. Quero possuir os átomos do tempo. E quero capturar o presente que pela sua própria natureza me é interdito: o presente me foge, a atualidade me escapa, **a atualidade sou eu sempre no já. Só no ato do amor** – pela límpida abstração de estrela do que se sente – **capta-se a incógnita do instante que é duramente cristalina e vibrante no ar e a vida é esse instante incontável**, maior que o acontecimento em si: **no amor** o instante de impessoal joia refulge no ar, glória estranha de corpo, matéria sensibilizada pelo arrepiado dos instantes – e o que se sente é ao mesmo tempo **imaterial tão objetivo** que acontece como fora do corpo, faiscante no alto, alegria, alegria é matéria de tempo é por excelência o instante. **E no instante está o é dele mesmo. Quero captar o meu é. E canto aleluia para o ar assim como faz o pássaro. E meu canto é de ninguém. Mas não há paixão sofrida em dor e amor a que não se siga uma aleluia.** (Lispector, 2019a, pp. 27-28) (grifo meu)

A partir do que foi atrelado quanto ao amor e a vida, trago este que é o segundo parágrafo de *Água viva*. Concentra-se nele o que vai se abrir como um leque dialogável por esta colagem de pensamentos de alguém que parece estar escrevendo uma carta, um bilhete, uma mensagem. Que dá a tônica como numa espécie de álbum pintado com cenas cotidianas que continuamente vão mergulhando por existências que nascem ali, no *banal* e nas coisas ou nos seres com quem participa da vida diária.

Naquilo que escreve vai se inscrevendo não a linha, mas a entrelinha, a essência que não se mede pela compreensão. Ela o faz pelo que é maior, o que se rege atrás do pensamento, mesmo que seja ainda uma, *apenas*, tentativa. Digamos, não propriamente o objetivo de um recado, senão uma sensação reservada ou embrenhada em seu cerne, que se elabora por ato de amor. No trecho referenciado acima há, também, a manifestação quanto ao ser que não se realiza ao modo dicotômico entre humano e não-humano, através do atravessamento desse canto de pássaro. (Lispector, 2019a, p. 28) O canto que é dela, feito, como e sendo pássaro.

Ali a pulsação não exclusiva do contorno da existência humana. Clarice Lispector, pela sensibilidade, percebeu e sentiu verdadeiramente que a vida é vasta e que ser é de toda coisa: “E no instante está o é dele mesmo” (Lispector, 2019a, pp. 27-28) e “O instante é semente vida.” (Lispector, 2019a, p. 29).

Daquilo que vamos enxergando a propósito do ser, *Água viva*, assim como em muitos outros escritos, entona a confluência do outro: “O amor inexplicável faz o coração bater mais depressa. A garantia única é que eu nasci. **Tu és uma forma de ser eu, e eu uma forma de te ser: eis os limites de minha possibilidade.**” (Lispector, 2019a, p. 72) (grifo meu)

Eis o encontro do outro no espaço do desconhecido. O ser (quem) que acontece pelo eu no outro, onde o pensamento não é inscrição. É atrás ou é o primórdio ou o primitivo do pensamento. É ao alcance inatingível, o indizível... “Capta essa coisa que me escapa e no entanto vivo dela e estou à tona de brilhante escuridão.” (Lispector, 2019a, p. 31) A matéria-prima:

Maravilhoso escândalo: nasço.
Estou de olhos fechados. Sou pura inconsciência. Já cortaram o cordão umbilical: estou solta no universo. **Não penso mas sinto o it.** (Lispector, 2019a, p. 48) (grifo meu)

Para tocá-la, para aproximar-se do ser, há de pôr-se de lado o raciocínio, a razão material. Não se trata daquilo que existe a partir da capacidade em que se denomina o que existe, fazendo sentido para existir. *Água viva* extrapola esta noção e lança para o ar, como verdade, o vasto que está em tudo aquilo que geralmente rotulamos pela negação de não existir por não ter sentido, por não ser explicado, por escapar à lógica:

Vou crescendo com o dia que ao crescer me mata certa vaga esperança e me obriga a olhar cara a cara o duro sol. A ventania sopra e desarruma os meus papéis. Ouço esse **vento de gritos, estertor de pássaro** aberto em oblíquo voo. E eu aqui me obrigo à severidade de uma linguagem tensa, obrigo-me à nudez de um esqueleto branco que está livre de humores. Mas o esqueleto é livre de vida e enquanto vivo me estremeço toda. Não conseguirei a nudez final. E ainda não a quero, ao que parece.
Esta é a vida vista pela vida. **Posso não ter sentido mas é a mesma falta de sentido que tem a veia que pulsa.** (Lispector, 2019a, p. 31) (grifo meu)

Imagino que alguém, enquanto lê este trabalho, pense: mas não era sobre animais que iria falar? Faço notar então que a reflexão na qual estamos nos movendo alcança o espaço de enxergar o ser, que não possui a matéria de uma palavra para lhe dar a forma de ser. Portanto, é preciso esforço para considerar a entrelinha, o que está além do visível. É um caminho para chegar aos animais não-humanos. Até lá, não esqueçamos que estamos caminhando por e com *Água viva*. E falar do ser aqui é não redundar a um específico ser.

Chamo atenção a outro ponto referente a quem escreve: o grito em *Água viva* é feito de silêncio, como demarcação de sentir. O silêncio é onde a palavra se faz: “Minhas desequilibradas palavras são o luxo do meu silêncio. Escrevo por acrobáticas e aéreas piruetas – escrevo por profundo querer falar. **Embora escrever só esteja me dando a medida do meu silêncio.**” (Lispector, 2019a, p. 30) (grifo meu). Ou ainda: “Ouve-me, ouve o silêncio.” (Lispector, 2019a, p. 31)

Agora repara: Esta que escreve quer ser. Para isso escreve e por isso precisa escrever. Escreve sem pensar: “Escrevo ao correr das palavras.” (Lispector, 2019a, p. 47). E mesmo que haja a mecanicidade do esforço de condicionar-se aos limites das batidas

concretas do relógio, o que lhe chega com mais força, como realidade, é esse sopro de cada coisa que se impulsiona como acontecimento. Não há como explicar a pulsação do ser latente. Escrever é. (Lispector, 2019a, p. 47)

O horizonte do ser é dado pela escrita, que se afirma enquanto descoberta do silêncio: “O que estou te escrevendo não é para se ler – é para ser.” (Lispector, 2019a, p. 49). É por este caminho que a transcendência se anuncia – asas abertas, patas soltas, trote livre – sem uma palavra para escrever, sem uma linha. É a entrelinha que guarda a solidez da liberdade do indizível:

Então escrever é o modo de quem tem a palavra como isca: a palavra pescando o que não é palavra. Quando essa não palavra – a entrelinha – morde a isca, alguma coisa me escreveu. Uma vez que se pescou a entrelinha, poder-se-ia com alívio jogar a palavra fora. Mas aí cessa a analogia: a não palavra, ao morder a isca, incorporou-a. **O que salva então é escrever distraidamente.** (Lispector, 2019a, p. 37) (grifo meu)

A partir daí, espaço aberto. Ou a escrita distraída tocando o cristalino instante. O mesmo percurso para a pintura e a música que sente no corpo, pelo toque que toca como as águas do rio quando encontram o gosto do mar.

Aquilo que está *solidamente* mais leve é esse ser sem a continuação da descrição, sem um depois de ser. Que faz pela arte o seu alcance: “Escrevo-te toda inteira e sinto um sabor em ser e o sabor-a-ti é abstrato como o instante. É também **com o corpo todo que pinto os meus quadros** e na tela fixo o incorpóreo, eu corpo a corpo comigo mesma. Não se compreende música: ouve-se.” (Lispector, 2019a, p. 28) (grifo meu)

A fruição em ondas que vão e vêm. No instante da escrita, da pintura, da música, neste instante o ser é inteiramente o ser: “Nada existe de mais difícil do que entregar-se ao instante. Esta dificuldade é dor humana. É nossa. **Eu me entrego em palavras e me entrego quando pinto.**” (Lispector, 2019a, p. 58) (grifo meu). A dificuldade humana de acontecer reflete o infinito tocante do animal, que esta dor não tem. Este, supostamente, tem uma vida entregue ao infinito:

Entro lentamente na **escrita** assim como já entrei na **pintura**. É um mundo emaranhado de cipós, sílabas, madressilvas, cores e palavras – limiar de entrada de ancestral **caverna**¹⁰ **que é o útero do mundo e dele vou nascer.**

É se muitas vezes pinto grutas é que elas são o meu mergulho na terra, escuras mas nimbadadas de claridade, e eu, sangue da natureza – grutas extravagantes e perigosas, talismã da Terra, onde se unem estalactites, fósseis e pedras, e **onde os bichos que são doidos pela sua própria natureza maléfica procuram refúgio.** As grutas são o meu inferno. Gruta sempre sonhadora com suas névoas, lembrança ou saudade? Espantosa,

¹⁰ Nota: a caverna que aparece na pintura de Clarice Lispector e que, de algum modo, entendo como o útero que resguarda o ser crescendo. Âmago do nascimento do ser que nasce para além do ato de nascer.

espantosa, esotérica, esverdeada pelo limo do tempo. Dentro da caverna obscura tremeluzem pendurados os ratos com asas em forma de cruz dos morcegos. Vejo aranhas penugentas e negras. Ratos e ratazanas correm espantados pelo chão e pelas paredes. Entre as pedras o escorpião. Caranguejos, iguais a eles mesmos desde a pré-história, através de mortes e nascimentos, pareceriam bestas ameaçadoras se fossem do tamanho de um homem. Baratas velhas se arrastam na penumbra. **E tudo isso sou eu.** Tudo é pesado de sonho quando pinto uma gruta ou te escrevo sobre ela – de fora dela vem o tropel de dezenas de **cavalos soltos a patearem com cascos secos as trevas, e do atrito dos cascos o júbilo se liberta em centelhas: eis-me, eu e a gruta**, no tempo que nos apodrecerá. (Lispector, 2019a, pp. 31-32)

Nesta abordagem, aproximei de antemão a expressão da arte, pois através dela converge-se, outra vez, nesta que escreve, a aproximação do animal: o lugar selvagem, a caverna onde a vida surge, o mundo natural onde a palavra nasce. Onde o ser acontece e “tudo isso sou eu.” (Lispector, 2019a, p. 32). O monólogo de *Água viva* sinaliza o vivente que escreve com a palavra indizível que está atrás do atrás do pensamento.

Repare: Estes assuntos estão de tal maneira concatenados e atrelados a uma realidade existencial – uma *realidade fora da realidade* – que não há palavra para separar tais relações, não existe meio para dar forma logicamente explícita. Afinal, o que quem escreve tenta dizer é que, na essência sem pensamento, o ser é indizível. Ou *a linguagem e a existência – a linguagem não dá conta da existência*:

Mas bem sei o que quero aqui: quero o inconcluso. Quero a profunda desordem orgânica que no entanto dá a pressentir uma ordem subjacente. A grande potência da potencialidade. **Estas minhas frases balbuciadas são feitas na hora mesma em que estão sendo escritas e crepitam de tão novas e ainda verdes. Elas são o já. Quero a experiência de uma falta de construção.** Embora este meu texto seja todo atravessado de ponta a ponta por um frágil fio condutor – qual? O do mergulho na matéria da palavra? O da paixão? Fio luxurioso, sopro que aquece o decorrer das sílabas. A vida mal e mal me escapa embora me venha a certeza de que a vida é outra e tem um estilo oculto. (Lispector, 2019a, p. 41)

Indizível na medida em que não se restringe pelo ato pensante:

Há muita coisa a dizer que não sei como dizer. Faltam as palavras. Mas recuso-me a inventar novas: as que existem já devem dizer o que se consegue dizer e o que é proibido. E o que é proibido eu adivinho. Se houver força. **Atrás do pensamento não há palavra: é-se.** Minha pintura não tem palavras: fica atrás do pensamento. Nesse terreno do é-se sou puro êxtase cristalino. É-se. Sou-me. Tu te és. (Lispector, 2019a, p. 42)

Estas passagens dão tonalidade para o diálogo dos animais dentro da obra. Uma vez que neste lugar, onde a palavra é indizível, é-se sem pensamento, e ela encontra-se no inteiro núcleo, latente-mente próxima do animal.

Logo, ultrapassando a esfera daquilo que se tem tentado dizer do animal, em *Água viva* deparamo-nos com o ser sem a palavra. A obra dá margens de reconhecimento do desconhecido do animal que é o animal, simplesmente. Que, de todo, não precisa ser dito.

Assim como ser nenhum, de espécie ou forma alguma, precisa. Neste dinamismo, o ser é escancarado pela arte que acompanha o movimento do que é vida. Onde o grande enlevo é o ser que existe sem clausuras (mesmo se enclausurado).

Água viva, no ponto de maior atenção – os animais –, não vai deslocar-se para dizer, formatar, circunscrever, assinalar similitudes e diferenças ou reduzir o animal. O animal é, e isto basta. O animal existe pela grandeza daquilo que, por mais que queiramos encontrar o que é dos animais, ainda será um ser por dizer. Como qualquer ser, como qualquer coisa. Esta que escreve então também é um ser por dizer.

Considero que a importância de *Água viva*, referente à reflexão dos não-humanos, dá-se pela abertura para aceitar o que desconhecemos e de reconhecermos que somos feitos das experiências, da busca pela descoberta e que tudo isso continua. Nos dá, ainda, a oportunidade de não saber e não totalizar o dizer do outro. Aceitarmos isso não limitará a nossa condição humana, nem tornará o animal diferente do que ele é.

Assim pensando, me atenho nesta que está escrevendo o mais profundo estado de si, submersa em sua latência irreconhecível pelo critério pensado na explicação. Ela sente a pulsação, e este é o instante, em que talvez se reconheça parte de um ser que também não pode ser dito – assim como o animal não pode ser.

A noção do/no outro é um destes estados cristalinos, tamanha é a lição de alteridade que aqui encontramos. Aquela que está sendo, nos diz sobre a sua existência em cada filigrana de coisa que participa com ela do instante, do cotidiano, do substrato da vida.

A alteridade ao outro permite que ela seja a partir dele. Ela torna-se pelo outro: “Não, eu não descrevi o espelho – eu fui ele. E as palavras são elas mesmas, sem tom de discurso.” (Lispector, 2019a, p. 81). Ela escreve para ser e escrevendo transcende uma métrica de mundo. Assim o faz considerando que as palavras se escrevem e que ela é o instrumento para que a palavra seja.

E para tudo que é, há um ir além daquilo que usualmente se considera como o outro. Pois, todas as coisas, todas as mínimas coisas são (des)encontradas em suas próprias existências. Então o espelho, os animais, as plantas, o cotidiano, o ele, o ela, os olhos de quem está na rua. Ela permite-se habitar e que habitem nela.

Lembrando Derrida, esta é a esfera da alteridade que perfaz a relação com o animal. Não se tratando de dizê-lo como uma redoma concentrante, mas daquele que nos é desconhecido e revelação do próprio eu desconhecido: “Eu te conheço todo por me viver toda. Em mim é profunda a vida.” (Lispector, 2019a, p. 61)

Recordo que, *Água viva* embora seja dita como uma obra, de alguma forma, dissonante, acaba sendo quase como a chegada ao cerne das condições que são vivenciadas e sentidas ao longo de seus textos. Ao mesmo tempo, como um ato de coragem, concentra uma dinâmica diversa: “Já entrei contigo em comunicação tão forte que deixei de existir sendo. **Você tornou-se um eu.** É tão difícil falar e dizer coisas que não podem ser ditas. É tão silencioso. Como traduzir o silêncio do encontro real entre nós dois?” (Lispector, 2019a, p. 62) (grifo meu)

A carga leve *insustentável* do ser que centra o ser, sem uma continuação de frase ou forma. Onde o outro é encontrado por ser o totalmente outro, em si intrínseco. Força de ser também pelo outro: “E se eu digo ‘eu’ é porque não ousa dizer ‘tu’, ou ‘nós’ ou ‘uma pessoa’. Sou obrigada à humildade de me personalizar me apequenando mas sou o és-tu.” (Lispector, 2019a, p. 30)

O eu-tu une-se, atrela-se fonte. Para a interpretação do animal em *Água viva*, a ousadia de aceitar o elo vínculo entre ela que escreve e o animal escritura existente, pré-pensamento desconhecido dela escrevendo o sopro essencial do ser. O lugar que pede esforço humano e onde o animal já é. É-se.

No tópico seguinte, façamos a tentativa de focalizar no ser animal de *Água viva*.

4.3. Ser escrito: O animal eu de *Água viva*

O *uivo* humano já está dado na segunda linha do livro. Para nós então, a demarcação intrínseca ou embrenhada entre humano-não-humano, comunhão do ser. O pássaro com o seu canto é. E ela quer captar o “(...) meu é.” (Lispector, 2019a, p. 28), como o pássaro: “E no instante está o é dele mesmo. Quero captar o meu é. E canto aleluia para o ar assim como faz o pássaro. E meu canto é de ninguém.” (Lispector, 2019a, pp. 27-28). São as primeiras passagens de um animal de *Água viva*.

No que concerne à reflexão sobre o ser, o segundo parágrafo, já citado no tópico anterior, escancara o centro da obra por atrelar o animal a esta que, escrevendo, tenta dimensionar o ser. E demonstra conseguir quando se aproxima e se envolve à conjectura muito mais relacionada ao animal do que, propriamente, ao humano.

Há uma espécie de atravessamento para esta que está em busca do âmago de si, onde ela, sendo em seu exato instante e afastando-se daquilo que reduz a condição humana

pela circunscrição que demarca-delimita o que é ser humana, aproxima-se ou encontra-se do e no animal. Ela canta do mesmo canto que o pássaro canta. (Lispector, 2019a, p. 28)

De algum modo, há indícios da relação entre o que seria do animal neste ser que fala, escrevendo a vida e a magnitude do ser. Então, falar do outro é quase um estado para estar em si e ser em si pelo outro. As pontuações que o texto elabora neste sentido são muito significativas.

A partir das páginas 32 e 33, a presença dos animais vai se tornando ainda mais evidente. Na mesma proporção, ela, escrevendo, vai ganhando liberdade. Soltando-se:

Esta minha capacidade de viver o que é redondo e amplo – cerco-me por plantas carnívoras e animais lendários, tudo banhado pela tosca e esquerda luz de um sexo mítico. **Vou adiante de modo intuitivo e sem procurar uma ideia: sou orgânica. E não me indago sobre os meus motivos.** (Lispector, 2019a, p. 38)

O animal que acontece, nascimento e morte, o impulso da vida: “Ocorreu-me de repente que não é preciso ter ordem para viver. Não há padrão a seguir e nem há o próprio padrão: nasço.” (Lispector, 2019a, p. 49)

Em tais direções, surge o ser revelando-se por *aquilo que é vivente*. Neste atravessamento, a palavra embrenha-se do animal para a palavra, da palavra para o animal: “(...) **eu, bicho de cavernas ecoantes que sou, e sufoco porque sou palavra e também o seu eco.**” (Lispector, 2019a, p. 33) (grifo meu)

Esta marcação é característica de toda a obra: “Mas nesse ilimitado campo **desdobro as asas, livre para viver**. Então aceito o pior e entro no âmago da morte e para isto **estou viva. O âmago sensível. E vibra-me esse it.**” (Lispector, 2019a, p. 63) (grifo meu)

Trata-se de um dos trechos de relevo, pelo qual atrelo a intenção de desbravar *Água viva*, quando o livro, uma vez mais, abre a perspectiva sobre o modo de conceber as interações do mundo. Revelando o centro de onde irradia o ser desvinculado de uma estrita ordem. Ecoa a experiência do ser *sendo*.

A consideração é importante. Através destas entrelinhas, a sutil presença dos animais ganha potência, quando se passa a conceber a integração, ou melhor, a condição existencial como participação.

Denota-se a característica que se abre pela disposição ao outro, quando aceito a grandeza daquilo que não se revela ou que não se traduz em um conceito de ser:

Agora adivinho que a vida é outra. Que viver não é só desenrolar sentimentos grossos – é algo mais sortilégico e mais grácil, **sem por isso perder o seu fino vigor animal**. Sobre essa vida insolitamente enviesada tenho posto **minha pata que pesa**, fazendo assim com que a existência feneça no que tem de oblíquo e fortuito e no entanto ao mesmo tempo sutilmente fatal. Compreendi a fatalidade do acaso e não existe nisso contradição. (Lispector, 2019a, p. 73) (grifo meu)

Em outro ponto: “Deixo o **cavalo livre** correr feroso. **Eu, que trote nervosa** e só a realidade me limita.” (Lispector, 2019a, p. 35) (grifo meu). E, de outra passagem ainda, o cavalo revelado no eu selvagem: “E eu, selvagem enfim e enfim livre dos secos dias de hoje: **trote para frente e para trás sem fronteiras**.” (Lispector, 2019a, p. 78) (grifo meu)

Tais trechos servem-nos como contorno ao entrecruzamento entre tudo que, até aqui, venho tentando demonstrar, naquilo que revela um horizonte desfeito de uma única forma de ser, formalmente escrito ou circunscrito. Ao contrário, o que vai ganhando aprofundamento é, justamente, a porosidade de um ser alguém que está esparramado existencialmente e não se retém a uma ideia já concebida.

Água viva dá face a experiência de existir. Há intenção, emoção, pulsação, coração batendo. Um animal trotando, batendo as asas, cantando, um ser animal dito ser humano. Para este, a palavra é indizível, não chega. Esta é uma das revelações de *Água viva*, pelo menos no que tange a subjetividade pessoal ou íntima que a obra revela.

Vale ressaltar que não só na obra em questão, mas a imagem do cavalo é bastante presente em vários escritos de Clarice. O animal alado, livre e solto, que ela, aquela que escreve, trote: “Na minha noite idolatro o sentido secreto do mundo. Boca e língua. E um **cavalo solto de uma força livre**. Guardo-lhe o casco em amoroso fetichismo. Na minha funda noite sopra um louco vento que me traz fiapos de gritos.” (Lispector, 2019a, p. 50) (grifo meu)

Ainda encontramos:

Já vi cavalos soltos no pasto onde de noite o cavalo branco – rei da natureza – lançava para o alto ar seu longo relincho de glória. Já tive perfeitas relações com eles. **Lembro-me de mim de pé com a mesma altivez do cavalo e a passar a mão pelo seu pelo nu. Pela sua crina agreste. Eu me sentia assim: a mulher e o cavalo.** (Lispector, 2019a, p. 59) (grifo meu)

De modo mais específico, nota-se o caráter de igualdade entre aqueles que são atrelados pela diferença. A qual é dada a ver pelo contato que desenvolve com o animal.

Para corroborar a ilustração:

Ouve apenas superficialmente o que digo e da falta de sentido nascerá um sentido como de mim nasce inexplicavelmente vida alta e leve. A densa selva de palavras envolve

espessamente o que sinto e vivo, e transforma tudo o que sou em alguma coisa minha que fica fora de mim. **A natureza é envolvente: ela me enovela toda e é sexualmente viva, apenas isto: viva. Também eu estou truculentamente viva – e lambo meu focinho como o tigre depois de ter devorado o veado.** (Lispector, 2019a, p. 39)

Neste fragmento, encontro a exemplificação sobre o que anteriormente mencionei quanto a desvinculação da precisa razão do ou para ser. Ao contrário, afirma-se ao participar da vida e experienciar-se como ser que está acontecendo. A efetivação disso ocorre pelo outro ao qual se torna, o animal que alcança pelo deslocamento de mundo e elo através do qual se integra.

Estas passagens do texto buscam demonstrar a interseção entre aquela que escreve e os animais, no universo de *Água viva*. E aqui refiro tanto os animais do cotidiano quanto aqueles sentidos e buscados no âmbito da experiência animal, saltados em sua imaginação e pensamento.

Tomo a ousadia de dizer que *Água viva* propaga um animal que está se escrevendo, não por uma ilustração, mas por liberdade. Um ímpeto que possui quem, sem medo, lança-se para fora do que é conhecido, seja em relação a si mesmo, seja em relação a interlocução do outro: um animal corre solto, sendo, vai ecoar pela palavra no mesmo tempo em que, no núcleo, será uma palavra por dizer.

Outra perspectiva que o livro dá é sobre a vivência cotidiana com e no não-humano (aparece como o gato preto que chega numa manhã de sábado e está diante, olhando, impedindo o passo na interrogação do seu olhar). Quem escreve integra-se à esfera doméstica e íntima, entrega-se aos olhos do outro:

Agora é dia feito e de repente de novo domingo em erupção inopinada. Domingo é dia de ecos – quentes, secos, e em toda **a parte zumbidos de abelhas e vespas, gritos de pássaros** e o longínquo das marteladas compassadas – de onde vêm os ecos de domingo? Eu que detesto domingo por ser oco. Eu que quero a coisa mais primeira porque é fonte de geração – **eu que ambiciono beber água na nascente da fonte** – eu que sou tudo isso, devo ser sina e trágico destino só conhecer e experimentar os ecos de mim, porque não capto o mim propriamente dito. Estou numa expectativa estupefaciente, trêmula, maravilhosa, de costas para o mundo, e em alguma parte foge o **inocente esquilo**. Plantas, plantas. **Fico dormitando no calor estivo do domingo que tem moscas voando em torno do açucareiro**. Alarde colorido, o do domingo, e esplendidez madura. E tudo isso pinte há algum tempo e em outro domingo. E eis aquela tela antes virgem, agora coberta de cores maduras. **Moscas azuis cintilam** diante de minha janela aberta para o ar da rua entorpecida. (Lispector, 2019a, p. 34) (grifo meu)

Vislumbra-se um pouco da realidade e dos elementos que são iscas do seu pensar observado. Trechos existenciais que a levam a mergulhar sobre a vida, sobre este ser de si animal numa palavra impalpável. Há a dinâmica constante da interrogação, do questionar-

se sobre si acontecendo pelo outro, um absoluto outro, para além do princípio da circunscrição denominada da coisa.

Os animais são elos do seu pensar, que surgem ou ressurgem da introspecção como saltos da lembrança vivida. Noto então, como os animais de companhia, no dia a dia, vão tomando espaço do seu pensar-sentir, sobre a grandeza da existência:

E quando o dia chega ao fim ouço os grilos e torno-me toda repleta e ininteligível. Depois vivo a madrugada azulada que vem com o seu bojo cheio de passarinhos – será que estou te dando uma ideia do que uma pessoa passa em vida? E cada coisa que me ocorra eu anoto para fixa-la. (Lispector, 2019a, p. 35) (grifo meu)

A atenção ao cotidiano leva ao intrínseco do ser, o fluxo da consciência, o pensamento gerado nesse animal que pulula ao entorno: “Mas por enquanto estou no meio do que grita e pulula. E é sutil como a realidade mais intangível. Por enquanto o tempo é quanto dura um pensamento.” (Lispector, 2019a, p. 37)

Parafrazeando, é estar na janela, distraída. E de repente, perceber algo que escapa e dura o instante que é e passa, restando apenas a sensação de algo que, inexistente, existiu – ou existe –, sem formar a palavra para dizer. Depois deste instante não haverá dizer:

Um mundo fantástico me rodeia e me é. Ouço o canto doido de um **passarinho** e esmago a **borboleta** entre os dedos. Sou uma fruta roída por um **verme**. E espero a apocalipse orgásmica. Uma chusma dissonante de **insetos** me rodeia, luz de lamparina acesa que sou. **Exorbito-me então para ser. Sou em transe. Penetro no ar circundante. Que febre: não consigo parar de viver. Nesta densa selva de palavras que envolvem espessamente o que sinto e penso e vivo e transforma tudo o que sou em alguma coisa minha que no entanto fica inteiramente fora de mim. Fico me assistindo pensar. O que me pergunto é: quem em mim é que está fora até de pensar? Escrevo-te tudo isto pois é um desafio que sou obrigada com humildade a aceitar.** Sou assombrada pelos meus fantasmas, pelo que é mítico e fantástico – a vida é sobrenatural. E eu caminho em corda bamba até o limite de meu sonho. (Lispector, 2019a, p. 72) (grifo meu)

O trecho propaga o traço da palavra, ela mesma como o animal da interrogação. Reparo neste ser que se encontra a partir daquilo que se denomina fora, que é o além de si mesmo, este reconhece-se a partir do outro, o qual não sabe quem é. Reconhece-se pelo desconhecido, por aquilo que a ela escapa. O trecho agarra-se a mim, parece culminar em muito daquilo que foi dito sobre Clarice e sua escrita, pelo senso de não delimitar as significações interpretativas. Pelo caráter subjetivo da não explicação, *há o sentido* por aquilo que toca, ou que nos toca, mesmo sem sentido.

Água viva, radicalmente, transpõe-se escrita oposta da maneira escrita, a razão pela não razão, a coragem de deixar-se possuir pelo encontro de uma palavra animalizada que

tenta ser mais do que o pensar, que é o acontecimento anterior ao pensamento, que traduz a indizível palavra.

Reparamos então: ao longo de toda obra, o elemento cotidiano embrenha-se aos animais numa conversação que se desloca para esse fluxo de consciência sobre si. Neste enlevo, tudo é – acontecimento – ao mesmo tempo: sentir, pensar, viver. E todas as sensações, todas estas flutuações são atravessadas pela palavra, ou pelas palavras. A selva de palavras que, de alguma maneira, dá forma a este eu que acontece animalizado – não é propriamente um pensamento humanizado. A selva de palavras na qual ela adentra é atrás do pensamento, onde revela-se o objeto gritante. Atentemos para a amarração que a escritora faz:

E o tigre? Não se pode agradecer. Então eu dou umas voltas vagarosas em frente à pessoa e hesito. **Lambo uma das patas e depois, como não é a palavra que tem então importância, afasto-me silenciosamente.**

O que sou neste instante? **Sou uma máquina de escrever fazendo ecoar as teclas secas da úmida e escura madrugada. Há muito já não sou gente.** Quiseram que eu fosse um objeto. Sou um objeto. Objeto sujo de sangue. Sou um objeto que cria outros objetos e a máquina cria a nós todos. Ela exige. O mecanismo exige e exige a minha vida. Mas eu não obedeco totalmente: se tenho que ser um objeto, que seja um objeto que grita. Há uma coisa dentro de mim que dói. Ah como dói e como grita pedindo socorro. Mas faltam lágrimas na máquina que sou. **Sou um objeto sem destino. Sou um objeto nas mãos de quem? Tal é o meu destino humano.** O que me salva é o grito. **Eu protesto em nome do que está dentro do objeto atrás do atrás do pensamento-sentimento. Sou um objeto urgente.**

Agora – silêncio e leve espanto. (Lispector, 2019a, p. 87) (grifo meu)

Observo o povoamento transmutado entre a escrita e a existência do animal. Pela alteridade ela é levada ao tigre e dele até o seu estado objeto humano, com destino ao qual ela escapa pelo grito – silencioso – que há atrás do atrás do pensamento, o objeto que se faz pela palavra. Ela, tigre, não precisa da palavra para se mover. Ela, animal, vai escorregar para o que culmina no atrás do pensamento. Assim a máquina de escrever desenha, não a palavra que cabe fruto do pensamento, a palavra indizível de quem já não se enxerga gente.

É notável a ideia de que não é, necessariamente, a personalidade humana que a circunscreve em (sua) face do que é ser. O atrás do atrás do pensamento torna-se o íntimo deste objeto urgente, que grita o monólogo, o diálogo da vida. Desvelando-se ao que é atrás do atrás do pensamento, a verdade infinita e inominável.

Nesta fissura que não é a fissura senão o rasgo do ser, o pensamento se pensa sem se pensar pensando – it –, sem direção imposta pelo raciocínio. Por isso é um pensar sentir, vem do âmago que é o indizível sem coordenada, sem espaços dissonantes entre humano e

animal: “A transcendência dentro de mim é o ‘it’ vivo e mole e tem o pensamento que uma ostra tem.” (Lispector, 2019a, p. 43)

O it, como centro do ser, descrito para além. Portanto, desassociado de uma noção descritivamente finita sobre ser humano ou ser animal:

Voltei. Estou pensando em tartarugas. Uma vez eu disse por pura intuição que a tartaruga era um animal dinossáurico. Depois é que vim ler que é mesmo. Tenho cada uma. Um dia vou pintar tartarugas. Elas me interessam muito. Todos os seres vivos, que não o homem, são um escândalo de maravilhamento: **fomos modelados e sobrou muita matéria-prima – it – e formaram-se então os bichos**. Para que uma tartaruga? Talvez o título do que estou te escrevendo devesse ser um pouco assim e em forma interrogativa: “E as tartarugas?” Você que me lê dirá: é verdade que há muito tempo não penso em tartarugas. (Lispector, 2019a, p. 63)

Mas, falar em tartarugas, para quê?

Quem escreve encontra-se numa esfera muito mais próxima da vida animal do que, propriamente, da vida humana. Ao que parece, porque o animal não se afasta do estado do ser que é e não impede que o totalmente outro também o seja. Simplesmente é, sem corresponder a um ser que se faz dito num para quê, numa motivação argumentada, sem precisar ser a intenção do pensamento humano. O animal continua lá, nele mesmo, acontecendo:

Tenho uma coisa importante para te dizer. É que não estou brincando: ir é elemento puro. É material do instante do tempo. **Não estou coisificando nada: estou tendo o verdadeiro parto do it. Sinto-me tonta como quem vai nascer**. Nascer: já assisti gata parindo. Sai o gato envolto num saco de água e todo encolhido dentro. A mãe lambe tantas vezes o saco de água que este enfim se rompe e eis um gato quase livre, preso apenas pelo cordão umbilical. Então a gata-mãe-criadora rompe com os dentes esse cordão e aparece mais um fato no mundo. **Este processo é it**. Não estou brincando. Estou grave. Porque estou livre. Sou tão simples. (Lispector, 2019a, p. 47) (grifo meu)

Como já referido, *Água viva* percepção sobre os animais do cotidiano na colagem de pensamentos e fragmentos que estão tentando dizer o indizível da palavra dita. Logo aparecem os grilos, os passarinhos. Um retrato pintado escrito numa “noite azulada”. Não há uma *logicidade* no que é contado. Mas há fruição anterior ao pensamento. Em contrapartida, reparemos que quando há estrutura de pensamento há dor, sufocamento, angústia e a morte como fim.

É nesta necessidade de andar para além do pensamento construído e estruturado que, ao ultrapassá-lo, consegue, de algum modo, atingir o desvelamento de ser. E em seu alcance, para quem está escrevendo, já não há fissura entre o que seja construído como humano e não-humano. Ela abre as asas, escreve à pulsação, anda em patas. É.

A propagação existencial refere-se também àquela que não possui a percepção de um pensamento limítrofe sobre o que é o ser – ou quem é o ser. A pintora que escreve *Água viva* não destoa de sua verdade. Pela sensibilidade transfere-se numa latência genuína da *compreensão*, pela arte, do quão vasto é existir. De maneira que, o entendimento da existência é só a compreensão da incompreensão, ou uma compreensão pelas metades, pois o acontecimento de uma vida é indizível. Tão vasto que não pode ocorrer por uma específica medida. Reconhece, sem dizer, que a linguagem tenta – há de tentar sempre – mas, de todo, não dá conta da existência.

Para o mesmo lugar, na entrelinha da linha, para ela, a escrita – a escrita – dá a tonalidade ou a forma da sua vivência. O acontecimento da escritura cruza sua pegada humana, transpõe a linguagem exclusiva dos próprios do humano, e a faz confissão não-humana, integra-a ao centro indizível do ser, o animal poético, a palavra animalizada ou animalizante, a palavra matéria da não matéria. A palavra. Não a linguagem do raciocínio, racionalizante. A palavra. Do indizível.

Encontramos por toda a obra ecos desta perspectiva. Ela se amplia, tornando-se cada vez mais profunda: a infinitude do ser perante a vida. Pela fragmentação, este aspecto vai se repetindo e ressurgindo de outros modos.

Na mesma instância, reparamos então mais um laço em relação àquela que escreve e os animais: o compromisso com a vida, de viver como o ser livre na expressão do animal que se assume.

Pela intensidade de sua liberdade este ser não se impede pela realidade, ultrapassa-a. Ainda que pense que é só uma tentativa, na própria tentativa desvela a realidade *real* da sua verdade de ser inteira e infinita. Para o ato do acontecimento não existe palavra, não de maneira totalizante. Em sua realidade: cavalo, abelha, mosca, pássaro dão o tom a ela, mas são também a tônica do fundo da gruta, como vida placentária, do âmago, vida que nasce no acontecimento do it.

Se tomarmos a lente dos estudos sobre os animais, podemos *concluir* que Clarice abre as portas do que possa ser a alteridade, na projeção mais pura da ação. Em *Água viva*, esta luz, caminho desconhecido do outro redescoberto em mim, está raiando na escuridão.

Enxergamos então o que foi abordado em capítulos anteriores: a possibilidade de, através da literatura e do seu poder de dizer, aceitar o que não sabemos, o que a racionalidade pensante não toca, não consegue saber. Clarice propaga o amor e a alteridade no outro admitido pelo desconhecimento, assumido em nosso não saber e ainda assim, sendo.

Quem foi que acreditou que só existe aquilo que conhecemos? Quando aceitamos aceitar, cegamente, este preceito? E se eu profanar: só existe aquilo que não conhecemos. Abra-se à primeira página. No âmago essencial, lá está. Sopro pulsante de uma vida total por não ser a explicação da vida:

Mas a palavra mais importante da língua tem uma única letra: é. É.

Estou no seu âmago.

Ainda estou.

Estou no centro vivo e mole.

Ainda.

Tremeluz e é elástico. Como o andar de uma **pantera negra** lustrosa que vi e que andava macio, lento e perigoso. **Mas enjaulada não – porque não quero.** (Lispector, 2019a, p. 41) (grifo meu)

Esta passagem do livro, entoa o aspecto da liberdade, da integridade na privação física, mas não a clausura do ser. O animal está destituído de si, mas não do infinito de ser em si.

Segurar passarinho na concha meio fechada da mão é terrível, é como se tivesse os instantes trêmulos na mão. O passarinho espavorido esbate desordenadamente milhares de asas e de repente se tem na mão semicerrada as asas finas debatendo-se e de repente se torna intolerável e abre-se depressa a mão para libertar a presa leve. Ou se entrega-o depressa ao dono para que ele lhe dê a maior liberdade relativa da gaiola. **Pássaros – eu os quero nas árvores ou voando longe de minhas mãos.** Talvez certo dia venha a ficar íntima deles e a gozar-lhes a levíssima presença de instante. “Gozar-lhes a levíssima presença” dá-me a sensação de ter escrito frase completa por dizer exatamente o que é: a levitação dos pássaros. (Lispector, 2019a, p. 58) (grifo meu)

A tônica mais uma vez simboliza o modo como vivencia. Como sente a experiência do ser vivente, por respeito sensível para com outra vida.

Por esta perspectiva, em várias passagens do texto nos deparamos com a liberdade como elemento central de quem escreve: “Liberdade? É o meu último refúgio, forcei-me à liberdade e aguento-a não como um dom mas com heroísmo: sou heroicamente livre. E quero o fluxo.” (Lispector, 2019a, p. 33). Para esta liberdade é preciso coragem, pois, intrínseca, é absoluta. E por isso, a inscrição do ser desassocia-se ao que fora pensado. Eco de tal construção, a palavra materializada acontece de maneira inédita, deslocando a noção lógica da escrita para o penhasco ilógico do indizível dito. Este livro livre. Esta liberdade tão sensitivamente lhe acontece compartilhada com o animal que anseia livre.

Como continuidade, a partir daqui cabe atenção a uma conjectura que alcança de maneira particular a obra: O ser no âmago, ou a expressão do ‘it’:

Preciso sentir o it dos animais. Há muito tempo não entro em contato com a vida primitiva animálica. Estou precisando estudar bicho. Quero captar o it para poder pintar não uma águia e um cavalo, mas um cavalo com asas abertas de grande águia. Arrepio-me toda ao entrar em contato físico com bicho ou com a simples visão deles. Os bichos me fantasmizam. **Eles são o tempo que não se conta. Pareço ter certo horror daquela criatura viva que não é humana e que tem meus próprios instintos embora livres e indomáveis. Animal nunca substitui uma coisa por outra.**

(...)

Às vezes eletrizo-me ao ver bicho. Estou agora ouvindo o grito ancestral dentro de mim: **parece que não sei quem é mais a criatura, se eu o bicho.** E confundo-me toda. **Fico ao que parece com medo de encarar instintos abafados que diante do bicho sou obrigada a assumir.** (Lispector, 2019a, pp. 57-58) (grifo meu)

Neste *instante*, no mergulho das profundezas, tocamos o que é fundamento chave àquilo que recai ao ser vivente (para recolocar a aproximação dos animais em Derrida com *Água viva*), consoante a relação animal que vai extrapolar-se em um: “tudo isso sou eu” (Lispector, 2019a, p. 32), demarcando a dinâmica do livro, como lugar onde as confluências, em diferentes direções, centram o mesmo ponto: o ser.

Assim, se o cerne de quem está escrevendo comunica sobre o horizonte de ser, a partir do que elabora, percebo que não se trata de uma conformação específica, ao senso de ser exclusivamente da base humana e de quem detém a palavra:

Mas se eu esperar compreender para aceitar as coisas – nunca o ato de entrega se fará. Tenho que dar o mergulho de uma só vez, mergulho que abrange a compreensão e sobretudo a incompreensão. **E quem sou eu para ousar pensar? Devo é entregar-me.** Como se faz? Sei porém que só andando é que se sabe andar e – milagre – se anda.

Eu, que fabrico o futuro como uma aranha diligente. E o melhor de mim é quando nada sei e fabrico não sei quê.

Eis que de repente vejo que não sei nada. O gume de minha face está ficando cego? Parece-me que o mais provável é que não entendo porque o que vejo agora é difícil: **estou entrando sorrateiramente em contato com uma realidade nova para mim e que ainda não tem pensamentos correspondentes, e muito menos ainda alguma palavra que a signifique. É mais uma sensação atrás do pensamento.** (Lispector, 2019a, p. 73) (grifo meu)

Chamo atenção para as sensações que sente sem que a elas sejam dadas conotações explicativas. Ela assume, sem receio, o não saber para ser-se acontecendo. Característica que se esparrama para as expressões artísticas que alcançam esta que narra sensações suscitadas e não classificadas. Ela acolhe-se núcleo de si pelo ímpeto, pela ancestralidade, pela emoção de quem vive. O que não irá, necessariamente, decair-se numa possibilidade de descrição de pensamento.

Vejamos bem, lembrando o paradigma vigente no eco histórico, a face diante de um outro descrito como inferior. Assim considerado pela incapacidade do pensamento feito na palavra:

A vida oblíqua? Bem sei que há um desencontro leve entre as coisas, elas quase se chocam, **há desencontro entre os seres que se perdem uns aos outros entre palavras que quase não dizem mais nada**. Mas quase nos entendemos nesse leve desencontro, nesse quase que é a única forma de suportar a vida em cheio, **pois um encontro brusco face a face com ela nos assustaria, espantaria os seus delicados fios de teia de aranha. Nós somos de soslaio para não comprometer o que pressentimos de infinitamente outro nessa vida que te falo**. (Lispector, 2019a, p. 74) (grifo meu)

Aqui outro exemplo do que sucede em *Água viva*: a costura entre palavra e o animal, ambos agarrados ao mesmo mergulho do ser, núcleo indizível, nascente. É vivo e é sensação atrás do pensamento, pulsação distraída, *razão* de si, sem razão.

A aquarela de *Água viva* rasura a lógica e deságua seu eu animalizado que é o impulso essencial do ser. O ser em si. O ser sendo. O ser acontecendo, puro, num exercício que vai se construindo pelas ações de alteridade cotidiana, no deixar-se ser por este outro que lhe chega e que ela aceita no indizível. Através dele, descobre o desconhecido de si mesma (para lembrar Derrida):

Vejo as flores na jarra. São flores do campo e que nasceram sem se plantar. São amarelas. Mas minha cozinheira disse: que flores feias. Só porque é difícil amar o que é franciscano. No atrás do meu pensamento está a verdade que é a do mundo. A ilogicidade da natureza. Que silêncio. (Lispector, 2019a, p. 86)

Noto o horizonte do hoje ininteligível, a natureza ilógica, o que ultrapassa a medida do pensamento, ela encontra *sentido* na inclinação para com a natureza. Nos animais, nas plantas, no tempo, em Deus, no ar. São os elos aos quais se une, integrante da vida. Nessa atmosfera, *Água viva* acontece – este é o termo – como ser outro animal além do animal. É a vontade da coisa, da imagem, do pensamento que não se pensa pensamento.

Estes elos são lastros existenciais pois estão no ensejo da busca do it, a essência, o instante. Eles são antes que deles sejam ditos. O ser que é, eles o possuem. Os animais possuem. São seres de si mesmos inteiros.

E esta sensação toma-a pela nostalgia, pela necessidade de estar perto de bicho: “Não ter nascido bicho é uma minha secreta nostalgia. Eles às vezes clamam do longe muitas gerações e eu não posso responder senão ficando inquieta. É o chamado.” (Lispector, 2019a, p. 60)

Ela alia-se ao animal que não pode explicar, mas que é suscitado de dentro e para dentro de si, que se ultrapassa, inunda-se pelo seu it: “E que emerge à tona do tempo, lívida eu também, eu nascendo das escuridões, impessoal, **eu que sou it**.” (Lispector, 2019a, p. 77) (grifo meu). Em outro trecho: “O âmago sensível. **E vibra-me esse it. Estou viva**.” (Lispector, 2019a, p. 78) (grifo meu)

Cruzamentos, mesclas de vidas, trota o cavalo, arrepiando o gato nascido: “Ver-se a si mesmo é extraordinário. Como um gato de dorso arrepiado, arrepiando-me diante de mim.” (Lispector, 2019a, p. 80). Desconhecida, atraída em si mesma. Ser que é o ser, sem a matéria da palavra, se socorrendo na palavra para tentar saber o não sabido. O infinito.

Por esta perspectiva, quem escreve une-se a um animal que está no cerne de si mesmo, no fundo da gruta, alimentado pela placenta. O animal que não pode ser humanizado, é – também – ela. Indizível ele/ela. Estreitando, o que vem é extremamente importante, pois sinaliza o debate quanto ao limite do animal e o espaço dado a ele ser o outro:

Conheci um “ela” que humanizava bicho conversando com ele e emprestando-lhe as próprias características. **Não humanizo bicho porque é ofensa – há de respeitar-lhe a natureza – eu é que me animalizo.** Não é difícil e vem simplesmente. É só não lutar contra e é só entregar-se. (Lispector, 2019a, p. 58) (grifo meu)

Trata-se da derradeira esfera em que um atravessa-se no outro pela entrega, mas também refere-se ao espaço do outro desfigurado da caracterização que nele faço a partir do que é dele dito por mim. Aqui considero, novamente, a magnitude da arte, como expressão que ultrapassa e vai de encontro ao núcleo do ser – expressado. Ultrapassando a dimensão humana, há o instante. Na conformação das entrelinhas de *Água viva*, os animais já são, desde logo e sempre, feitos ao instante. Assim, é ela que se transmuta em animal quando, através da pintura e da escrita é o que se chama de ‘atrás do pensamento’. Este é o seu estado de pertencimento ao animal e de des-pertencimento àquilo que é humano. Já que humanizar, na leitura da obra, seria destituir a latência pura, o âmago, a essência, o núcleo, o centro, a veia pulsante do inexplicável e desmedido na palavra:

A profunda alegria: êxtase secreto. Sei como inventar um pensamento. Sinto o alvoroço da novidade. Mas bem sei que o que te escrevo é apenas um tom. Nesse âmago tenho a estranha impressão de que **não pertencem ao gênero humano.** (Lispector, 2019a, p. 42)

Isto porque a leitura do humano é a medida racionalizável, como totalidade e estrutura. Entretanto, prestemos atenção: “Estou terrivelmente lúcida e parece que alcanço um plano mais alto de humanidade. **Ou da desumanidade – o it.**” (Lispector, 2019a, p. 62) (grifo meu)

Alcançar o frêmito instante de si mesma, de ser o ser que simplesmente é, ultrapassa o humano (é voltar ou ir além?): Faço a leitura disso a partir do empobrecimento do mundo ou de mundos existenciais em detrimento das medidas que foram sendo consolidadas para

dizer o ser. Entre estes aspectos o pensamento racional, o mundo palpável, a consideração da realidade pela materialidade do que é conhecido.

O ser não é o tamanho que a palavra lhe dá, mas tão grande é a vontade de tocar o sopro vivo que a palavra torna-se uma busca pulsante por dizer. A este justo sentido transpassa-se o encontro com o animal – indizível – e a fissura do que não será tocado do outro. Por outra via pode ser aceito no horizonte daquilo que não posso limitar, senão admitindo que há o desconhecido e que haverá, talvez sempre, este lastro do outro em mim, de mim em mim mesma no outro. E então, *Água viva* revela:

O excesso de mim chega a doer e quando estou excessiva tenho que dar de mim como o leite que se não fluir rebenta o seio. Livro-me da pressão e volto ao tamanho natural. **A elasticidade exata. Elasticidade de uma pantera.**

Uma pantera negra enjaulada. Uma vez olhei bem nos olhos de uma pantera e ela me olhou bem nos meus olhos. Transmutamo-nos. Aquele medo. Saí de lá toda ofuscada por dentro, o “X” inquieto. **Tudo se passara atrás do pensamento.** Estou com saudade daquele terror que me deu trocar de olhar com a pantera negra. Sei fazer terror. “X” é o sopro do it? é a sua irradiante respiração fria? **“X” é palavra? A palavra apenas se refere a uma coisa e esta é sempre inalcançável por mim.** Cada um de nós é um símbolo que lida com símbolos – tudo ponto de apenas referência ao real. Procuramos desesperadamente encontrar uma identidade própria e a identidade do real. E se nos entendemos através do símbolo é porque temos os mesmos símbolos e a mesma experiência da coisa em si: mas a realidade não tem sinônimos. (Lispector, 2019a, p. 82) (grifo meu)

O outro em sua infinitude de ser através do encontro que revela o ser revelado. A revelação é mútua. Acontece pela substância do que é de si mesmo e não pode ser dito. O que sabemos é que pulsa.

Apenas para retomar um aspecto presente em Clarice Lispector: “Atrás do pensamento – mais atrás ainda – está o teto que eu olhava enquanto infante. De repente chorava. Já era amor. Ou nem mesmo chorava. Ficava à espreita. A perscrutar o teto. **O instante é o vasto ovo de vísceras mornas.**” (Lispector, 2019a, p. 52) (grifo meu). Em *Água viva* o ovo revela, outra vez, o âmago de onde a força existencial se fará.

Seguindo a revelação, este ser nuclear vai sendo esparramado em animalidade, como coisa mais condizente a si e que, como consequência, assinala uma espécie de afastamento ou deslocamento de sua veste humana: “Para me interpretar e formular-me preciso de novos sinais e articulações novas em formas que se **localizem aquém e além da minha história humana.** Transfiguro a realidade e então outra realidade, sonhadora e sonâmbula me cria.” (Lispector, 2019a, p. 58) (grifo meu)

Assim dizendo, aquela que escreve tem, enquanto realidade, não a transcrita pelos fatos humanos, não a socialmente posta como realidade. Mas aquela que é condizente

consigo mesma, que conversa para além do dentro e fora, pessoal e público e que se desenvolve como lugar do ser em estado puro. E que se faz sentido na medida em que vive e se integra à vida. A escrita inventada na escrita distraída, nascida atrás do pensamento, acontecendo solta e livre em seu compromisso com o sopro da vida.

Se tomarmos disso, pensando com referência às novas compreensões da física quanto a tempo e espaço, far-se-á também o contraponto da construção da realidade dada pelo racionalismo e a lógica estruturada por séculos e defendida quase como um estado de graça – aqui brincando com termos que Clarice usa.

Água viva, em outro tom possível sobre a capacidade de pensar-sentir, verte uma maneira outra de conjecturar a vida. Estar no mundo é ser parte daquilo que não há dimensão-limite. Assim como não há esfera ou grau sobre o que é a existência. Nem tempo relógio, nem espaço concreto definitivo.

E se para muitas teorias, a capacidade racional expressa pela comunicação da palavra é a efetivação da plenitude do ser, *Água viva*, (no poder de dizer – lembrando Derrida e o espaço da literatura enquanto dizer tudo), sopra e lança a afirmação por terra, vira pó. Ali quem escreve, desprega-se de tal e torna-se justamente pelo primórdio da não palavra, passando a considerar-se quando rompe com a capacidade pensante que ganha forma pela palavra. Dali flui a pulsação de seu ser inteiro – atrás do pensamento. É onde encontra-se no animal, com o ser vivente.

Ao longo do tempo em que busco observar e deixar-me ser observada pelos animais, descubro em *Água viva* uma das grandes forças lúcidas para a participação integral da vida, humana e não-humana. Dissonante de tantas formas de ler o animal na literatura, *Água viva* revela o ser, a criatura vivente, uma face dele, o animal que sou.

Não há qualquer apontamento que, filosoficamente, vá entregar uma expressão definitiva que diga quem é o animal e quem é o humano. Isto me interessa. Por fim, não podemos, de todo ou em parte, dizer quem é o ser. Seja ele humano ou não-humano. Não há sinônimo.

Mas, de alguma maneira, *Água viva* dita sobre o mundo esparramado que, esta que escreve, é. Este mundo atrás do pensamento. Atrás do pensamento, ela aproxima-se do animal, afasta-se humana, uma vez que humanidade é pensamento ou, usando a expressão do livro, “capacidade de raciocínio” (Lispector, 2019a, p. 27). É um pensamento cabível na palavra dita. Mas ela é distraída. Ela acontece. É o instante. É, simplesmente, sem a confirmação do raciocínio. E do âmago, a palavra que ali subjaz é uma palavra indizível.

Chegamos ao ponto desdobrado entre aquilo que tenho vindo a refletir desde o primeiro capítulo quanto a este animal que nos observa, que tem em si uma existência para além da palavra que lhe empregamos querendo dizer o animal: em *Água viva*, quem está escrevendo, escreve ao ser que é e que vive o extrato substancial de si mesmo. Para esta a vida existe singularmente, não é concepção dada, entregue – e talvez socialmente demarcada – como medida para ser.

Esta é a incapacidade de desvinculação entre um e outro, humano-não-humano, em *Água viva*. O sopro mais forte do ser que é. No cerne de convergência o que existe, substancialmente, é o vivente por ele mesmo pronunciado pelo encontro do outro, *pronunciadamente* indizível.

Encaminho-me para um suposto fim, em continuidade de *Água viva*:

Eu é que estou escutando o assobio no escuro. **Eu que sou doente da condição humana. Eu me revolto: não quero mais ser gente.** Quem? Quem tem misericórdia de nós que sabemos sobre a vida e a morte quando um animal que profundamente invejo – é inconsciente de sua condição? Quem tem piedade de nós? Somos uns abandonados? uns entregues ao desespero? Não, tem de haver um consolo possível. Juro: tem que haver. Eu não tenho é coragem de dizer a verdade que nós sabemos. Há palavras proibidas.
(...) **A minha única salvação é a alegria. Uma alegria atonal dentro do it essencial. Não faz sentido? Pois tem que fazer.** Porque é cruel demais saber que a vida é única e que não temos como garantia senão a fé em trevas – porque é cruel demais, então respondo com a pureza de uma alegria indomável. Recuso-me a ficar triste. Sejamos alegres. Quem não tiver medo de ficar alegre e experimentar uma só vez sequer a alegria doida e profunda terá o melhor de nossa verdade. Eu estou – apesar de tudo oh apesar de tudo – estou sendo alegre neste instante-já que passa se eu não fixá-lo com palavras. **Estou sendo alegre neste mesmo instante porque me recuso a ser vencida: então eu amo. Como resposta. Amor impessoal, amor it, é alegria: mesmo o amor que não dá certo, mesmo o amor que termina.** E a minha própria morte e a dos que amamos tem que ser alegre, não sei ainda como, mas tem que ser. **Viver é isto: a alegria do it.** E conformar-se não como vencida mas num allegro com brio. (Lispector, 2019a, pp. 92-93) (grifo meu)

Colho eu a voz do âmago deste ser despregado de ser gente. Pois, quando ainda circunda a revelação pensada pela condição humana, ali está, em contraste, vida e morte, ali está a rasura na busca por resposta, a ponta de uma pergunta, a dor de ser humana. E ao contrário, no ímpeto da vida, onde o animal está, o it, ela quer a permanência. O lugar onde viver simplesmente é. Mas há ainda um caminho possível para ultrapassar a dor humana: Amor que também é it. O amor é do ser em si, no ser que é.

Por fim, o pássaro não parou seu canto nem no último instante. E no ensejo de não ser gente, continua a ser animal que lambe a pata, trota, bate as asas e canta. O fim continua sendo o começo:

Ah este flash de instantes nunca termina. **Meu canto do it nunca termina?** Vou acabá-lo deliberadamente por um ato voluntário. **Mas ele continua em improviso constante,** criando sempre e sempre o presente que é futuro. **Este improviso é.** (Lispector, 2019a, p. 93)

E para o animal de si mesmo, há o instante de ser o ser que é. Este instante não cessa. Continua...

E este é o nosso instante de existir na leitura de *Água viva*, no tom que conflui um ser solto em uma expressão que o diga ser. Eis a grandeza do ser animal escrito na palavra in-descrita. O animal desconhecido que sou e que você é de *Água viva*.

Conclusão para o inconclusivo

O que (me) propus com este trabalho? Qual foi a intenção? O que motivou cair de encontro às águas que correm ao mesmo mar ondulante ou simbólico da água em estado dissonante de uma mesma água?

Tempo que permaneci submersa nas águas fundas e fluidas, tão substancialmente claras. Quanto tempo respirei aqui para saber o que não sei? E não há ninguém?

O dia começa a escurecer, só há um trecho do céu na janela. Faz um instante e um pássaro cantou no céu. No céu da janela. Não sei quando foi a última vez que o ouvi daqui. O que sei, a partir do canto ou de quem bateu as asas, é que os capítulos e os assuntos que foram se achegando a mim estão postos. Por hora, não há mais nada a acrescentar, é o que sinto. Digo com a intenção e o risco de ter escolhido o caminho proposto não pela tese em si, mas pela projeção do outro em relação ao mundo aberto de Clarice Lispector.

Então, a partir disso, concluir o quê? Concluir quem?

Eu paro. Eu penso a linha, o fio exato que acabo de escrever. Sobre concluir. E o que me chega: concluir o inconclusivo. Aceitar a conclusão do inconclusivo. A qual Clarice soprou, ou melhor dito, empurrou como quem empurra a água do mar calmo para fazer uma onda respingar no rosto, na face diante.

Ao cair da margem às braçadas que dei ou demos em mar aberto, fui ou fomos postos no horizonte vasto e sem fim. Na latente pulsação, remanescente e presente desde o princípio até a sua revelação máxima – e inconclusiva –, está o ser.

A dimensão do ser que está além do limite que diga. Que diga quem é ou o que é o ser. Eis a tônica do animal de *Água viva*. O instante em que o eu se releva a partir do outro infinito. Aquele que desvela o desconhecido de mim mesma. E que é a sua pungência ou potência de ser em sua essência. Simplesmente ser:

Mas há também o mistério do impessoal que é o “it”: eu tenho o impessoal dentro de mim e não é corrupto e apodrecível pelo pessoal que às vezes me encharca: mas seco-me ao sol e sou um impessoal de caroço seco e germinativo. Meu pessoal é húmus na terra e vive do apodrecimento. Meu “it” é duro como uma pedra-seixo. (Lispector, 2019a, p. 43)

Para isto, não há revelação de si por meio ou medida que o faça existir através ou no limite de um dizer.

É.

Simplesmente é.

O texto que aqui surge como tese é um texto autoral, ditado pela experiência de um mergulho que tentou vivenciar parte do que é essa imensidão do ser, do acontecimento para além da linguagem corrente – de percepção racionalista. A tese aqui apresentada é reflexo de alguém que se propôs a desprender-se e que se deixou levar pela proposta de pesquisa, de pensar de maneira própria e refletida abarcando todas as leituras feitas e as vivências tidas até aqui. Neste sentido, ao modo de Derrida, escrevi como acontecimento de pensar e ser pensada por cada aspecto aqui abordado, como uma inquietação que, não necessariamente, leva a um ponto finito ou de chegada, mas que infla o desejo de questionar e perceber o horizonte para além, para além de mim mesma, para além da linguagem, mas através da palavra que é acontecimento em mim. Na fluidez de colocar-me pensante no impensável, descobri a palavra para além da linguagem, quando *Água viva* ressoa o eco da voz que tem a palavra para ser o ser que é, o ser não mais humano, o animal na palavra indizível, o acontecimento de uma palavra animalizante.

Então, tomando das ondas, como águas colhidas e guardadas em frascos, recorro o percurso aqui feito: num primeiro momento foram explanados fatores já conhecidos dos nossos dias. São referentes a formatação que socialmente damos para a realidade e as métricas na qual a vamos limitando, como a eleição da racionalidade como critério definitivo ou definidor, a necessidade de alcançar um objetivo fim para o ser, o argumento pragmático funcional da expressão do pensamento na palavra. A respeito disso, passamos por Descartes e pelo regramento suposto no desenvolvimento das espécies.

Nesta fenda, da medida de uma suposta realidade de fato, a relação que se estabelece com os animais, ali, também se dá por um caráter pragmático, mecanicista e exploratório. Reflexo da dimensão limítrofe desta realidade ou deste mundo – como se houvesse apenas uma única expressão de mundo real.

Na mescla, por outro plano, tocou-se em aproximações do animal pelo direito e do direito em relação à literatura. Quanto a isto, demonstrou-se como as demarcações da lei entendem a vida como fronteiras ou zonas, pelo grau ao qual respondem ao preceito pragmático. No entanto, por outra lente de compreensão, é possível antever como a existência converge a isto, ultrapassando a margem da lei.

Chamo atenção a este aspecto porque, atualmente, no direito debate-se acerca do espaço do animal na lei, por vezes reconhecido como um sujeito – supostamente, então, está rompendo com a condição de coisa ou de ser inferior. Entretanto, a dinâmica atual ainda clama pelo argumento racional – cartesiano – que justifique sua legitimação.

Em outras palavras, é ainda a necessária marcação discursiva e racional que efetiva este que merece a atenção e a afirmação do direito. Quando assim sucede, é incorporado a um artigo de lei que o torna legítimo, que o torna *reconhecível* – ou existente – no mundo, que diz então ser *real* a sua existência. Ou, divagando, que faz existir, *realmente* – a existência do que existe e que já existia antes de existir na afirmação da lei.

Nesta perspectiva, Jacques Derrida concebe o poder maior da literatura. O dizer tudo se faz então, não sem responsabilidade com o que é dito, senão com uma responsabilidade maior, de dar voz ou vazão aquilo que a ranhura da lógica pragmática das instituições não consegue ainda ultrapassar. Tomo da relação justamente aqui, porque lembrando Dworkin, existe um diálogo possível entre direito e literatura, através da interpretação. Também porque Derrida considera a literatura para alcançar o que o direito e a filosofia, não alcançam. Logo, onde a literatura se faz genuíno espaço para dizer o animal.

Lembremos que para chegar a Derrida, antes estivemos de mãos dadas com Levinas, com o outro ao qual eu assumo ser infinitamente o outro. O qual acolho admitido tão outro que não alcanço. Não alcanço de todo. Levinas nos disse sobre este ser que não deixa de ser o ser existente por aquilo que dele não alcanço. Lembro que Levinas toma-se exclusivamente pela face humana. Mas aqui o toquei como passo para Derrida e para a conversação que se abre em *Água viva*.

Vou de encontro, então, à possibilidade que a literatura permite de concepção e interpretação esparramada do mundo, ou melhor, de aceitação e feitura de mundos. Aqui é vasto, amplo, acontece sem justificativa, sem imposição nem marteladas. Aqui é mais fácil respirar, é possível respirar embaixo d'água. Sem com isso cair no que ainda será tomado como alienação. Diria, possibilidade existencial, pensando em Clarice Lispector.

Dessas luzes que se refletem na água e são vistas do fundo de quem está mergulhada, tocamos na arte. É para mostrar como quem põe as fotos sobre a mesa. Olha, a arte deixa-se enxergar pelo animal em sua capacidade de observar o inteiro estado de si no eu que desconheço. Sabe... Sabe o que encontrei recentemente em Agnès Varda?: “Sou um animal que não conheço.” (Varda, 2000). Está lá, num filme que, aparentemente, nada tem a ver ou a dizer sobre os animais enquanto entes a serem pensados. Está lá, num filme que revela os catadores que somos... “*Sou um animal que não conheço.*”

De algum modo, estamos catando nossas existências. Não vou universalizar dizendo que todos estamos. Alguns estão. Clarice está, agora, neste instante, ainda. Continua...

Eis o que a arte deixa vaziar do tubo de tinta, da caneta tinteiro ou de uma nota musical tocada na mão que sente a música. Na mão, no corpo inteiro. A possibilidade deste tal dizer que é tudo, por assumir o que a racionalidade racionalizante e controlada não consente.

A arte pode desarticular o que está dado e por sensibilidade refazer o mundo e a relação entre seres viventes. Dá espaço para que os animais sejam reconhecidos por aquilo que deles não dizemos, em seus mundos, suas existências, quando não são ditos por rótulos que os demarquem enquanto animais que os fazemos ser, na medida da palavra que a eles empregamos.

Olho para arte, porque Clarice fez-se olhar por ela. Daí existe o que transpassa de uma expressão a outra, por onde fluiu observada por tantos mundos. Porque arte é o modo que encontra para ser o ser que também não encontra a expressão da palavra que o define:

Tente entender o que pinto e o que escrevo agora. Vou explicar: na pintura como na escritura procuro ver estritamente no momento em que vejo – e não ver através da memória de ter visto num instante passado. O instante é este. O instante é de uma iminência que me tira o fôlego. O instante é em si mesmo iminente. Ao mesmo tempo que eu vivo, lanço-me na sua passagem para outro instante. Foi assim que vi o portal de igreja que pintei. Você discutiu o excesso de simetria. Deixa eu te explicar: a simetria, depois da desordem da inspiração. (Lispector, 2019a, p. 79)

Vou escrevendo pensando nas cartas: idas ao cinema, a música clássica, os livros que a encontraram não por cânone, senão pelo título colocado ali, na estante de onde os tirei com o primeiro ganho das aulas que deu. O encontro com as coisas do cotidiano vivo.

Talvez aqui já esteja falando do que foi referenciado a um segundo momento do trabalho, mas também estou conversando com maior enlevo àquilo que foi trazido no primeiro capítulo, ao caminhar com Levinas e o seu outro e depois, a partir dele, aliar-me a Derrida e ao outro assumido em focinho, penas, olhos que me veem e me observam escancarando o desconhecido. O mesmo desconhecido onde Clarice se reconhece ser que é.

É um parágrafo curto. Eu sei. Mas está dito. De Levinas, lembremos da alteridade enquanto encontro com o outro, que se efetiva pelo reconhecer da sua singularidade, desconhecida para mim.

Já aí há uma inscrição para além da racionalidade, porque a relação com o outro acontece efetivamente afora de uma percepção única e mecânica. Pelo reconhecimento da unicidade do ser, que se efetiva quando vou vago ao outro, despido de condições para dizê-lo. É mar aberto.

Derrida, por sua vez, para além da face humana e pela poesia de pôr-se diante de um gato, faz notar aquilo que não alcançamos de nós mesmos diante deste outro que me olha nu, que não tem a palavra que usamos para descrevê-lo como o outro, como o animal da palavra que a ele empregamos. Mas justamente ali, para além da palavra que o circunscreve, está este outro que me escancara. O outro que é.

Derrida e Levinas admitem-nos ser naquilo que desconhecemos do outro em nós mesmos. Nos admitem ser quando não há termo, técnica ou palavra que circunscreva um quem, um é.

Verteu-se a transbordante água escrita de Clarice Lispector como espaço sem fronteira. Banhada inúmeras vezes, repetidamente em tantas vezes primeiras, as palavras de Clarice constituíram-se mundo e latência que ela, singularmente, encontrou na escrita animal.

Não a escrita literária, não a escrita exemplificada e explicada, não a literatura condicionada ao gênero. A escrita vertida como sopro, como modo encontrado para ser no mundo. Ser genuinamente seu ser no mundo, aquilo que é. Simplesmente. A palavra que acontece – distraidamente.

Por vezes, transcende e ultrapassa a palavra que a demarca como ser: “Não gosto do que acabo de escrever – mas sou obrigada a aceitar o trecho todo porque ele me aconteceu. E respeito muito o que eu me aconteço. Minha essência é inconsciente de si própria e é por isso que cegamento me obedeço.” (Lispector, 2019a, pp. 42-43)

É neste tom que sua escrita é irrigada pela existência, não correspondendo a uma forma lógica e geral de pertencer ao mundo. Mas é a nuance do desconhecido revelado pela vida que existe em tudo aquilo que é. Não assusta nem afasta, do contrário a torna fluida e porosa na relação com o infinitamente outro. O animal, a planta, a criança, o homem, o espelho, o ar, ela mesma.

Apenas citando, poderia reconsiderar ainda sobre a ficção e não-ficção do texto. Mas seria então manter as partições: vida e morte, animal e humano, sujeito e objeto, ficção e não-ficção. Prefiro a mescla entre muitos textos, sensações vertidas entre crônica e romance, a intuição misteriosa. A conversação existe.

A partir destas reflexões, adentrei no universo singular de *Água viva*. Primeiro apanhando modos e conjecturas e condições à obra, com base em teóricos e estudiosos de Clarice. Depois o mergulho, com apenas *Água viva* molhando as mãos.

Suscita recordar então o detalhe do fragmento escrito e reescrito, as primeiras remadas do monólogo intermediado pelo grito objeto até a efetivação do ser que se verteu

de escritora em pintora e enquanto pintura escreveu. A arte como alternativa para o ser que é atrás do pensamento, escapado do raciocínio.

Água viva foi considerado um antirromance como a própria Clarice disse. E o que esta fissura, em termos da materialidade do livro, aponta?

O caráter da obra constituída por fragmentação revela um modo de compreensão do mundo e de vivenciar – sendo – o mundo. Nisso devo atenção às reflexões da filosofia, as quais o professor Lúcio tanto tem me ajudado a perceber, quanto aos modos de existir.

O livro é criação de colagens de cenas do cotidiano, fotos de memórias, pensamentos que vão fluindo e se colando à união de todos estes pedaços existenciais do ser acontecendo, não enquanto face reconhecida no quem eu sou. Mas um ser que diante do mundo abre as asas, trota, lambe o focinho. É gente que não se vê gente. A não humanidade que a transborda, é a essência de ser. É it.

Livro enigmático para alguns e avalanche para outros, não pela explicação, mas justamente pelo toque tocado de não ser compreensível na explicação. É sentido. No âmago, como um encontro que escapa ao pensamento pensado:

Quando se vê, o ato de ver não tem forma – o que se vê às vezes tem forma, às vezes não. O ato de ver é inefável. E às vezes o que é visto também é inefável. E é assim certa espécie de pensar-sentir que chamarei de “liberdade”, só para lhe dar nome. Liberdade mesmo – enquanto ato de percepção – não tem forma. E como o verdadeiro pensamento se pensa a si mesmo, essa espécie de pensamento atinge seu objetivo no próprio ato de pensar. Não quero dizer com isso que é vagamente ou gratuitamente. Acontece que o pensamento primário – enquanto ato de pensamento – já tem forma e é mais facilmente transmissível a si mesmo, ou melhor, à própria pessoa que o está pensando; e tem por isso – por ter forma – um alcance limitado. Enquanto o pensamento dito “liberdade” é livre como ato de pensamento. É livre a um ponto que ao próprio pensador esse pensamento parece sem autor.

O verdadeiro pensamento parece sem autor. (Lispector, 2019a, p. 89)

Água viva também foi a obra hesitada frente à publicação, quase recolocada na gaveta. O livro que, de algum modo, arrastou Clarice para a intensidade de sua liberdade pedida a acontecer, solta como o cavalo de sonho alado. Esse sonho dialogou com a arte antes de ser livro e depois, quando encontrou os seus artistas. Cazuza cantou (Cazuza, 1989): “E a única coisa que me espera é exatamente o inesperado.” (Lispector, 2019a, p. 63). Maria Bethânia interpretou, em 1971 (Maria Bethânia, 1971):

E eis que depois de uma tarde de “quem sou eu” e de acordar à uma hora da madrugada ainda em desespero – eis que às três horas da madrugada acordei e me encontrei. Fui ao encontro de mim. Calma, alegre, plenitude sem fulminação. Simplesmente eu sou eu. E você é você. É vasto, vai durar. (Lispector, 2019a, p. 94)

E a morte? Qual morte?

A morte do ser entregue ao limite do pensamento limítrofe do ser?

O ser que é tem o instante. E o instante é. Está sendo. Uma palavra animal do ser que acontece nele mesmo. O ar que respira é it. A palavra distraída que nasce e acontece. “Aquilo que ainda vai ser depois – é agora. Agora é o domínio de agora. E enquanto dura a improvisação eu nasço.” (Lispector, 2019a, p. 94)

A afirmação de si é um ser que escreve, de maneira a ultrapassar a métrica imposta por uma forma de dizer. É um dos aspectos relevantes da obra com relação ao que se diz e se manifesta escritura embrenhada no animal eu, translúcido, impalpável, inominável eu, o animal.

Por outra maneira, escrita e animal, *efetivam-se* – numa leitura de *Água viva* –, como um mesmo lastro, um mesmo indício além do pensar. O ser no âmago de pensar-sentir, que está atrás do que é ou será o pensamento. Eu continuo aqui, pensando além de pensar.

É preciso adentrar ao mundo de Clarice, e estar ali solta. Pois é isto que o animal de *Água viva* revela, um estado de ser não visualizável pelas concepções que foram demarcadas. É poder da literatura *alterar a lógica*. O poder possível, não de se apoderar governável, mas de ser silente e humilde na transformação a partir da aceitação e reconhecimento do outro. Do mundo que existe e é na linha onde eu enxergo que há o desconhecido espaço que não alcanço, que é além de mim. Onde existe e existo, mesmo não havendo uma palavra dizível, onde escrever é para ser:

Ouçó o ribombo oco do tempo. É o mundo surdamente se formando. Se eu ouço é porque existo antes da formação do tempo. “Eu sou” é o mundo. Mundo sem tempo. A minha consciência agora é leve e é ar. O ar não tem lugar nem época. O ar é o não lugar onde tudo vai existir. O que estou escrevendo é música do ar. A formação do mundo. Pouco a pouco se aproxima o que vai ser. O que vai ser já é. O futuro é para a frente e para trás e para os lados. O futuro é o que sempre existiu e sempre existirá. Mesmo que seja abolido o Tempo? O que estou te escrevendo não é para se ler – é para ser. (Lispector, 2019a, p. 49)

Água viva escreve o indizível do ser integrado ao mundo e sobre o ser que é o mundo, acontecendo, neste instante. A transcendência é o retorno para o estado de si em pureza de unir-se à existência de cada outro mundo: “Estou livre? Tem qualquer coisa que ainda me prende. Ou prendo-me a ela? Também é assim: não estou toda solta por estar em união com tudo. Aliás uma pessoa é tudo. Não é pesado de se carregar porque simplesmente não se carrega: é-se tudo.” (Lispector, 2019a, p. 46)

Em *Água viva* encontro um ser que é, mesmo quando não haja uma palavra dizível a ele. Em Clarice não há necessidade de uma palavra dizível para torná-lo. O ser lhe é acontecimento acontecido pelo indizível. Que continua.

Então a percepção do ser atrela-se a uma afirmação daquilo que não acaba. Isso acontece, flui, como elo de lastro ou pertencimento, ao mesmo âmago, da mesma fonte. Aquilo que escreve continua, assim como continua o ser em si mesmo. Ultrapassando, novamente, o limite da lógica, do tempo espaço, da razão que explica.

Continua. O instante continua.

Quanto ao que (me) refere referindo: “Agora te escreverei tudo o que me vier à mente com o menor policiamento possível. É que me sinto atraída pelo desconhecido. Mas enquanto eu tiver a mim não estarei só. Vai começar: vou pegar o presente em cada frase que morre. Agora.” (Lispector, 2019a, p. 85)

Isso é nada.

E isto é tudo. Quase tudo o que não é.

É dia. Pássaros e canto. Um eu, sendo, deve vagar pela manhã do mundo, um animal nascendo na janela como espelho, vem do ar, tem a forma de um silêncio que grita no fundo da gruta onde a água pinga, pinga, pinga. A vida é. Ser é. E “é” ainda é a palavra mais bonita. E ser é it. E ser it é ser sem precisar do pensamento para ser. É sentir. Há amor em ser. Há o instante. E o inconclusivo.

Aqui está tudo o que tenho para dizer (e veja bem). Chegamos ao fim. Mas, “O que te escrevo continua (...)” (Lispector, 2019a, p. 94)

Bibliografia

- Andrade, C. D. (2012). *Claro enigma*. São Paulo: Companhia das Letras.
- Berger, J. (2020). *Porquê olhar os animais?* (J. L. Rosa, Trad.) Lisboa: Antígona.
- Borelli, O. (1981). *Clarice Lispector – Esboço para um possível retrato*. Rio de Janeiro: Editora Nova Fronteira.
- Castello, J. (2013). *Sábados Inquietos*. Brasília: IMP.
- Cazuza. (1989). *Que Deus venha*. Acesso em 6 de outubro de 2021, disponível em Youtube: <https://www.youtube.com/watch?v=3rcuyOEK79Q>
- Ceia, C. (29 de dezembro de 2009). *Anti-Literatura*. Acesso em 21 de dezembro de 2021, disponível em E-Dicionário de Termos Literários Carlos Ceia: <https://edtl.fcsh.unl.pt/encyclopedia/anti-literatura/>
- Chaplin, C. (Diretor). (1936). *Tempos Modernos* [Filme Cinematográfico].
- Coetzee, J. M. (2002). *A vida dos animais*. (J. R. Siqueira, Trad.) São Paulo: Companhia das Letras.
- Derrida, J. (2002). *O animal que logo sou (A seguir)*. (F. Landa, Trad.) São Paulo: Editora Unesp.
- Derrida, J. (2003). *Che cos'è la poesia?* (O. M. Silvestre, Trad.) Coimbra: Editora Angelus Novus.
- Derrida, J. (2004). *Sob palavra, instantâneos filosóficos*. (M. S. Pereira, Trad.) Lisboa: Fim de Séculos Edições.
- Derrida, J. (2010). *Força de lei* (2ª ed.). São Paulo: Editora WMF Martins Fontes.
- Derrida, J. (2014). *Essa estranha instituição chamada literatura: uma entrevista com Jacques Derrida*. (M. D. Esqueda, Trad.) Belo Horizonte: Editora UFMG.
- Descartes, R. (2001). *Discurso do método*. (M. E. Galvão, Trad.) São Paulo: Editora Martins Fontes.
- Dworkin, R. (2000). *Uma questão de princípio*. (L. C. Borges, Trad.) São Paulo: Martins Fontes.
- Fellini, F. (Diretor). (1973). *Amarcord* [Filme Cinematográfico].
- Fernando, S. (14 de maio de 2021). Corvos têm consciência de si e raciocinam como pessoas. Brasil. Acesso em 30 de junho de 2021, disponível em <https://sociotecnica.com.br/corvos-tem-consciencia-de-si-e-raciocinam-como-pessoas/?fbclid=IwAR3Qp-Vp8uJRwNhnBD8-WT2ntdZbU4vKXg2JXi4VRyroh52shmc1OQ4oxT4>
- Foucault, M. (2014). *As palavras e as coisas: uma arqueologia das ciências humanas*. Lisboa: Edições 70.
- Gaarder, J. (2001). *O pássaro raro: contos*. (S. Bertuol, Trad.) São Paulo: Companhia das Letras.
- Gotlib, N. (2012). *Momentos de Clarice*. Acesso em 6 de outubro de 2021, disponível em Instituto Moreira Salles: <https://site.claricelispector.ims.com.br/sobre/momentos-de-clarice/>
- Gotlib, N. B. (2013). *Clarice: uma vida que se conta* (7ª ed.). São Paulo: Universidade de São Paulo.
- Jeunet, J.-P. (Diretor). (2001). *Le fabuleux destin d'Amélie Paulin* [Filme Cinematográfico].
- Joyce, J. (2010). *Ulisses*. (B. d. Pinheiro, Trad.) Rio de Janeiro: Objetiva.
- Klayman, A. (Diretora). (2012). *Ai Weiwei: Never sorry* [Filme Cinematográfico]. Acesso em 14 de julho de 2021, disponível em <https://www.youtube.com/watch?v=Wldt3j9nKA>
- Krenak, A. (2019). *Ideias para adiar o fim do mundo*. São Paulo: Companhia das Letras.
- Krenak, A. (2020a). *A vida não é útil*. São Paulo: Companhia das Letras.

- Krenak, A. (2020b). *O amanhã não está a venda*. São Paulo: Companhia das Letras.
- Kundera, M. (2011). *A insustentável leveza do ser*. Alfragide: Leya.
- Levinas, E. (2008). *Totalidade e infinito* (3ª ed.). (J. P. Ribeiro, Trad.) Lisboa: Edições 70.
- Levinas, E. (2011). *De outro modo de ser ou para lá da essência*. (J. L. Péres, & L. L. Pereira, Trans.) Lisboa: Centro de Filosofia da Universidade de Lisboa.
- Lispector, C. (1981). *Felicidade Clandestina: contos*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira.
- Lispector, C. (1998). *A maçã no escuro*. Rio de Janeiro: Rocco.
- Lispector, C. (1999). *A vida íntima de Laura*. Rio de Janeiro: Rocco para Jovens.
- Lispector, C. (2013a). *A descoberta do mundo – Crônicas*. Lisboa: Relógio D'Água Editores.
- Lispector, C. (2013b). *Uma aprendizagem ou o livro dos prazeres* (2ª ed.). Lisboa: Relógio D'Água Editores.
- Lispector, C. (2013c). *Laços de Família – contos* (3ª ed.). Lisboa: Livros Cotovia.
- Lispector, C. (2015a). *Entrevistas*. Rio de Janeiro: Rocco Digital.
- Lispector, C. (2015b). *Minhas queridas*. Rio de Janeiro: Rocco.
- Lispector, C. (2015c). *A paixão segunda G.H.* Rio de Janeiro: Rocco Digital.
- Lispector, C. (2015d). *Outros Escritos*. Rio de Janeiro: Rocco Digital.
- Lispector, C. (2019a). *Água viva*. Rio de Janeiro: Rocco.
- Lispector, C. (2019b). *Perto do coração selvagem*. Rio de Janeiro: Rocco Digital.
- Lispector, C. (2019c). *O lustre*. Rio de Janeiro: Rocco.
- Lispector, C. (2020a). *Para não esquecer*. Rio de Janeiro: Rocco Digital.
- Lispector, C. (2020b). *Um sopro de vida*. Rio de Janeiro: Rocco Digital.
- Lukács, G. (2003). *História e Consciência de Classe*. São Paulo: Martins Fontes.
- Maciel, M. E. (2016). *Literatura e animalidade*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira.
- Manzo, L. (1997). *Era uma vez: Eu – a não-ficção na obra de Clarice Lispector*. Curitiba: Secretaria de Estado da Cultura.
- Maria Bethânia. (1971). *A rosa dos Ventos*. Acesso em 19 de novembro de 2021, disponível em Youtube: <https://www.youtube.com/watch?v=aDa7TiftCkA&t=858s>
- Moser, B. (2017). *Porquê este mundo: Uma Biografia de Clarice Lispector*. (M. B. Sequeira, Trad.) Lisboa: Relógio D'Água Editores.
- Nascimento, E. (2011). Rastros do animal humano – a ficção de Clarice Lispector. Em M. E. Maciel, *Pensar/escrever o animal: ensaios de zoopoética e biopolítica* (pp. 118-149). Florianópolis: UFSC.
- Nascimento, E. (2012). *Clarice Lispector: uma literatura pensante*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira.
- Nunes, B. (1989). *O drama da linguagem; uma leitura de Clarice Lispector*. São Paulo: Ática.
- Pessoa, F. (2001). *Poesia complete de Alberto Caeiro*. São Paulo: Companhia das Letras.
- Pina, M. A. (2015). *Todas as Palavras: Poesia Reunida: 1974 – 2011* (2ª ed.). Lisboa: Assírio & Alvim.
- Quintana, M. (2012). *Apontamentos de história sobrenatural*. Rio de Janeiro: Objetiva.
- Ramos, G. (2014). *Vidas Secas* (125 ed.). Rio de Janeiro: Record.
- Rodin, A. (2009). *Rodin on Art and Artists, Conversations with Paul Gsell*. (M. R. Fedden, Trad.) New York: Dover Publications.
- Saint-Exupéry, A. d. (1946). *Terra dos Homens – tragédia e poesia da aviação moderna* (2ª ed.). (R. Braga, Trad.) São Paulo: José Olympio Editora.
- Sant'Anna, A. R. (1990). *Análise estrutural de romances brasileiros* (7ª ed.). São Paulo: Ática.
- Sosa, M. (1971). *Gracias a la vida*. Acesso em 27 de dezembro de 2021, disponível em Youtube: <https://www.youtube.com/watch?v=IDFuHhflHsw>

Sousa, C. M. (2000). *Clarice Lispector – Figuras da Escrita*. Braga: Universidade do Minho: Centro de Estudos Humanísticos.

Sousa, C. M. (2013). *Clarice Lispector: Pinturas*. Rio de Janeiro: Rocco.

Tavares, V. (2009 de dezembro de 2009). *Stream of Consciousness*. Acesso em 21 de dezembro de 2021, disponível em E-Dicionário de Termos Literários Carlos Ceia: <https://edtl.fcsh.unl.pt/encyclopedia/stream-of-consciousness/>

TV Cultura. (1977). *Panorama com Clarice Lispector*. Acesso em 30 de junho de 2021, disponível em Youtube: <https://www.youtube.com/watch?v=ohHP112EVnU>

Varda, À. (Diretora). (2000). *Os catadores e eu* [Filme Cinematográfico].

Veloso, C. (2006). *Clarice*. Acesso em 8 de outubro de 2021, disponível em Youtube: <https://www.youtube.com/watch?v=L8Gi6lr3FnM>

Woolf, V. (2010). *Flush*. (A. Ban, Trad.) Porto Alegre: L&PM.

Yourcenar, M. (1981). *Para onde vai a alma dos animais*. Acesso em 4 de agosto de 2021, disponível em São Paulo Review: <http://saopauloreview.com.br/marguerite-yourcenar-para-onde-vai-a-alma-dos-animais>

Apêndice – Texto de apresentação às provas de doutoramento

O texto a seguir foi apresentado durante as provas de doutoramento que aconteceram no dia 15 de setembro de 2022:

Antes de propriamente começar minha apresentação, gostaria de chamar atenção para um aspecto que, me parece, faz referência há muito do que será aqui apresentado. Trata-se da performance que Marina Abramovic faz no Museu de Arte Moderna de Nova York (MoMA), em 2010. Ela está sentada e diante dela senta-se um outro, estranho, desconhecido. Entre estes dois seres vivos há qualquer coisa que acontece num instante, um encontro. Ao reviver a experiência comentando-a, a certa altura ela diz alguma coisa como:

(...) você vem e se senta na minha frente, você é vista por outras pessoas, é filmada e vista por mim. Não há lugar para escapar exceto em si mesmo (...). **E acho que um dos êxitos desta peça foi que não era verbal.** Não era para explicar a emoção, senão para senti-la diretamente. (Akers, 2012) (grifo meu)

É a partir desta emoção que não pode ser explicada, mas sentida e daquilo que ultrapassa ou não cabe no limite verbal que eu começaria minha apresentação citando Clarice:

Um mundo fantástico me rodeia e me é. Ouço o canto doido de um passarinho e esmago a borboleta entre os dedos. (...). Uma chusma dissonante de insetos me rodeia, luz de lâmparina acesa que sou. (...) Nesta densa selva de palavras que envolvem espessamente o que sinto e penso e vivo e transforma tudo o que sou em alguma coisa minha que no entanto fica inteiramente fora de mim. Fico me assistindo pensar. O que me pergunto é: quem em mim é que está fora até de pensar? (Lispector, 2019a, p. 72)

Mas, afinal, por que tanto pensar o indizível da palavra que dá a palavra a um ser? Por que continuar pensando sobre este animal fora do alcance, esse animal reflexo refletido no espelho da água reflexo? Por que um porque?

Faço do instante a tentativa de expor ideias de um pensar para além de pensar, recolhida neste outro desconhecido. E o que serve de preâmbulo refere-se a esta **linguagem que não consegue demarcar o espaço dizível - do ser**. Quero pensar então a partir do limite, como disse Derrida.

A estrutura da tese segue uma formatação desencontrada do que flui e “me tenta” a continuar pensando sobre o limite deslimite da palavra que se introjeta no limite deslimite de um ser vivo.

Para além ou aquém de *organizar as ideias*. Arranha-me o pensar sobre o que é o outro e o que é o outro que sou do outro no outro em mim, como se assim então eu e outro fossemos a possibilidade existencial formulados pelo sentir-pensar para além de matéria/espécie...

E aqui já estou fazendo referência ao **primeiro capítulo**, ao retomar conceitos demarcados na espacialidade histórica, cimentados numa ideia de racionalização das ideias, onde as palavras farão a afirmação. E nas palavras dadas se fará caber um ser dito humano diferenciando (como distanciando) do não-humano...

A dissecação existencial que temos ainda como herança, sopesa um dizer e estrutura a figura do humano no dizível, que o *torna* ser, empunhado na razão alicerçada na margem e na comunhão das coisas existentes.

E o emprego aqui do termo coisa, carrega o punho daquele que se denomina o ser perante todos os outros aos quais ele dá nome. Mas a referência trans-verte-se na própria concepção. Bastaria pensar em Baleia e Fabiano e os enredos do cenário de reificação da vida. Quem é mais humano que o não humano? A interrogação fica por interrogar, entre a razão que determina e a subjetividade pulsante da vinculação entre viventes.

Na razão antropocêntrica o eu dá o significado do outro. Este eco ego... O privilégio do eu reiterado na máxima “penso, logo existo”.

É neste ponto, onde a razão define, que me recolho na noção do outro pela alteridade e aproximo-me de Levinas e Derrida.

Na lente da alteridade é o outro quem dá significado ao eu, escapando do limite que o diz. No eu dizendo o que estaria dito do outro? O desconhecido continua desconhecido mesmo depois da definição.

Levinas introjeta no mundo uma compreensão sobre o reconhecimento da existência que ultrapassa o dizer racionalizado, ao assumir do outro aquilo que dele não conheço, aquilo que não cabe no meu dizer.

Derrida, por sua vez, esparrama este totalmente outro, *diferente* de mim... O animal que o vê nu e diante dos olhos mais do que ser interrogado, interroga(-me). Ali, como se fosse o Chico outra vez, o infinito de refletir o reflexo meu que me derruba ao desconhecido (de mim).

Disto para considerar a literatura pensante, que então instigaria com Coetzee que escreveu sobre como somos capazes de pensar o inexistente (personagens que *nunca existiram*), mas incapazes de considerar a existência de um ser vivente para além de nós - humanos.

Nesta literatura pensante não há imposição que define e dá forma finita, mas o acontecimento (do eu e) do outro. A alteridade está nos ecos da literatura porque esta acolhe o que é da vida para além do racionalizável, talvez por mergulhar nas palavras das sobre linhas, das entrelinhas. Pelo sensível e pelo afeto. Por deixar-se ou deixar(-me) afetar por aquilo que - do outro - me alcança justamente por eu não alcançar.

Nesta fenda, abordo dois pontos ou contrapontos:

- O direito, por afirmar a hierarquia do ser e assim o legitimar pela ‘força da lei’. Para Derrida então será a literatura o lugar para dizer tudo e assim sendo, estabelecer o espaço democrático, a justiça, logo será aí o lugar para dizer o animal – para além do limite da instituição).

- A arte, porque esta questiona este limite do ser – “quem sou eu?” A arte cria (inventa) o espaço do outro, já que, como disse Foucault “o contemplador e o contemplado permutam-se incessantemente.” (Foucault, 2014, p. 69). E se eu voltasse para Clarice então eu perguntaria o trecho traduzido... “o que é a arte? o que é a vida?” (A irrealidade do realismo in Lispector, 2013a, pp. 90-91). E eu cairia me perguntando quem sou eu? quem sou o outro? quem estou? onde sou?

Para Clarice, “(...) a criação artística é um mistério que me escapa, felizmente.” (Borelli, 1981, p. 67).

Na literatura do pensar para além do pensado, no limite do dizível, não encontro um ser-humano e um não-humano, encontro um ser. E eu me alio então a Derrida quando “Eu amo porque o outro é outro, porque seu tempo jamais será o meu.” (Derrida, 1987, p.522-523 in Derrida, 2014, p. 33)

Daí parto para o segundo capítulo, que se elabora pelo transbordamento do mundo de Clarice. Faço notar as questões problemáticas do texto, redundâncias e repetições. No fundo, o que tentei foi exemplificar, na vasta obra, as nuances do que foi elaborado no primeiro capítulo (preponderantemente no que toca ao dizer do outro, da alteridade, do animal em mim).

A vida cotidiana, em seu acontecimento mais banal, mobiliza a escrita desta mulher que tem na palavra a projeção do ser e que encontra na relação com o outro o acontecimento de si. Esta palavra que vai muito além da palavra razão. Mas que palavra é esta?

“Minha experiência maior seria ser o outro dos outros: e o outro dos outros era eu.” (A experiência maior in Lispector, 2013a, p. 243)

Neste emaranhado, os animais de Clarice saltam e pululam para além de um animal evidente, personagem, figura tomada para a representação ou caracterização. Cito,

“Porque o rato existe tanto quanto eu, e talvez nem eu nem o rato sejamos para ser vistos por nós mesmos, a distância nos iguala.” (Perdoando Deus in Lispector, 1981, p. 43)

Há três aspectos que tentei, erroneamente, demarcar (justamente por ser demarcar):

- A escrita como encontro do outro;
- A alteridade diante daquilo que é desconhecido;
- Como isto se esparrama para o animal onde ela se reconhece como um eu desconhecido.

Mas a verdade é que estes aspectos confluem e confundem-se, como acontecimentos de um aqui agora, mesclados, tintas misturadas.

O terceiro capítulo então adentra a obra *Água viva* (1973):

- Pela historicidade, os manuscritos e os títulos destes manuscritos, que por si só já dão muito a saber do que será água vida;
- O texto fragmento e a relação com os textos publicados nas crônicas dos jornais;
- O anti-romance, como o denominava Clarice. Livro sem história, sem meio, fim, começo, sem o era uma vez desta menina que não tinha seus textos publicados nos jornais pois escrevia sensações...

“O que me guia é o senso da descoberta. Atrás do atrás do pensamento.” (Lispector, 2019a, p. 71)

Ainda:

- A proximidade com os livros *Uma Aprendizagem ou o livro dos Prazeres* e *Um sopro de vida*, pelo caráter da escrita pensante e introspectiva. No caso de *Um sopro de vida* outra característica similar é o texto fragmentação.

- Superficialmente reparo no irreparável que não reparei de um animal no título;
- E o impacto que a obra teve quando lançada, ecoando para outras expressões artísticas, nomeadamente no teatro e na música...

- Outro aspecto profundo e que me mereceria um tempo de argumentação e diálogo, na obra *Água viva*, é referente a pintura. A palavra pintada, a pintura escrita.

E tudo isso... Tudo isso para então fechar todas as páginas e tomar um folha em branco e conhecer o irreconhecível que possa dizer, considerar, pensar, racionalizar e compreender... O ser.

Este ser vivente que entre Derrida e Clarice, ecoando, me toma de pensar para além do pensado sobre o animal que diante de mim... Eu diante do animal...

No quarto capítulo tentei esparramar ideias sobre este *ser*, incontornável e incontrolável que não será nem mesmo agora a palavra que nele a tento empregar para dizê-lo. Clarice assim o ressalta, sobre a necessidade das palavras que não o dizem...

“Vim te escrever. Quer dizer: ser.” (Lispector, 2019a, p. 47)

O livro abre-se, deparo-me com um ser vivente humano que só o é humano na medida das palavras colocadas a ele para assim ser dito, porque se este mesmo ser cair de si num instante, neste instante o humano não existirá, será o âmago de si intercedido por um outro, tão ele lambendo focinho, batendo asas. O animal então lhe dá referência.

Na vinculação ao não-humano, no livro, ela toma consciência do desconhecido (de si) ao aproximar-se do animal que escapa ou ultrapassa a razão lógica que é limite.

Diz Clarice, “(...) eu, bicho de cavernas ecoantes que sou, e sufoco porque sou palavra e também o seu eco.” (Lispector, 2019a, p. 33)

Para ela escrever é ser, assim como o animal é. Enlaçam-se palavra e animal, como se estes dois elementos, lhe fossem a possibilidade genuína para *dizer-se* ao âmago onde escapa a lógica e a definição. E prestes a cair no instante infinito:

“(...) Lambo uma das patas e depois, como não é a palavra que tem então importância, afasto-me silenciosamente. O que sou neste instante? Sou uma máquina de escrever fazendo ecoar as teclas secas da úmida e escura madrugada. Há muito já não sou gente.” (Lispector, 2019a, p. 87)

De algum modo, o tom e o acento estão no outro, para além da necessidade de compreender conceituando e definindo: “(...) há desencontro entre os seres que se perdem uns aos outros entre palavras que quase não dizem mais nada.” (Lispector, 2019a, p. 74)

Ou então: “Estou terrivelmente lúcida e parece que alcanço um plano mais alto de humanidade. Ou da desumanidade.” (Lispector, 2019a, p. 62)

Em *Água viva*, ela repara-se animal esvaindo-se da definição humana. Está sendo, é o instante, atrás do pensamento, sem raciocínio, é matéria pura.

Através da escrita distraída que acontece livremente, *Água viva* retalha a máxima cartesiana, a palavra está sendo assim como o animal. É a palavra animal do animal palavra.

Então, o que arrisco elaborar como conclusão é concluir o inconclusivo... Quando tento pensar mais do que pensar sobre quem é o ser? ou quem sou eu - animal em mim? Para compreendê-lo, devo acolher o incompreensível. Pois quando falo do ser, é pulsação: “Posso não ter sentido mas é a mesma falta de sentido que tem a veia que pulsa.” (Lispector, 2019a, p. 31)

Silencio-me diante da existência que é maior do que dela se possa dizer... A linguagem, enquanto estrita expressão racional do mundo (ego) não dá conta do desconhecido da palavra empregada para dizer a vida...

A palavra para além da racionalidade definidora e definitiva - *Água viva* assim a concebe, ao esparramar-se no animal que extravia o limite do que possa ser definido pela razão. O desconhecido, lembrando Àgnes Varda “Sou o animal que não conheço.” (Varda, 2000)

“Sou o animal que não conheço” (Varda, 2000)... Poderia ser esta uma inconclusiva conclusão.

Mas o melhor seria dizer:

“Mas a palavra mais importante da língua tem uma única letra: é. É.

Estou no seu âmago.

Ainda estou.” (Lispector, 2019a, p. 41)

Assim, nas linhas das entrelinhas finais, novamente assumo a responsabilidade pelas falhas da razão escrita, os problemas que o texto reserva. Entretanto, se andei aqui em círculos é porque no fundo cada palavra posta correu e corre em mim como ranhura do acontecimento de uma escrita em ideias próprias, sobre o ser vivente e a absoluta alteridade de deixar-me ver por um animal que acontece, está sendo, na palavra instante, aqui agora, neste instante que morre agora.

Mas, nos ecos de Clarice,

“Escuta: eu te deixo ser, deixa-me ser então.” (Lispector, 2019a, p. 40)

17.08.22

Daísa Rizzotto Rossetto

Obras Citadas no texto de apresentação

- Akers, M. (Diretor). (2012). *The artist is present* [Filme Cinematográfico].
- Borelli, O. (1981). *Clarice Lispector – Esboço para um possível retrato*. Rio de Janeiro: Editora Nova Fronteira.
- Derrida, J. (2014). *Essa estranha instituição chamada literatura: uma entrevista com Jacques Derrida*. (M. D. Esqueda, Trad.) Belo Horizonte: Editora UFMG.
- Foucault, M. (2014). *As palavras e as coisas: uma arqueologia das ciências humanas*. Lisboa: Edições 70.
- Lispector, C. (1981). *Felicidade Clandestina: contos*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira.
- Lispector, C. (2013a). *A descoberta do mundo – Crônicas*. Lisboa: Relógio D'Água Editores.
- Lispector, C. (2019a). *Água viva*. Rio de Janeiro: Rocco.
- Varda, À. (Diretor). (2000). *Os catadores e eu* [Filme Cinematográfico].